

O LIVRO QUE DEU
ORIGEM AO FILME

MORTE E VIDA DE
CHARLIE
ST. **CLOUD**
BEN SHERWOOD



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O LIVRO QUE DEU
ORIGEM AO FILME



MORTE E VIDA DE

CHARLIE
ST. CLOUD

BEN SHERWOOD



Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Citação

I N T R O D U Ç Ã O

I CORRENDO COM A LUA

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

II MERGULHE EM BUSCA DOS SEUS SONHOS

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

III ENTRE MUNDOS

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

IV VENTO REAL

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

EPÍLOGO

SOBRE AS FONTES

AGRADECIMENTOS

AVENTURAS EM UM CEMITÉRIO DE ISOPOR:

BENSHERWOOD

*MORTE
E VIDA
DE CHARLIE ST. CLOUD*

Tradução: Ivar Panazzolo Júnior



Copyright © 2004 by Ben Sherwood
Copyright © 2004 Bantan Books, a division of Random House, Inc.
Copyright © 2010 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Essa é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital - 2012

Produção Editorial
Equipe Novo Conceito
Tradução: Ivar Panazzolo Júnior
Preparação de Texto: Luciane Helena Gomide
Revisão de Texto: Carla Montagner e Tássia Fernanda A. de C. Touguinha
Diagramação: Studio Spotlight
Capa: Adaptação da imagem do filme
Diagramação ePUB: Brendon Wiermann

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sherwood, Ben

Morte e vida de Charlie St. Cloud / Ben

Sherwood; [traduzido por Ivar Panazzolo

Júnior] . -- Ribeirão Preto, SP: Editora Novo Conceito, 2010.

Título original : The death and life of Charlie St. Cloud.

ISBN 978-85-63219-18-3

eISBN 978-85-8163-122-6

1. Romance norte-americano I. Título.

10-11505 CDD-813

Índice para catálogo sistemático

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Editora
Novo Conceito

Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para Karen
E, como sempre,
À memória de Richard Sherwood

“Não somos seres humanos tendo uma experiência espiritual; somos seres espirituais tendo uma experiência humana.”

– Pierre Teilhard de Chardin

“Há uma terra para os vivos e uma terra para os mortos; e a ponte é o amor, o único que sobrevive, o único significado.”

– Thornton Wilder

INTRODUÇÃO



EU ACREDITO EM MILAGRES.

Não somente nas maravilhas da criação, como meu filho recém-nascido em casa sendo amamentado nos braços da minha esposa; ou nas majestades da natureza, como o sol se pondo no horizonte. Estou falando dos verdadeiros milagres, como transformar água em vinho ou trazer pessoas de volta da morte.

Meu nome é Florio Ferrente. Meu pai, um bombeiro, me batizou em homenagem a São Floriano, o padroeiro da nossa profissão. Como meu pai, trabalhei a vida toda na Companhia número 5, na Rua Freeman, em Revere, Massachusetts. Eu fui também um humilde servo de Deus, que ia aonde o Senhor me enviava, salvando as vidas que Ele queria preservar. Pode-se dizer que fui um homem com uma missão, e tenho orgulho do que fazia a cada dia.

Às vezes, chegávamos a um incêndio tarde demais para fazer a diferença. Jogávamos água no telhado, mas a casa queimava mesmo assim. Outras vezes, conseguíamos fazer o trabalho, protegendo vidas, bairros inteiros, e vários animais de estimação. Claro, aqueles cães e gatos me mordiam e arranhavam, mas fico feliz de ter trazido cada um deles pela escada dos bombeiros.

A imagem que a maioria das pessoas tem de nós é que somos carregados de equipamentos, correndo para dentro de construções em chamas. E é isso mesmo. Essa é uma profissão séria. Porém, nos momentos mais tranquilos, também temos nossas horas de alegria.

Podemos mandar um colega voando pelos ares com um jato da mangueira de pressão, e deixamos as nossas esposas loucas quando plantamos hidrantes velhos e enferrujados ao lado dos gerânios em nosso quintal. Temos mais caminhões de bombeiro de brinquedo que nossos filhos, e nossas discussões sobre a melhor cor para os veículos de emergência são acaloradas. Pessoalmente, ainda prefiro o bom e velho vermelho a esse amarelo-neon feio que usam hoje em dia.

Acima de tudo, contamos histórias do tipo que nos fazem desligar a TV, reclinar as poltronas e relaxar.

Esta que segue é a minha favorita. Envolve o que aconteceu há treze anos na ponte levadiça General Edwards, não muito longe da estação de tijolos vermelhos, que é como um lar para mim. Não foi a primeira vez que tivemos de correr até lá para tirar pessoas das ferragens em acidentes ou para resgatar quem havia sido atropelado na faixa de pedestres.

Minha primeira viagem à ponte aconteceu durante a nevasca de 1978, quando um senhor não percebeu a luz vermelha que avisava que a ponte iria se elevar. Ele atravessou a barreira, decolou por sobre a borda da ponte e ficou submerso dentro de seu Pontiac por 29 minutos. Sabíamos disso porque esse foi o tempo que passou desde que o relógio dele parou até o momento em que os mergulhadores conseguiram retirá-lo de debaixo do gelo. Ele estava com a pele azulada e rígida por causa do frio, sem pulsação, e coloquei as mãos à obra para reanimá-lo, dando-lhe de volta um sopro de vida. Em alguns segundos, a pele dele voltou a ficar rosada e seus olhos piscaram, abrindo-se. Eu tinha uns 24 anos de idade, e aquela foi a coisa mais maravilhosa que eu já havia visto.

O jornal *Revere Independent* disse que foi um milagre. Prefiro pensar que foi a vontade de Deus. Nesse tipo de trabalho, a verdade é que você tenta esquecer a maior parte das emergências, especialmente as tristes, em que as pessoas morrem. Se você tiver sorte, elas se dissolvem em um grande borrão no seu cérebro. Porém, há alguns casos que você nunca consegue tirar da cabeça. Eles o acompanham por toda a vida. Contando com a história daquele senhor que caiu no

gelo, eu tenho três.

Quando era novato, carreguei o corpo inerte de uma menina de 5 anos durante um incêndio infernal na Squire Road, que chegou a mobilizar três esquadrões de bombeiros. Seu nome era Eugenia Louise Cushing e estava coberta de fuligem. Suas pupilas estavam contraídas, ela não respirava e era impossível detectar a sua pressão arterial, mas continuei tentando reanimá-la. Mesmo quando o examinador médico na cena declarou sua morte e começou a preencher a papelada, continuei com os procedimentos. Aí, repentinamente, a pequena Eugenia sentou-se na maca, tossiu, esfregou os olhos e pediu um copo de leite. Foi meu primeiro milagre.

Peguei o certificado de óbito amarrado de Eugenia do chão e o guardei na minha carteira. Ele está em pedaços hoje, mas eu o guardo como uma lembrança de que qualquer coisa é possível neste mundo.

Isso me leva ao caso de Charlie St. Cloud. Como eu disse, a história começa com uma calamidade na ponte levadiça sobre o rio Saugus, mas a história não é só isso. Também há bastante devoção e o elo indestrutível entre irmãos. É também sobre encontrar a sua alma gêmea onde você menos espera. É sobre uma vida que foi tirada cedo demais e amores foram perdidos. Algumas pessoas diriam que é uma tragédia, e eu entendo. Mas sempre tentei achar o lado positivo nas situações mais desesperadoras, e é por isso que a história desses garotos permaneceu comigo.

Você pode achar que se trata de ficção, ou até mesmo que seja impossível de acontecer. Acredite em mim: sei que todos nós nos agarramos à vida e às suas certezas. Não é fácil, nestes dias de ceticismo, tirar a dureza e as barreiras que nos ajudam a enfrentar o dia a dia. Mas experimente, nem que seja só um pouco. Abra seus olhos e você verá o que consigo ver. E se já se perguntou o que acontece quando uma pessoa próxima de você é levada cedo demais – e isso sempre acontece cedo demais –, pode ser que você encontre outras verdades aqui; verdades que podem diminuir a pressão da tristeza na sua vida, que podem libertar você da culpa, que podem até trazer você de volta para este mundo – qualquer que seja o lugar onde

você se esconda. E aí você nunca se sentirá só.

A maior parte dessa história acontece aqui, na pequena e confortável cidade de Marblehead, Massachusetts, um pedaço de rocha que se projeta sobre o Atlântico. Já está quase na hora de o sol se pôr. Eu estou no antigo cemitério da cidade, em uma colina inclinada onde dois chorões e um pequeno mausoléu guardam a vista para o porto. Veleiros puxam as cordas que os prendem ao cais, gaivotas voam para todos os lados, e alguns garotos lançam suas linhas de pesca na doca. Algum dia, eles irão crescer para fazer *home runs*¹ e beijar garotas. A vida continua, infinita e irreprimível.

Não muito longe, vejo um velho senhor de cabelos cacheados colocando um ramallete de malvas-rosa na sepultura de sua esposa. Um historiador copia as informações de uma lápide em um pedaço de papel. As fileiras de monumentos alcançam até uma pequena enseada. Quando eu era criança, aprendi que, há muito tempo, os primeiros patriotas da América usavam esse morro para espionar os navios de guerra da Inglaterra.

Vamos começar voltando treze anos no tempo, para setembro de 1991. Na sala de recreação do quartel dos bombeiros, tomávamos algumas tigelas do famoso *spumoni* da minha esposa, discutindo sobre Clarence Thomas e torcendo para o Red Sox, que estavam dando uma surra nos Blue Jays. Aí ouvimos a sirene, corremos para o caminhão e saímos para a rua.

Agora vire a página, junte-se a nós no caminhão, e deixe que eu lhe conte sobre a morte e a vida de Charlie St. Cloud.

I

CORRENDO COM A LUA

UM



Charlie St. Cloud não era o melhor ou o mais inteligente dos garotos do condado de Essex, mas ele certamente era o mais promissor. Ele era o vice-representante de sua sala de aula, jogava na defesa do time de beisebol – os Marblehead Magicians – e era cocapitão do clube de debates. Com uma covinha marota em uma das faces, nariz e testa cobertos de sardas por causa do sol e olhos cor de caramelo escondidos por trás de uma franja loira, ele já era bonito aos 15 anos. Ele era amigo tanto dos atletas quanto dos *nerds* da escola, e namorava uma menina que estava um ano à frente dele na escola. Sim, Charlie St. Cloud era um garoto abençoado, rápido em mente e corpo, destinado para coisas boas, talvez até mesmo uma bolsa de estudos em Dartmouth, Princeton, ou alguma outra faculdade de prestígio.

A mãe dele, Louise, celebrava cada uma de suas conquistas. Realmente, Charlie era tanto a causa quanto a cura das decepções da vida de sua mãe. Os problemas haviam começado no momento em que ele foi concebido, uma gravidez indesejada que fez com que o homem que ela amava – um carpinteiro de mãos habilidosas – a abandonasse rapidamente. Depois, foi a vez da jornada de Charlie para este mundo, obstruída em algum lugar do corpo da mãe que necessitou de uma longa cirurgia para poder dar à luz o garoto. Logo, um segundo filho chegou, de um outro pai desaparecido, e os anos se passaram em uma batalha infindável. Mas, mesmo com todas essas dificuldades, Charlie fazia a dor sumir com aqueles olhos brilhantes e seu otimismo. Ela gostava dele como o seu anjo, seu mensageiro de

esperança, e ele nunca faria nada de errado.

Charlie cresceu rápido, estudou muito, cuidava de sua mãe e adorava seu irmão menor mais do que qualquer pessoa no mundo. Seu nome era Sam, e o pai do pequeno – um financista – também havia desaparecido, sem deixar qualquer rastro, a não ser pelos cabelos encaracolados de seu filho e alguns hematomas escuros no rosto de Louise. Charlie acreditava que ele era o único protetor verdadeiro de seu irmão menor, e que, algum dia, juntos, eles seriam importantes no mundo. Os garotos tinham três anos de diferença, de complexão e destreza opostas, mas eram ótimos amigos, unidos em seu amor por pescar, subir em árvores, por um beagle chamado Oscar e pelo Red Sox.

Então, um dia, Charlie tomou uma decisão desastrosa, um erro que a polícia não conseguiu explicar e o juizado de menores fez de tudo o que podia para deixar passar.

Para ser mais preciso, Charlie arruinou tudo na sexta-feira, 20 de setembro de 1991.

A mãe deles estava trabalhando no turno da noite no supermercado Penni's, na Rua Washington. Os garotos chegaram da escola com travessuras em mente. Eles não teriam de fazer lição de casa até a noite de domingo. Já tinham ido espionar as gêmeas Flynn no quarteirão de baixo. Tinham pulado a cerca e se esgueirado para dentro da propriedade do refugiado da República Tcheca que dizia ter inventado a bazuca. Ao pôr do sol, eles estavam praticando arremessos com a bola de beisebol sob os pinheiros do seu quintal na Alameda Cloutman, como faziam toda noite desde que Charlie havia dado a Sam a sua primeira luva Rawlings em seu aniversário de 7 anos. Mas já estava escuro, e eles já tinham esgotado as possibilidades de aventura.

Sam poderia ter sossegado no sofá para assistir ao videoclipe “Wicked Game”, de Chris Isaak, na MTV, mas Charlie tinha uma surpresa. Ele queria ação e tinha o plano perfeito.

– Que tal uma pescaria noturna na praia Devereux? – ele

perguntou a Sam, preparando a pegadinha para o seu irmão.

– Que chatice – disse Sam. – Nós fazemos isso toda vez. Que tal um filme? Está passando *O Exterminador do Futuro 2* no cine Warwick. Nick Burridge nos deixa entrar pela porta dos fundos.

– Eu tenho uma ideia melhor.

– O filme é impróprio para crianças. O que é melhor do que isso?

Charlie tirou dois ingressos do bolso do seu casaco jeans. Ingressos para o jogo do Red Sox. Eles iam jogar contra os Yankees. O time de Boston estava ganhando tudo, e os coitados dos nova-iorquinos haviam perdido 11 dos seus últimos 13 jogos.

– Não acredito! Como você os conseguiu? – Sam perguntou.

– Eu tenho as minhas fontes.

– E como vamos chegar lá? Voando?

– Não se preocupe com isso. A Sra. Pung está de férias. Podemos pegar o carro dela.

– Pegar o carro dela? Mas você nem tem carteira de motorista!

– Você quer ir ou não?

– E o que você vai falar para a mamãe?

– Não se preocupe. Ela nunca vai saber.

– Não podemos deixar o Oscar sozinho aqui. Ele vai destruir a casa inteira.

– Ele pode vir com a gente também.

Logo, Charlie, Sam e o beagle estavam dirigindo para Boston no carro da Sra. Pung. Sem a sua vizinha, é claro. O relatório da polícia tinha longas menções sobre dois menores sem habilitação, um cão e um veículo branco com interior vermelho que havia sido roubado. Mas a Sra. Pung retirou a acusação de roubo quando ela voltou de Naples, na Flórida. “Eles eram bons garotos”, ela disse. Eles simplesmente pegaram o carro emprestado. Cometeram um erro terrível. E pagaram muito caro por isso.

A viagem demorou trinta minutos, e Charlie tomou bastante cuidado enquanto dirigia na rodovia 1A, onde os policiais Swampscott e Lynn patrulhavam. Eles escutaram o programa preliminar ao jogo na rádio WRKO, conversaram sobre a última vez em que estiveram no estádio, e contaram seu dinheiro, calculando que tinham o suficiente para dois cachorros-quentes para cada um, amendoins e uma Coca.

— Este é o nosso ano — disse Sam. — Os Sox vão ganhar o campeonato.

— Eles só precisam quebrar a Maldição do Bambino — disse Charlie. Era a superstição de todos os fãs do time de Boston: vender Babe Ruth para os Yankees havia colocado uma maldição nos Sox.

— Você não acredita nessas coisas, acredita?

— Pense no caso. Os Sox não ganham o campeonato desde 1918. Os Yanks já ganharam 22 vezes desde então. Faça as contas.

— Puxa, a maldição não fez Bill Buckner perder aquela bola caída em 1986. — Buckner era o infame homem da primeira base que havia deixado uma bola fácil passar por entre as suas pernas na competição, custando o sexto jogo da final aos Sox e, de acordo com muitos fãs, o próprio campeonato.

— Como você sabe?

— A maldição não existe.

— Eu acho que existe.

— Não existe.

— Existe.

Um empate.

— Empate? — disse Sam, relutantemente.

— Ok, empate.

E, com isso, a discussão havia terminado, mas não estava finalizada por completo. Um empate era a maneira que os garotos tinham de interromper uma disputa que teria durado a noite toda. Ela seria obrigatoriamente registrada no *Livro de pequenas & grandes discussões*

de Charlie & Sam. E, após as necessárias formalidades, poderia ser retomada novamente a qualquer momento. Ignorando a diferença de idade, Sam se lançava nessas discussões com furor, e os dois irmãos frequentemente passavam horas na biblioteca pública de Abbott, na Rua Pleasant, buscando munição para as suas batalhas.

Agora, com seus tijolos vermelhos e vidraças reluzentes, Boston os aguardava após o rio Charles. Eles viraram na Avenida Brookline e viram as luzes do estádio. Tentando morder o ar gelado, Oscar colocou a cabeça para fora da janela. Com seu pelo marrom e branco, ele era o mascote perfeito para a aventura.

No estacionamento, os garotos colocaram seu beagle dentro de uma mochila e se dirigiram para as arquibancadas. Quando chegaram aos seus assentos, houve uma onda trovejante de gritos e aplausos para Roger Clemens, o jogador com a camisa número 21, que havia arremessado o seu primeiro foguete. Rindo, os garotos se curvaram para a direita e para a esquerda, agradecendo as palmas da multidão. Um dos seguranças do estádio, posteriormente, disse que viu os dois menores desacompanhados, usando bonés e luvas, mas não os interpelou ou questionou.

Seus assentos eram à direita do campo, logo atrás de um cara que devia ter mais de dois metros de altura, mas não importava. Poderia ter chovido, poderia ter nevado. Nada poderia arruinar o espetáculo do imenso muro apelidado de Monstro Verde à esquerda, a grama, as linhas, e a terra vermelha do interior do campo. Eles estavam bem próximos do poste de Pesky, a pouco mais de cem metros da base principal, uma boa distância para conseguir pegar um *home run*.

Wade Boggs, um de seus heróis, estava no banco de reservas, com o ombro direito contundido, mas Jody Reed tomou seu lugar e o substituiu perfeitamente, com uma corrida de dois pontos e um *home run* que bateu no poste de marcação esquerdo. Os garotos comeram dois cachorros-quentes cada um, com bastante molho. Oscar ganhou pipocas e amendoins doces de uma senhora da fileira ao lado. Um homem grande e barbudo lhes deu alguns goles da sua Budweiser. Charlie tomou cuidado para não beber demais. Mesmo assim, o

relatório da polícia mencionaria indícios de álcool no sangue dos garotos. Havia o suficiente para fazer perguntas, mas não o bastante para obter respostas.

Clemens bloqueou os Yankees, permitindo apenas três rebatidas e eliminando sete rebatedores. A multidão vibrava, e Oscar uivava. Com o fim do jogo e uma vitória de 2 x 0 nos registros, os fãs se espalharam, mas os garotos permaneceram em seus assentos, repassando as melhores jogadas. O time agora estava muito próximo da equipe de Toronto. Em vez de se esfacelar em setembro, o mês mais cruel de todos, os Sox estavam vencendo.

— Algum dia, nós vamos ter ingressos para toda a temporada — disse Charlie. — Bem lá, atrás da base principal, na primeira fila.

— A arquibancada não é ruim para mim — disse Sam, comendo os últimos amendoins. — Eu não me importo com os assentos. Desde que a gente esteja junto, é isso que deixa o beisebol ótimo.

— Nós sempre jogaremos beisebol, Sam. Não importa o que aconteça.

As luzes do estádio começaram a se apagar. Os funcionários do campo haviam terminado de estender a lona por sobre a área de terra no interior do campo.

— Hora de ir para casa — disse Charlie.

Os garotos andaram até o estacionamento, onde o carro branco estava sozinho. A viagem para casa foi muito mais rápida. Bruce Springsteen cantava “Born to Run” no rádio. Sequer havia trânsito. A viagem levaria cerca de meia hora. Eles chegariam em casa por volta das 22h30. A mamãe não chegaria em casa antes da meia-noite. A Sra. Pung, na Flórida, nunca suspeitaria de nada.

Logo após o Wonderland Greyhound Park, Sam tirou uma fita cassete do bolso e colocou-a no toca-fitas do carro. Era *The Joshua Tree*, do U2. Charlie cantou em acompanhamento à canção “With or Without You”.

— Bono é o cara — disse Sam.

- Springsteen.
- Bono.
- Springsteen.
- Empate?
- Empate.

Eles viajaram em silêncio por algum tempo, até que Sam perguntou repentinamente:

- Quanto tempo vai demorar para eu crescer?
- Você já cresceu.
- Estou falando sério. Quanto tempo até que eu deixe de ser criança?
- Oficialmente – disse Charlie –, quando você tem 12 anos, é um homem e pode fazer o que quiser.
- Quem disse?
- Eu.
- Sou um homem e posso fazer o que eu quiser – disse Sam, deliciando-se com o som da frase. A lua flutuava imensa sobre o rio Saugus, e ele desceu o vidro da janela. – Olhe – ele disse. – Está maior hoje. Deve estar mais próxima de nós.
- Não – disse Charlie. – Está sempre a mesma distância. É só uma ilusão de ótica.
- O que é ilusão de ótica?
- É quando seus olhos pregam uma peça em você.
- Que tipo de peça?
- Em qualquer lugar que a lua esteja no céu – disse Charlie –, ela sempre vai estar a 363.223 quilômetros de distância – ele fez as contas, era bom em matemática. – Na velocidade em que estamos, demoraria uns 170 dias para chegarmos lá.
- Acho que a mamãe não iria gostar disso – disse Sam.

– E a Sra. Pung não iria gostar da quilometragem no marcador do carro.

Os garotos riram. Então Sam disse:

– Não é uma ilusão de ótica. Ela está mais perto hoje, eu juro. Olhe, dá pra ver uma aura, assim como a de um anjo.

– Isso não existe – disse Charlie. – Isso é a refração dos cristais de gelo na parte de cima da atmosfera.

– Ah, eu achei que era a refração dos cristais de gelo na sua bunda!

– Sam riu alto, e Oscar latiu uma série de “aus” agudos e distintos.

Charlie verificou os retrovisores, endireitou o carro pela estrada e deu uma rápida olhada à direita. A lua tremeluzia por entre a armação de ferro da ponte levadiça, acompanhando-os no seu caminho para casa. Ela realmente parecia estar mais perto do que nunca nesta noite. Ele virou a cabeça para enxergar melhor. Ele pensou que a ponte estava vazia, e pisou no acelerador.

De todas as suas decisões impensadas naquela noite, essa com certeza foi a pior de todas. Charlie tentava ultrapassar a lua e, no último segundo, ele viu a imagem perfeita da felicidade. O rosto inocente de Sam olhando para ele. Um cacho castanho balançando em frente a sua testa. A luva Rawlings em sua mão. E, depois, somente vidro quebrado, metal e escuridão.

DOIS



Com um vento gelado soprando pela armação da ponte General Edwards, Florio Ferrente tirou o cortador de metal da traseira do caminhão. As lâminas serrilhadas pesavam 18 quilos e eram capazes de retalhar o aço, mas ele manipulava o aparelho como se fosse uma tesoura comum com suas mãos enormes.

Florio se ajoelhou por um momento e fez a prece dos bombeiros, que vinha aos seus lábios sempre que ele ia para o trabalho.

Dê-me coragem.

Dê-me força.

Por favor, Senhor, haja o que houver, esteja ao meu lado.

E daí veio a ação frenética. Milhares – milhões – de cálculos e considerações. Todos instantâneos. Ele avaliou a gasolina derramada e a chance de haver uma fagulha ou explosão. Estimou o caminho mais rápido para chegar ao interior dos destroços – através do para-brisas, do capô ou das portas? E ele fez as contas para saber quanto tempo tinha para o resgate. Tempo, o precioso tempo.

Florio deixou para trás as marcas de pneus no chão e a carroceria destruída do caminhão. E nem se incomodou com o caminhoneiro sentado no meio-fio. O homem estava com as mãos cobrindo a cabeça. Ele fedia a cerveja e sangue. Era uma das regras do resgate: o Céu protege os tolos e os bêbados. O cara ia ficar bem.

A verificação imediata da placa do carro branco forneceu as

primeiras informações: o Ford pertencia à Sra. Norman Pung, da Alameda Cloutman, em Marblehead. Idade: 73. Tinha problemas de visão. Talvez fosse a primeira pista.

O veículo havia sido esmagado e estava de cabeça para baixo, como uma barata, com a dianteira prensada contra a proteção lateral da ponte. Ele percebeu, pela trilha de vidro e metal, que o carro havia capotado pelo menos duas vezes. Florio se ajoelhou no chão e olhou por uma das janelas quebradas.

Não vinha nenhum som do interior do veículo. Nada de respiração ou gemidos. Havia sangue escorrendo pelas rachaduras no metal.

Com movimentos rápidos, ele encaixou um macaco hidráulico no espaço estreito entre o capô e a porta. Com um ligeiro movimento do polegar, a ferramenta começou a funcionar. A estrutura do carro rangeu quando a máquina separou as partes metálicas, abrindo uma pequena fenda por onde ele poderia rastejar. Florio colocou a cabeça para dentro dos destroços e viu dois garotos, de cabeça para baixo, inconscientes, presos pelo cinto de segurança. Seus braços estavam enroscados um ao redor do corpo do outro, em um abraço ensanguentado. Nenhum sinal da Sra. Pung.

– Duas pessoas com traumatismo presas na frente – ele gritou para o seu parceiro, Trish Harrington. – Um cachorro no banco de trás. Vamos escavar e correr. Prioridade um.

Ele se esgueirou para fora dos destroços e forçou o cortador de metal por entre as dobradiças da porta. Outro movimento do seu polegar e as lâminas fizeram dois poderosos cortes. Florio tirou a porta do veículo e jogou-a no meio da rua.

– Me traga dois colares cervicais – ele gritou. – E dois apoios para as costas.

Ele se arrastou de volta para dentro do carro.

– Consegue me ouvir? – ele disse para o garoto menor. – Fale comigo. – Nenhuma resposta. Nenhum movimento. O rosto e o pescoço do garoto estavam encharcados de sangue, e os olhos e os lábios estavam inchados.

Era outra regra do resgate: se uma criança estiver em silêncio, é hora de ficar com medo.

Florio colocou uma proteção ao redor do pescoço do garoto, amarrou um dos apoios para as costas, e cortou o cinto de segurança com a sua faca. Ele segurou o corpo do paciente gentilmente e o puxou para o asfalto. Ele era leve, por volta de 35 quilos e, incrivelmente, ainda usava uma luva de beisebol da Rawlings em uma das mãos.

— Ele está com as pupilas dilatadas — disse Florio, verificando com a sua lanterna. — Está lívido. Sangrando pelas orelhas — sinais ruins, todos eles. Hora de pegar a outra vítima. Ele voltou para dentro do carro. O adolescente estava prensado abaixo da barra de direção. Florio colocou outro macaco hidráulico no espaço para as pernas do motorista e acionou o aparelho. Conforme o metal era separado, ele conseguiu enxergar uma fratura exposta do fêmur. E sentiu o terrível cheiro da mistura de fluido de radiador e sangue.

Rapidamente, colocou o colar no garoto e amarrou a proteção para as costas no lugar. Logo, puxou o paciente para fora e, com cuidado, o colocou no chão.

— Consegue me ouvir? — ele disse. Nenhuma palavra. — Aperte a minha mão se conseguir me ouvir — ele disse. Nada.

As duas jovens vítimas agora jaziam lado a lado sobre macas. Não havia esperança para o cãozinho no banco de trás, esmagado entre o eixo traseiro e o porta-malas. Que lástima. “São Francisco”, ele sussurrou, “abençoe esta criatura com a sua graça.”

Florio olhou para o relógio. Era a hora dourada: menos de 60 minutos para salvar a vida deles. Se ele conseguisse estabilizá-los e levá-los para os cirurgiões especializados em trauma, eles teriam uma chance de sobreviver.

Ele e seu parceiro levantaram o primeiro garoto para a ambulância. Depois, o segundo. Trish correu para o assento do motorista. Florio subiu na traseira e se inclinou para fechar as portas. No horizonte, ele viu a lua cheia. Ele tinha certeza de que Deus a tinha posto ali, como

uma lembrança do nosso pequeno lugar neste mundo. Uma lembrança de que o que é belo é efêmero.

A ambulância arrancou, e a sirene gritou. Ele fechou as portas. Por um instante, seus dedos acharam o antigo e desgastado medalhão ao redor do seu pescoço. Era de São Judas Tadeu, padroeiro das causas desesperadas.

Mostre-me o caminho...

Ele colocou seu estetoscópio no peito do garoto mais novo. Ele escutou e percebeu a verdade simples.

Era a hora de um milagre.

TRÊS



Uma névoa encobria o chão, abafando os sons do mundo. Charlie, Sam e Oscar estavam abraçados no escuro. Não havia ninguém por perto. Eles poderiam estar em qualquer lugar ou em lugar nenhum. Não importava. Eles estavam juntos.

— A mamãe vai nos matar por causa disso — disse Sam, tremendo. Ele socou a sua luva. — Ela vai ficar uma fera. Vai mesmo.

— Não se preocupe, garoto — disse Charlie. Ele afastou os cachos castanhos da testa do seu irmão. — Eu dou um jeito.

Ele conseguiu imaginar a decepção da mãe: a testa ficando vermelha, as veias das têmporas pulsando, a sua expressão furiosa, com aquelas pequenas linhas que marcavam seus lábios.

— Eles vão nos botar na cadeia por causa disso — falou Sam. — A Sra. Pung vai nos fazer pagar, e não temos nenhum dinheiro.

Ele virou a cabeça e se concentrou em uma forma retalhada no meio da escuridão. Lá estava — a carcaça do carro. O que não havia sido destruído na batida fora cortado em pedaços pelo pessoal do resgate.

— Você não vai para a cadeia — disse Charlie. — Você não tem idade. Eles não mandariam um cara de 12 anos para lá. Talvez eu, que estava dirigindo, mas não você.

— O que vamos fazer? — disse Sam.

— Eu vou pensar em alguma coisa.

– Desculpe – disse Sam. – Foi minha culpa.

– Não, não foi.

– Eu distraí você com a lua.

– Não, nada disso. Eu deveria ter visto o caminhão e desviado dele.

Sam socou sua luva. O som parecia um estalo em meio ao nada. Outro soco.

– E agora, o que fazemos? – ele perguntou.

– Me dê um minuto – disse Charlie. – Estou pensando. – Ele olhou em volta, tentando entender o que estava acontecendo na paisagem. Não havia sinal da ponte, nem da curva do rio, nem do contorno dos prédios da cidade. O céu estava todo negro. Ele buscou Polaris, a estrela do norte. Procurou por qualquer constelação que pudesse indicar uma direção. Mas tudo que conseguiu ver foram formas movendo-se ao longe, sólidos no fluido da noite.

E assim, através da escuridão, ele começou a perceber onde estavam. De alguma forma, misteriosamente, eles haviam sido transportados para uma pequena colina com dois chorões, de onde era possível ver o porto. Ele reconheceu a curva da enseada, com o amontoado de mastros balançando sobre a água e o brilho verde do farol.

– Acho que estamos em casa – ele disse.

– Como isso aconteceu?

– Não faço ideia, mas olhe lá... é o ancoradouro de Tucker.

Ele apontou, mas Sam não demonstrou interesse.

– A mamãe vai nos colocar de castigo – disse Sam. – Melhor inventarmos uma boa história, ou ela vai usar o cinto.

– Não, não vai – disse Charlie. – Estou pensando em um plano neste momento. Confie em mim.

Mas ele não tinha a menor ideia do que fazer ou de como sair dessa encrenca. Então, ele viu outra luz a distância, fraca à primeira vista, mas que pouco a pouco ficava mais brilhante. Talvez uma lanterna ou

um grupo de resgate. Oscar começou a latir, no início amistosamente, mas depois ele deu um longo ganido.

- Olha lá – disse Sam. – Quem está ali?
- Que merda... – Charlie nunca xingava, e Sam ficou tenso.
- É a mamãe?
- Não, acho que não.
- Então quem é? Quem está vindo? Estou com medo.

A luz era quente e brilhante, e estava chegando mais perto.

- Não tenha medo – disse Charlie.

Eles estavam mortos. Bem mortos.

Sem pulso. Sem respiração. Hipóxicos. Nenhum oxigênio no sangue, graças ao ataque cardíaco causado pelo traumatismo do acidente. Mortos. Florio piscou a sua lanterna uma vez mais nas pupilas dilatadas do garoto mais velho. Elas estavam negras e embaçadas.

Ele colocou eletrodos no pulso e no lado esquerdo do tórax do garoto, e apertou o botão do monitor com força. A linha do aparelho de eletrocardiograma continuava reta, sem modificação.

– Aqui é Médico Dois – ele disse no rádio. – Tenho dois casos de esmagamento. Sem pulso e sem respiração.

Florio pegou seu kit de entubação e deslizou a haste de aço curvado do laringoscópio para dentro da boca do garoto. Afastando a língua inerte do paciente, ele buscou a entrada da traqueia, uma pequena passagem entre as cordas vocais. Apertou com mais força, e o instrumento chegou à posição desejada. Perfeito. Com um movimento rápido, ele inflou o manguito, apertou a bolsa do ambu e começou a ventilar.

O veículo corria em direção ao pronto-socorro de North Shore, e Florio sabia que só lhe restava uma chance. Assim, ele puxou as

manoplas do desfibrilador Zoll, pressionou-as contra o peito nu do garoto, e apertou o botão com o polegar, atingindo-o com 250 joules.

Droga.

O monitor não mostrou nenhuma conversão cardíaca. O coração ainda estava com fibrilação ventricular, tremendo como gelatina em uma bacia. Em rápidos movimentos mecânicos, Florio colocou um torniquete ao redor do braço do garoto, encontrou uma veia, enfiou-lhe uma agulha, conectou uma mangueira intravenosa, e despejou-lhe uma dose de epinefrina. E ajustou o desfibrilador para 300 joules.

Ele apertou o botão, e o corpo convulsionou. Novamente, nada de sorte, mas Florio já tinha passado por isso. Ele havia salvado vários diabéticos em convulsão hipoglicêmica com injeções de dextrose a 50%. Resgatara dezenas de vítimas de overdose de heroína com doses de Narcan. Ele nunca desistiu. Nunca era tarde demais para milagres. Mesmo quando um caixão já estava coberto com terra, não queria dizer que estivesse tudo acabado. Por anos ele colecionou recortes de jornal sobre mortos que despertavam e batiam no caixão para que o abrissem. Ele gostava especialmente de um caso, na África do Sul, de um reverendo que assustou os fiéis presentes em seu funeral ao se juntar ao coro do seu hino favorito, quando já estava dentro do caixão. E havia também o bispo da Igreja Ortodoxa que era velado enquanto seus convivas lhe prestavam as últimas homenagens. Mas, quando os sinos da igreja começaram a dobrar, ele despertou, desceu do catafalco, e exigiu saber por que todos estavam olhando para ele com olhos arregalados.

Assim, Florio ajustou o desfibrilador para 320 joules e apertou o botão. O corpo à sua frente se curvou com a descarga. Era a última chance. A menos que ele conseguisse fazer o coração do garoto bater no ritmo certo, estava tudo acabado.

QUATRO



A escuridão havia desaparecido, e a luz cercava os dois quase que completamente.

Sam estava tremendo, e havia colocado seu braço ao redor de Oscar.

– Estou com medo – ele disse. – Não quero que a gente se encrenque. Não quero que a mamãe grite. Não quero que nenhuma pessoa estranha nos leve embora.

– Vai ficar tudo bem – disse Charlie. – Confie em mim. – Ele sentiu o calor da luz chegando até o interior de si, e a dor começou a desaparecer.

– Prometa que você não vai me abandonar – disse Sam, estendendo a mão para pegar a do irmão.

– Prometo.

– Jura?

– Juro.

– Jura por Deus?

– Sim – disse Charlie. – Agora prometa que você também não vai me abandonar.

– Nunca – disse Sam. Seus olhos estavam bem abertos e lúcidos. Seu rosto estava tranquilo. Eles nunca pareceram tão serenos antes.

Eles se abraçaram, e ficaram lado a lado, sentindo a luz tomar conta

deles, uma onda brilhante de branco e dourado.

– Não se preocupe, garoto – disse Charlie outra vez. – Vai dar tudo certo. Eu prometo.

Florio ouviu o monitor bipar.

Talvez fosse São Florianópolis. Ou São Judas Tadeu. Ou simplesmente a graça de Deus. Ele retirou as manoplas do tórax do garoto e viu as queimaduras que o aparelho havia deixado na pele. A tela do aparelho de eletrocardiografia mostrava que o coração do garoto havia de uma hora para outra voltado a bater de forma regular. Então, incrivelmente, seus olhos se abriram devagar. Eles tinham cor de caramelo e estavam cercados por vasos capilares estourados. Ele tossiu e olhou para cima. Parecia ter viajado por uma grande distância.

– Bem-vindo de volta – disse Florio.

O garoto parecia estar confuso e preocupado, o que era perfeitamente normal naquelas circunstâncias.

– Cadê o Sam? – ele murmurou. – Eu estava conversando com o Sam. Eu prometi...

– Qual é o seu nome?

– ... eu prometi ao Sam que não o abandonaria.

– Me diga o seu nome, filho.

– St. Cloud – ele disse baixinho. – Charlie St. Cloud.

– Você vai ficar bem, St. Cloud. Estou fazendo o melhor que posso pelo Sam. – Florio se benzeu e rezou, silenciosamente.

Obrigado pela graça da respiração.

Pela graça da vida.

Pela graça de todos os momentos...

Foi então que ele ouviu Charlie dizer novamente:

– Cadê o Sam? Onde está o meu irmão? Eu não posso deixar ele para trás...

As palavras não faziam muito sentido, mas Charlie compreendeu a urgência na voz daquele homem. Era uma tensão que os adultos sempre demonstram quando as coisas não vão bem. Quando elas estão fora de controle. O paramédico estava trabalhando em Sam, bem ao seu lado.

Pressão sistólica a 60.

Sem postura.

Não dá pra entubar.

Charlie sentiu uma onda de dor em suas costas e seu pescoço. Ele fez uma careta e gritou.

– Estou aqui com você – disse o paramédico. – Vou lhe dar uma coisa que vai fazer você dormir. Não se preocupe.

Charlie sentiu um calor se espalhar por seus ombros, até as pernas. Tudo ficou enevoado, mas ele tinha certeza de uma coisa. Ele havia dado a sua palavra para seu irmão mais novo. Havia prometido cuidar dele. Os pais dos garotos podiam ter seguido seu próprio caminho, mas, não importa o que acontecesse, ele nunca abandonaria Sam.

Claro, eles estariam numa encrenca enorme. Sua mãe os deixaria de castigo por muito, muito tempo. Mas nada dura para sempre. Não importa o que ela fizesse, nada os impediria de crescer. Nada.

Na mente anestesiada de Charlie, uma sequência de imagens fluuava ao redor: algum dia, eles teriam idade suficiente para sair de casa, ir à faculdade, arrumar um emprego de verdade, e morar próximos um do outro. Eles teriam uma família. Eles iriam brincar de beisebol com seus próprios filhos e ter ingressos para toda a temporada dos Red Sox.

Charlie nunca havia imaginado o futuro antes. Ele vivia no presente,

com Sam e Oscar. Mas, naquele momento, com seu pescoço escorado por um colar ortopédico e uma agulha intravenosa em seu braço, ele, de alguma forma, pensou nos dias e anos que viriam – dias e anos ao lado de seu irmão, sempre juntos, não importa o que acontecesse. Não havia alternativa. A vida sem Sam era simplesmente inimaginável.

Ele estendeu a mão através do corredor estreito da ambulância, passando pela volumosa cintura de um paramédico. Encontrou o braço fino de Sam, a agulha intravenosa, a luva de beisebol enfiada por baixo do corpo. Ele sentiu a mão do seu irmão, inerte e fria. E Charlie segurou nela com toda a sua força.

II

**MERGULHE EM BUSCA DOS
SEUS SONHOS**

CINCO



As bandeiras no ancoradouro tremulavam em uníssono quando Tess Carroll estacionou a sua velha caminhonete Chevy Cheyenne 1974. Ela desceu da picape e estudou os pedaços de tecido ao vento. Havia pequenas pistas em cada volteio, e dicas sutis em cada dobra. Ela sabia que esta era uma relaxante brisa de sudoeste, não mais do que quatro nós. Começava nos bancos de gelo da Nova Escócia, soprava com os ventos alísios por sobre a Nova Inglaterra e ia até o Caribe.

Tess foi até a caçamba e tentou abrir a porta traseira, mas aquela porcaria estava emperrada. Ela havia comprado a velha caminhonete em um ferro-velho, e o seu pai dera vida nova ao carro com um motor usado. Quando a picape precisou de um novo motor, seu pai lhe disse para dar o veículo como entrada na compra de um novo. Mas ela não lhe deu ouvidos e, quando ele morreu subitamente alguns anos depois, ela sabia que nunca conseguiria se livrar daquela Chevy. Tess fazia o possível para mantê-la rodando, com as mãos sobre o volante como se fosse uma parte do seu pai.

Tess puxou uma grande bolsa com uma vela de barco por cima da lateral da caçamba. Ela era alta e magra, com o cabelo escuro e liso preso em um rabo de cavalo que saía pela alça traseira do boné dos New England Patriots. Ela equilibrou a bolsa sobre um ombro, virou-se e caminhou para a doca.

Bella Hooper estava sentada ao sol em uma cadeira de alumínio, ao lado de uma placa pintada a mão que anunciava: A MULHER QUE

ESCUTA. Quando ela viu Tess se aproximando, levantou um dos seus fones de ouvido e gritou:

– Puxe uma cadeira!

Após trinta anos como *bartender* no Maddie's, Bella havia se aposentado havia alguns anos para começar um novo negócio. Por 15 dólares a hora, ela escutaria qualquer coisa sobre a qual você quisesse conversar, com a garantia de sigilo absoluto. Ela não dava conselhos e, definitivamente, não tinha convênios com planos de saúde, mas estava sempre ocupada com clientes que vinham até a doca para lhe contar alguma coisa. O maior dom de Bella – talvez até mesmo uma arte – era a capacidade de manter uma conversa fluindo apenas com a quantidade certa de “ahans”, “ohs” e “e o que mais?”.

– Vamos lá, Tess, eu te dou meu desconto especial para amigos e família – disse ela. – Só 5 dólares por uma hora, com a qualidade dos meus ouvidos para você.

– Uma pena que você não tenha convênio com a Blue Cross – disse Tess com um sorriso. – Talvez outro dia. Preciso cair na água.

– Como quiser – disse Bella, ajustando seus fones de ouvido e recostando-se na cadeira de alumínio.

Mais adiante, alguns ratos de doca estavam jogando baralho. Eram pescadores aposentados que ganhavam a vida com o seguro social jogando bingo e ficavam perto da água todas as tardes, observando os barcos, monitorando o preço da lagosta e contando mentiras.

– Ei, princesa! – um dos velhotes falou, olhando através de óculos iguais aos de Larry King que dominavam a sua face ossuda.

– Como vai, Bony? – disse Tess.

– Perdendo a minha camisa – ele disse, largando suas cartas. – Precisa de uma tripulação para esta tarde?

– Eu gostaria de poder pagar pelos seus serviços.

– Eu imploro – ele disse. – Eu trabalharia de graça. Não consigo aguentar isso aqui nem mais um minuto.

– Ele não consegue aguentar perder mais uma rodada – disse um dos outros que estavam com ele.

– Por favor, Tess, me deixe navegar com você.

– Você realmente quer ter outro ataque cardíaco? – perguntou Tess, ajustando a bolsa com a vela. – Você sabe que eu vou lhe dar um desses – ela piscou.

– Raios! – disse Bony, usando a gíria local em vez de “que droga!”, que havia sido passada de uma geração para outra havia muito tempo.

– Para o balde! – respondeu Tess.

Por uma razão perdida no tempo, essa era a resposta automática, uma frase que havia sido cunhada quando as pessoas ainda jogavam baldes de água suja pelas janelas há alguns séculos. Marblehead era um local muito antigo e isolado, onde apenas os que residiam ali há quatro ou mais gerações tinham o direito de se chamar de verdadeiros “Headers”. Todos os outros eram considerados recém-chegados, e os mais velhos usavam expressões arcaicas para se distinguir dos forasteiros que haviam invadido a península, inflacionado os preços, e trazido o cappuccino para a Rua Pleasant.

– Até mais tarde – disse Tess, dirigindo-se para a doca.

– Cuidado com o tempo – disse Bony.

– Pode deixar! E você, veja se não rouba o coração de outra mulher enquanto eu estiver no mar.

O grupo riu conforme ela passou. Tess estava vestindo uma calça cáqui com reforços floridos em ambos os joelhos, uma blusinha regata branca e uma camisa azul de mangas longas, maior do que o seu manequim, por cima. Seus olhos eram de uma cor verde suave, e seu nariz afilava-se em uma ponta fina e proeminente, do tipo que custava alguns milhares de dólares às mulheres em Los Angeles e Nova York em serviços de cirurgias plásticas. Ela era uma das afortunadas nativas da Nova Inglaterra que estava sempre com uma ótima aparência em coquetéis do iate clube ou no rинque de patinação.

Realmente ela tinha uma beleza natural que nunca se importava com o espelho, exceto para verificar se ela não estava ensanguentada após uma noite difícil ao timão.

Tess passou pela doca em direção ao seu veleiro de 38 pés, um Aerodyne de casco azulado, com um convés imaculadamente branco e o nome QUERÊNCIA pintado em letras douradas na popa. A maré estava subindo, e ela conseguia sentir o cheiro do sal e das algas marinhas no ar.

— Você vai ajudar ou só ficar sentado aí? — ela disse para um homem imenso que estava sentado sobre a lateral do veleiro, balançando os pés.

— Você está se saindo bem sem mim — disse Tink Wetherbee, levantando-se e endireitando a sua camiseta que anunciava em letras grossas: PODE SER USADO COMO DISPOSITIVO DE FLUTUAÇÃO. Ele tinha um metro e noventa, e um peito estufado como uma vela bujarrona, um rosto peludo, e uma cabeleira grossa, que ele mesmo cuidava de aparar. Tess gostava de dizer que, se Tink pendurasse uma barreira ao redor do pescoço, ele se pareceria exatamente com um cachorro São Bernardo.

— Sabe — ele dizia enquanto ela subia a bordo com o saco da vela equilibrado sobre o ombro —, você é bem forte para uma garota.

— Você quer dizer bem forte para uma garota que assina o seu contracheque e que pode chutar esse seu traseiro — disse Tess, jogando o saco direto sobre o estômago do homem. Ele caiu para trás.

— O que tem o meu traseiro? — ele segurou o saco da vela e flexionou o pescoço para olhá-lo.

— Confie em mim, Tink... não tem nada de interessante. — Tess pulou para dentro da cabine do barco, dando-lhe uma cotovelada gentil nas costelas ao se movimentar. — Só mais uma semana — ela disse enquanto desamarrava o timão. — Mais uma semana e eu vou embora. Acha que vai sentir saudades?

— Sentir saudades? Desde quando os escravos sentem saudades de seus feitores?

– Engraçadinho – ela disse, removendo as capas dos instrumentos de navegação. – Então, como está a nossa vela principal? Pronta para a grande viagem?

– É a melhor que já construímos – ele disse. – Você vai causar inveja em todo mundo.

– Eu gosto do som dessas palavras – ela esticou os braços e as costas, primeiro em direção ao céu, e depois para baixo, em direção ao seu par de All Star vermelho. Seu corpo estava dolorido com todas as preparações dos últimos meses. Ela havia feito milhares de exercícios com halteres e de preparação de bíceps. Ela havia corrido e nadado centenas de milhas. Cada passo e braçada haviam sido meticulosamente calculados para que ela conseguisse controlar as velas sob condições de vento de força dez, aguentar longas horas de vigília em alto-mar, e puxar a âncora.

Na semana seguinte, com o disparo do canhão, Tess iria iniciar uma corrida de veleiros ao redor do mundo e, se tivesse sorte, navegar por mais de 30 mil milhas. Era a maior de todas as aventuras no esporte – o sonho de uma vida – e uma oportunidade enorme para a sua empresa de confecção de velas para navios. Menos pessoas haviam circunavegado o globo sozinhas do que as que haviam escalado o monte Everest, e o objetivo de Tess era ser uma das primeiras dez mulheres a conseguir completar a jornada. Até o momento, apenas oito haviam conseguido.

Toda a comunidade estava torcendo por ela; eles vendiam quitutes e lagostas, e os lucros eram revertidos para a jornada. As autoridades da cidade até mesmo haviam aprovado uma resolução oficial declarando que Tess era uma embaixatriz para o mundo. Começando no porto de Boston, a corrida seria televisionada por todas as redes da Nova Inglaterra, e jornalistas do mundo todo iriam monitorar seu progresso. Até mesmo os adolescentes da cidade estavam a bordo – a turma de ciências da Sra. Paternina, professora do ensino médio, prometeu mandar e-mails todos os dias com notícias de casa.

Tink se ajoelhou no convés e retirou a vela de dentro do saco de lona. A vela estava dobrada como uma sanfona, e ele começou a

endireitá-la. Tess se curvou para ajudar.

– É linda – disse Tess, alisando a camada exterior de tafetá verde. Não era um pedaço antigo de lona, como o que ela havia recortado de um lençol e costurado para usar em seu primeiro barco. Esta vela era um laminado com tecnologia de ponta, feito com fibras de Kevlar, e construída para navegar por entre as piores tempestades do mundo, e todos os funcionários da sua empresa haviam trabalhado durante semanas para fazer os ajustes precisos no equipamento.

– Eu espero que tenham escrito meu nome direito – ela disse, puxando o canto da vela até o mastro, onde desatarraxou uma manilha e prendeu a corda. Ela se ajoelhou no convés, girou a manivela e começou a passar a vela para Tink. Pouco a pouco, ele colocou a corda por entre os anéis do mastro, e a vela começou a subir.

Tess sorriu quando o triângulo estampado com o nome de sua empresa – VELAS CARROLL – projetou-se contra o céu. Marinheiros dos cinco continentes iriam vê-la e, com alguma sorte, iriam querer comprar uma de suas velas.

Ela girou a manivela mais lentamente, e a vela já havia subido a até quase dois terços da altura do mastro. Quase inconscientemente, ela sentiu o ar despentear os seus cabelos. Sem olhar para a biruta, ela sabia que o vento vinha do nordeste, com as primeiras sensações da baixa pressão. O sussurro das velas, insufladas pela brisa, e as cócegas em sua nuca lhe avisavam que a água ficaria agitada mais tarde.

Tess adorava o vento e o jeito como ele se comportava. Quando menina, ele lhe havia sido um companheiro fiel. Desde uma manhã ensolarada, há vinte anos, quando ela saiu do porto em seu primeiro barco a vela, ela sempre observa as ondulações na água e o curvar da grama alta na orla. Ela sabia a diferença entre o vento real e o aparente, e havia dominado todas as formas do ar, voando com asas-deltas e planadores, competindo em corridas de windsurfe e catamarãs, e – para o horror de sua mãe – até mesmo em emocionantes saltos de paraquedas.

Já adulta, ela fez do vento o seu ganha-pão. Recém-saída da Universidade de Williams com um diploma em Física, Tess foi trabalhar na fábrica de velas náuticas Hood, em Newport, onde aprendeu rápido e mergulhou na ciência avançada dos projetos modernos de velas para navios. Ela idolatrava Ted Hood, um nativo de Marblehead e capitão da America's Cup, que sabia mais sobre como fazer uma curva em uma bujarrona do que qualquer pessoa na Terra. Mas, após alguns anos, ela percebeu que simplesmente não gostava de ter um chefe e, o que era pior, detestava passar seus dias testando modelos no computador para calcular a razão entre arrasto e empuxo. Assim, com 186 dólares e 40 centavos em sua conta bancária, ela pediu demissão e voltou para a sua cidade natal.

Seu pai a ajudou a fazer um empréstimo bancário e ela abriu a sua própria loja de velas na Rua Front, determinada a competir com as grandes empresas. Dentro de um ano, ela havia contratado 12 dos melhores projetistas, cortadores e costureiros de velas da região. Ela os tornou uma família, pagava-lhes salários melhores do que qualquer empresa na área, e estimulava a equipe a imaginar maneiras de fazer os barcos navegarem mais rápido.

Agora o vento estava aumentando, e Tess girou a manivela, mas a vela repentinamente emperrou. Ela forçou a manivela, mas a vela não voltou a subir.

– Melhor ir lá em cima dar uma olhada – ela disse.

– Quer me içar? – ele disse, dando um tapinha na barriga.

– Ninguém é forte o bastante para isso. – Ela foi até um dos armários e pegou um assento elevatório próprio para fazer reparos no mastro, prendeu-o a uma das presilhas e posicionou-se.

– Para o alto e avante – ela disse e, com alguns bons puxões na corda, Tink a içou.

Uma gaivota voava em círculos no céu enquanto Tess subia até o topo do mastro de 47 pés. Ela agarrou o poste e identificou imediatamente uma presilha que estava emperrada.

– Solte o cabo – ela gritou para Tink. Então, Tess buscou um

canivete dentro do bolso, enfiou a ponta no meio da roldana e ajustou-a novamente para a posição correta.

— Está liberada — ela gritou. — Me dê só mais um segundo. Eu adoro ficar aqui em cima. — Ela olhou para baixo, para a cidade que se curvava ao longo da orla. Viu pescadores nas pedras lançando seus anzóis. Depois do porto, havia crianças soltando pipas na praia Riverhead. Ao longe, ela identificou os mausoléus e obeliscos do cemitério Waterside, que pontilhavam a colina que descia até a praia. Seu pai estava enterrado lá, sob um bordo vermelho japonês. Quando sua mãe escolheu o local, ela queria que ele tivesse uma vista perfeita do ancoradouro.

Marblehead era definitivamente o seu lugar preferido em todo o planeta, um mundo em si mesmo. Sim, havia 20.377 pessoas vivendo na península, mas parecia uma cidade pequena. A maioria das pessoas havia passado a vida toda ali, e nunca chegaram a pensar em ir embora. Eles nasciam no hospital Mary Alley. Cresciam comendo panquecas de mirtilos no *Driftwood*, e biscoitos Joe Frogger no *Rusty Rudder*. Eles assistiam a filmes no cine Warwick e tomavam uns pileques no Maddie's. Todos se reuniam no Landing a cada ano no mês de dezembro para assistir o Papai e a Mamãe Noel chegarem em um barco de pesca de lagostas para a Caminhada do Natal. Eles se casavam na igreja Old North, e faziam a recepção no salão de festas Gerry. E, no fim, quando passavam para o outro lado, eram enterrados no Waterside.

Mas, da mesma forma que amava Marblehead, Tess acreditava que o mundo tinha mais a lhe oferecer além das rochas. Havia um mundo inteiro para conhecer e, se Deus quisesse, um grande amor para encontrar. Durante os anos, ela havia olhado para todos os rapazes solteiros da cidade, todos os sete. Ela havia namorado rapazes de Boston até Burlington. Mas, após uma série de decepções por toda a Nova Inglaterra, ela sabia que não iria encontrar seu príncipe encantado, ou até mesmo um rapaz normal que soubesse o que fazer com ela. Assim, estava determinada a se aventurar além daquelas paragens. Em algum lugar da Austrália ou da Nova Zelândia, ela

sonhava em encontrar um audacioso milionário que falasse três idiomas, restaurasse barcos clássicos de 57 pés e que fosse alto o bastante para fazê-la rodopiar sobre seus calcanhares.

A sua jornada marítima duraria quatro meses, ou talvez mais e, para ser honesto, não havia garantias de que ela conseguisse voltar. A sua mãe parecia conhecer cada caso de navegadores em viagens solitárias que haviam desaparecido ou tido experiências quase fatais, como aquele canadense que afundou perto das ilhas Canárias, escapou em um bote salva-vidas com um quilo e meio de comida e cinco litros de água, e sobreviveu durante 76 dias.

– Garota, você fica mais leve quanto mais sobe – gritou Tink, do convés.

– Desculpe – ela disse. – Só estava tentando memorizar a vista de tudo o que está aqui.

De volta ao convés e livre do assento de elevação, Tess dirigiu-se de novo para a cabine, de onde retirou uma prancheta com a sua lista de tarefas. Este fim de semana seria a sua última chance de se certificar de que tudo – absolutamente tudo – estava em ordem no veleiro. Ela iria inspecionar as velas, o piloto automático, os aparelhos eletrônicos e o equipamento de sobrevivência. Depois, ela tiraria alguns dias de folga com a família e os amigos, tentando relaxar antes do tiro de partida da semana seguinte.

Ela sentiu a respiração de Tink quando ele espiou a prancheta por cima de seu ombro.

– Tem certeza de que você não quer que eu vá junto? – ele disse.
– Você sabe... caso você se sinta solitária ou se fizer frio. – Ele a cutucou com a sua mão imensa.

– É uma boa oferta, mas eu não preciso de mais lastro a bordo.

– Quem é que vai içar você quando a vela emperrar de novo?

– Eu dou um jeito – disse Tess. – Agora me fale sobre a frente de baixa pressão. O que está havendo?

– Nada de bom – ele disse, tirando uma folha impressa do bolso e

desdobrando-a.

Na loja de velas, Tink era o encarregado de cortar e costurar. Para a grande jornada, ele era o assistente principal e responsável pela meteorologia. Ele havia trabalhado em Bangor como um daqueles apresentadores de TV joviais que faziam a previsão do tempo, mas a sua carreira na televisão acabou muito cedo. Certa noite, no jornal das 23 horas, ele se irritou com uma apresentadora magricela de cabelos descoloridos, e chamou-a de “tagarela anoréxica”. Ninguém discordou da descrição, nem mesmo o gerente da emissora, mas mesmo assim Tink perdeu seu emprego. Então, ele jogou fora o seu gel de cabelo e sua maquiagem e se mudou para North Shore para trabalhar com a confecção de velas náuticas e com a previsão do tempo.

– Parece que uma área de baixa pressão está vindo do Maine – ele disse. – Dá para ver as isométricas no lado de trás da depressão.

– Isso significa mais vento – disse Tess, sorrindo.

– Seria melhor que você não saísse para a água, mas é melhor ir ao sudoeste e ficar à frente da tempestade. Não quero que você quebre nada neste barco antes de a corrida começar.

– Até domingo, grandalhão.

– Chame pelo rádio se você precisar – ele disse, indo até o corrimão. – E lembre-se, vou emagrecer para você.

– Emagrecer com os cachorros-quentes do jogo desta noite?

– Eu vou comer um a mais em sua homenagem – Tink pulou para a doca quando Tess virou a chave, e o motor do barco rugiu. Ela colocou a mão na alavanca e estava pronta para partir quando ouviu uma voz chamar.

– Ei, marinheira – disse uma mulher no atracadouro. Ela estava no fim da casa dos 50 anos, com mechas grisalhas que saíam de baixo de uma viseira. – Tem um beijo de despedida para uma velha senhora?

Grace Carroll era tão alta quanto a filha e, apesar da cirurgia no quadril há alguns anos, ela subia os degraus da embarcação com

passos seguros.

– Eu estava na cozinha olhando pela janela e vi você no mastro – ela disse. – Pensei em passar aqui para dar um alô.

– Oh, mãe – Tess disse –, desculpe por não ter ligado. Eu estive tão ocupada que...

– Não se preocupe comigo – disse Grace, subindo a bordo. – Eu estou em uma correria louca para preparar o evento beneficente da semana que vem.

Durante anos, Grace havia participado do quadro diretor da Sociedade Humana Feminina, a organização filantrópica mais antiga da cidade, fundada depois que um vendaval transformou 75 mulheres de Marblehead em viúvas no início do século XIX.

– Tenha cuidado no mar – ela dizia. – Estou contando com você para entreter aquelas velhas senhoras.

– Tudo bem – disse Tess. – Não se preocupe.

– Não esqueça que a WBZ virá nesta quarta para me entrevistar sobre a sua competição. Melhor me dizer o que devo falar, ou posso acabar metendo os pés pelas mãos – ela riu, olhou o *Querência* de alto a baixo, e disse: – Seu pai ficaria muito orgulhoso, e também com bastante ciúme.

Era verdade. Seu pai teria orgulho e ciúme. Ele havia ensinado Tess a fixar uma vela em uma pequena bacia com um mastro feito com um cabo de vassoura. Ele havia vibrado quando, aos 5 anos, ela vencera a sua primeira corrida de barcos. Acima de tudo, ele a havia encorajado a viver audaciosamente e ver até aonde ela conseguiria chegar no mundo. “Mergulhe em busca dos seus sonhos”, ele costumava dizer, citando o poema de e. e. cummings. “E viva por amor.”

Quando ele sofreu um ataque cardíaco há dois anos – sem dúvida devido a vários bolinhos de lagosta no Kelly's, em Revere –, um imenso abismo se abriu no universo de Tess. Ela tentara de tudo para preencher o vazio, mas era em vão. Então, decidiu fazer aquilo que seu pai lhe havia dito – forçar os limites e ver até aonde ela

conseguiria chegar. A sua corrida ao redor do mundo era uma homenagem ao seu pai.

– Quando você volta? – disse Grace.

– No domingo, para o jantar, ou talvez antes. Depende do vento.

– Quer que eu faça um ensopado?

– Mais do que qualquer coisa no mundo.

Grace passou a mão pelos cabelos, e então disse:

– Me diga uma coisa. Quem é que eu vou alimentar todo domingo à noite enquanto você estiver fora?

– Essa é fácil. Tink e Bobo.

– Bobo? Aquele velho rabugento? Ele vai comer tudo o que eu tenho em casa! Tem certeza de que não pode levá-lo com você na volta ao mundo?

– Gostaria de poder, mas é contra as regras. Não permitem companheiros.

– Que regras bobas. Qual é o sentido se não houver um companheiro? – Os olhos claros de Grace conseguiam, de alguma forma, fazer perguntas sem palavras, e Tess sabia exatamente o que a sua mãe estava imaginando: por que você não encontrou alguém ainda? Por que você não se acomodou? Por que você não aceitou uma daquelas duas propostas de casamento? Nesse momento, a expressão de Grace mudou, e ela havia recuperado a sua compostura.

– Eu te amo – ela disse. – Divirta-se no mar. E não esqueça que você precisa ver a vovó quando voltar. Ela precisa de um abraço da neta dela. – Ela se virou para descer pelas escadas, mas Tess a deteve com uma mão em seu ombro.

– Venha aqui, mãe – ela disse, abrindo os braços. Puxou-a em um abraço apertado, do jeito que seu pai sempre fazia, e pensou por um instante que a mãe poderia se quebrar em seus braços. Era como se o corpo de Grace houvesse encolhido pela falta de contato físico e pela ausência do marido. Tess pôde sentir os braços da sua mãe ao seu

redor também, abraçando-a forte, como se não quisesse deixá-la partir.

Após alguns instantes, elas relaxaram o abraço. Grace beliscou a bochecha de Tess, beijou-a e desceu para a doca.

Tess se inclinou sobre a alavanca do motor. O barco deslizou mansamente para o canal, passando por mil outros veleiros atracados no porto. Ela inspecionou a prancheta com o mapa do clima e o curso que Tink havia planejado. Uma grossa linha negra ziguezagueava para o sudeste, passando por Halfway Rock, depois a oeste através do canal de Cape Cod até Buzzard's Bay, e de volta. Era uma rota fácil, longe da zona de baixa pressão que vinha do norte.

Mas Tess queria ação. Ela queria tensionar as velas e sentir a velocidade. Ela podia ouvir o barco rangendo, ansioso para acelerar. As bandeirolas batiam contra o mastro. No horizonte, ela podia ver uma vasta extensão de nuvens altos-cúmulos, com pequenas ondulações na parte de baixo parecidas com escamas de peixe. O vento estaria soprando forte dentro de algumas horas, do jeito de que ela gostava.

Ao ultrapassar a saída do porto e passar pelo farol, ela alinhou o barco em uma rota improvável. A bússola indicava a direção de 58 graus, que ia direto para o canal das ilhas Eagle e o marco flutuante de Powers Rock. Para Tess, a rota mais fácil nunca era uma opção aceitável. Se ela não conseguisse lidar com um pouco de baixa pressão, como conseguiria dar a volta ao mundo? Assim, deixou a vela da frente com uma boa folga, e permitiu que o vento inflasse a vela principal. E viu os instrumentos acelerarem conforme o *Querência* acelerava e ia, com o vento, direto para a tempestade.

SEIS



A mulher de vestido preto estava chorando.

Ela se ajoelhou em frente a uma lápide e segurou a placa de granito com uma das mãos. Seu corpo frágil tremia com cada soluço, e o seu cabelo grisalho, enrolado cuidadosamente em um coque, parecia desfiar cada vez mais.

Charlie St. Cloud observava por trás de uma das sebes. Ele reconheceu a mulher, mas se manteve afastado. Ele respeitava a dor. Haveria um momento certo para ir até ela e ajudá-la a se levantar, mas não era agora. Assim, ele colocou as suas luvas de trabalho no bolso de trás da calça, abriu a embalagem de chicletes, colocou o doce na boca e esperou.

Ele havia aberto aquela cova durante a manhã. Charlie retirara o caixão do carro fúnebre, levava até a sepultura, e cobrira-o de terra após o funeral. Era o único enterro do dia no cemitério Waterside. Um dos subordinados de Charlie estava podando as cercas viva. Outro estava lavando os monumentos com uma mangueira de pressão. Um terceiro recolhia galhos que haviam caído durante uma tempestade. Setembro era sempre o mês mais calmo do ano no ramo de funerárias. Charlie não sabia ao certo por que isso acontecia, mas ele sabia que dezembro e janeiro eram definitivamente os mais movimentados. As pessoas faleciam com mais frequência nos meses mais frios, e ele se perguntava se era por culpa do gelo ou uma resposta natural aos excessos cometidos durante as festas.

Treze anos haviam se passado desde que Charlie fora ao Waterside pela primeira vez. Treze anos haviam se passado desde que os paramédicos não conseguiram reanimar seu irmão. Treze anos haviam desaparecido desde que Sam foi enterrado em um pequeno caixão perto da Floresta das Sombras. Treze outubros. Treze campeonatos mundiais de beisebol. Treze anos mantendo a promessa.

Charlie ainda era um rapaz bonito, com uma franja loira. Aquela covinha marota em uma das bochechas sempre aparecia quando ele sorria, e seus olhos cor de caramelo sempre encantavam a todos que conversavam com ele. A cada ano, a sua mãe insistia que ele parecia cada vez mais com o seu pai – um elogio, com certeza, pois a única fotografia que ele havia visto do pai mostrava um homem com cara de durão em uma motocicleta e óculos de sol tipo aviador na cabeça.

Charlie havia crescido mais alguns centímetros, e já tinha um metro e oitenta e sete. Seus ombros eram firmes e os braços musculosos de tanto carregar caixões e pedras. O único legado do acidente era um leve manquejar, que nem sequer era perceptível. Os médicos haviam dito que os pinos, os parafusos e as placas em seu fêmur e na fíbula iriam ativar detectores de metal – mas ele nunca teve a oportunidade de descobrir se isso realmente viria a acontecer.

Após o acidente, ele havia terminado o ensino médio, passado alguns anos na faculdade de Salem State e obtido um diploma em atendimento médico de emergência. Ele era um paramédico licenciado mas, independente do quanto tentasse se afastar, nunca conseguiu ir para muito longe de Waterside. Até mesmo o amor de uma linda professora em Peabody não conseguiu tirá-lo de lá, pois ele era sempre atraído por aquele lugar e pela promessa.

Waterside era o seu mundo, 32 hectares de grama e granito cercados por cercas de ferro fundido. Ele morava na casa do zelador, próximo da floresta, e administrava toda a operação – enterros, corte de grama e manutenção. Era um trabalho que requeria responsabilidade, e ele era um jovem responsável – exceto por aquela noite na ponte quando tudo havia mudado.

Agora, aos 28, Charlie havia passado seus anos como adulto

cuidando dos mortos e dos vivos de Waterside. Ele havia se sacrificado muito para manter a sua promessa a Sam. Havia desistido de grandes sonhos de trabalhar para o escritório dos Red Sox no estádio de Fenway Park, ou mesmo para a Liga de Beisebol na Park Avenue de Nova York.

Hoje, como todos os dias, ele observava alguém chorando, e seu coração doía. Era sempre assim. Jovens, velhos, saudáveis ou enfermos: eles vinham, eles lidavam com a situação, e eles continuavam em frente.

Os joelhos da mulher tocaram o monte fresco de terra onde ele havia trabalhado com a escavadeira. Noventa e dois centímetros de largura, dois metros e meio de comprimento, um metro e vinte de profundidade. Quarenta e cinco centímetros de terra por cima. Tudo de acordo com as regras da comunidade.

A mulher tentou ficar em pé, mas vacilou sobre seus calcanhares, e caiu sobre um dos joelhos. Este era o momento de estender a mão. Charlie livrou-se do chiclete e andou em direção a ela. Ele estava vestido com o uniforme do cemitério: uma camisa polo azul-clara com o logo do cemitério, calças cáqui e botas de jardineiro.

– Srta. Phipps? – ele disse.

Ela olhou para cima, espantada, e pareceu olhar através dele.

– Sou eu – ele disse.

Ela balançou a cabeça, intrigada.

– Sou eu, Charlie St. Cloud, lembra-se? Estudei inglês com a senhora no primeiro ano do ensino médio.

Ela enxugou os olhos, e fez que sim com a cabeça.

– Claro que me lembro, mas você parece ter se esquecido dos pronomes de tratamento. Hoje eu sou uma senhora.

– Desculpe-me, senhora – disse Charlie, com sua covinha na bochecha aparecendo.

Equilibrando-se sobre sapatos de bico fino, usando uma meia-calça

com um fio que havia corrido, Ruth Phipps deu um pequeno sorriso. Naquela época ela era conhecida como Ruth, a Terrível, o terror do ensino médio de Marblehead, famosa por arruinar as médias anuais dos alunos com suas provas-surpresa perversas e seus impossíveis exames finais.

— Charlie St. Cloud — ela dizia. — Vejamos, você tirou um A na sua primeira prova, mas veio aquele acidente... seu irmão...

— Isso foi há muito tempo — ele disse, enfiando as mãos nos bolsos da calça. — De qualquer maneira, eu vim para lhe dar meus pêsames. E eu queria que a senhora soubesse que escolheu um dos lugares mais bonitos do cemitério.

Ela balançou a cabeça.

— Foi tão repentino. Tão inesperado. Eu nem mesmo tive tempo de me despedir. — Ela enxugou as lágrimas de seu rosto ovalado, e de repente pareceu tão humana quanto qualquer outra pessoa. Seus braços estavam frágeis como os ramos de um salgueiro, seus olhos tão escuros quanto o tronco de uma árvore. A morte era o grande equalizador.

— Sinto muito — disse Charlie.

— O que vai ser de mim agora? O que é que eu vou fazer? — seu corpo ainda estava tremendo. — E o que vai acontecer com meu querido Walter?

— Confie em mim — ele disse. — Tudo vai ficar bem. Basta deixar o tempo fazer o seu trabalho. A senhora vai ver.

— Tem certeza, Charlie? — sua voz não era mais do que um sussurro.

— Sem dúvida.

— Você sempre foi um garoto muito esperto. Eu me perguntava o que tinha acontecido com você.

— Eu moro logo ali, naquela casa próxima à floresta — ele disse. — A senhora será bem-vinda sempre que quiser aparecer.

– É bom saber – ela disse, arrumando uma mecha no seu coque. Ela alisou o vestido e deu alguns passos hesitantes sobre a grama.

– Eu preciso ir – ela disse. – Obrigada pela ajuda, Charlie.

– Não há de quê. É para isso que eu estou aqui.

Assim, a Sra. Phipps caminhou lentamente para o pé da colina, em direção aos grandes portões de ferro da West Shore Drive.

Era hora de fechar, e Charlie corria com o carro de manutenção pelas trilhas estreitas do cemitério, fazendo curvas como se fosse um corredor de *grand prix*. Nos seus primeiros dias, ainda a pé, levava mais de uma hora para passar por todas as áreas do parque, procurando por pessoas enlutadas, perdidas em pensamentos, pessoas que faziam piqueniques adormecidas nos gramados, e adolescentes que se escondiam atrás das lápides. Para acelerar a rotina, com o passar dos anos, ele havia modificado o pequeno veículo, aumentando secretamente a potência do motor e melhorando a suspensão. Agora, dirigindo o carro com a palavra WATERSIDE impressa em ambos os lados, ele conseguia fazer a ronda de todo o cemitério em vinte minutos.

Ele sempre começava no lado norte, no alto da colina, onde anjos com trombetas de mármore se alinhavam, e ia em direção ao sul através dos campos de lápides organizadas em passagens ortogonais. Cada quilo de granito, cada buquê de begônias, Charlie pensava, eram prova de que o ser humano precisa ser lembrado. Agora ele dirigia pelo Vale da Serenidade e observava o atracadouro, onde um antigo veleiro estava lentamente finalizando a sua viagem. Depois ele parou para cumprimentar um velho senhor em um terno de algodão que carregava um regador.

– Boa tarde, Sr. Guidry – disse Charlie.

– Ora, olá, Charles! – disse Palmer Guidry. Seu cabelo era ondulado e branco, e seu rosto tinha uma barba irregular. Ele era um

dos chamados “conhecidos do cemitério”, gente que vem todos os dias para tirar as ervas daninhas dos túmulos e a poeira da lápide da esposa. Um velho rádio gravador tocava Brahms encostado em uma árvore.

– Está na hora de fechar – disse Charlie. – Quer uma carona?

– Oh, obrigado. Muito gentil da sua parte.

Charlie desceu do carro, ignorando a velha dor no joelho, e caminhou até o Sr. Guidry.

– Venha, deixe eu lhe dar uma mão com as suas coisas.

Era um diálogo que se repetia quase que palavra por palavra todo final de tarde. Charlie havia pesquisado a doença do Sr. Guidry. Era um caso de Alzheimer precoce, e atingia a memória recente do homem. Ele não conseguia se lembrar do que acontecera ontem ou anteontem, mas ele ainda era capaz de visualizar imagens do passado distante. Era por isso que ele não fazia ideia de que havia limpado o túmulo de sua esposa Betty no dia anterior, mas ainda conseguia lembrar-se dela em seus braços na primeira vez em que dançaram juntos, no baile de formatura. Por isso também ele não fazia ideia de que Charlie vinha buscá-lo todo final de tarde, mas conseguia lembrar-se do rosto espantado de Betty quando o AVC destruiu-lhe o cérebro, há muitos anos.

O Sr. Guidry dobrou a sua flanela de limpeza com cuidado e colocou-a em uma bolsa de couro. Ele desligou o gravador e fez uma última inspeção.

– Eu adoro estas malvas-rosa – ele disse, acariciando as pétalas de um dos ramos. – Sabe, eram as favoritas da Betty.

– Eu acho que o senhor me contou isso uma vez – disse Charlie, pegando a bolsa e o gravador do Sr. Guidry.

– Eu já lhe contei sobre quando Betty plantou malvas-rosa em todo o quintal? – ele perguntou, colocando o regador vermelho debaixo do braço e caminhando até o carro. – Elas cresceram mais de dois metros!

– Acho que o senhor mencionou uma vez.

– Boa noite, Betty – ele disse, sentando-se no banco dianteiro. – Tenha bons sonhos, meu amor. Eu voltarei em breve.

Enquanto desciam a colina, o Sr. Guidry recitava a história das malvas-rosa pela milésima vez. Charlie adorava ver como o homem se emocionava a cada palavra, e como as lágrimas sempre rolavam quando eles passavam pelos portões de ferro e se dirigiam para West Shore.

– Obrigado pela conversa, Sr. Guidry – disse Charlie.

– Gostaria de vir até a minha casa para jantar? Eu vou fazer um dos pratos preferidos de Betty. O melhor bolo de carne em todo este mundo de Deus.

– Muito obrigado – falou Charlie –, eu adoraria, mas preciso ir a outro lugar hoje à noite.

– Como quiser – disse o Sr. Guidry. – Você não faz ideia do que está perdendo.

Ele observou o Sr. Guidry entrar em seu velho Buick dourado e lentamente se dirigir para a estrada. Depois verificou seu relógio. Eram 18h12. O pôr do sol seria dali a exatamente treze minutos. Os grandes portões de ferro rangeram quando ele os fechou. Definitivamente, estava na hora de colocar um pouco de óleo nas dobradiças. Mesmo assim, havia algo de reconfortante naquele som familiar.

Ele girou a grande chave de metal na fechadura. O Waterside agora estava fechado para a noite, e não reabriria até as 8 horas do dia seguinte. Voltou para o carro de manutenção e sentou-se no assento do motorista. Ele passou os olhos pelo terreno, onde os *sprinklers* estavam jogando uma fina bruma no ar.

A serenidade ao seu redor era palpável. Agora ele tinha esse paraíso todo para si; 14 horas até que o mundo retornasse. Para ele, estes eram seus momentos mais preciosos. Tempo para si mesmo. Tempo para ser. Tempo para pensar. Mas, acima de tudo, tempo para a mais

importante de suas atividades, oculta nas profundezas da floresta.

SETE



A Floresta das Sombras era a última seção do cemitério Waterside que ainda não havia sido urbanizada. Oito hectares tenebrosos e emaranhados de carvalhos, nogueiras e olmeiros, um terreno bem valioso. Charlie frequentemente ouvia rumores de que um ou outro desenvolvedor estava negociando a compra da área para fazer condomínios. Mas esse entusiasmo havia diminuído há alguns meses, quando o agente imobiliário morreu misteriosamente e um comprador em potencial faleceu devido a uma hemorragia cerebral.

Agora as pessoas diziam que a floresta era mal-assombrada.

Charlie sabia que não era nada disso. A floresta era o local mais perfeito de Waterside e, para ele, era bom que ninguém ousasse se aventurar naquela escuridão. Nesta noite, ele levou o carro ao longo da trilha esburacada e parou ao lado de um pinheiro azulado. Uma revoada de gansos canadenses grasnou acima. Havia pouca luz refletindo nas plantas rasteiras. Ele olhou por cima do ombro, como de hábito. Claro que ninguém o havia seguido, mas ele tinha que ter certeza. Certeza absoluta.

Então, rapidamente tirou seu uniforme, enrolando a camisa azul-clara e as calças cáqui, e tirou as botas. Vestiu um velho moletom do Boston Celtics, jeans e tênis de corrida. Colocou a mão por baixo do assento, tirou uma luva e uma bola de beisebol, e entrou pelo meio do mato. Ninguém mais conseguiria identificar o estreito caminho por entre as árvores. Ele começava do outro lado de um tronco apodrecido, e depois se alargava em uma trilha que havia sido aberta

por seus próprios passos, durante todas as noites dos últimos treze anos. Ela seguia o contorno de uma pequena colina até o topo, passando por um bosque de bordos e depois descendo até uma cachoeira com uma pequena lagoa.

Charlie, que conhecia cada irregularidade e cada trepadeira, era capaz de seguir a trilha de olhos fechados. Ele correu através do bosque de ciprestes que dava em uma clareira. Aqui estava o maior segredo de Waterside: um local especial que ele havia criado com suas próprias mãos havia muitos anos. Há tempos, ele decidira transformar o lugar numa réplica exata do quintal em sua casa na Alameda Cloutman. Havia um gramado perfeito com 27 metros de comprimento, e o local reservado para o arremessador do time de beisebol e também a base do rebatedor.

Ele foi até o balanço e sentou-se em um dos assentos de madeira. Colocou os pés para cima e começou a balançar. Ele flutuava para frente e para trás, sentindo a brisa por baixo. Era como voar. Então, saltou do assento, pousou no chão e pegou sua luva de beisebol. Arremessou a bola para o céu, que escurecia. Ela tocou os topos das árvores antes de cair novamente. Então ele a lançou para cima mais uma vez.

Assim que ia cair na luva, uma lufada de vento repentinamente desviou a trajetória da bola, que rolou pela grama, saindo do campo e parando na beira da floresta. E então, um pequeno milagre aconteceu, como acontecia todas as noites ao pôr do sol.

Sam St. Cloud saiu da escuridão da floresta e pegou a bola. Ele não havia mudado durante todos estes anos, com o cabelo de cachos castanhos rebeldes e uma luva de beisebol Rawlings debaixo do braço. Ele usava um boné e uma camiseta dos Red Sox, calções folgados e tênis pretos de cano alto. Oscar correu para o campo, com a cauda empinada. Com olhos espertos e seu latido único, ele também era o mesmo de antes. O cão cheirou os joelhos magros de Sam, e depois latiu para Charlie.

— Vamos lá, irmãozão — disse Sam, com alegria. — Vamos jogar beisebol.

Uma parede de dez metros de água se chocou contra o *cockpit*, derrubando Tess e empurrando-a contra os cabos laterais do veleiro. Ela respirou fundo, tentando tomar fôlego, enquanto o oceano gelado se abria ao seu redor, puxando-a para a morte. Então, graças a Deus, o cabo de segurança que prendia o seu colete salva-vidas funcionou. Momentos antes, ela havia vestido o traje de sobrevivência laranja – que era, essencialmente, um bote salva-vidas para uma pessoa, projetado para navegar em águas perigosas, capacitando-a a sobreviver por até uma semana sem hipotermia.

Tess tossiu a água salgada que havia engolido, e se arrastou de volta para o timão. O *Querência* estava cortando a escuridão com os mastros vazios. A vela principal estava enrolada no mastro de verga, e o convés estava encharcado.

Ondas gigantes quebravam a cada 20 segundos, açoitando o casco, mandando imensas nuvens de chapiscos pelo ar. Manchas dos sinalizadores de fósforo riscavam o céu em um espetáculo de fogos de artifício. O oceano à frente parecia um infinito de colinas e penhascos, correndo em sua direção a quarenta milhas por hora, e picos monstruosos desmoronavam com grande impacto.

Tess não se importava com o vento cortante, o mar revoltado, ou o sal que fazia seus olhos arderem. Ela não se importava com o formigamento nas mãos ou a dor no seu quadril por causa da última queda. Ela não estava alarmada pelo radar, que mostrava outra depressão profunda armando-se por trás da área de baixa pressão. Toda a sua atenção – e a sua repulsa – estava focada em um único problema que a aborrecia: a água do mar que havia entrado nas suas botas antiderrapantes.

– Diacho – ela gritou com o oceano. – Quinhentos dólares por estas botas, e essa porcaria deixa a água entrar!

Ela verificou os instrumentos que piscavam no painel de controle. O anemômetro mostrava que o vento estava a 40 nós, e depois a 45. À

medida que o *Querência* escorregava pelo declive acentuado de uma onda, o velocímetro mostrava o aumento de velocidade; depois, ao subir por outra onda, o veleiro parecia que iria parar, ameaçando cair para trás na tormenta.

Tess segurou-se para receber o impacto da próxima onda. Mesmo quando o vagalhão atingiu o navio, fazendo com que escorregasse de lado, ela se segurou com força ao timão. Sim, ela tinha esperança; isso era definitivamente um bom treino para as águas do sul próximas do Oceano Antártico, onde ela enfrentaria tempestades de neve e icebergs. Isto é, se ela conseguisse chegar até lá. Outra torre de água atingiu; outro golpe em seu corpo, mas ela manteve o barco alinhado com as ondas. Era uma das regras mais antigas da arte de velejar – aponte o lado mais estreito do navio para as ondas.

Tess sabia que havia duas boas maneiras de medir a fúria da natureza. A primeira delas era uma fórmula baseada na Escala Beaufort, que recebeu o nome em homenagem a um almirante britânico do século XIX: velocidade do vento mais cinco, dividido por cinco. Ela fez as contas, e o resultado deu dez. Assim, esse era um vendaval de Força 10 em uma escala que ia até 12. A noite toda, as cristas das ondas haviam criado espuma, mas agora elas estavam subindo, descendo e quebrando por toda parte. E isso significava apenas uma coisa: a tempestade estava ganhando força.

Uma vez, Tess havia navegado através de um vendaval de Força 10. Foi durante uma ocasião com a família no golfo do Maine, e naquela noite ela inventou seu outro teste para a força de uma tempestade. Era menos científica que a escala de Beaufort, mas tão eficiente quanto. Ela a chamou de Escala de Carroll, em homenagem ao seu pai. Consistia em contar o número de vezes em que o velejador engole água a cada onda. Qualquer quantidade acima de três significava que, se você fizesse qualquer coisa que não fosse buscar abrigo, você estaria louco.

Muito próximo de ficar de cabeça para baixo, o *Querência* acelerava para baixo, deslizando por uma das faces de uma onda gigante, quase num ângulo reto. Tess prendeu a respiração quando o barco

mergulhou na onda que subia à sua frente. Ela ouviu um alto som de rachadura acima da sua cabeça, olhou para cima e percebeu que o aparelho indicador de direção dos ventos e os instrumentos no alto do mastro haviam sido arrancados. O barco se inclinou quando uma onda o atingiu a estibordo. Ela perdeu o controle do leme, rolou para longe da braçarola do *cockpit* e deslizou até a borda lateral do barco, que agora se inclinava num ângulo extremamente íngreme. Seu corpo estava enrodilhado nos cordames, e ela sentia o oceano rugir a poucos centímetros de seu rosto.

O *Querência* parecia estar indo mais rápido de lado do que de frente. Os cabos estavam chicoteando ao vento. O oceano estava quase todo branco de espuma. Após engolir outro bocado de água salgada e espumosa, ela sabia que era hora de se esconder.

Mão após mão, ela escalou o navio até o *cockpit*. Ligou o piloto automático e ajustou o curso para fugir da tempestade. E esperou para uma brecha no oceano que a atacava por todos os lados. Ela só teria dez segundos para entrar na cabine do veleiro.

Três... dois... um.

Tess correu para a escotilha e abriu a tampa do alçapão. Ela colocou os pés no primeiro degrau da escada, e depois apalpou apressadamente a presilha do seu traje que a prendia ao cabo de segurança. As suas luvas de neoprene eram grossas, seus dedos estavam amortecidos pelo frio, e ela nem conseguia sentir a trava de segurança. Ela precisava de concentração total. A popa começou a subir, e só havia alguns segundos até o impacto.

Conforme uma onda gigantesca agredia o barco, ela desconectou o cabo de segurança e deslizou para dentro da cabine, acompanhada por uma corrente de água salgada. Com um movimento rápido, praticado milhares de vezes, ela prendeu a tampa do alçapão de volta no lugar.

Tess esperou um momento na escuridão, ouvindo o rugido do mar do lado de fora, o gotejamento e os rangidos dentro da cabine, e as batidas do seu coração. O *Querência* estava gemendo sob o ataque incansável. Ela se apoiou a bombordo, sentou-se na estação de

navegação e ligou um interruptor. Ela abriu o zíper do seu capuz e tirou as luvas. Seu cabelo estava ensopado, seu rosto queimava, mas não era hora de tentar se secar.

Ela verificou o mapa no monitor de seu laptop e estimou que estava cerca de três horas da costa de New Hampshire. Buscou o rádio. Provavelmente era hora de dar notícias a Tink. Ele estava no jogo de futebol americano entre a escola secundária de Marblehead e a de Beverly, mas ela tentaria ligar no seu celular. Ela ligou para o operador da marinha, deu o número de Tink, e esperou pela conexão. Droga, ela teria de admitir que havia ignorado seu conselho. Que havia navegado direto para a área de baixa pressão. A pressão caiu tão rapidamente que os seus ouvidos haviam até estalado, e ela ficou espantada em ver que o barômetro indicava menos de 746 milímetros de mercúrio. Tink iria querer lhe dar uma surra.

A menos que ela mentisse.

A voz de Tink apareceu no alto-falante.

— Como está a minha garota? — ele perguntou. Os gritos da multidão ecoaram por trás dele.

O barco balançava violentamente, mas Tess manteve a calma.

— Está tudo bem — ela disse. — Navegando como uma pluma. — Não havia motivo para dizer a verdade — isso só faria com que ele se preocupasse e iria arruinar o jogo. — Só ligando para saber como você está — ela continuou, tentando parecer calma. — Quem está ganhando?

— Os Magicians estão ganhando com um *touchdown* de diferença, e eu estou no terceiro cachorro-quente — ele arrotou. — Como está o tempo?

— Bastante vento — ela disse, ouvindo as ondas que rugiam.

— E a vela principal?

— Ela serviu perfeitamente, e fica linda quando o vento a infla. Diga a todos que fizeram um excelente trabalho.

— Direi sim.

– Preciso ir agora – ela disse, enquanto o barco descia vertiginosamente por uma onda íngreme. – Eu ligo amanhã.

– *Adiós*, garota. Se cuide.

“Aquela pequena mentira não o magoaria”, ela pensou. Chegaria a tempo para o jantar de domingo, e ele nunca saberia a verdade. Colocou o microfone de volta no suporte, pulou para o porão e prendeu-se com o cinto de segurança. Ela estava cansada, com sede e um pouco tonta com todo o balanço, mas sabia que precisava de energia. Ela abriu a caixa térmica e achou alface fresco e um tubo de molho italiano Newman’s Own, mas o barco jogava tão violentamente que ela percebeu ser loucura tentar cozinhar. Tess pegou uma barra de cereais PowerBar de um dos armários. Seus dedos mal podiam segurá-la. Ela rasgou a embalagem com os dentes e devorou a barra em quatro dentadas.

Não havia nada a fazer agora a não ser esperar. Ela se livrou dos ganchos que a mantinham presa, andou até a parte principal da cabine e abriu o zíper da parte de cima de seu traje de sobrevivência. Subiu na parte de cima do beliche, entrou em uma rede de segurança que a manteria firme no lugar, e começou a fazer uma lista de tudo que ela faria quando voltasse para casa. A comida era prioridade em sua lista. Na sua expedição ao redor do mundo, ela teria de subsistir com rações congeladas e provavelmente perderia entre seis e nove quilos, como acontecia com todos os marinheiros. Durante a sua última semana em terra, ela queria abusar da comida. Pipoca caramelada e doces mentolados no E. W. Hobbs, em Salem Willows. Hambúrgueres no Flynnie’s da praia Devereux. Lulas e lagostas no Porthole Pub, em Lynn. Ela sorriu com a sua gula. Para se livrar da culpa, ela faria longas corridas ao redor do farol e caminhadas com sua mãe ao longo da Causeway.

E, é claro, ela visitaria o túmulo de seu pai no Waterside. Tess havia ido lá quase toda semana desde que ele morrera há dois anos. Às vezes, ela passava por ali pelas manhãs enquanto corria com Bobo. Ocasionalmente, ela trazia uma marmita do Driftwood ou algumas garrafas de cerveja Sam Adams no fim da tarde.

Tess não acreditava em fantasmas ou espíritos. Todas aquelas pessoas que diziam na TV ter poderes psíquicos eram um monte de charlatões que se aproveitavam de pessoas desesperadas. Era a sensação de estabilidade que fazia com que ela voltasse para o cemitério, e também para a serenidade. Era um local tranquilo e bonito, também. De algum modo ela se sentia em paz, e assim, ela passava por ali todas as semanas para colher dentes-de-leão, ou para aparar a roseira que sua mãe havia transplantado do quintal.

Neste momento, quando ela estivesse de volta, ficaria sentada na praia debaixo do bordo vermelho japonês e lhe contaria sobre a decisão estúpida de velejar bem em direção à tempestade. Ela sabia que, onde quer que estivesse, lhe daria uma bronca daquelas. Talvez até gritasse. Mas ele nunca a julgaria. Apesar de todos os defeitos e da estupidez de Tess, o amor do seu pai sempre foi incondicional.

Seus olhos começaram a ficar pesados, e ela ficou tentada a tirar uma soneca, mas repentinamente o beliche desapareceu debaixo dela quando o veleiro entrou em um buraco. Por um segundo, ela sentiu que flutuava, e depois bateu violentamente no estrado. O *Querência* se inclinou, virando drasticamente de lado. Tess foi arremessada com força contra uma das vigias. Ela temeu que o barco tivesse virado e que o mastro tivesse tocado a água, mas o peso da quilha fez o barco se endireitar. Ela saiu da cama e começou a andar para a saída da cabine. Precisava verificar se o mastro havia sido danificado. Ela fechou o zíper do seu traje e o capuz, colocou a máscara no lugar e começou a subir as escadas.

E foi aí que o mundo virou de cabeça para baixo.

OITO



Aquele era o ritual dos dois há treze anos. E o segredo deles também. Toda noite eles se encontravam para jogar.

Thwack.

Sam aparou a bola na luva e a arremessou de volta – uma bola rápida de dois dedos. Tudo começou havia muito tempo, na noite do enterro de Sam, após a mãe deles e os outros que estavam ali terem ido embora. Quando o sol se pôs, Charlie havia ficado sozinho ao lado da sepultura.

E então, de uma maneira impossível, Sam havia aparecido, saído de trás das árvores, seu corpo com as marcas do acidente, ainda segurando sua luva e a bola. Oscar estava com ele, também.

– E agora, irmãozão? – dissera ele. – Vamos lá, vamos jogar beisebol.

O momento havia deixado Charlie tão perturbado, tão inconsolável–, que os médicos haviam lhe dado remédios muito fortes para afastar as visões. No início, os especialistas disseram que ele estava tendo sonhos, e depois que eram alucinações. O diagnóstico: síndrome de estresse pós-traumático. Eles o mandaram a um psiquiatra. Deram-lhe Xanax para a ansiedade, Prozac para a depressão e Halcion para ajudá-lo a dormir. Eles nunca acreditaram que ele era capaz de ver seu irmão.

Mas ele conseguia enxergar, e não eram ilusões nem alucinações.

Ele havia morrido, e tinha sido trazido de volta à vida. Ele havia cruzado uma barreira, e havia voltado. Ele tinha feito uma promessa para Sam e recebeu o poder de cumpri-la.

Alguns meses depois, quando outro adulto se recusou a acreditar naquilo que ele conseguia enxergar, Charlie fingiu que estava tudo acabado. Ele afirmou que não via mais as aparições. E os médicos declararam que ele estava curado e que poderia parar de tomar as medicações. Charlie jurou que nunca contaria a ninguém sobre Sam. Simplesmente o chamariam de louco. Nunca seriam capazes de entendê-lo. Seria o seu segredo para sempre. Um segredo que ele esconderia por baixo de uma carapaça de charme, cuidadosamente construída.

Daquele dia em diante, Charlie e Sam jogavam beisebol todas as noites, sem falta. O seu jogo ao anoitecer, Charlie acreditava, era a chave para o seu dom, e ele temia que, se perdesse uma única noite, desapareceria para sempre. Assim, ele estudava com cuidado os ângulos do sol. Ele imprimia tabelas do serviço de meteorologia e monitorava as diferenças entre o crepúsculo civil, o náutico e o astronômico.

Desde que lançasse a bola todas as noites, conseguiria ver Sam, e Sam conseguiria vê-lo. Seu tempo juntos estava confinado à área do Waterside, e Charlie rapidamente percebeu que seu dom não se estendia além dos muros ou portões. Assim, pelas manhãs, eles brincavam nas docas, antes que qualquer pessoa passasse por lá e, à noite, ficavam juntos em casa assistindo à ESPN ou a filmes de James Bond. Era assim que acontecia há treze anos – mais de 4.700 noites –, e Charlie sabia que não havia motivos para arriscar.

Com o passar do tempo, Charlie percebeu que seu dom havia se intensificado, pois ele começou a notar outros espíritos passando pelo cemitério a caminho da próxima vida.

Eles vinham de todas as maneiras e por todas as razões possíveis – um pescador de lagostas excêntrico que havia se afogado durante uma tempestade, uma cabeleireira em farrapos que havia escorregado nos restos de cabelo que havia no piso do seu salão e quebrado o pescoço

–, mas todos tinham o mesmo traço característico: eles brilhavam com uma aura de calor e luz. Ajudar estas almas reluzentes com a sua transição, ele pensava, era o seu objetivo e a sua punição.

– E então? – disse Sam. – Como foi o trabalho hoje?

– Foi legal – disse Charlie. – Lembra-se da Srta. Phipps? Ruth, a Terrível?

– A sua professora de inglês?

– Essa mesmo – disse Charlie, equilibrando uma bola sobre os dedos. – Eu a vi hoje.

– Onde?

– Estava lá perto do próprio túmulo.

– Não me diga! – disse Sam, lançando uma bola rápida. *Strike um.*

– O que aconteceu com ela?

– Ataque do coração. Eu acho que ela morreu enquanto fazia clareamento dos dentes.

– Vai saber – disse Sam. – Era só uma questão de tempo até que o Dr. Honig matasse alguém com aquele bafo fedido. – Seu arremesso voou alto, e Charlie pulou para alcançá-lo. *Bola um.* No seu arremesso seguinte, Sam levantou a perna e disparou outra bola rápida. *Strike dois.*

– E como a Srta. Phipps está lidando com a coisa? – ele disse.

– Está difícil. Ela ainda está atordoada com o que aconteceu.

– Atordoar, que palavra estranha – disse Sam, abrindo um sorriso.

– Provavelmente ela ficou assustada com o quanto você engordou. – Charlie não conseguiu evitar o riso. Seu irmão sempre brincava com as palavras.

– E a maquiagem dela, estava espalhada por tudo que é lugar? – perguntou Sam.

– Estava.

– Eca. Esse novo preparador de cadáveres usa muita porcária nos

rostos. Ele deixa todo mundo com cara de palhaço – uma bola curva, baixa e fora de alcance. *Bola dois*. – Quando a Srta. Phipps vai atravessar?

– Não sei ao certo. O marido dela, Walter, está do outro lado. Lembra-se dele? Aquele senhor sem o dedão do pé?

– Meu Deus – disse Sam. – Eu lembro, uma anchova azul que estava no fundo do barco mordeu e arrancou o dedão dele. Lembra que dava pra ver o cotoco saindo da sandália dele? Era nojento.

Bola rápida no chão. *Bola três*. Uma contagem total. Duas andorinhas azuis voaram velozmente pelo campo, em pequenos círculos. A brisa do oceano soprava na colina e ziguezagueava pelas lápides até chegar ao playground.

– Vamos lá, Sam – disse Charlie, socando sua luva. – Três a dois, um placar cheio. Agora é a minha vez de lançar a bola.

– Lá vai! – Ele se levantou, chutou e arremessou uma bola em espiral que dançou pelo ar e, com um movimento característico, quase parou em meio ao seu voo, pairando no ar como se o tempo tivesse parado. Sam estalou os dedos e a bola voou novamente, fazendo um *looping* perfeito antes de chegar às mãos de Charlie.

– *Striiiiiiiiike* três! – gritou Charlie.

Eles jogaram até ficar muito escuro para verem alguma coisa, contando as histórias sobre o que cada um deles havia feito durante o dia. Sendo um espírito, Sam poderia ter passado por qualquer lugar que quisesse, viajado por Alfa Centauri, na Via Láctea, brilhando como um arco-íris sob os lagos de Killarney, visto o sol se pôr sobre a Grande Barreira de Corais, e passeado com a lua por sobre Macchu Picchu. As possibilidades eram verdadeiramente infinitas. O universo conhecido, com seus quarenta bilhões de galáxias, poderia ser o seu playground. E o céu esperava por ele também.

Mas Sam havia sacrificado tudo isso. Ele passava seus dias e noites aventurando-se por Marblehead, sentado atrás da base principal nos jogos de beisebol da liga mirim, arriscando uma espiadela nas páginas da revista *Maxim* na banca do Howard, e andando de skate na pista

mais íngreme de Gingerbread Hill.

– Vai – disse Sam –, vamos nadar antes que fique tarde. Você não me pega!

Sam correu para o meio das árvores com Oscar e Charlie atrás. A noite havia quase caído por completo, e as sombras estavam ficando mais longas. Era a sensação mais reconfortante do mundo – como havia sido durante todos aqueles anos na Alameda Cloutman, e como sempre seria.

Aconteceu rápido demais para que ela conseguisse se proteger. Tess se viu repentinamente prensada no teto do seu barco, com água invadindo a cabine ao redor da sua cabeça. O equipamento de rádio se chocou contra as paredes, e painéis e frigideiras batiam umas contra as outras. O caos reinava dentro da cabine. Do lado de fora, o oceano e o vento gritavam. Nesse momento, as luzes se apagaram.

Ela ouviu o mar bater contra o navio, mas o medo não era a coisa mais importante na sua mente. O *Querência* havia sido construído para ser capaz de se endireitar se ficasse de cabeça para baixo na água. Havia bombas hidráulicas a bordo para remover a água. No meio de toda aquela confusão, ela foi tomada por uma sensação irritantemente deliciosa – o aroma do molho italiano Newman's Own. O tubo havia obviamente se espatifado na cabine, e agora o interior do barco inteiro cheirava a salada.

Ela engatinhou pelo teto do navio, com água pelos joelhos e cotovelos, e sussurrou para o barco: “Por favor, se endireite. Vamos lá, vamos lá. Fique de cabeça para cima, por favor!”. Mas nada aconteceu, e ela se arrastou para a estação de navegação e encontrou o aparelho de emergência EPIRB2 em seu suporte. Ela detestava ter de chamar por socorro – era algo vergonhoso demais –, mas empurrou o interruptor amarelo, quebrando o lacre de segurança, e viu os LEDs piscarem. O aparelho estava enviando um sinal de socorro via satélite que apareceria em todos os radares da Guarda Costeira da Nova

Inglaterra. Repentinamente, ela não se sentiu tão só. Mas espere, ela lembrou a si mesma. O *Querência* não estava afundando, e não havia realmente a necessidade de mandar um SOS. Tink e os outros iriam lhe dar uma bela bronca por ter pedido socorro sem realmente precisar quando ela voltasse para a doca. Se o barco comesse a afundar, haveria tempo de sobra para chamar a Guarda Costeira. Então, Tess desligou o interruptor, e a luz de SOS parou de piscar.

Um minuto se passou, e depois outro. A fragrância do molho italiano estava se misturando com o cheiro sulfúrico do ácido das baterias que vazavam dos geradores de eletricidade. Por que o barco estava demorando tanto para se endireitar? O peso da quilha deveria puxar o *Querência* de volta à posição correta. A sua mente passou a analisar o pior de todos os casos. Ela se lembrou de Tony Bullimore, que teve a quilha despedaçada em alto-mar. Seu barco ficou de cabeça para baixo durante cinco dias ao sul da Austrália, enquanto afundava lentamente nas águas geladas. “Abaixo de 40 graus de latitude sul, não existe lei”, ele disse, quando foi resgatado. “Abaixo de 50 graus de latitude sul, não existe Deus.”

Tess não era uma pessoa particularmente religiosa. Ela ia à igreja de Old North aos domingos, mas o fazia porque era importante para a sua mãe. Ela havia feito amizade com o reverendo Polkinghorne e havia até construído uma ou duas velas náuticas para ele. Mas ela não gostava das convenções tradicionais da fé, e preferia exercê-la a sua própria maneira. Tess se considerava uma pessoa espiritual, e tinha sua própria relação com Deus.

Agora, com o barco virado de cabeça para baixo no Atlântico, ela se pegou rezando na escuridão. Começou pedindo perdão por sua arrogância. Ela sabia que havia assumido um grande risco. Havia sido negligente, e agora sentia vergonha. Não era assim que ela gostaria de acabar, sozinha, durante um passeio à vela no fim de semana, em uma tempestade que ela poderia ter evitado. Pediu a Deus que fosse piedoso. E ela chamou por seu pai: “Papai, por favor, me ajude. Me diga o que devo fazer”. Ele sempre a ajudara a sair de situações desesperadas. Fechou os olhos e jurou que, se conseguisse voltar ao

porto, ela nunca faria algo tão imprudente novamente. Faria as coisas de um jeito seguro na corrida ao redor do mundo. Velejaria com o grupo, mesmo que isso significasse ir mais devagar. Ela seria uma boa menina.

Sim, quando ela saísse dessa encrenca, iria direto para o Waterside e faria um juramento: iria mudar. Seu pai a havia criado para ser ousada e para aproveitar cada momento, mas ele não gostaria de ver as suas transgressões recentes. Desafiar o destino não era uma boa maneira de lidar com a morte dele.

“Me mostre o caminho para casa”, ela murmurou na escuridão rodopiante. “Pai, por favor, me ajude.”

NOVE



O dia estava cinzento como granito, e o chão estava ensopado após uma noite de chuva forte. A tempestade havia soprado uma quantidade enorme de folhas e galhos por todas as áreas gramadas. Charlie se escondeu por trás de seu capuz amarelo e olhou para o buraco que um dos seus coveiros fazia. Era um trabalho extenuante num dia normal mas, quando o chão estava encharcado e a escavadeira não conseguia manobrar sobre a lama, a situação ficava particularmente miserável para os trabalhadores. Naquele momento, para completar a situação ruim, Elihu Swett, o comissário do cemitério, havia aparecido para fazer uma inspeção do local.

— O grupo e o féretro dos Ferrente estarão aqui a qualquer momento para o enterro — disse Elihu, debaixo do seu enorme guarda-chuva. Ele era um homem pequeno e esguio, vestia um sobretudo marrom sobre um terno azul-royal canelado e galochas de borracha. Parecia que todas suas roupas vinham do departamento para meninos das lojas Filene's.

— Quanto tempo até terminarem? — ele perguntou, tomando um gole da garrafa de Mountain Dew que parecia ter metade do seu tamanho.

— Não se preocupe, estaremos prontos — disse Charlie, ajoelhando-se e olhando pela abertura. — Como está indo, Joe?

— Tudo tranquilo — disse Joe Carabino no fundo da cova. — Mas é com o Elihu que eu estou preocupado — ele piscou.

– Qual é o problema?

– Dez gramas é uma dose letal de cafeína – disse Joe, apoiando-se em sua pá. – Mais algumas garrafas de Mountain Dew e você vai bater as botas. – Ele fez uma pausa para causar um efeito dramático. – Você está se sentindo bem? Parece um pouco pálido.

Antes que Joe pudesse zombar de seus olhos vermelhos, Elihu enfiou a garrafa no bolso do seu sobretudo e foi até o seu Lincoln Continental. Hipocondríaco convicto, ele foi examinado pelos melhores médicos de Boston, e todos lhe recomendaram que procurasse outro tipo de trabalho. Ele se recusou terminantemente, e insistia em se lavar com desinfetante e até mesmo usar luvas de látex nas reuniões com os funcionários. Afinal de contas, é difícil encontrar um bom emprego em uma cidade pequena.

Com um rápido movimento, Joe pulou para fora da sepultura e cumprimentou Charlie com uma mão enlameada.

– O velho truque da dose letal de cafeína – ele disse. – Coitado do Elihu, sempre cai nessa.

Joe tinha pouco mais de 30 anos e era forte como um touro. Seu rosto surrado estava bronzeado pelo sol, e os poucos cabelos que restavam em sua cabeça estavam orgulhosamente tratados com gel e esculpidos em forma de espetos. A calvície masculina, ele gostava de dizer, era causada por excesso de testosterona, e ele tinha todos os artigos científicos que provavam seu argumento.

Joe era um dos maiores malandros de North Shore. Durante o dia, trabalhava com terra e com os mortos. À noite, perseguia mulheres para cima e para baixo em Cape Ann, com um repertório descarado de estratégias e táticas. Ele até mesmo já havia procurado por jovens viúvas nos obituários do *Marblehead Reporter*, mas não era um pervertido completo. Ele seguia um código de honra. Ficava longe das viúvas durante seis meses, no mínimo – esse era o tempo, de acordo com o que Oprah dizia, de luto.

A única outra grande devoção de Joe era a sua própria vertente de ateísmo evangélico. Não acreditar em Deus simplesmente não era

suficiente. Ele sentia que o proselitismo era seu dever. Não havia problemas desde que ele mantivesse suas atividades missionárias do lado de fora dos portões de ferro, mas Charlie já o havia flagrado resmungando “não existe céu!” ao lado de um enterro, ou “que desperdício de dinheiro!”, quando uma cruz de três metros de comprimento, laminada em ouro, fora trazida por um guindaste para decorar o alto de um mausoléu. Joe, o Ateu, era repreendido severamente, mas isso só aumentava o seu ardor.

– Qual a desculpa de hoje? – Joe perguntou quando eles finalizavam o serviço. – Que tal vir comigo para um *happy hour*? Vou levar o *Horny Toad* para Rockport. Eu conheço umas garotas que têm um bar lá. Cara, elas fazem cada coisa que você não acreditaria.

– Me ajude aqui com o aparelho para descer o caixão – disse Charlie, indo até o furgão na estrada de manutenção.

– São as irmãs Dempsey. Já ouviu falar nelas?

– Não, nunca.

– Você iria adorar Nina e Tina. Pode acreditar.

– Vamos ver o que acontece hoje.

– Sempre assim. “Vamos ver o que acontece.” Mas quando é hora de ir embora, você desaparece. A mesma história de sempre. Sabe, você deveria viver um pouco.

Charlie retirou o aparelho usado para fazer os caixões descerem para a cova do caminhão, e os dois homens o levaram pelo gramado até a sepultura. Eles o posicionaram cuidadosamente sobre o buraco. Tratava-se de uma máquina de aço inox inventada por um agente funerário chamado Abraham Frigid, que se aposentou com o dinheiro dos *royalties* e foi viver no sul da França. O aparelho era usado em todos os cemitérios do mundo para levar os mortos ao seu último local de descanso. Com cordas de nylon e um interruptor simples, um homem poderia fazer o trabalho de vários e, assim, um peso de 600 quilos pode descer suavemente para dentro da terra.

O brilhantismo da máquina do Sr. Frigid, com certeza, era o

controle da velocidade. Se fosse rápido demais, seria uma queda brusca, e a família do morto ficaria chocada. Se fosse devagar demais, a agonia prolongada seria insuportável. Essa era a eterna contribuição do Sr. Frigid: uma velocidade digna e emocionalmente aceitável de descida, governada pelos princípios galileanos da inércia e de engrenagens espirais, contrapesos de chumbo e dobradiças cuidadosamente desenhadas. Era eficiente, eficaz e relativamente indolor para todos os envolvidos.

Charlie ouviu uma buzina, e viu o cortejo de carros e um caminhão de bombeiros entrarem no cemitério. Ele sempre conseguia descobrir muitas coisas sobre um funeral simplesmente observando os veículos, as roupas, os caixões e as lápides. Belos carros do ano, um bom caixão e um monumento grande significavam que o falecido tinha dinheiro, mas o enterro de hoje não parecia ser tão elegante. Em alguns minutos, o local estaria cheio de pessoas que mantinham relações com o morto ou o conheciam. Ele e Joe haviam disposto cem cadeiras dobráveis e erguido uma tenda verde para protegê-los. Felizmente, a chuva havia parado.

— Hora de trabalhar — Charlie disse a Joe. — Vamos lá.

A cabeleira negra da diretora funerária estava tão brilhante e bem-cuidada quanto a pintura do seu novo rabecão, um lindo Cadillac.

— Como estão vocês, rapazes? — disse Myrna Doliber, fechando a porta da frente.

— Melhor do que a maioria das pessoas aqui — respondeu Charlie. Ele havia endireitado seu uniforme e enfiado as luvas no bolso de trás da calça. — E você?

— Supimpa — ela disse. — Dois filhos com catapora e a terceira com o braço quebrado. — Os ancestrais de Myrna, os Doliber, haviam sido os primeiros colonizadores a chegar à península, em 1629. Em algum ponto da sua história, eles se envolveram com os negócios funerários, e hoje tinham um monopólio sobre essa atividade que ia

das cidades de Beverly, ao norte, até Lynn, no sul. Nos dias mais movimentados, todos os Doliber eram colocados para trabalhar, até mesmo Myrna, que era conhecida como a pessoa mais supersticiosa no condado de Essex, e que mantinha uma lista crescente de sinais de desgraça, como um repuxar no olho esquerdo ou uma vespa branca dentro de casa.

– Myrna, eu vi que vieram treze carros no cortejo – disse Joe com um sorriso malandro. – Isso significa que alguém vai morrer hoje, não é?

– Pare de brincar com essas coisas, ou não vai ganhar aquela gorjeta – ela disse, caminhando até a porta traseira do rabecão. Abriu a porta e se afastou. Charlie se aproximou, soltou a trava de segurança e trouxe o caixão para o carrinho de transporte.

– Aqui está – disse Myrna, entregando um envelope para Charlie. – Não vão gastar tudo de uma vez, hein? – A maioria dos diretores funerários cobrava 100 dólares de seus clientes – ou mais – à guisa de gratificações para os funcionários do cemitério, mas só entregavam 2 dólares para cada um dos trabalhadores. Myrna era mais generosa – ela dava gorjetas de 10 dólares.

Os dois homens levaram o caixão através do gramado e pararam ao lado da sepultura. Charlie levantou o pé do caixão, que era sempre mais leve, enquanto Joe ficou com a cabeça. Era uma questão de orgulho: Joe era o funcionário mais forte de Waterside, e ele gostava de demonstrar. Eles levaram o caixão e o posicionaram sobre o aparelho que o faria descer para a cova. Estava tudo pronto para o enterro.

– Okay – disse Charlie. – Hora de descansar. Eu te encontro perto da água mais tarde.

– Afirmativo, chefia – Joe tirou um cigarro de trás da orelha e caminhou colina abaixo. Charlie foi até o topo da colina e ficou sob uma amoreira para melhor ver os procedimentos.

Portas de carro bateram, e homens e mulheres subiram a colina. Dezenas de bombeiros em uniformes de gala desceram de seus

veículos. Uma canção triste vinha das gaitas de fole. Charlie observava as lágrimas rolares pelo rosto das pessoas. Há um bom tempo, quando ele pensou que não conseguiria mais chorar a morte de seu irmão, pesquisou a biologia do choro. Ele descobriu que os músculos sobre os olhos eram os responsáveis, pressionando as glândulas lacrimais e produzindo a enxurrada. Como cada adulto continha cerca de 42 litros de água no corpo, o número de lágrimas no mundo era essencialmente infinito.

Ele olhou por sobre seu ombro uma última vez. Ele e Joe haviam feito um bom trabalho na preparação do local, camuflando a pilha de lama atrás do tapete de grama sintética e espalhando uma camada de rosas e cravos por sobre o buraco. Agora, onde estava o morto na multidão? Frequentemente, Charlie conseguia ver os mortos caminhando nas proximidades ou ao redor dos túmulos, enquanto os vivos choravam e assoavam os narizes em seus Kleenexes. Com seu brilho familiar, o falecido poderia se sentar sob uma árvore ou se apoiar no caixão para ver quem tinha vindo para o enterro: antigas namoradas, rivais do escritório, primos que não via há muito tempo. Elogios falsos poderiam provocar o morto a vociferar zombeteiramente, ou até vaiar as lágrimas teatrais. E, com mais frequência do que se esperaria, eles ficariam emocionados, ou até mesmo surpresos, com o que a sua vida havia significado para as outras pessoas.

Charlie sempre conseguia visualizar os recém-chegados. Aqueles que haviam morrido violentamente, em geral, tinham arranhões ou mancavam por causa dos ossos quebrados. Aqueles que haviam morrido por causa de doenças apareciam fracos e andavam desajeitadamente no começo, mas logo readquiriam sua força e seu equilíbrio. Charlie se lembrava do quanto Sam parecia estar muito ferido após seu enterro, mas ele havia voltado à sua aparência original em poucos dias.

Para alguns, é claro, testemunhar o seu próprio funeral era uma experiência absurdamente dolorosa. No início, eles ficavam longe. Depois, após um dia ou dois, eles apareciam no Waterside e

começavam a aceitar que o fim havia chegado. Finalmente, eles desapareciam e iam para o céu, ou para o próximo estágio, ou para qualquer lugar a que tivessem de ir em meio à eternidade.

Só dependia do quanto eles estavam dispostos a se desapegar, e em quanto tempo.

Charlie ouviu quando o padre Shattuck iniciou a cerimônia. Os poucos cabelos que ele ainda tinha estavam tão brancos quanto o seu colarinho, e haviam sido meticulosamente penteados ao redor da sua cabeça como uma aura engomada. Somente um coveiro conheceria o verdadeiro segredo daquele padre. A sua performance dramática era sempre idêntica – até mesmo as minúcias, como as pausas dramáticas no salmo 23 quando ele caminhava através do Vale da Sombra da Morte.

Eu não temeria mal algum...

E depois ele lia em Eclesiastes.

– Há uma época para cada coisa – ele entonava. – Um tempo para cada profissão na Terra. Tempo de nascer, tempo de morrer; tempo de plantar, tempo de colher o que foi plantado; tempo para chorar, tempo para rir; tempo para lamentar, tempo para dançar; tempo para buscar, tempo para perder; tempo para amar, tempo para odiar...

“E também”, pensou Charlie, “tempo para um novo material...”.

O padre Shattuck finalizou sua fala, e Don Woodfin, chefe do Corpo de Bombeiros de Revere, veio até a dianteira. Ele era um homem magro, com um grosso bigode que ia de uma bochecha até a outra. Seu quepe de gala estava pousado sobre seu corpo como um boné em um cabide para casacos.

– Em nossos 119 anos de história – ele começou –, sofremos seis mortes durante o trabalho. Estamos aqui reunidos para lamentar a sétima. – Ele inclinou a cabeça, respeitosamente. – Agradecemos a vós, Senhor, a vida de um grande homem. Somos gratos por sua devoção ao trabalho de bombeiro, sua dedicação à preservação da vida, e pela maneira que ele enfrentava o perigo.

Na primeira fila, uma mulher e o seu bebê choravam.

– Pedimos o conforto de Vossas bênçãos sobre a família dele – disse o comandante. – Que eles sejam sustentados por boas memórias, uma esperança viva, a compaixão dos amigos e o orgulho do dever cumprido. E para aqueles que continuarão a combater as chamas, nós oramos por Vossa orientação e força. Guarde-os com carinho em Vossas mãos. Amém.

Charlie notou imediatamente quando um homem se aproximou dele embaixo da árvore. Ele vestia a farda azul dos bombeiros e parecia perdido em pensamentos. Havia um leve luzir ao redor dele que esclarecia o fato: ele era o morto, e este era o seu enterro.

– Consegue me ver? – disse o homem após alguns momentos.

– Sim – sussurrou Charlie.

– Você morreu também?

– Não, ainda não.

O homem coçou seu pescoço.

– Você parece tão familiar... – ele disse. Seu rosto estava acinzentado e a sua voz estava rouca como o arranhar de cascalhos. – Espere – ele disse. – Você é o St. Cloud, não é? Charlie St. Cloud? – ele começou a tirar seu paletó, arregaçando as mangas, revelando antebraços tatuados com imagens da Virgem Maria e do Menino Jesus. – Eu sou Florio – ele disse. – Lembra-se de mim?

– Desculpe – disse Charlie. – Minha memória está um pouco confusa.

Perto da sepultura, o comandante estava invocando a prece dos bombeiros; Florio cruzou seus braços e baixou a cabeça.

Quando eu for chamado ao dever, Senhor,

Onde quer que as chamas estejam,

Me dê forças para salvar uma vida,

De qualquer idade e procedência.

O comandante fez um sinal, e Charlie foi até o mecanismo, ligando o aparelho. O caixão começou a sua descida com dignidade.

Charlie leu o nome gravado na lápide.

Florio Ferrente

Marido – Pai – Bombeiro

1954 – 2004

E foi aí que ele percebeu. Florio foi o bombeiro que havia salvado a sua vida.

O caixão tocou gentilmente o fundo da cova. Charlie puxou as correias e enfiou-as por baixo da grama sintética. E voltou para baixo da amoreira enquanto os presentes jogavam rosas por cima do caixão.

– Meu Deus – ele disse a Florio. – Lamento muito por não tê-lo reconhecido.

– Não se preocupe – disse Florio. – Foi há muito tempo, e você não estava muito bem naquela noite.

– O que aconteceu com você? Eu não fazia ideia...

– Era uma ocorrência fácil com dois quartéis de bombeiros mobilizados em uma unidade residencial – ele começou. – Nós quebramos a porta da frente com o aríete. Resgatamos uma garotinha e a sua mãe. A criança estava berrando alguma coisa sobre o seu gato e o cachorro. Então voltei para pegá-los, e o telhado desabou. – É isso aí, eu apaguei. – Ele coçou seu queixo quadrado. – Tudo isso por um cachorro e um gato. E sabe de uma coisa? Se acontecesse de novo, eu não faria nada diferente.

Florio olhou por sobre o gramado.

– Você os viu? Um gato e um cachorro? Eu podia jurar que eles estavam aqui antes. Correndo por todo o gramado com um beagle maluco.

– Isso não me surpreenderia – disse Charlie. – Pode ser que eles sigam você por algum tempo.

Bombeiros enxugavam as lágrimas dos olhos com as mangas do paletó. Alguns se agachavam em preces silenciosas. E a mulher deu alguns passos, com o bebê em seus braços.

– Minha esposa, Francesca, e o nosso filho recém-nascido – disse Florio. – Há anos que ela estava tentando engravidar, e finalmente aconteceu. Que Deus os abençoe. Não existe mulher melhor neste mundo, e o Júnior é o meu orgulho e minha alegria. – Sua voz começou a vacilar. – Só Deus sabe o que eu farei sem eles.

– Ainda está cedo para pensar nisso – disse Charlie. – Deixe o tempo fazer seu serviço.

Eles observaram a esposa de Florio e o bebê se afastarem da sepultura, passarem pelos outros, e entrarem em uma limusine. Charlie começou a encher a cova com terra, enquanto Florio observava. Monte após monte de terra. Do pó ao pó.

– Sabe – disse Florio após algum tempo –, eu pensei muito sobre você durante os anos. Eu me senti muito mal por não conseguir salvar o seu irmão. Me culpei muito por causa dele. Eu sempre imaginei o que teria acontecido com você. Casou-se? Tem filhos? O que fez com a sua preciosa vida?

Charlie mantinha seus olhos no chão.

– Não tenho esposa nem família. Eu trabalho aqui e faço trabalhos voluntários no quartel dos bombeiros.

– Sério? Você é bombeiro?

– Sou um paramédico diplomado. Eu trabalho lá algumas noites durante o mês. Eu gostaria de fazer mais, mas não dá para eu me afastar muito daqui.

— Sabe, eu fui paramédico por mais de 25 anos. Vi muita coisa, mas só duas ou três pessoas voltaram da morte como você — ele fez uma pausa. — Foi um presente de Deus, filho. Deus teve uma razão para te salvar. Um propósito, um objetivo. Já pensou sobre isso?

Um longo minuto se passou enquanto Charlie jogava mais terra no buraco. Claro que ele havia pensado no assunto. Todos os dias da sua vida ele se perguntava por que não tinha sido levado no lugar de Sam. Qual seria a razão por trás daquele ato de Deus? Qual propósito Ele tinha em mente? E Florio quebrou o silêncio novamente.

— Não se preocupe, filho — ele disse. — Às vezes demora um pouco para entender as coisas. Mas você vai ouvir o chamado. Você saberá quando for a hora. E aí você estará livre.

DEZ



Os cantos dos seus olhos e da sua boca estavam cobertos por flocos de sal ressecados do oceano. Tess esfregou o rosto e lembrou a última vez que ficara daquele jeito. Não foi uma tempestade que deixara aquelas marcas. Em vez disso, o resíduo branco fora deixado após a torrente de lágrimas que seguiu o enterro de seu pai. Naquela época, sua mãe havia esfregado os grãos de seu rosto, dizendo que eles eram uma lembrança de que as lágrimas e a água do mar haviam se misturado durante milhares de anos.

Tess também estava com uma dor de cabeça horrível, e seu corpo estava cheio de manchas negras e roxas dos hematomas que conseguira. Na verdade, negro e laranja seriam cores mais adequadas, com grandes manchas nas cores do Halloween por toda a extensão dos seus braços, quadris e coxas. Mas os vergões e as marcas de contusão pareciam não importar nesse momento. O mais importante em seu cérebro latejante era que ela havia voltado à terra firme, exatamente onde ela queria estar: no cemitério Waterside, perto do seu pai.

Ela se sentou à sombra do bordo, ao lado do túmulo. O gramado estava úmido, mas ela não se importava em se molhar um pouco. Tess havia tirado os tênis, arregaçado as barras das calças e estava se deleitando com a sensação de estar inteira. Seus dedos dos pés se agitavam na grama, e ela esticou as pernas. Olhou para a lápide de granito que marcava o nome do seu pai. Ela sabia que devia sua vida a ele. Depois daquela tempestade miserável, ele a havia guiado para casa, para o seu porto seguro.

– Sabe, eu nunca parei de conversar com você lá no meio do mar, a noite inteira – ela disse. – Acho que você deve ter me escutado.

Claro, ela não acreditava realmente que *ele* estava ali com ela, debaixo da árvore. Isso era de uma tolice incrível, como as bruxas de Salem. Seu pai não ficava zanzando pelo cemitério, esperando ela vir visitá-lo. Não, ele estava por aí, em algum lugar, uma força, uma energia, ou algo do tipo. E se houvesse um céu, ele com certeza estaria lá, tomando uma cerveja, pescando atum em algum barco celestial.

Tess deitou-se no gramado, colocou as mãos por trás da cabeça e olhou para cima, fitando as folhas cor de ferrugem. Este era o lugar onde ela se sentia mais segura em todo o mundo. O vento soprava do norte agora, e grandes nuvens parecidas com ramos de couve-flor enchiam o céu, deixando aquela tarde de uma maneira que raramente era vista, refrescante e pura, como uma maçã romana da Fazenda Brooksby.

Então, uma imagem da noite anterior tomou conta da sua mente: o *Querência* virando de cabeça para baixo, o mundo se invertendo.

– Jesus! – ela disse em voz alta, sentando-se. Esfregou um hematoma no seu antebraço. Ela definitivamente havia aprendido uma boa lição. Passar três horas no escuro dentro de um barco virado sem eletricidade ou rádio a deixara muito assustada. Agora ela tinha de cumprir a promessa feita ao seu pai.

Engatinhou pela grama e se apoiou sobre a lápide. Quando Tess encostou suas costas doloridas nela, a pedra fria causou uma boa sensação. Ela virou seu rosto e pressionou sua bochecha na superfície. Correu os dedos pelo entalhe, onde o musgo começava a nascer.

George Carroll

1941– 2002

– Eu sabia que você viria me socorrer – ela disse, sentindo as lágrimas brotarem. Esfregou os olhos e espirrou. Ela tinha uma regra

simples sobre chorar, que vinha desde a infância. Nunca deixou sua mãe nem qualquer outra pessoa a verem transtornada. Chorar era para os panacas. Mas, na frente de seu pai, as coisas eram diferentes. Quando ela estava triste, ele nunca se esquivava. Quando se sentia fraca, ele nunca vacilava. Na verdade, ele sempre fazia com que ela se sentisse mais forte. Ele a confortara zilhões de vezes, em suas decepções e desilusões. Claro, ele nem sempre aprovava suas decisões – especialmente aqueles rapazes da faculdade que falavam línguas estrangeiras e andavam de motocicleta –, mas ele nunca a julgou. Ele definitivamente não era um homem muito tranquilo, especialmente após alguns coquetéis; e ele também não era o homem mais introspectivo ou politizado do mundo, mas era a única pessoa que realmente a compreendia. Ninguém mais nunca nem chegou perto disso.

– Prometo que vou mudar – ela disse para a lápide. – Não vou mais fazer loucuras na água. Não vou mais desafiar o destino. Serei uma boa menina – ela fez uma pausa. – Eu finalmente tomei um susto daqueles.

Ela esfregou novamente o rosto, e passou os dedos pelos cabelos. Ela sentiu outro calombo na parte de trás da cabeça. *Ai!* Estava sensível ao toque. Quando isso aconteceu? Deve ter sido quando o barco virou. Os detalhes exatos da noite ainda estavam embaçados no seu cérebro, e ela ainda se sentia enjoada do balanço das ondas e da fumaça tóxica do diesel combinada com aquele molho de salada dos infernos. Ela precisava de um banho e de uma noite de sono. Olhou para suas mãos. Seu polegar estava luxado e uma unha estava quebrada. Um hematoma comprido corria por todo o seu braço. Sua mãe adoraria a imagem. Isso era tão feminino...

Tess repassou a lista de coisas que precisava fazer antes do tiro de partida na próxima semana. Sua primeira parada na manhã de segunda seria na Lynn Marine Supply, na Rua Front. Ela iria soltar os cachorros em Gus Swanson por causa daquele equipamento de sobrevivência. Era inadmissível que a água tivesse entrado pelas botas, ainda mais porque ele não dera nenhum desconto na compra.

Depois, ela teria de encarar Tink na empresa. Ela temia muito ter de passar por esse momento. Ele faria uma inquirição completa, e depois eles iriam da popa à proa para avaliar os danos. Claro, os cabos precisariam de vários ajustes. A vela para tempestades teria de ser reparada. O casco iria precisar de uma nova pintura, talvez. Sua equipe teria de fazer hora extra para fazer os consertos antes da corrida.

– Eu sei – ela disse em voz alta. – É um desperdício de trabalho e dinheiro. – Era o que realmente fazia com que ela se sentisse ainda pior. O seu pai havia deixado uma boa grana e lhe pediu que a gastasse conhecendo o mundo. Não era muito, mas ele havia feito diversos sacrifícios para poupá-la, e não ficaria feliz vendo-a torrar tudo nos reparos do barco. Ele era um marinheiro à moda antiga, que não gostava de barcos de fibra de vidro com velas de Kevlar. “Velejar”, ele gostava de zombar, “é a doce arte de ficar encharcado e doente, enquanto navegamos para lugar nenhum, de maneira lenta e custosa”. E mesmo assim, se o oceano estivesse no seu sangue – e os dois eram quase idênticos quimicamente, ele gostava de lembrá-la – você não vai resistir a ir para o mar, não importa o quanto custe, ou mesmo que não haja vento por vários dias.

Ela se sentou em silêncio por alguns momentos, e podia até mesmo ouvir a sua voz. Meu Deus, como ele gargalhava com suas próprias piadas. Ele dava tapas nos joelhos, apertava os olhos, e seu rosto e pescoço ficavam vermelhos quando ele ria. Era apenas um som distante na sua mente agora, células cinzentas esfregando-se umas contra as outras, mas a lembrança fez com que tudo parecesse estar certo. Ela esperou por mais alguns momentos, querendo ouvir mais do riso de seu pai – um pouco mais daquela sensação que vinha de algum lugar de dentro dela. E repentinamente ela ouviu o ronco de um motor e um zunido forte. Parecia uma serra elétrica. E vinha do outro lado da colina.

Tess levantou-se em um salto, e o riso de seu pai havia se perdido. Ela andou até a origem do som para ver o que estava causando aquela barulheira.

O que você fez com a sua preciosa vida? As palavras de Florio haviam ficado no ar por um longo tempo após ele partir para o quartel dos bombeiros para participar da recepção com queijos e vinhos em sua memória. Não importava quais tarefas houvesse para distrair Charlie, a pergunta o perseguia. No terreno da família Dalrymple, ele misturou e despejou o alicerce de cimento para uma nova lápide, e procurou por respostas. No Monte da Memória, ele cortou em pedaços um carvalho que havia caído com a tempestade, e ficou pensando. O que ele havia feito com a sua segunda chance?

Ele observou uma revoada de gansos decolar em uma bela formação em V, grasnando ao passar pelos topos das árvores, circulando o cemitério uma vez, e sobrevoando o ancoradouro depois. Uma coisa era certa: ele havia passado muito tempo da sua vida lutando contra essas criaturas malignas. Sim, pintores vinham a Waterside para capturar sua imagem em óleo sobre tela. Velhas senhoras apareciam para alimentar os filhotes com sacos de migalhas. Mal sabiam elas que aquelas aves eram uma praga pública. Elas devoravam a grama, bicavam as flores, sujavam os monumentos e até mesmo atacavam os visitantes.

Nessa bela tarde, Charlie estava sentado em um banco à beira do lago com Joe, o Ateu, que havia inventado uma maneira engenhosa de espantar os malditos gansos. Envolvia ativar uma esquadra de barcos motorizados de controle remoto.

– PT-109, pronto para o ataque – disse Joe.

A mente de Charlie estava em outro lugar.

– Você acha que algum dia vai chegar a fazer algo importante com a sua vida? – perguntou ele.

– Do que você está falando? Isto aqui é importante – disse Joe. – Nós temos um trabalho a fazer. – Ele olhava o lago com um par de binóculos militares e colocou uma caixa metálica com um *joystick* no seu colo.

– Estou falando sério. Você acha que a sua vida vai ter importância? Você acha que Deus tem um plano para você?

– Deus? – disse Joe. – Você está tirando um sarro com a minha cara, não é? Eu acredito em sorte. É só isso. Você tem, ou você não tem. Lembra o que aconteceu no ano passado? Eu deixei de ganhar aquele prêmio de 34 milhões da loteria de Massachusetts por causa de um único dígito. Você acha que Deus tinha algo a ver com aquilo? De jeito nenhum. – Ele balançou a cabeça. – Algum dia eu vou ganhar. Até que isso aconteça, estarei aqui, pegando no seu pé. – Ele sorriu e se inclinou para frente. – Olhe! Mais um esquadrão de gansos a duas horas, perto da Ilha da Solidão – ele disse. – Capitão Joe requisitando autorização para atacar.

– Autorização concedida – disse Charlie.

Joe empurrou a alavanca de controle para frente. Um barcopatrolha cinza deslizou rapidamente na direção das aves. O motor zuniu alto e uma buzina tocou.

– Sessenta metros e se aproximando – ele disse, olhando pelos binóculos. – Velocidade de 0,08 nós. Alvo na mira.

E, como sempre, o navio de controle remoto funcionava perfeitamente. Em pânico, os gansos deslizavam por sobre a água, decolavam com algumas batidas de asas e subiam por cima das copas das árvores. O pequeno barco se inclinou fortemente, deslizando perto da borda do lago e jogando uma onda de espuma para o alto. E Charlie viu uma jovem mulher em pé do outro lado do lago. Ela parecia estar gritando, mas as suas palavras eram abafadas pelo zunido do motor do barco. Ele a reconheceu – era Tess Carroll, a fabricante de velas náuticas.

– Eu te encontro mais tarde – ele disse a Joe, que estava concentrado em manobrar o PT-109 de volta a sua pequena doca.

– Afirmativo, comandante – ele disse.

Charlie subiu no carro da manutenção e manobrou ao redor do lago, em direção a Tess. Ela era quase uma celebridade na cidade e, verdade seja dita, ele a havia admirado de longe. Eles estiveram na escola na

mesma época, mas ela era dois anos mais nova. Tess sempre se destacava, vencendo corridas na semana da vela ou fazendo campanhas contra as emissões de óxido nitroso e óxido sulfúrico pelas termoelétricas de Salem, o que chegava a intimidar as outras pessoas. Há dois anos, Charlie tinha enterrado o pai dela, e ela vinha toda semana prestar suas homenagens a ele. Ela estava sempre sozinha, ou com seu golden retriever e nunca queria ser importunada. Joe, o Ateu, havia tentado algumas vezes, mas fora xingado e espezinhado, e Charlie sabia que devia ficar longe.

Mas lá estava ela agora, estonteante em um jeans e uma camisa social, caminhando ao longo da trilha, bem na sua direção, seu rabo-de-cavalo balançando por trás da cabeça. Ele passou a mão pelos cabelos, esfregou seu rosto para garantir que nenhum resto do almoço permanecesse grudado, e freou o carro. Ele balançou a camisa para tirar as migalhas de pão que estavam sobre o peito, colocou a camisa para dentro da calça, desceu do carro e a encarou. E, quando as primeiras palavras se formaram nos seus lábios, uma forte pontada de timidez o atingiu profundamente. Essa sensação desconfortável e embaraçosa não era novidade – ela aparecia toda vez que uma mulher jovem aparecia no cemitério, especialmente uma que fosse tão atraente.

Charlie nem teve chance. Antes que ele conseguisse dizer olá, Tess vociferou em fúria.

– Pelo amor de Deus! – ela disse. – Vocês realmente precisam fazer essa bandalheira toda? Uma pessoa vem aqui procurando um pouco de paz e sossego, e o que ela encontra? A invasão da Normandia!

– Na verdade, é o nosso programa de gerenciamento de gansos – disse Charlie, mas a frase soou engraçada assim que saiu de seus lábios.

– Programa de gerenciamento de gansos? – Tess mal conseguiu

segurar a gargalhada.

— Sim — ele disse, reflexivamente. — A população de gansos canadenses... — Ele parou no meio da frase. Ela olhava diretamente para ele, com o mais belo dos sorrisos.

— Não, não, continue — ela disse. — Estou fascinada. Me fale mais sobre a população de gansos canadenses. — Ela torceu a ponta do rabo de cavalo com uma das mãos e inclinou a cabeça de lado. Aquela sensação estava crescendo dentro de Charlie, uma mistura efervescente de atração e timidez.

— Ah, deixe-me começar de novo. Perdoe-me pelo barulho. Às vezes a gente se empolga por aqui — ele sorriu. — Meu nome é Charlie...

— St. Cloud — ela disse. — Eu me lembro. Não é um nome típico de Marblehead, certo?

— Não — ele disse, espantado porque ela o reconhecia. — É de Minnesota. Uma longa história.

— Ótimo. Eu adoro histórias.

— Você é Tess Carroll, aquela que vai dar a volta ao mundo — ele disse, talvez com um pouco mais de entusiasmo do que deveria. Ele havia lido sobre ela havia pouco tempo no *Reporter*. Um artigo na primeira página descrevia sua corrida solo, e uma foto colorida mostrava-a no *cockpit* do seu Aerodyne 38. — Você tem um belo barco — ele disse. Assim que a frase saiu da sua boca, ele se xingou por não conseguir dizer nada mais inteligente ou charmoso.

— Obrigada — ela disse, afastando uma mecha de cabelo dos olhos. Charlie viu que a unha dela estava com uma mancha preta, um dos perigos do tipo de trabalho que ela fazia.

— Você veleja? — ela perguntou. — Não me lembro de ter visto você na água.

— Eu costumava velejar. Sabe, os Otimistas, os 110... Nada de mais — Charlie sentiu aquela sensação desconfortável. — Olhe, lamento por termos a incomodado. Não vai acontecer de novo.

– Não se preocupe com isso – ela fez uma careta. – Estou sendo muito inconveniente hoje. Estou com uma dor de cabeça horrível. – Ela esfregou a testa, e o sol refletiu em seus olhos.

Charlie vivia em um mundo verdejante, cercado por todos os tons imagináveis de verde mas, mesmo com todo o musgo, as gramíneas e as plantas que havia por ali, ele sabia de uma coisa: os olhos dela eram a imagem da perfeição. Claros como limas nas bordas, ficando vivos como esmeraldas em direção ao centro. Transfixado, ele se ouviu dizendo exatamente o oposto do que desejava:

– Preciso ir agora. Vou deixar você em paz.

– Por que a pressa? Vai atacar os coitados dos gansos de novo?

Charlie riu.

– Achei que você quisesse um pouco de sossego, só isso.

– Agora está melhor.

Charlie sentiu que ela o olhava de cima a baixo, e ele ficou envergonhado por causa da lama em suas botas e das manchas nas suas calças.

– Sabe – ela disse –, meu pai está enterrado aqui. No alto daquela colina. – Ela apontou. – A vista é muito bonita naquele lugar.

Sem mais uma palavra, ela se virou e andou em direção à colina, seu rabo-de-cavalo balançando com os seus movimentos. Charlie não tinha certeza se deveria segui-la. Será que ela o havia convidado para dar uma olhada? Ou ela teria terminado a conversa? Todos os seus instintos diziam que ele deveria voltar ao trabalho. Charlie não tinha razão para sair correndo atrás de Tess Carroll. Mas ele percebeu que estava correndo até o alto do morro para alcançá-la. Ao chegar ao topo, ela já havia se sentado na grama. Suas pernas estavam esticadas, e ela olhava para baixo, em direção ao porto onde os barcos se alinhavam na direção nordeste. Ao longe, um pescador tirou uma armadilha de lagosta da água, usando um bastão com um gancho na ponta.

– Parece que Tim Bird pescou uma carga grande hoje – ela disse.
– A popa do barco dele está baixa na água.

– Seu pai pescava lagostas também, não é? – perguntou Charlie.

Ela olhou para ele.

– Sim, como você sabe?

Charlie não tinha certeza se devia falar. Ele não queria parecer estranho, mas ele se lembrava de cada função que havia desempenhado no cemitério, e lembrava-se de cada elogio.

– Como você sabe sobre o meu pai?

– Eu estava trabalhando no dia do enterro dele.

– Oh – Tess se inclinou para a frente e colocou as mãos no rosto. Ela esfregou a testa e alisou o cabelo. – Meu Deus, eu estava tão atordoada. Mal me lembro do que aconteceu.

Mas Charlie lembrava-se perfeitamente do funeral, e do fato de que o morto não havia aparecido no cemitério. Não era algo muito surpreendente; muitas pessoas preferiam ascender imediatamente ao próximo nível, sem nem parar em Waterside.

Ele estudou o rosto de Tess. As lembranças estavam voltando agora. Ela era o tipo de garota que ele namorara havia muito tempo, quando tudo parecia ser possível. Ela também era o tipo de mulher que ele nunca encontrou no cemitério. Ela tinha tudo a seu favor – uma empresa de sucesso, um veleiro de 38 pés, e aqueles olhos verdes.

E, de qualquer forma... ela não parecia intimidá-lo tanto assim. Ela era mais adorável, mais real do que qualquer pessoa que ele havia conhecido em vários anos. A sensação dentro dele estava sob controle, e ele estava começando a se sentir mais seguro.

– Olha, isso pode parecer estranho – ele disse –, mas eu adorei o que você leu naquele dia.

– O que eu li?

– Você sabe. Aquele poema que você recitou ao lado da sepultura.

– Você se lembra?

– Era *Mergulhe em busca dos sonhos*, de e. e. cummings.

– O favorito do meu pai – ela disse.

– Eu fui atrás do poema no dia seguinte – ele fez uma pausa, e recitou algumas linhas.

confie em seu coração

se os mares explodirem em chamas

(e viva pelo amor

mesmo que as estrelas se movam para trás)

– ...e viva pelo amor – ela repetiu –, *mesmo que as estrelas se movam para trás*.

– É lindo – disse Charlie –, mas ninguém realmente sabe o que significa.

– Nem eu.

Seu rosto relaxou, seus olhos brilharam e seus lábios se curvaram em um sorriso. Ela se deitou de costas e deixou escapar uma risada, que ecoou pelo cemitério. Charlie teve a certeza de que era o melhor som que ele já ouvira em muito tempo.

E então ela se deitou de lado, olhando fixamente para ele, e disse:

– Então, Charlie St. Cloud, o que um cara como você está fazendo num lugar como este?

Era obra do destino ela se interessar por um rapaz bonito bem na semana em que iria sair da cidade. Era assim que sempre acontecia. Seu *timing* era sempre o pior possível, ou então os rapazes de que ela gostava é que eram pouco mais do que uns moscas-mortas. Tess queria viver por amor, mas as estrelas nunca se moviam para trás para ela, e elas definitivamente não se alinhavam com a possibilidade de um romance.

Ela não tinha sorte nos assuntos do coração, nunca tivera, nunca teria, e essa era a maior razão pela qual queria deixar a cidade. Para ela, velejar era algo muito fácil, mas relacionamentos não. De alguma forma, dominar o vento sempre foi mais fácil do que domar homens rebeldes.

E, mesmo assim, ela estava deitada na grama e estava – talvez – gostando deste moço, Charlie. Era estranho. Ela havia morado em Marblehead todos estes anos e nunca havia realmente reparado nele até hoje. Claro, ela o vira com seu uniforme azul, mas ele sempre pareceu um pouco tímido, preferindo os cantos mais escuros dos bares e restaurantes locais. Na escola, todos conheciam os irmãos St. Cloud. Eles eram os irmãos mais promissores do condado de Essex, até que o mais velho matou o mais novo na ponte General Edwards. Foi um acidente, uma verdadeira tragédia, e as pessoas diziam que Charlie nunca conseguiu superar a perda.

Mas aqui no cemitério ele parecia perfeitamente bem. Tudo bem, ele trabalhava em um cemitério, e isso era meio estranho, mas ele era divertido, gentil e muito bonito, mesmo que de um jeito meio rústico. Seus braços e ombros eram sólidos, e ele obviamente havia trabalhado duro naquela manhã. Sua camisa estava molhada com o suor do esforço, suas mãos estavam um pouco enlameadas, havia restos de grama no seu cabelo, mas muito pouca gente seria capaz de recitar um poema de Cummings. Havia uma gentileza nele, uma doçura. E havia também o jeito que ele olhava para ela.

– Charlie? – ela disse. – Pare de me olhar desse jeito e responda a minha pergunta.

Ele piscou.

– Que pergunta?

– O que você está fazendo aqui? Por que trabalhar num cemitério?

– E por que não? É melhor do que trabalhar em um escritório. Eu fico o dia todo ao ar livre e, além disso, eu tomo conta da propriedade. É divertido ser chefe, sabe? – Ele puxou uma folha de capim do chão, colocou-a entre seus dedos, juntou as mãos em concha

e soprou. O capim sibilou de maneira estranha, e de repente as árvores pareceram ganhar vida. Esse cara era demais. Um Paul Bunyan trabalhando no cemitério. Até mesmo os pássaros cantavam para ele.

Ela apanhou algumas folhas do capim, e as segurou perto do rosto.

– Adoro este cheiro.

– Eu também.

– Podiam engarrafar e vender.

– Tudo do que você precisa é de hexanol, metanol, butanona e...

– Certo, certo. Você conversa com os pássaros, conhece os compostos químicos na grama... você é de verdade?

Charlie riu.

– Claro que sou. Tão real quanto você.

Tess estudou a covinha na bochecha dele. A franja que lhe caía por cima dos olhos. A pequena cicatriz inclinada em sua têmpora. Ele era real, tudo bem. Mas ela se perguntava a respeito dele, e este mundo à parte onde ele trabalhava.

– E o que você diz de todas essas pessoas mortas?

– O que você quer saber sobre eles?

– Você não acha meio assustador, assim, trabalhar aqui todos os dias?

Ele riu.

– De forma alguma. Hospitais e asilos lidam com a morte. Funerárias também. Mas aqui é diferente. Waterside é um parque. Quando os mortos chegam aqui, eles estão em caixões e urnas, e nós nem chegamos perto deles.

Tess tirou o elástico que prendia o seu rabo-de-cavalo. Ela deixou o cabelo cair por sobre os ombros. A sua dor de cabeça ainda estava lá, e ela estava um pouco grogue por causa da falta de sono, mas também estava se sentindo mais relaxada. Ela gostava do timbre profundo da voz de Charlie. Ela queria saber mais, então ela continuou a

perguntar:

- E o seu irmão?
- Meu irmão? Como assim?

Era quase imperceptível, mas ela sentiu que ele se retraía.

- Ele está enterrado aqui, não está? É por isso que você está aqui?

Charlie deu de ombros.

– É o meu trabalho – ele disse. – Paga minhas contas e é melhor do que ficar num escritório vendendo seguros, se é que você me entende. – Tess observava os olhos dele. Ela sabia que a sua resposta era só uma camuflagem. Não era apenas um emprego. Ele não estava ali só para conseguir o dinheiro do aluguel.

– Escute – ele disse –, preciso voltar ao trabalho. Foi legal conversar com você.

– Ei, desculpe, não queria me intrometer na sua vida. Eu e a minha boca grande.

– Acredite, não tem nada de errado com a sua boca – ele disse. – Talvez a gente possa conversar sobre ela alguma outra hora.

Tess ficou de pé e olhou para Charlie. Ele tinha mais de um metro e oitenta. Ela queria tirar-lhe a mancha da testa e as folhas dos ombros. Mas, de repente, a intrépida marinheira não sabia para onde deveria navegar.

– Eu gostaria muito – disse ela. – Alguma outra hora.

– Ah, boa sorte com a sua viagem – ele disse.

– Obrigada – ela respondeu. – Espero ver você de novo quando eu voltar.

– Voltar?

– Você sabe, eu vou partir para a corrida dentro de alguns dias.

Ela observou o rosto dele de perto. A sua testa se enrugou, e então ele a surpreendeu.

– Olhe, se você não tiver nenhum outro plano, que tal jantar esta

noite? Eu farei peixe grelhado.

– Você cozinha, também?

– Nada de muito sofisticado.

Tess não conseguiu impedir o reflexo.

– Você sempre paquera mulheres no cemitério?

– Só se elas forem do tipo que ainda respiram.

Tess sorriu. Ela gostava da audácia dele, e sabia exatamente o que queria.

– Eu adoraria – ela disse.

– Quer que eu traga alguma coisa?

– Não se preocupe, eu tenho tudo de que preciso. Você bebe cerveja ou vinho?

– Adivinhe.

Era um teste fácil.

Sem hesitar, ele disse:

– Cerveja Sam Adams, certo?

– Perfeito.

– Eu moro ali perto da floresta – disse Charlie, apontando para a casa com telhado de madeira com uma chaminé de tijolos, aninhada perto das árvores. – Encontro você no portão da frente. Às 20 horas, pode ser?

– Temos um encontro, então.

Tess ouviu as palavras “temos um encontro”, e não conseguiu evitar a risada. Charlie acenou, depois caminhou até o seu carro, deixando-a sozinha na colina. Durante meses, ela havia se blindado do mundo com as preparações para a corrida. Ela havia recusado todos os convites e se esquivado de todas as cantadas. Ela era a última pessoa no mundo que poderia sair para um encontro nesta noite.

Ela se ajoelhou ao lado do túmulo do seu pai e colocou uma mão

sobre a pedra. Deus, a vida era estranha. Talvez seu pai realmente estivesse cuidando dela. Ele ouviu suas preces em meio à tempestade. Ele a ajudou a chegar em casa. E talvez ele fosse a razão pela qual ela tivesse aceitado o convite de Charlie St. Cloud.

“Pai”, ela sussurrou para o vento. “Obrigada.”

ONZE



O céu manchado de rosa e roxo dizia a Charlie que ele estava encrencado.

Durante anos, Charlie havia organizado sua vida cuidadosamente em função do encontro com Sam ao pôr do sol, e não havia margem para erros. Ele sabia que, naquela noite, tinha até exatamente às 18h51, o momento preciso do crepúsculo civil, quando o centro do disco solar descia seis graus abaixo da linha do horizonte e o playground secreto ficaria às escuras. Isso lhe dava 21 minutos para correr no seu velho Rambler '66 para pegar os filés de peixe-espada na Lobster Company, em Little Harbor, e depois zarpar para o outro lado da cidade para pegar ingredientes para a salada e sobremesa no Crosby's.

Seria por pouco.

Ele pensava em Tess em pé no alto da colina e não conseguiu acreditar na sua presença de espírito. Ele havia convidado a moça para jantar na sua casa, e os olhos verdes dela se iluminaram quando ela disse sim. Joe, o Ateu, ficaria espantado. Será que ele já esteve com uma mulher como aquela, tão cheia de brios e tão orgulhosa? Apenas falar com ela fez com que ele se sentisse mais vivo.

“Relaxe, você só passou quinze minutos com ela”, disse Charlie a si mesmo. Ele era um homem pragmático em todos os aspectos, incluindo o seu coração. Ele tinha de ser. Em sua vida governada pelo sol poente, não havia espaço para se empolgar com as coisas.

Realmente, fazia quatro anos desde que ele havia se envolvido com outra pessoa. Becca Blint fora sua última namorada. Eles haviam se conhecido no Pub, em Landing, na Noite da Cerveja, e haviam se encantado durante alguns goles de Angkor Extra Stout do Camboja. Ela era uma professora primária em Peabody, divertida, insinuante e mais velha. Ela definitivamente havia lhe ensinado uma coisa ou duas durante o verão que passaram juntos, correndo por entre os esguichadores do jardim, nadando nus na represa, e aconchegando-se nos braços um do outro na casa da floresta. Mas, quando o outono chegou, Becca queria viajar nos fins de semana para ver as folhas mudarem de cor, ou usar os bônus do seu programa de milhagem, ir a Paris e visitar o cemitério Père-Lachaise, onde estava enterrado Jim Morrison.

Charlie nunca lhe contou o segredo que guardava a respeito de Sam, e logo a sua necessidade de estar no cemitério todas as noites ao pôr do sol havia se tornado ridícula para ela. Quando ele esgotara suas desculpas e ficara exausto pela insistência irritante dela, ele tentou relaxar um pouco a regra do pôr do sol. Não aconteceu nada de mal, e então ele tentou empurrar o limite um pouco mais. Uma noite, ele chegou ao playground quando já havia escurecido, e percebeu que Sam havia começado ficar mais etéreo, mais insubstancial. No início, a mudança era quase imperceptível, mas logo ficou assustadoramente óbvio que ele estava perdendo seu dom. A dureza dos fatos era que, quanto mais ele vivesse em um dos mundos, menos ele conseguia ver o outro.

Então ele traçou o limite, voltou aos seus hábitos antigos, e recusava-se a discutir o assunto com Becca. Quando o ano-novo chegou, ela terminou o namoro. Charlie encontrou um bilhete colado no volante do carro de manutenção do cemitério: *Estou farta desse cemitério — ela havia escrito — e terminei minha relação com os mortos-vivos. É uma pena que não consegui libertar você.*

Doeu vê-la partir, mas a escolha entre Sam e Becca era óbvia. Ele não conseguia enxergar a possibilidade de um acordo. Depois de Becca, ele se protegeu trabalhando de maneira cada vez mais dura e

evitando qualquer tipo de contato mais íntimo, especialmente do tipo feminino.

Ele mantinha a aparência alegre e descuidada, e sempre tinha uma piada ou uma história na ponta da língua. Mas, quando o assunto era relacionamentos verdadeiros, ele havia se tornado o mestre da esquiva. Ele sabotava todas as oportunidades e, todas as noites, ele se lembrava da razão pela qual fazia isso. Ele havia tirado a vida de Sam, sendo assim, Charlie não merecia amor ou felicidade.

A lógica era irrefutável.

Agora, esse novo e assustador pensamento estava soando todos os alarmes. Tess significava encrenca. Se qualquer pessoa poderia virar seu mundo cuidadosamente organizado de cabeça para baixo, seria ela.

Ele alinhou o Rambler com a vaga de estacionamento na Rua Orne, olhou para o céu e verificou o relógio. Dezessete minutos ainda. Ele saiu do carro e viu uma mulher atlética em um abrigo esportivo cor de vinho, que conduzia um grupo de turistas para fora de Little Harbor, a enseada rochosa onde os pescadores e construtores de barco faziam seus negócios há séculos.

Droga. Onde ele poderia se esconder?

– Senhoras e senhores – ela declamou –, por favor, percebam como as nossas chaminés se inclinam para o leste. Estão vendo? Daquele lado? – ela apontou para uma chaminé de fábrica inclinada. – Isso aconteceu por causa do sol, que fez com que a argamassa secasse dessa maneira.

Fraffie Chapman era a historiadora da cidade e diretora da estimada Comissão Histórica do Distrito. Nenhum cidadão podia acrescentar um beiral ou uma sacada, ou até mesmo cobrir uma trilha com tijolos sem a aprovação prévia do grupo de Fraffie. Seu nariz arqueado era forte, seu cabelo branco, armado, e ela se parecia muito com um de seus ancestrais diretos: o próprio George Washington, que havia visitado Marblehead duas vezes.

– Vejam aquela cor – ela dizia, extasiada, apontando com a sua

bengala para a porta de uma casa antiga. – Lindo! Azul autêntico. Da mesma cor do azul colonial original! – Ela deu mais alguns passos. – Por aqui, por favor. Agora, estão vendo aquelas janelas lá em cima? Eu nem suporto olhar. – Ela cobriu os olhos, num terror simulado. – Elas são realmente ofensivas para mim. Persianas não eram usadas no século XVIII. Elas viraram moda no início do século XIX. Assim, a Comissão Histórica do Distrito exige que os proprietários removam essas monstruosidades. – Charlie riu sozinho. Para muitos moradores da cidade, a Comissão Histórica estava mais para Comissão “Histérica”.

– Alguma pergunta? – gritou Fraffie, mas os visitantes recuaram, assustados. Ela se virou e foi em direção a Charlie. – Marblehead é uma cidade feita com madeira, não com tijolos e pedra – ela declarou, para ninguém em particular. – Não deixaremos que os forasteiros transformem isso em uma Disneylândia. Não, de forma alguma!

Charlie atravessou a rua para se esconder atrás de uma Ford Explorer. Talvez ele conseguisse evitá-la. Mas foi aí que ele ouviu a voz penetrante da mulher.

– Estou vendo você, St. Cloud! Você não pode se esconder de mim!

Ela franziu a testa, inclinou a cabeça e foi em direção a ele.

– É melhor cortar aqueles arbustos em West Shore. Estou falando sério desta vez! Dê um jeito neles ou enfrente a minha ira!

Charlie preferia deixar as folhagens e as moitas crescerem naturalmente. Elas faziam com que a entrada parecesse mais natural. Mas ele não tinha tempo para discutir. A pouca luz do fim da tarde refletida na água lhe dizia que o sol já estava abaixo da copa das árvores.

– Aqueles arbustos não são históricos – disse Fraffie. – Eles são uma praga. Vou lhe dar só mais esta chance. Ou você põe tudo aquilo abaixo, ou entraremos em guerra.

Charlie imaginou a mulher atirando nele com o seu próprio mosquete, ou retalhando-o com um sabre. Ele preparou o seu tom

mais delicado.

— Vou ver o que posso fazer. Agora, por favor, me dê licença. Estou com pressa.

Fraffie voltou-se para seu grupo e apontou a bengala para a orla.

— Aquela é a ilha de Gerry, perto do porto. Elbridge Gerry foi o filho mais famoso de Marblehead. Ele foi vice-presidente dos Estados Unidos em 1813, e nós colocamos o seu nome em uma escola, uma rua e em uma associação de bombeiros veteranos...

Fraffie se afastou, resmungando contra telhados do tipo meia-água e chaminés geminadas. Charlie desceu a rua correndo e entrou pela porta do Lobster Company, com seu sinal na janela: CRIANÇAS DESACOMPANHADAS SERÃO VENDIDAS COMO ESCRAVAS. Ele entrou e sentiu o cheiro forte de peixe e salmoura. Grandes tanques cheios de lagostas borbulhavam no meio do salão. O piso de concreto estava molhado com a água que respingava das bordas. Quando criança, ele adorava apertar o rosto contra o vidro úmido dos aquários e ver os crustáceos brigando.

Na caixa registradora, um homem pálido, usando um terno de risca de giz, retirava o seu pedido. Pete Kiley havia jogado na segunda base no time da escola na época do ensino médio, e hoje era sócio em um elegante escritório de advocacia em Boston. Ele e Charlie haviam feito mais jogadas duplas do que qualquer dupla de defesa na história de Marblehead. Agora, Pete e sua família moravam no Neck, em uma casa cara e espaçosa, e passavam as férias na França e na Itália.

— Hey — disse Pete, virando-se. — Macacos me mordam se não é o jogador número 24... Charlie St...

A rotina era sempre a mesma, onde quer que eles se encontrassem, e Charlie sabia que o propósito era sempre quebrar o gelo. Pete havia feito algo com a sua vida, havia se tornado alguém, mas Charlie não. Porém, a verdade é que a tentativa de Pete de lembrar os dias de glória da dupla só piorava as coisas.

— Desculpe não poder ficar e conversar — disse Pete, girando as chaves do seu BMW —, mas a minha esposa está me esperando no

carro. — Ele deu um tapinha no ombro de Charlie. — Me ligue qualquer dia, e aí jantaremos juntos. Faz muito tempo, não é?

— Com certeza — disse Charlie, acompanhando a saída de Pete com os olhos. Claro que ele nunca ligaria.

— Aquele rapaz está ganhando muito dinheiro — uma velha voz disse por trás do balcão. — A minha opinião é de que os ricos deveriam pagar mais impostos. — Bowdy Cartwright era o proprietário da Lobster Company desde sempre. Ele era um homem gordo, com uma papada imensa sob o queixo, que divertiu gerações de crianças com a sua inacreditável imitação de baiacu. — O que você vai querer hoje? — ele perguntou. — Temos um bom arenque para ensopados e ostras para caldos ou para cozinhar no vapor...

— Dois filés de peixe-espada, uns trezentos gramas cada.

— Ah, estão ótimos. Acabaram de chegar do barco que veio de Grand Banks.

Uma jovem mulher saiu de uma das salas do fundo da loja. Margie Cartwright afastou os longos cabelos loiros para o lado e deu um sorriso contornado pelo batom vermelho. Ela foi direto à caixa registradora, inclinou-se e aproximou seu rosto dele.

— Venha aqui, Charlie. Dê um beijo na sua ex.

Há muito tempo, antes de Charlie ter arruinado tudo, Margie era a sua namoradinha. Ela era um ano mais velha. Ele estava no segundo ano, ela, no terceiro, e eles se encontraram na noite congelante do Dia de Ação de Graças, no grande jogo contra Swampscott. Ela era uma das animadoras de torcida que insistia em usar saia curta e suéter, independente do tempo que estivesse fazendo. Afinal de contas, dizia ela, meninas com pompons não combinavam com jaquetas e calças. O romance entre eles era inocente; passavam as noites conversando e comendo frango à parmezziana na Casa da Pizza. Então aconteceu o acidente, e Charlie se retraiu. Nem toda a animação de torcida do mundo conseguia animá-lo. Margie tentou de tudo para trazê-lo de volta, mas ele se afastou definitivamente.

Charlie se inclinou para a frente e beijou seu rosto.

– É isso aí, garoto – ela disse, piscando os cílios. Charlie sentiu o aroma do perfume Chloe que ela usava. De várias maneiras, Margie não havia abandonado seus anos de glória. Seus longos cabelos loiros continuavam do mesmo jeito, e ela usava um suéter rosa justo, uma minissaia preta e botas de cano alto. Por todo o litoral, os pescadores conheciam seu nome e os seus trajes, a sua única forma de protesto contra ter de passar sua vida na peixaria da família.

– E então? O que você vai cozinhar hoje à noite?

– Ah, nada de mais.

– Aqui está – disse Bowdy, entregando um saco de papel a Charlie.

– São dois filés de peixe-espada, Margie. Um pouco mais de meio quilo.

– Dois filés? Sério? – disse Margie, arqueando uma sobrancelha cuidadosamente pinçada. – Peixe para dois?

– Uh...

– Vamos lá, Charlie. Quem é ela? Talvez eu possa ajudar, falando bem de você.

Charlie deixou uma nota de 20 dólares no balcão.

– Desculpe, Margie. Preciso correr. Me ligue, por favor.

– Seu sem graça. Qual o motivo para guardar segredo? Você sabe que vou acabar descobrindo. É melhor me contar.

Charlie ponderou por um momento. Ela tinha razão. A sua poderosa rede de espiões iria lhe contar tudo dentro de alguns dias. Qual era o problema em contar para ela? Ela sabia dos padres de todos na cidade. Pensando bem, ela poderia até mesmo ajudar.

Ele olhou para o relógio – ainda tinha 11 minutos –, e decidiu esquecer a salada e a sobremesa do Crosby's. Se ele improvisasse alguma coisa em casa e criasse algo com o que tinha lá, ele ainda teria alguns minutos para obter algumas informações valiosas. Então, ele se inclinou conspiratoriamente para frente e disse.

– Jura que não vai contar para ninguém?

– Juro pelo meu coração católico.

– Certo – ele disse, falando mais baixo. – O que você sabe sobre Tess Carroll?

DOZE



“Vovó, a senhora está me ouvindo? Vovó?”

Tess se inclinou para frente e olhou fundo nos gentis olhos verdes da sua avó. A mulher idosa estava sentada em uma poltrona marrom próxima a uma janela no lar para idosos Lar Devereux. Tess havia caminhado até lá desde o cemitério, e sentira imediatamente que o cheiro dos medicamentos e de desinfetante estava mais forte do que nunca no longo corredor verde que levava ao quarto 216.

— Vovó, sou eu — disse Tess. — Você não vai acreditar. Eu acho que acabei de conhecer um rapaz fantástico!

Sua avó piscou os olhos e olhou fixamente para a TV. O aparelho mostrava uma reprise de *Walker, Texas Ranger*, à qual ela tinha o hábito de assistir todos os dias. A sua mão enrugada tateou em busca da caixinha de suco de laranja com um canudo que estava ao lado. Ela tomou um gole do suco, sem dizer uma palavra.

Tess tinha o mesmo nome de Theresa Francis Carroll, e ela sempre pôde contar com os cuidados e a sabedoria de sua avó quando trombava com alguma das inescapáveis barreiras da vida. De fato, ela veio se consolar com a sua avó depois que Scotty McLaughlin terminou o namoro na noite de Ano Novo do ano 2000, bem no meio do Corinthian Club. A vida nunca foi fácil para a avó, uma eterna romântica. Aos 19 anos, ela se casou com um galante pescador de lagostas da cidade rival de Nahant, e já havia engravidado quando ele

desapareceu durante uma tempestade. “Ninguém se comparava a ele”, ela dizia a Tess, e assim, apesar de uma longa lista de pretendentes, nunca se casou de novo. A sua história de vida, repetida dezenas de vezes, sempre fazia Tess chorar. “Espere pelo seu verdadeiro amor”, aconselhava a avó. “Nunca desista.”

Com a avó, Tess havia aprendido o que significava ser uma sobrevivente. Para sustentar seu filho pequeno, Theresa foi trabalhar nas fábricas de sapatos em Lynn. Toda sua vida fora uma eterna luta e, aos 86 anos, depois de 11 anos de batalha contra um câncer de pulmão, ainda existia força dentro dela. Por duas vezes, os médicos tomaram medidas extremas para tirá-la das garras da morte, e a cada vez restava menos dela. Agora, uma pequena placa ao lado da sua cama dizia laconicamente – NR – NÃO RESSUSCITAR.

E mesmo assim, na mente de Tess, a avó ainda era indomável. Ela era uma democrata convicta, que guardava uma página amassada e amarelada do *Boston Globe* com uma foto dos três irmãos Kennedy sobre a sua estante. Ela adorava fofocar sobre os homens da cidade e insistia – escandalosamente – em fumar seus cigarros Marlboro, mesmo depois da sua saúde ter se esvaído.

Havia dias em que ela reconhecia Tess. Mas, na maioria das vezes, ela a confundia com sua irmã mais velha, que havia falecido no dia em que George Bush derrotou Michael Dukakis por 325 votos no colégio eleitoral. Às vezes, parecia que ela nem conseguia enxergar Tess. Ela simplesmente olhava para o nada com aqueles olhos serenos. Seu único apego à dignidade era a sua insistência em usar um chapéu colorido todos os dias e bijuterias coloridas da loja de \$1,99.

Agora ela se sentava imóvel em sua poltrona, murmurando e olhando pela janela.

– O que você está olhando lá fora? – perguntou Tess. Aquela janela no Lar Devereux dava direto para um estacionamento, onde Tess avistou um pássaro sobre uma cerca. – Está olhando para aquela andorinha? É isso?

A avó sorriu, fechou os olhos por um momento, e depois voltou a

abri-los.

— E então, o que tem feito de bom? — perguntou Tess. — O Sr. Purdy ainda está lhe perseguindo no salão de recreação? Você me disse que ele é um pervertido de primeira. — Novamente, silêncio.

Então era assim que tudo acabava. Uma longa vida, e agora isso? Anos sozinha em uma ilusão. Tess jurou que ela não deixaria aquilo lhe acontecer. Ela terminaria a vida em triunfo. Ela não iria se deixar enfraquecer lentamente, até o inevitável fim. Era a pior coisa que poderia lhe acontecer.

— Vovó, eu vim para dizer adeus — disse Tess. — A senhora se lembra? Eu vou partir em uma longa viagem ao redor do mundo. — Ela fez uma pausa e olhou para o colar de contas da sua avó. — Eu lhe trarei joias do Oriente. Que tal?

Os lábios de Theresa se arquearam para cima. Havia um pequeno luzir em seus olhos. Será que ela conseguia ao menos ouvir o que a neta dizia?

— Você sabe que eu estou aqui, não sabe? — disse Tess. — Você sabe que estou bem aqui ao seu lado.

O quarto ficou em silêncio. A boca de Theresa se agitou levemente, suas rugas se irradiaram, e ela finalmente falou com uma voz firme:

— Claro que sei.

Era a primeira vez em muitos meses que ela havia reconhecido a presença da neta. Tess estava em choque.

— Você está bem, querida?

Tess não conseguiu encontrar palavras.

Os olhos da avó se focaram na neta.

— Está tudo bem, minha querida. Tudo vai ficar bem, e nós vamos nos encontrar em breve.

Então, as pálpebras de Theresa se fecharam, e sua cabeça se inclinou levemente. Logo ela estava roncando suavemente. Tess levantou-se e beijou a face da avó, que estava coberta com uma fina

camada de pó de arroz.

— Eu te amo — ela disse. — Nos veremos em breve.

TREZE



Charlie se soltou da corda e voou pelo ar. Ele segurou os joelhos e caiu na água fria. Com algumas batidas de perna, nadou até o fundo da pequena lagoa e agarrou-se à pedra para se manter submerso, escutando o som das bolhas de ar e do seu coração.

Ele havia chegado à floresta com poucos segundos de folga, mas agora, pela primeira vez, sentia sensações estranhas por estar lá. Ideias conflitantes rodopiavam em sua mente: ele imaginava pegar o barco de Joe e levar Tess para um passeio ao pôr do sol pelo ancoradouro, desenvolver uma boa garrafa de vinho, e depois ir até Manchester para jantar.

Mas não era uma escolha possível. Ele tinha de manter uma promessa, e executar um ritual. Primeiro, ele e Sam jogaram beisebol na clareira. Depois, eles pularam na pequena lagoa que Charlie havia cavado com suas próprias mãos havia alguns anos. Charlie copiara cada detalhe da lagoa de Cat Island. As dimensões eram as mesmas; a corda trançada era quase idêntica, e o imenso nó em sua ponta dava três voltas. Aqueles dias no acampamento de verão do YMCA foram os melhores, cheios de tardes correndo atrás de marrecos e gaivotas, e fins de tarde mergulhando pela corda da tirolesa.

Quando seus pulmões começaram a queimar, ele se soltou da pedra, apoiou as pernas e tomou impulso até a superfície, rasgando a água com um grande estrondo, assim, quando as ondulações diminuíram, ele ouviu a voz de Sam na margem:

– Um minuto e 22 segundos! Charlie St. Cloud quebra o recorde de Waterside! – seu irmão estava sem camisa, sentado sobre um tronco com Oscar, que se coçava. Havia pulgas após a morte, também.

O sol se pusera havia pouco na Floresta das Sombras, e raios suaves de luz violeta eram filtrados pela árvores. Charlie saiu da lagoa e enrolou uma toalha ao redor dos ombros. Sua bermuda ensopada estava folgada ao redor da sua cintura, abaixo da linha dos quadris. A barra tocava-lhe os joelhos, onde o emaranhado das cicatrizes do acidente marcava a sua pele. Ele passou as mãos pelo tórax e pela barriga, tirando o excesso de água, e balançou o cabelo, que respingou em Oscar.

– Você viu o Pequeno Tom lá embaixo? – perguntou Sam.

– Que nada – disse Charlie. – Nenhum sinal dele. – O Pequeno Tom era a tartaruga que morava na lagoa. Há treze anos, os garotos a tiraram do pequeno aquário ao lado da caixa registradora no Animal Krackers, de Gloucester. Quando Charlie se mudou para o Waterside, acabou trazendo Tom também. Com bastante comida e a sua própria lagoa, ele havia se tornado um gigante.

Sam coçou a cabeça.

– Você acha que ele conheceu uma tartaruga bonita e fugiu com ela?

– Duvido.

– Você não o culparia por isso, não é? – disse Sam. – É uma lagoa muito pequena para uma tartaruga daquele tamanho.

Charlie olhou para o relógio. Tess chegaria aos portões de ferro em 60 minutos. Ele sabia que tinha de voltar para casa, esconder as pilhas de jornais, colocar os pratos na lava-louças e acender as brasas.

– Hora de um último mergulho – disse Charlie. – Vai lá, garoto.

Com um braço desajeitado, Sam foi até a corda. Ele usava bermudas jeans também, assim como seu irmão mais velho, e era tão magro que seus ossos e articulações se destacavam sob a pele – cotovelos, joelhos, ombros e tornozelos.

– Me dê um empurrão.

Charlie fez o que o irmão pediu, e Sam deslizou velozmente por sobre a água, jogando os pés para cima. No momento certo, ele se soltou. Como uma pluma ao vento, ele ascendeu cada vez mais, desafiando a gravidade. E então girou numa pirueta de 540 graus, uma manobra extremamente arriscada que havia visto na transmissão dos Summer X Games, da ESPN.

Splash.

Ele desapareceu debaixo d'água por um longo momento, e quando finalmente voltou, estava com um grande sorriso no rosto.

– O Pequeno Tom mandou dizer “oi”. Ele está bem, e não vai fugir para lugar nenhum. – Sam saiu da lagoa e pegou sua toalha. – Quer tentar um salto mortal?

– De jeito nenhum. Muito difícil.

– Medroso.

– Medroso? Você é o cara que sabe voar.

– Vai, não seja covarde – disse Sam. – É fácil. Eu mostro como fazer. Não vai matar você.

– Não – disse Charlie. – Pra mim chega por hoje. – Ele vestiu um moletom do Salem State Vikings.

– O que está acontecendo com você hoje? – disse Sam. – A gente mal jogou beisebol, e você já está indo embora?

– Não é nada.

– Ah, claro, eu acredito. Você está todo esquisito.

– Não estou não.

– Está sim.

– Chega, Sam.

Charlie calçou um dos pés com um tênis de corrida e amarrou os cadarços. Ele detestava ser impaciente com seu irmão, mas ele estava cansado daquela velha rotina.

Os olhos de Sam se arregalaram.

– Espere um minuto! É uma garota, não é? Você conheceu uma garota! Você vai ter um encontro hoje!

– Do que você está falando?

– Seu mentiroso! – disse Sam, com os olhos castanhos cheios de alegria. – Fale a verdade. Resistir é inútil. Qual é o nome dela?

Charlie calçou o outro pé com o tênis e tentou uma tática evasiva.

– Eu tenho uma nova indicação para a composição do melhor time de todos os tempos dos Red Sox – ele começou. – Luis Tiant deveria estar na nossa lista, com Boggs, Yastrzemski, Garciaparra, Young...

– Boa tentativa – interrompeu Sam. – Você acha que eu vou cair nessa? – Ele sorriu triunfantemente. – Conte tudo! Qual é o nome dela?

– Dá um tempo – disse Charlie.

Mas, como qualquer garoto de 12 anos que sabia ser muito inconveniente se assim quisesse, Sam não iria parar.

– Você deve gostar mesmo dela se quer tanto escondê-la.

Naquele momento, Charlie fez um cálculo rápido. Ele sabia como aquelas conversas sempre terminavam. Acima de tudo, ele percebeu que chegaria em casa mais rápido se simplesmente se rendesse ao interrogatório.

– O nome dela é Tess – ele disse, finalmente.

– Tess? Só Tess? Sem sobrenome?

– Tess Carroll.

– E o que mais?

– Ela fabrica velas náuticas. O pai dela morreu há alguns anos de ataque cardíaco.

Sam estava sentado bem ao lado dele no tronco. Ele olhou fixamente para o irmão, e perguntou:

– Ela gosta dos Red Sox?

– Ainda não sei.

– Então qual é o problema? Do que você está com medo?

– Não estou com medo de nada – outra mentira. É claro que ele estava apavorado.

Sam sorriu e vestiu sua camiseta.

– Posso fazer um reconhecimento se você quiser. Ver se ela tem namorado.

– Margie Cartwright disse que ela está solteira.

– Como eu posso ajudar, então?

– Ficando fora desse assunto – o tom da voz de Charlie era firme.

– Ah, o que há? Não posso me divertir um pouco? Você sabe, tipo, olhar a gaveta de roupa íntima dela.

– Não, Sam. Nada de espionar a gaveta das calcinhas – ele olhou para o relógio. – Ei, está tarde. É melhor eu ir. – Ele se levantou do tronco. – Lembre-se – disse ele –, nada de travessuras. Fique longe de Tess e não chegue perto de casa esta noite.

– Relaxe, você está muito ansioso – disse Sam, segurando na corda e apoiando os pés sobre o nó. – Eu prometo que não vou deixar o lugar fedendo.

– Mas peidar é a sua especialidade.

– Peidar, verbo – disse Sam com um sorriso. – Rima com “nada com que você precise se preocupar”. – E novamente ele riu. – Me dê um empurrão, irmãozão.

Mais uma vez, Charlie fez como o irmão pediu, e Sam deslizou por cima da pequena lagoa. Ele deslizou pela corda para frente e para trás algumas vezes, ganhando velocidade. E então, no momento exato, ele se soltou.

– Até mais tarde.

Charlie piscou, Sam desapareceu, e tudo que restou na Floresta das Sombras foram a luz que se esvaía e o sibilar do vento.

QUATORZE



Tink já havia devorado um pote inteiro de sorvete Chubby Hubby, e estava na metade de um sanduíche de três andares de mortadela, queijo suíço e repolho. Uma garrafa gigante de Dr. Pepper diet, a única coisa que lembrava algo parecido com controle de peso, estava com os restos do seu lanche no banco do parque Crocker. O cachorro de Tess, Bobo, se espreguiçava no gramado, roendo o conteúdo de um saco de biscoitos de polvilho.

Ele viera descansar aqui, na elevação acima do ancoradouro, enquanto o dia se transformava em noite. Uma hora antes, ele havia passado por Lookout Court para dar uma olhada na casa de Tess enquanto ela estava fora e certificar-se de que tudo estava bem. Ele entrou pela porta da frente, que estava sempre destrancada, e viu o redemoinho típico da presença dela. Tênis de corrida emplastados de barro jogados no chão, um sutiã de corrida pendurado na maçaneta da porta da cozinha, pratos e panelas que imploravam para serem lavados empilhados na pia e Bobo ganindo, pedindo para sair de casa.

Assim, como sempre fazia, Tink levou o golden retriever para o parque. Aquele era o resumo da sua vida nos dias de hoje. Jogos de beisebol do time do colégio com os amigos. Filmes no shopping Liberty Tree, em Danvers. Longas noites em uma banquetta do Maddie's. E sempre o bom e velho Bobo.

Agora, a noite de sábado já estava quase chegando, e uma vez mais, ele não tinha muito para fazer. Em alguns fins de semana, ele

conseguia fazer com que Tess lhe preparasse uma refeição quando dizia estar com fome. Se ela estivesse em casa, sempre deixava que ele entrasse e eles acabavam cozinhando juntos, alugando algum filme com Steve McQueen, e vadiando no sofá felpudo da sala de estar. Sim, ela sempre queimava tudo que tentava cozinhar, mas ele não se importava. Simplesmente gostava de estar perto dela.

Por um lado, Tess era como uma irmã mais nova. Ela era o tipo de garota que precisava de um irmão mais velho para mantê-la na linha. Ela era mais inteligente que qualquer pessoa e tão forte quanto um marinheiro, mais do que qualquer pessoa que ele havia conhecido. Mas também precisava de uma âncora depois da morte de seu pai, e ele estava se esforçando ao máximo para ajudá-la com isso.

Para ser totalmente honesto, desde que os dois se conheceram na Feira de Topsfield, ele havia lutado contra a forte atração que sentia por ela. Na época, ele tinha alguma fama na região por apresentar a previsão do tempo na TV, e estava trabalhando como voluntário em uma barraca para levantar dinheiro para o *Jimmy Fund*³ – sentado em uma prancha que se abria abaixo dele caso alguém conseguisse acertar uma bola no meio do alvo. Uma linda mulher com longos cabelos castanhos havia lançado três bolas, e as três acertaram direto no alvo, jogando-o para dentro do tanque de águas turvas. Depois de se secar, ele ficou determinado em conhecer a garota com aquela pontaria certa.

Isso fora há quatro anos, antes que ele fosse escorraçado da emissora de televisão pelo seu comentário inspirado sobre a apresentadora esquelética. Tess havia escrito à emissora em nome dele; eles haviam se tornado bons amigos, e ele acabou trabalhando para ela em sua empresa de velas náuticas. A cada minuto de cada dia, ele tentava disfarçar a sua paixão, sempre esperando que Tess se apaixonasse por ele. Ele até tentou perder alguns quilos para fazer com que ela percebesse, e chegou, inclusive, a largar do seu amado Chubby Hubby. No final, entretanto, não foi a barriga que atrapalhou as suas intenções. Com relação a homens, Tess era um mistério. Não havia como se aproximar dela. Ela era um espírito livre, e ele convivia

de maneira desconfortável com o seu desejo.

Bobo estava olhando para o seu sanduíche de três andares, e Tink puxou uma fatia de mortadela e jogou para o cão.

– E então, o que a garota vai fazer? – ele perguntou. – Será que ela vai ter um encontro hoje? – O cão latiu. – Vai saber, né.

Tink detestava pensar que essa seria a sua vida durante aqueles tantos meses em que Tess estaria navegando ao redor do mundo. Ele se levantou do banco, passou a mão na barba para limpar a mostarda que lhe havia salpicado os pelos, e ajeitou a camisa de flanela.

– Hora de ir embora, garoto – ele disse, puxando a coleira de Bobo. Tink jogou as embalagens em uma lixeira, e os dois desceram pela Rua Darling. Adiante, ele viu o trânsito pesado da noite de sábado na Rua Washington. Caminhou ladeira acima em direção ao Abbott Hall, cortou caminho pelo meio da praça, e viu uma bela mulher em frente a uma casa no tradicional estilo colonial.

La-Dee-Da Channing estava sentada no alpendre, lixando suas unhas, absorta com a sua revista *InStyle*. Uma bela echarpe verde cobria a sua cabeça, e ela usava óculos escuros *Jackie O*, mesmo que fosse ao entardecer. La-Dee-Da tinha um desejo de ser atriz que não deixava que as suas obrigações no escritório da administração portuária a impedissem de se vestir como se estivesse em Hollywood.

– Boa noite – disse Tink.

La-Dee-Da nem se deu ao trabalho de olhar para ele.

– Brad e Jennifer fazem ioga Bikram juntos.

– Hein?

– Brad Pitt e Jennifer Aniston. Todos os astros fazem ioga em uma sala aquecida.

– Ninguém mais gosta de correr?

La-Dee-Da tirou os olhos da revista e olhou para a barriga dele.

– É o que estou percebendo.

– Ui – disse ele, dando um tapinha no seu gigantesco abdômen.

– Você está bonito hoje – ela disse. – Parece até que tomou banho.

– Obrigado – disse Tink, sentindo seu peito se estufar. – Todo mundo toma banho aos sábados.

– Menos você – ela riu. – Bobo! – Ela se inclinou para frente, em direção ao retriever. – Aqui, garoto.

Tink se encolheu um pouco.

– Você vai ao Maddie’s esta noite?

– Só se você pagar a conta.

– Faço qualquer coisa por você, La.

– Oh, que fofo – ela abaixou os óculos e o olhou por um longo momento com seus olhos castanhos. Quando parecia não haver esperança para a noite, Tink vislumbrou uma pequena esperança. – Te vejo no Maddie’s então – disse ele, puxando a coleira de Bobo. – Talvez depois do bar a gente possa experimentar aquele negócio de iogurte que você comentou.

– Ioga, sua besta!

– Eu serei o Bob e você pode ser a Jennifer.

– Brad – ela riu. – Melhor se cuidar ou pode acabar se machucando.

– Ah, é impossível. Você não tem ideia do que esta pilha de amor ardente sabe fazer – ele disse. – Espere só, você vai ficar maluquinha.

QUINZE



Tess estava se sentindo estufada e até mesmo um pouco bêbada, mas concordou em tomar outra garrafa de Sam Adams. Seu apetite havia voltado, e a bebida fez com que sua dor de cabeça diminuísse. Ela ainda sentia as pernas um pouco amortecidas por causa da tempestade, mas Charlie havia cuidado de todos os preparativos para o jantar, e ela estava desfrutando cada momento. O seu peixe-espada grelhado com tomates e alcaparras estava sublime, e a salada de beterraba e laranja, deliciosa. Ela definitivamente não tinha mais espaço para a sobremesa em seu estômago, mas daria um jeito.

Eles estavam sentados ao redor de uma pequena mesa redonda no canto da sala de estar. As luzes eram suaves, uma tora crepitava na lareira, e duas velas emolduravam o rosto dele. Charlie estava contando a história do seu sobrenome, que vinha de St. Cloud, Minnesota, a cidade às margens do rio Mississippi onde sua mãe havia nascido e de onde ela escapou assim que conseguiu. “O primeiro St. Cloud”, ele explicou, “foi um príncipe francês do século VI que renunciou ao mundo para servir a Deus depois que seus irmãos foram assassinados por um tio cruel.” Tess observava a boca de Charlie se mover e escutava sua bela e profunda voz. Então, sem pausa alguma, ele já estava falando sobre alguma coisa chamada nefologia, a ciência que estudava as nuvens, que vinha da palavra grega *nephos*. “Havia nove tipos de nuvens”, ele dizia, “cada uma definida por uma aparência e uma altitude específicas.” Ele tinha montes de fatos esquisitos e fascinantes, e seu cérebro funcionava velozmente, fazendo

as conexões mais inusitadas que se pode imaginar. Ela bebia sua cerveja com calma, olhava fixamente nos olhos dele, escutava um pouco mais, e então, sentiu que suas barreiras começavam a desmoronar.

Tess sempre detestou homens que tentavam impressioná-la com encontros caros em Boston, em restaurantes cinco estrelas com seus manobristas. Eles pediam vinhos de safras antigas, tagarelavam sobre trufas brancas e balbuciavam sem parar sobre si mesmos com a esperança ridícula de levá-la para a cama. Eles eram previsíveis, falsos e entediantes.

Charlie era diferente. Ele era como um animal raro e exótico – de uma raça mais mansa e sofisticada do que as criaturas com as quais ela cresceu. Havia também algo que deixava a noite mais confortável. Para começar, ela não tinha visto nenhum livro de receitas. Ele fez tudo sozinho – gratinar, flambar, marinar e todas aquelas outras atividades complicadas da cozinha sobre as quais ela nada sabia. Mas o que mais lhe chamou a atenção não era o que Charlie tinha a dizer sobre as formações de nuvens do tipo cirros-estratos; era o seu jeito de escutar. Ele parecia absorver cada palavra que ela dizia e, esta noite, sentindo-se tão confortável como ela estava, havia muitas para dizer.

– Eu realmente adorei o nome do seu barco – ele dizia. – *Querência*, certo?

– Sim – ela disse. – Você fala espanhol?

– Não, mas eu li um livro sobre touradas uma vez. Não é aquele lugar na arena onde o touro se sente protegido e seguro?

– Exatamente – ela disse. – Às vezes é um lugar ao sol. Outras vezes, à sombra. É para onde o touro vai entre um ataque e outro. É como uma fortaleza invisível, o único local seguro.

– Assim como o seu barco.

– Isso. E como Marblehead também.

Logo, Tess queria que Charlie soubesse tudo a seu respeito. Queria que ele soubesse como ela havia quebrado o braço andando de

bicicleta na Causeway quando tinha 11 anos. Queria que ele soubesse como Willy Grace, seu primeiro namorado, a enganara com uma proposta para observar as estrelas na ilha Brown, quando na verdade ele tinha muitas outras coisas em mente. Queria que ele soubesse como ela sempre gostou de dançar abraçada ao som da parte mais rápida de “Stairway to Heaven”. E queria que ele soubesse mais sobre o pai dela que, de algum modo, parecia estar bem mais próximo hoje do que jamais esteve.

Sim, Tess sentia uma rara ligação com Charlie, que era ao mesmo tempo emocionante e assustadora. A cada momento, ela tinha consciência de que perdia um pouco mais do seu controle, e isso não era nada bom. Sentia que tudo que vinha dele era como uma suave corrente marítima que a puxava cada vez mais para o fundo. Mas ela iria partir em menos de uma semana, e nenhum rapaz iria afundá-la – mesmo que fosse um homem lindo, um ótimo cozinheiro e um ouvinte compreensivo.

– Quer a sobremesa?

– Por acaso eu tenho cara de que recuso sobremesas?

– Está saindo – ele disse, recolhendo os pratos.

– É melhor que seja das boas – ela se sentou na cadeira e admirou a maneira com que ele caminhava para a cozinha. Ele estava usando um jeans Levi’s, e ela conseguiu visualizar os impressionantes contornos dos deltoides e dos tríceps de Charlie por baixo do blusão.

– Tem certeza de que não precisa de ajuda? Eu me sinto uma inútil, jogada aqui.

– Faça algo de útil e troque o CD, então.

– Algum pedido em especial?

– Não, é um teste.

Tess procurou pelo aparelho de som. A sala era maravilhosamente escura e aconchegante. Vigas rústicas cruzavam o teto. Mapas antigos e fotografias em preto e branco decoravam as paredes. Havia pilhas de livros por toda a parte – enfiados em prateleiras, empilhados no chão,

ou amontoados sobre móveis antigos de madeira e couro. O lugar parecia um esconderijo secreto, tão seguro e confortável que ninguém iria querer sair dali.

Em uma estante no canto, o aparelho de som estava tocando blues – um som de guitarra vagamente familiar, talvez Muddy Waters, mas isso parecia previsível demais para ele. Ela tinha certeza de que ele havia escolhido algo especial e diferente para a noite, mesmo que ela não fosse sofisticada o bastante para reconhecer o que era.

Observando os estojos de CDs, ela se sentiu um pouco pressionada. E se ele não gostasse do que ela escolhesse? Tess observou o que havia por ali, todas as últimas novidades: Cornershop, Wilco, Magnetic Fields. Viu Jayhawks e colocou o álbum *Hollywood Town Hall* no aparelho. A banda de Minnesota pareceu ser a escolha certa: não muito previsível ou barulhenta, com algumas canções suaves.

– Nada mal. Pode continuar aqui em casa – disse Charlie, vindo da cozinha com um bolo de chocolate e uma vela.

– Nossa! Mas para que isso tudo?

– Seu aniversário.

– Mas é só em fevereiro.

– Setembro, fevereiro, tanto faz. Eu achei que devíamos celebrar mais cedo porque você vai embora – ele segurou o bolo para que ela pudesse soprar a vela.

Naquele momento, Tess quase derreteu, mas algo dentro dela lhe disse para permanecer na defensiva. Aceitou com cuidado a medida. Ele estava em pé ali, alto e charmoso, com a vela refletindo nos seus olhos. A sua covinha dançava em uma bochecha, e o bolo parecia uma miniatura em suas mãos grandes.

– Vamos lá – ele disse. – O que você está esperando? Faça um pedido!

Será que ele estava zombando dela? Ninguém na Terra era assim tão doce. Ela respirou fundo, desejou que ele fosse tão perfeito quanto parecia ser, e estava quase soprando a vela quando ele explodiu em

uma gargalhada.

– Você caiu direitinho, hein? – disse ele.

Tess não conseguiu evitar o riso.

– É, caí – ela disse. E enfiou um dedo na cobertura. – Fale a verdade. Para quem é esse bolo?

– É o aniversário do dia em que Ted Williams fez a sua marca de 406.

– Está brincando.

– Nada disso – disse Charlie, colocando o bolo sobre a mesa. – Nesta semana, em 1941, Teddy Ballgame participou de dois jogos e chegou a seis por oito. E o cara tinha só 23 anos.

– Oh, não – ela disse. – Um fã dos Red Sox.

– Você não é?

– Eu detesto beisebol. É um tédio só. Eu chamo de chatobol. Você sabe, eles simplesmente ficam lá durante nove *innings*. Eu gosto mais de futebol americano, e especialmente dos Patriots.

– Sério? – disse ele, incrédulo. – Eu nunca imaginaria que você gosta de caras sem pescoço.

– Ah, adoro, e quanto mais peludos, melhor.

Com aquela situação, Tess finalmente se sentiu aliviada. Eles não concordavam em tudo, e isso trazia um tipo curioso de conforto. Ele não era perfeito. Futebol americano *versus* beisebol. Claro, era uma coisa trivial, mas não era realmente isso que importava. Então ela percebeu que estava prestando atenção – em geral, não ligava muito para o que os homens pensavam sobre as coisas. Mas aqui estava ela, lamentando não ter prestado atenção aos resultados dos Sox desde que seu pai havia morrido.

Ele lhe passou um pedaço de bolo e ela deu uma mordida. Ela fechou os olhos e ficou em silêncio.

– Ficou bom? Eu não tive muito tempo e fiz o bolo correndo.

– É, acho que dá pra comer – ela disse, rolando o chocolate por cima da língua. Ela estava se deliciando com o bolo – e com Charlie. Finalmente, ela sorriu. – Está delicioso. Como tudo nesta noite. – Ela parou, observou a sua garrafa de Sam Adams e percebeu que quem falou esta última frase foi a cerveja.

– Você gosta de cozinhar? – perguntou Charlie.

– Não, eu gosto de comer – ela disse, saboreando devagar outro pedaço. – Eu faço uma gelatina ótima, e sou especialista em macarrão instantâneo, mas sou uma inútil na cozinha se precisar fazer qualquer outra coisa. – Uma terceira mordida. – A pior parte de velejar sozinha é a comida. Aquelas rações secas são um horror.

– Vá com calma. Eu só fiz um bolo.

Ela sorriu. Por que até mesmo a sobremesa tinha um gosto diferente esta noite? Talvez fosse por causa de Charlie, um cara que deixava até a comida mais saborosa.

– E então, onde você aprendeu a cozinhar? – ela disse. – Sua mãe o ensinou? – A pergunta tinha uma armadilha oculta: se ele fosse o filhinho da mamãe, isso poderia revelar um pouco mais sobre ele.

– Isso mesmo, com a minha mãe – ele disse, sem hesitar. – Eu liguei para ela no Oregon para pedir umas ideias para esta noite. E sabe o que mais? Ela ficou escandalizada porque eu decidi que não a levaria para jantar fora no nosso primeiro encontro. Ela me disse que era um grande erro, e que eu poderia causar uma intoxicação alimentar em você. – Ele piscou. – Graças a Deus, eu nem sempre dou ouvidos ao que ela diz.

– Calma aí. Eu acho que meu estômago não está muito bem.

– Ouvi dizer que álcool mata qualquer parasita. Quer outra cerveja?

– Está tentando me deixar bêbada?

– Claro que estou – ele disse, desaparecendo novamente pela porta da cozinha.

– Bem, eu consigo comer e beber mais do que você. Traga tudo –

ela disse. Ele havia sido aprovado em outro teste. Não tinha vergonha da mãe, mas também parecia haver uma distância respeitosa entre eles, e isso deve ter sido difícil de reconhecer após o acidente.

– Mas o que a sua mãe está fazendo no Oregon?

– Ela se mudou para lá logo depois do acidente – lembrou-se Charlie. – Ela não queria ter de conviver com as recordações. Ela tem uma nova vida agora. Está casada e com enteados.

– Ela largou você aqui? Deixou você para trás?

– Não, eu é que não quis ir. Então morei com a família Ingalls por um tempo até me formar. E de lá para cá estou por conta própria.

Tess levantou-se da mesa, caminhou até um canto escuro da sala com mapas na parede, e acendeu um abajur. Os mapas estavam cheios de alfinetes, mostrando as estradas e as águas do lado leste do litoral. Tess percebeu estranhos círculos concêntricos desenhados cuidadosamente em cada um. Os anéis se expandiam a partir de Marblehead e alcançavam Nova York e Canadá. Ao lado dos mapas, havia tabelas listando os horários exatos do nascer e do pôr do sol para cada um dos dias do mês.

– Para que servem esses mapas? – ela perguntou quando Charlie retornou. Pousou um dedo em um dos círculos. – Eu sei que tem algo a ver com a distância, mas não consigo entender exatamente o quê.

– É só um projeto que eu tenho – ele disse, dando-lhe uma cerveja e indo ao outro lado da sala. – Por que não me fala mais da sua viagem?

– O que você quer saber?

– Para começar, que tal a rota?

– Bom, eu começo no cais de Boston na sexta, depois sigo para o sul em direção ao Caribe, até passar pelo Canal do Panamá.

– Me mostre – ele estava em frente a um mapa antigo por trás de uma moldura de vidro. Tess andou até ele. Ela estava sentindo um pouco de calor. Decidiu tirar o seu blusão e jogá-lo sobre o sofá. Ela estava usando uma camiseta regata branca por baixo, e reparou que

ele acompanhava com os olhos os movimentos da sua mão enquanto ela ajeitava a alça do sutiã que estava aparecendo. Ela deu mais alguns passos e parou ao lado dele.

– Você está mancando – ele disse. Era uma tentativa charmosa de disfarçar a indiscrição.

– Levei umas bordoadas no meu último passeio.

– É por isso que você está com esses hematomas nos braços?

– Pois é. O barco sacudiu bastante.

Eles ficaram ali por um longo tempo, a poucos centímetros de distância um do outro, e Tess traçou sua rota pelo Pacífico. Ela pôde sentir a respiração dele na sua nuca enquanto apontava paradas distantes como as Marquesas, as ilhas Tuamotu, Tonga e Fiji. Então ele se aproximou mais, quase tocando o corpo dela enquanto ela mostrava a rota passando ao norte da Austrália, atravessando o Oceano Índico até Durban, e finalmente contornando o Cabo da Boa Esperança em direção ao Atlântico Sul, onde os ventos a trariam de volta para casa.

– É uma longa rota para se fazer sozinha – ele disse. – Acho que eu não teria coragem.

– Você é mais esperto do que eu.

Eles estavam lado a lado, olhando para o grande mundo que ela iria circunavegar. Ela massageou um de seus hematomas, e então se virou para Charlie e olhou fundo em seus olhos cor de caramelo:

– Para onde você sonha ir, Chas? – ela ouviu a si mesma chamá-lo por um apelido. A palavra saiu naturalmente, mas ela gostou do som.

– Zanzibar, Tasmânia, as ilhas Galápagos. Para todos os lugares...

– E por que você não vai?

Ele colocou as mãos nos bolsos e suspirou:

– Muitas responsabilidades aqui.

– Muito trabalho e pouca diversão?

Ele não respondeu. Pela primeira vez naquela noite houve um

momento de desconforto. Apesar do seu sorriso e da sua expressão alegre, aquele homem lhe escondia algo. Então, de algum lugar bem no fundo, Tess sentiu uma reação tão surpreendente que ela teve até uma vertigem. Em vez de querer fugir dos segredos dele, ela queria apenas se aproximar mais.

— Vamos, me conte — ela disse. — Qual é o problema?

Os olhos dele se desviaram, e ele lhe deu aquele sorriso que já o havia salvado de muitas situações complicadas.

— Vamos dar uma volta.

— No cemitério? Mas estamos no meio da noite!

— Qualquer pessoa que queira velejar sozinha ao redor do mundo não pode ter medo de um cemitério.

Ela não tinha tanta certeza.

— Vamos lá — ele disse, pegando o blusão dela que estava sobre o sofá e dois casacos. — Eu quero lhe mostrar uma coisa.

DEZESSEIS



Era meia-noite em Waterside, e uma grossa neblina se espalhava por entre os monumentos. A lua estava invisível por trás das nuvens, grandes muralhas de trevas por todos os lados, e Charlie levava Tess pelos gramados. Tudo estava quieto, e até mesmo o barulho das suas pegadas era abafado pelo breu. Anjos de mármore e sílfides de granito apareciam e desapareciam conforme a sua lanterna cortava a escuridão.

Era a hora das bruxas, e Charlie estava enfeitiçado. Tudo o que ele descobriu sobre Tess o deixara um pouco desconfortável – da melhor maneira possível. Claro, seu nervosismo havia feito com que ele falasse por muito tempo sobre as origens do sobrenome St. Cloud em Minnesota. Sim, ele havia tagarelado sobre as diferenças entre os acúmulos de cirros e estratos. E mesmo assim ele percebia que ela estava se divertindo. Ela bebia as cervejas e ria de suas piadas.

Desde o momento em que ela havia descido pela West Shore Drive, exatamente às 20 horas, ele tentou memorizar cada detalhe da noite. O cabelo dela estava solto e, quando ele lhe deu a mão estendida para cumprimentá-la, Tess simplesmente a ignorou, ficou na ponta dos pés e o beijou no rosto.

– O jantar está pronto? Estou morrendo de fome.

E estava mesmo. Ela havia devorado duas porções de tudo o que ele lhe serviu, e não economizou nos elogios à comida. Ele adorava ver o jeito com que ela parecia devorar a própria vida, saboreando cada

pedaço. Charlie lhe contou histórias reais, não aquelas requentadas que geralmente surgem nos encontros. Hoje ele havia dispensado a versão que geralmente projeta para o mundo: o jovem contente com seu trabalho no cemitério, o cara feliz e despreocupado que não queria sair de Marblehead. Tess conseguiu encontrar o verdadeiro Charlie, aquele que tinha sonhos de se libertar de tudo e de todos que o mantinham ali.

Ele até mesmo queria contar-lhe sobre seus mapas na parede, as tabelas com os horários do pôr do sol, e como aqueles círculos concêntricos governavam a sua vida. Os anéis nos mapas mostravam o âmbito de seu mundo, demarcavam exatamente o quanto ele poderia se afastar do Waterside e ainda voltar para se encontrar com Sam. Uma viagem para Cape Cod. Um passeio até New Hampshire. O maior dos círculos era o limite máximo aonde poderia chegar. Além daquela linha, ele não teria chance de voltar para casa a tempo. A promessa seria quebrada e o seu irmão desapareceria. Poderia ser perigoso compartilhar isso tudo com Tess, mas agora, em meio à escuridão da noite, ele se sentia mais seguro e preparado para revelar-lhe um pouco mais sobre si.

— Primeiro você me deixa bêbada, e depois me coloca para fazer uma marcha forçada — ela dizia enquanto eles subiam por uma elevação. — Aonde estamos indo?

— Pode confiar em mim, vai ser especial.

Eles caminharam, e a lua finalmente apareceu por detrás das nuvens, gentilmente tocando as lápides em todas as direções.

— Nós costumávamos entrar aqui o tempo todo quando éramos crianças — disse Tess. — Meu primeiro beijo foi atrás daquele obelisco ali adiante.

— Quem foi o sortudo?

— Tad Baylor. Acho que ele estava na sua sala.

— Tad, a mosca humana?

Tad havia se metido em uma encrenca com a lei no penúltimo ano

quando fora apanhado roubando as provas finais da sala onde ficava a fotocopiadora da escola, depois de escalar a parede do prédio da administração e subir até uma janela no quarto andar.

– Você tem um ótimo gosto.

– Eu tinha 14 anos – ela disse – e ele beijava muito bem.

Eles continuaram atravessando os gramados. Uma coruja piou no alto das árvores. O ar estava frio, e Charlie abotoou o seu casaco de lã.

– Há quanto tempo você trabalha aqui? – Tess inquiriu quando eles passaram por um bloco com lápides da época da Revolução Americana.

– Treze anos – disse Charlie. – Barnaby Sweetland me deu meu primeiro emprego aqui quando eu estava no ensino médio. Ele foi o zelador por trinta anos. Você se lembra dele? Sua voz parecia com a de um anjo, e ele cuidava do coral da igreja Old North. Todos os dias no campo plantando, podando, varrendo, dava para ouvi-lo cantar para o céu.

Charlie se ajoelhou ao lado de uma lápide e apontou a sua lanterna para o chão úmido.

– Barnaby me mostrou tudo que sei sobre este lugar – ele pegou um punhado de terra com um aroma inconfundível. – É provável que você tenha sentido esse cheiro durante a vida inteira, sempre que sai na chuva. Vem desses compostos estranhos chamados geosminas. Barnaby me ensinou os nomes químicos de tudo.

Tess começou a rir.

– Assim meu coração não aguenta.

Charlie sorriu. Sua mente transbordava com todo o tipo de informação obscura, mas agora ele se perguntava: “Será que uma garota que se preparava para conquistar o mundo cederia aos encantos de um cara que morava em um cemitério e sabia o que era responsável pelo cheiro da grama e da terra?”.

– Venha por aqui – ele disse, continuando em frente, em meio à noite.

– O que aconteceu com Barnaby? – perguntou Tess, seguindo-o de perto.

– Durante um inverno, ele saiu para uma longa caminhada durante uma tempestade de neve e nunca voltou. Eu achei o corpo dele lá no alto do Monte da Memória – Charlie apontou a lanterna para a noite.

– Ele estava carregando um livreto de músicas com um bilhete dentro, que dizia que estava cansado de trabalhar tanto. Após 72 anos na Terra, ele estava pronto para passar para a próxima vida.

– Quer dizer que ele se matou?

– Acho que não. Ele só queria passar o resto da eternidade cantando. É por isso que ele prometeu que eu sempre seria capaz de encontrá-lo. Você sabe, nas músicas do coral e no órgão da igreja, aos domingos.

– E ele falava sério? Você ainda consegue ouvi-lo?

– Sim – disse Charlie. – Se eu prestar atenção, ele sempre está lá em meio à música.

Eles haviam alcançado o topo de uma colina onde dois salgueiros se curvavam sobre uma pequena estrutura de pedra, de onde podiam vislumbrar o cais. Guardando a entrada, havia duas colunas e um par de bastões de beisebol cruzados. Tess caminhou direto para os primeiros degraus. Charlie apontou a lanterna para o nome ST. CLOUD, gravado em pedra acima da entrada.

– O seu irmão – ela disse.

– Sim, é o Sam – Charlie iluminou o contorno da estrutura com o seu facho. – Mausoléu, substantivo. Aqui os maus não ficam ao léu.

– Ele fez uma pausa. – Era uma das piadas de Sam.

Tess sorriu, tocando a pedra lisa:

– É todo de mármore?

– Sim, importado de Carrara. Não economizaram na construção. O motorista do caminhão que nos atingiu estava bêbado como um peru de natal. A empresa dele pagou cada pedaço disso aqui. Tudo pelas boas relações públicas. – Ele iluminou uma das colunas com a

lanterna. — O cara pegou cinco anos de cadeia, mas cumpriu três e foi libertado por bom comportamento. Provavelmente ele está enchendo a cara em algum bar.

— Sinto muito.

— Não precisa ficar assim — ele balançou a cabeça. — Foi minha culpa. Eu nunca deveria ter levado Sam ao estádio de Fenway, e nós nunca devíamos ter ido à ponte. Se eu tivesse prestado atenção, poderia ter evitado a batida... sabe, ter desviado do caminhão.

E assim, sem perceber, Charlie havia quebrado uma das suas regras primordiais. Ele começou a falar sobre Sam. Com todas as pessoas do mundo, ele sempre conseguira evitar o assunto. Falar sobre Sam sempre deixava as pessoas sem jeito e desconfortáveis. Mas ele sabia que Tess era diferente. Desde o momento que a conhecera, sabia que ela entenderia.

Charlie se sentou nos degraus do mausoléu e disse:

— Você estava certa hoje à tarde. Sam é a razão pela qual eu trabalho aqui. Eu prometi que sempre cuidaria dele.

— Você acha que ele está por aqui?

— Tenho certeza absoluta.

— Meu Deus, se eu pudesse ter essa mesma certeza a respeito do meu pai... — ela sentou ao lado de Charlie. Ele podia sentir o cheiro de seu xampu e o seu calor. — Eu queria poder saber que meu pai está por perto.

— E o que faz você pensar que ele não está?

— Não deveria haver algum tipo de sinal?

— Eu acho que todos esses sinais estão a nossa volta, se você souber onde procurá-los.

Ele movimentou a lanterna distraidamente pela área e, conforme a passava pela escuridão, ele viu a coisa mais inesperada de todas: Sam estava pendurado de cabeça para baixo no galho de um bordo, fazendo uma careta engraçada. Charlie desligou a lanterna e levantou-

se num salto.

— Aconteceu alguma coisa? — disse Tess.

— Nada. Só um calafrio — ele ligou novamente a lanterna, apontando-a na direção do galho, mas Sam havia desaparecido.

— Você estava me falando sobre Sam — ela disse. Ele olhou em seus olhos verdes. Será que ela realmente queria ouvir as respostas? Ele ia começar a falar mas, com a visão periférica, notou que alguma coisa se movia. Por cima do ombro de Tess, sob a luz da lua que ascendia no céu, Sam e Oscar apostavam corrida no gramado.

— Do que você mais sente falta quando pensa em seu irmão? — ela perguntou.

— De socar seu nariz quando ele não se comportava bem — disse ele, em um volume para que Sam conseguisse ouvir. — Ele gostava de bisbilhotar as pessoas, mesmo que o momento fosse totalmente inadequado. — Charlie olhou por cima do ombro de Tess, e Sam havia desaparecido. — Mas, acima de tudo — ele continuou —, sinto falta daquela sensação de quando você vai dormir à noite e depois acorda pela manhã. É uma sensação de que tudo no mundo está bem. Você sabe, aquela sensação deliciosa de que você está inteiro, que você tem tudo que quer, que não falta nada. Às vezes, quando acordo, eu sinto isso apenas por um instante. Dura alguns segundos, mas depois eu me lembro do que aconteceu, e de como nada mais é como fora antes do acidente.

— Você acha que um dia isso vai passar?

— Eu duvido — e ele percebeu que, incrivelmente, estava se abrindo cada vez mais. — Alguns dias são melhores que outros, sabe, quando eu termino o expediente e dou uma passada no Barnacle ou vou jogar sinuca no Bay State Billiards. Parece que a sensação desaparece, e que eu sou como qualquer outra pessoa ali. E então, sem qualquer aviso, ela volta e se enfia na minha mente. É quando eu não me sinto muito à vontade perto de outras pessoas. Então fico aqui, dentro dos portões, ouvindo música, pensando e lendo livros. Nunca sei quando vou me sentir desse jeito. É como o tempo. Céu azul um

dia, chuva e trovoadas no outro.

— Comigo também é assim — ela disse, e a sua voz era quase um sussurro. — Mas é estranho. Hoje é a primeira vez nos últimos dois anos que a saudade que eu sinto dele não dói. — Então ela sorriu e fez uma coisa incrível: esticou o braço e apertou a mão dele.

Um galho se quebrou em uma árvore por trás de Tess. Ela se virou, surpresa pelo barulho. Um punhado de folhas de pinheiro caiu sobre seus ombros. Ela encarou Charlie e levantou uma sobrancelha.

— Você viu alguma coisa? O que foi isso?

Ele riu:

— Você não acreditaria se eu lhe dissesse.

— Estou esperando. Conte logo!

— Talvez tenha sido seu pai.

Tess riu.

— Se o meu pai estivesse aqui, ele não ficaria andando a nossa volta quebrando galhos. Ele me daria um sinal, eu saberia — ela ficou em pé. — Diga a verdade. Você realmente acredita nessas coisas?

— Totalmente. Eu vi muitas coisas que não têm explicação.

Ela riu novamente:

— Como galhos que caem das árvores?

— Não — ele disse. — Como o nosso encontro de hoje. Como o jantar desta noite.

Ela o encarou por um longo momento. Seus olhos pareciam cheios de emoção. Então ela mudou de assunto abruptamente:

— Me diga, Charlie, você já viu um fantasma?

Sam estava agora de cócoras atrás dela no teto do mausoléu. Seus dedos estavam enfiados no canto da boca, esticando os músculos do rosto em uma careta. Irritado, Charlie sabia que não haveria uma boa resposta. Eles haviam ido longe demais naquela noite e estavam entrando num terreno perigoso. Ele não queria mentir, mas ele não

queria assustá-la também. Assim, escolheu a rota mais segura.

– Eu escutei a Mulher que Grita na enseada de Lovis.

– Não me diga. Aquela que foi morta por piratas?

– Aquela mesmo.

– Mas, então, você acha que meu pai e o seu irmão estão por aqui em algum lugar?

– Talvez – Charlie procurou Sam na escuridão, e ele apareceu por trás de uma lápide. – Mas eu não acho que os espíritos ficam muito tempo por aqui, a não ser que queiram – ele disse. – Eu aposto que o seu pai foi para um lugar melhor.

– Para o céu?

– Isso, no céu. Ou em algum outro lugar. Onde quer que seja, a morte não é o fim. É uma elevação. É como tentar agarrar a lua.

– Agarrar a lua?

– É difícil explicar – ele disse. – Eu li em algum lugar que 75 bilhões de pessoas já viveram e morreram desde que o ser humano apareceu no planeta, e acredito que essas almas estejam por aí, em algum lugar. – Ele olhou direto para o céu. – Me faz lembrar daquela música de John Lennon. Você sabe: *...todos nós brilhamos. Como a lua e as estrelas e o sol...*

Tess ficou em silêncio por um longo tempo. Ela olhou fixamente pela abertura entre as nuvens. A Via Láctea se estendia em um grande feixe no céu.

– Eu gosto disso, Charlie – ela disse. – Mais do que qualquer coisa, preciso saber que ele está lá em algum lugar. Saber que ele está bem.

– Ele está bem – disse Charlie. – Confie em mim. É difícil explicar, mas eu tenho certeza.

– Você sente?

Ele sorriu:

– É, eu sinto.

Então ela se virou na direção de Charlie e disse.

– Estou feliz por você ter me trazido aqui esta noite. Significa muito para mim.

– Para mim também.

Eles estavam tão próximos, que Charlie pensou que poderia sentir uma descarga elétrica. Ele havia ouvido pessoas sensíveis falarem sobre campos energéticos antes, e parecia uma tolice, mas Tess definitivamente tinha um campo energético ao seu redor. Ele se inclinou para frente de maneira quase imperceptível, vigiando as reações dela, esperando que ela lhe desse uma abertura. Eles ficaram próximos um do outro por um tempo que pareceu uma eternidade, até que ela olhou para o relógio e disse:

– É melhor eu voltar para casa.

Por um momento, Charlie se sentiu derrotado, mas foi aí que ele decidiu ser mais audaz. Ela iria partir em alguns dias, e ele nem sabia se a veria novamente. Assim, sem dizer uma palavra, colocou as mãos na cintura dela e a puxou para si. Para a sua surpresa, ela não ofereceu resistência. Tess inclinou a cabeça para trás e seus lábios se abriram. Ele a beijou suavemente e sentiu uma sensação inacreditável. Durou apenas alguns segundos, mas foi extasiante. O calor entrou em seu corpo e se irradiou por todos os lados, enchendo-o com a sensação mais arrebatadora que ele já sentira.

– Morra de inveja, Tad Baylor — ela disse quando eles se separaram. Então ela pegou a lanterna, girou sobre os calcanhares e caminhou em direção aos grandes portões de ferro.

As ruas estavam quase desertas quando Tess passou rapidamente pelo Five Corners e pelo Rip Tide Lounge, um nome elegante para o botequim onde ela trabalhou como garçonne durante as férias da faculdade. Do outro lado da rua, viu um homem corpulento

cambaleando pela calçada. Ele tinha uma caneca de cerveja nas mãos e tentava, sem muito sucesso, evitar que o líquido transbordasse. Tess andou mais lentamente. Era Minty Weeks, um pescador aposentado e um dos maiores bebedores do mundo. Ele havia recebido seu apelido durante a grande nevasca de 1979, quando foi visto patinando seminu no porto congelado, com uma garrafa de Schnapps sabor menta em cada mão. Um editorial no *Marblehead Messenger* havia declarado que aquele fora o evento mais escandaloso de nudez em público desde que a atriz Tallulah Bankhead atravessara a cidade sem roupa alguma e fora trancafiada no armário das escopetas da delegacia de polícia, pois não havia uma cela para mulheres.

— Ei, Minty — ela chamou. — Precisa de ajuda para chegar em casa?

Ele resmungou, deu as costas para ela e ficou de cara com uma parede de tijolos. Ele apoiou sua testa contra o prédio, dedilhou a sua braguilha e começou a urinar.

Tess balançou a cabeça, afastando-se daquele belo espécime de Marblehead.

— Divirta-se — ela disse. E caminhou pelas ruas Washington e Middle, passou por Abbot Hall — onde o sino do relógio do campanário soou uma vez — e virou para Lookout Court. Ela saltou os três degraus até a varanda de casa, e entrou pela porta da frente que estava destrancada. Era o tipo de comunidade onde os vizinhos cuidavam uns dos outros e ninguém precisava usar um ferrolho ou chave.

— Ei, Bobo! — ela disse. — Onde você está, garoto? — Ela havia esquecido de deixar uma luz acesa, e ficou surpresa por seu retriever não esperá-la na porta como de costume. — Bobo?

Ela acendeu o abajur na sala de estar e viu o cachorro deitado no enorme sofá. Ele estava com a cabeça sobre uma almofada e olhava direto para ela, mas não se moveu um milímetro.

— O que foi? Não vem dar amor para a sua garota? — ela disse. — Aposto que você está com fome. — Ela entrou na cozinha, acendeu outra lâmpada e achou um bilhete de Tink ao lado da torradeira.

Oi, moça.

Levei Bobo para passear e comi as sobras do jantar que você deixou. Fiquei com vontade de experimentar as suas roupas, mas não eram do meu tamanho. Uma pena. Vejo você amanhã no jantar com a sua mãe.

Com amor,

Eu.

P.s.: vou fazer ioga esta noite com La Channing! Me ligue quando você voltar. Certifique-se de que eu ainda esteja vivo.

Ela riu. Fazia anos que Tink nem conseguia enxergar os dedos dos próprios pés. Estava muito tarde para telefonar e, pensando assim, ela pegou um pouco de Eukanuba, despejou a ração no prato de Bobo e colocou-o no chão.

— Vamos lá, garoto. Hora do jantar — Bobo tinha 12 anos e dificuldades para escutar, mas ele ainda possuía alguns latidos dentro de si. Um presente especial do seu pai, ele a esperava dentro de uma cesta de vime na varanda quando ela voltou para casa no seu primeiro dia na escola de ensino médio. Os homens iam e vinham, alguns quebravam o seu coração, mas Bobo sempre lhe fora fiel.

Ela voltou para a sala de estar.

— Ei, qual o problema, rapaz? — o cão balançou a cabeça, soltou um latido sonolento, e enfiou o focinho entre as patas. — Ok, eu vou levar você para correr amanhã, e vamos até o farol. E vou fazer ovos mexidos com bacon no café da manhã. Que tal? — Ele bufou.

Tess viu a lâmpada da secretária eletrônica piscar. Uma mensagem. Ela foi até o aparelho, apertou o *play* e ouviu a voz da sua mãe: “Tessie, sou eu. Só para lembrar. O jantar é às 18 horas amanhã. Se você voltar antes e quiser tomar um lanche comigo e com as velhas senhoras, venha à igreja durante a manhã. Seria muito bom que todos

a vissem antes de você partir”. Houve uma pausa. “Eu te amo.”

Tess subiu as escadas até o segundo andar.

— Vamos lá, Bobo — disse Tess. — Hora de nanar. — Ela ligou a televisão e selecionou o Canal do Tempo. Um repórter terminava de comentar sobre os danos causados pela terrível tempestade que havia atingido vários barcos de pesca de atum que voltavam para Gloucester, afundado um rebocador em algum lugar perto de Providence, e se deslocava para Delaware e Maryland. — É, e quase me matou, também — ela disse, balançando a cabeça.

Ela tirou a sua camisa e o jeans, abriu o fecho do sutiã e vestiu uma velha camiseta de futebol com o número 11, do astro Drew Bledsoe, e meias grossas de lã.

Pulou na cama, apoiou a cabeça nos travesseiros, e sabia que não conseguiria dormir. Ela se sentia elétrica, como se pudesse voar. Tudo por causa de Charlie St. Cloud e aquele beijo incrível. Meu Deus, foi muito rápido. Ela deveria ter ficado mais tempo e lhe dado a oportunidade de explorar um pouco mais, mas ela sabia que era perigoso. Ela não confiava totalmente em si nessas situações. Poderia facilmente ter voltado para a casa dele e passado a noite por lá. Claro, ela não iria necessariamente dormir com ele. Não era esse tipo de garota, mas poderia ter feito várias outras coisas...

Então por que ela foi embora? Era um velho hábito, surgido com as experiências e as decepções. Não conseguia lembrar exatamente quando, mas, em algum momento, ela havia até mesmo desistido de imaginar que um homem poderia fazê-la encantar-se daquele jeito. Ela havia fechado suas torneiras emocionais, que já estavam enferrujadas pela falta de uso. Era melhor assim. Uma vez, ela calculara que haveria alguém lá fora, em um mundo com 6,3 bilhões de pessoas, que a amasse sinceramente e por um longo tempo. Até mesmo havia planejado velejar para encontrá-lo. Era uma ideia romântica, mas, no fundo, sabia a verdade: ela passaria quatro meses sozinha no mar, e nunca atracaria por tempo suficiente para se relacionar com qualquer pessoa.

Levantou-se da cama, colocou o seu longo roupão vermelho e caminhou para o corredor. Tess subiu a escada íngreme que levava ao quartinho das viúvas, no alto da casa. Era um pequeno cômodo quadrado com paredes de vidro, de onde ela podia avistar o ancoradouro na margem do oceano e as luzes de Boston a sudoeste. Durante centenas de anos, as mulheres haviam subido aqueles degraus para olhar seus maridos voltando do mar. Tess riu: ela adorava zombar das tradições. Em breve, a sua família e seus amigos voltariam a subir aquela escada para procurar pelo mastro do *Querência* quando ela retornasse da sua viagem ao redor do mundo.

Ela acendeu as velas no parapeito da janela. Depois, deitou-se em um divã e enrolou um cobertor ao redor de si. Ela apoiou a cabeça contra a vidraça fria e observou o vapor da sua respiração embaçando o vidro. Lá estava o cemitério Waterside, ao longe. Pela primeira vez, percebeu uma pequena luz na parte escura da floresta. Com certeza era a casa de Charlie. Um lugar estranho e mágico, cercado por lembranças tristes de sua perda, e mesmo assim tão aconchegante e seguro, com todos aqueles livros, mapas, música e comida.

Ela tentou evitar as lembranças o máximo que conseguiu, mas mesmo assim imaginou as mãos de Charlie na sua cintura, puxando-a para o beijo, e o êxtase de estar com o corpo colado ao dele. Ela queria beijá-lo novamente, e ficou tentada a descer as escadas, montar na sua bicicleta, pedalar pela cidade, tocar a campainha de sua casa e pular nos braços dele ali mesmo, no portão. Então ela teve uma ideia ainda melhor, e fechou os olhos para imaginar as possibilidades. O dia iria raiar em poucas horas, e ela mal podia esperar. Amanhã seria inesquecível.

DEZESSETE



Charlie sentou-se na doca da enseada do Waterside, recostado contra um dos velhos mourões de madeira, e tomou uns goles do café que havia preparado. Ele ainda se sentia sonolento por ter passado a noite em claro, lembrando cada detalhe da noite e esperando que Tess estivesse fazendo o mesmo. Bem depois da meia-noite, ele a acompanhou até os grandes portões de ferro e deixou que ela partisse, ainda que um pouco relutante.

- Tem certeza de que não quer que eu a acompanhe até em casa?
- ele disse, esperando que houvesse mais um beijo ou dois.
- Está tudo bem – ela disse.
- Mas e todos aqueles fantasmas e aparições nas ruas?
- Eu sou uma garota crescida, e ninguém é imbecil o bastante para se meter comigo.

E, com isso, ela saiu noite afora.

Quando ele voltou para casa, a sua cabeça ainda rodopiava, e seus lábios ainda tinham uma doce sensação de formigamento. Assim, em vez de limpar a cozinha e lavar os pratos, ele se jogou no sofá com outra cerveja e ao som triste de Dusty Springfield, rendendo-se à inacreditável sensação que sentia por dentro, como o solo congelado do inverno quando o gelo começa a derreter. A superfície parece igual, mas, por baixo, tudo estava mudando.

Agora, conforme uma leve nuvem de vapor saía da sua xícara para

se desfazer no cinza-azulado da manhã, ele ouvia o estrondo dos canhões nos clubes de vela ao redor da orla, sinalizando a chegada oficial do sol. Assim era o início da maioria dos dias em Marblehead. Café na doca. Alguns capitães monitoravam os lugares onde a água estava infestada de tubarões e onde as percas mordiam as iscas. Um bate-papo com um veterano da Segunda Guerra Mundial sobre o vento nordeste que piorava a sua artrite.

Depois, havia o trabalho.

Mas os domingos eram diferentes.

Oficialmente, não havia assuntos a tratar no cemitério, então Charlie podia relaxar. Os portões se abriam para a comunidade às 8 horas, mas não havia enterros. Joe logo chegaria no *Horny Toad*, e eles atravessariam o ancoradouro até o Driftwood para tomar o café da manhã. Depois, eles iriam se juntar aos ratos de atracadouro, e ficar de papo até a hora do início do jogo da NFL.

— Olhe a bola! — gritou uma voz. Charlie se virou bem a tempo de ver uma bola de tênis voar perto da sua cabeça, e Oscar a perseguia a toda velocidade.

— Bom dia, irmãozão — disse Sam, saindo da neblina e caminhando pela doca. Ele vestia um blusão cinza, com o capuz por cima da cabeça. Mechas rebeldes lhe caíam por cima dos olhos. Mesmo que o jogo de beisebol ao anoitecer fosse a chave para manter a sua promessa, às vezes Sam aparecia ao raiar do dia, antes de partir para as suas aventuras.

— Bom dia — disse Charlie.

— E entãããããã? — disse Sam, sentando-se ao lado do seu irmão.

— Então o quê?

— Não se faça de besta! Como foi a noite? — Oscar capturou a bola e estava de volta, abanando o rabo e pronto para outra.

— Não é da sua conta — disse Charlie, lançando a bola em direção à orla pedregosa. — Se você não estivesse morto, eu lhe daria uma surra por ficar xeretando.

– Ah, não enche. Segui as regras. Eu fiquei longe.

– Você estava no limite. Você estava em cima da linha, e você sabe do acordo. – Quando as pessoas começaram a comentar que Charlie estava ficando louco e falando com o fantasma do seu irmão, Sam concordara que ele não iria interferir enquanto os outros estivessem por perto. Mesmo assim, havia ocasiões em que ele não conseguia resistir à tentação de se meter em encrencas.

– Gostei dela – disse Sam. – Ela é legal, apesar de torcer para os Patriots.

Charlie não respondeu.

– Olha só pra você, fingindo que não está me ouvindo. Mas me diga, o que aconteceu?

– Nada.

– Por que ela foi embora tão rápido na noite passada? Vocês se beijaram, e depois ela se foi. Você mordeu a língua dela ou algo do tipo?

– Não, ela não se assusta tão fácil.

– Então você encheu a cabeça dela falando de nuvens, como sempre faz.

– Há-há-há – ironizou Charlie. – Muito engraçado.

Sam mexeu em um dos pregos no mourão. Oscar voltou com a bola e sentou-se para descansar, seu rabo batendo nas tábuas.

– Qual é a sensação de um beijo? – perguntou Sam. Ele se sentou na doca, ao lado do beagle. – Você sabe. Um beijo, com tudo a que tem direito.

– Tudo? – Charlie sorriu para o seu irmão menor. Mesmo depois de todos os anos que passaram desde o acidente, Sam continuava a ter 12 anos, eternamente fazendo perguntas inocentes sobre as coisas da vida que ele nunca teria a oportunidade de conhecer. Ele poderia ter passado ao próximo estágio e aberto a sua mente para toda a sabedoria e iluminação do universo, mas ele decidiu ficar.

– Não existe nada que seja parecido com a sensação – disse Charlie –, e há um zilhão de tipos, todos diferentes. Alguns são quentes e sensuais, e...

– Molhados?

– Não dá pra conversar com você.

– Ah, vamos! Eu quero saber!

Charlie teve de pensar. Um beijo? Como se explica um beijo?

– Lembra aquele jogo da Liga Juvenil, quando você jogou contra os Giants?

– Claro.

– Me conte como foi.

Sam sorriu:

– Estávamos perdendo de quatro a um no último *inning*. Eu estava na base do rebatedor e dois caras do time já haviam sido eliminados. As bases estavam tomadas, e Gizzy Graves arremessava as bolas. Eu errei feio as duas primeiras rebatidas. Um dos caras do outro time começou a rir de mim, mas acertei em cheio a próxima rebatida e a bola voou por cima da cerca, e marquei um *home run*.

– E qual foi a sensação?

– Foi a melhor coisa do mundo.

– Assim é o beijo. Tirando o bastão.

Sam riu:

– E sem Gizzy Graves também.

– Exatamente.

Charlie observou seu irmão menor e sentiu a dor. De maneira abstrata, Sam entendia o conceito do beijo perfeito, mas passar pela experiência era algo completamente diferente. Charlie repentinamente se perdeu em meio a pensamentos sobre todas as coisas maravilhosas que seu irmão não chegaria a conhecer. Era muito injusto.

E então Charlie viu uma mulher mais velha descer a colina, vinda

do cemitério, caminhando com cuidado por entre as lápides. Era a Sra. Phipps, e Charlie podia ver que ela estava começando a se esvanecer. Às vezes acontecia rapidamente. Outras vezes, demorava alguns dias ou semanas. Parecia que as pessoas ascendiam quando se sentiam preparadas para fazê-lo. A luz suave da manhã brilhava através dela. Ela já não tinha mais seu vestido preto, as meias ou os sapatos de bico fino. Agora ela usava um vestido rosado e um chapéu da mesma cor, com um pequeno véu que lhe caía sobre os olhos. As linhas que marcavam seu rosto estavam mais suaves. Sua pele estava mais lisa, e seu cabelo, mais escuro. Ela não parecia jovem ou velha; um equilíbrio perfeito entre ambos. Charlie reconheceu a transformação. Essa era a aparência que a Sra. Phipps desejava para si. Um belo reflexo do passado e do presente, assim como uma projeção para o futuro. Era uma combinação de quem ela havia sido e quem ela sempre desejou ser. Era sempre assim quando as pessoas faziam a travessia.

– Bom dia – ela disse ao chegar à doca.

– A senhora está com uma ótima aparência, Sra. Phipps – disse Charlie. – Como se sente?

– Muito melhor. Acho que o choque já passou. Foi como você disse.

Charlie tocou em seu irmão para que ele se levantasse, demonstrando respeito.

– Sra. Phipps, este é meu irmão Sam.

– Como vai?

– Olá – disse Sam. – Que chapéu legal.

Ela inclinou a cabeça de lado.

– Eu estava usando este chapéu no dia em que meu doce Walter me pediu em casamento – ela sorria. – Sabe, eu detestava aquele vestido preto que enfiaram em mim na funerária. Não sei por que a minha filha escolheu aquilo no armário. Não é o que eu quero estar vestindo quando eu me encontrar com meu marido novamente.

Charlie sabia que ela estava pronta, e ela confirmou, dizendo:

– Eu só queria passar por aqui e dizer adeus. Chegou a minha hora de partir. Ele está esperando por mim – ela estendeu uma mão cintilante. – Adeus, e obrigada.

– Boa sorte – disse Charlie.

– Tchau – acrescentou Sam.

A Sra. Phipps se afastou deles e estava quase transparente quando chegou à borda da doca. Uma buzina soou do outro lado. Joe estava manobrando o seu barco para atracar na enseada.

– Terra à vista – ele disse. Joe usava um boné dos Boston Bruins, com a aba virada para trás, uma camisa vermelha xadrez e jeans. – Bom dia, marujo.

Charlie acenou, e sussurrou para seu irmão menor:

– Preciso ir.

– Até o pôr do sol – disse Sam, pegando Oscar em seus braços.

Charlie pulou para dentro do barco, e Joe empurrou a alavanca do motor para frente. Ele alinhou o barco com o píer do outro lado da baía.

– Ei, olhe só pra você – disse Joe. – Só sorrisos hoje.

– Do que você está falando?

– Você está quase saltitando quando anda. Esse sorriso bobo na sua cara. Diga a verdade, você dormiu com alguma garota na noite passada?

– Sem comentários.

– Seu safado! Qual é o nome dela? – Ele virou o timão rapidamente, evitando uma colisão com um catamarã.

Charlie se inclinou para sentir o vento e balançou a cabeça. Ele fechou o zíper do seu casaco de marinheiro. Tess era o seu segredo, e ele iria mantê-la escondida pelo tempo que fosse capaz. A última coisa que ele queria era que Joe se intrometesse na sua vida ou que passasse

uma cantada nela.

— O dia está bonito, não acha?

— Dia bonito, que nada. Vamos, seu conquistador. Me conte tudo. Quem é a moça? Onde você a conheceu?

— Você acha que os Patriots ganham ou perdem no jogo de hoje? — disse Charlie.

— A verdade vai aparecer — disse Joe, diminuindo a potência do motor e deixando o barco deslizar suavemente até o atracadouro. O cais já estava lotado com outras embarcações, e ele habilmente levou o barco até uma vaga desocupada. Charlie saiu do barco, amarrou-o a um mourão, e se dirigiu para o Driftwood, uma cabana de madeira cuja tinta vermelha estava descascando. Joe se aproximou e os dois passaram pela porta do bar.

A maioria das mesas já estava tomada pelas pessoas da cidade. Redes de pesca e arpões estavam pendurados no teto. Um tubarão-lixo embalsamado abria suas mandíbulas em uma parede para engolir uma barracuda colocada na porta da cozinha, e Charlie ainda sorria com a urna colocada por cima da caixa registradora com uma placa dourada, onde se lia CINZAS DE CLIENTES ENCRENQUEIROS.

Hoddy Snow, o administrador-geral do porto, estava encolhido ao fundo, ao lado da *jukebox*, com seus dois assistentes. Tink e um grupo de velejadores estavam sentados na sua mesa de costume, na parte da frente. Charlie chegou perto de Bony e seus amigos, puxou uma cadeira que estava vazia e perguntou:

— Quais as novas?

— Um alvoroço no plantão de polícia — disse um dos homens. — Ouça isto: “Meia-noite. Sexta-feira. Ouviu-se um gemido em um arbusto na Avenida Rose. Uma viatura respondeu à ocorrência. A investigação não deu resultados”.

— Aposto que era Bony e a namorada dele — riu Charlie.

— Gostaria que fosse — disse Bony. — Mas se você algum dia me ouvir gemendo nos arbustos, é melhor chamar uma ambulância.

Charlie viu Hoddy se levantar no canto.

– Um minuto de sua atenção, amigos – ele disse numa voz tensa. Era um homem grandalhão, e o seu cabelo, tratado com Grecian Formula, estava cuidadosamente penteado de lado, no estilo clássico usado pelos agentes da lei. Ele usava uma camisa polo justa, com seu nome e cargo bordados em letras maiúsculas do lado esquerdo do peito. – Atenção, por favor. – O salão ficou em silêncio. – Perdoem-me por interromper o seu café da manhã, mas estamos com uma situação muito séria, e precisaremos da ajuda de todos vocês.

Hoddy definitivamente levava jeito para atuar em dramas. Havia alguns anos ele aparecera em um episódio de *Mistérios Sem Solução*, para falar sobre o famoso assassinato Atherton que ocorrera há 54 anos. E quando Tucker Goodwin pescou um corpo que estava preso em uma armadilha para lagostas pouco tempo atrás, Hoddy passou o dia nas docas com os jornais e as emissoras de TV de Boston.

– É uma situação realmente complicada – ele dizia.

– Alguém andou nadando pelado no atracadouro sem licença? – disse Bony.

– Não brinque com isso – disse Hoddy. – Acabamos de receber uma ligação da Guarda Costeira em Gloucester. Um pescador achou uma boia e um leme flutuando próximos de Halibut Point. Eles acham que é de algum barco de Marblehead.

– Qual barco? – disse Charlie. – Quem é o dono?

Os olhos de Hoddy se estreitaram. A sua voz ficou presa por um momento, e não restaram dúvidas sobre a seriedade do assunto.

– É o *Querência* – ele disse. – O barco de Tess Carroll está desaparecido.

DEZOITO



Bobo corria como um cachorro possuído, por toda a praia Devereux.

Tess estava na areia fria, e chamava pelo cão, mas ele a ignorava. Corria pela areia e molhava-se na arrebentação das ondas. Desde que ela abrisse a porta, ao nascer do sol, ele havia disparado pela rua sem que ela conseguisse acompanhá-lo. Ele estava velho, surdo e tinha artrite, mas ainda podiam correr juntos todas as manhãs de domingo, passando pelas ruas tranquilas da parte velha da cidade, pela orla, dando uma volta pelo Neck, e terminando sempre no cemitério. Normalmente, ele ficava preso pela guia, trotando ao seu lado, latindo para os gatos da família Blaneys, na Rua Merritt, e fuçando nas latas de lixo atrás do Shipyard Galley. Mas não hoje. Ele estava bem ansioso.

Tess sentiu o vento vindo do oceano enquanto observava Bobo se aproximar de um pescador sentado em uma cadeira de jardim. Ele estava a uns bons 150 metros, mas ela sabia que era Dubby Bartlett, com suas preciosas varas de pesca enfiadas na areia, as linhas vibrando com a arrebentação das ondas. Ele sempre pescava ali nas manhãs de domingo, enquanto sua esposa estava na igreja rezando pelos dois.

— Dubby! — ela gritou. — Segure o Bobo para mim! Preciso colocar a guia na coleira dele. — Ele fez um carinho no cão, depois olhou para a rua, como se esperasse que ela estivesse por perto.

– Dubby! – ela gritou novamente. – Deste lado!

A brisa estava forte, levantando uma nuvem de areia, e a voz de Tess se perdeu no vento. Bobo pulou no colo de Dubby, esfregou o focinho no seu rosto, latiu e saiu correndo de novo. Por um momento ele observou o cachorro indo embora, e depois voltou sua atenção para os seus molinetes.

Tess correu atrás dele novamente, gritando para que o retriever parasse. Ela estava perdendo a paciência. O que aconteceu com ele? Ele estava se comportando como um filhote novamente, totalmente incontrolável, pulando e correndo pela orla, andando outro quilômetro sem sequer parar.

– Bobo! – ela berrou. – Volte aqui agora! – Mas o cão trotou pela trilha que terminava nos bancos rochosos da enseada do Waterside, e subiu a colina, passando pelos portões dos fundos do cemitério.

Tess o perdeu de vista, mas ela sabia que ele estava indo em direção ao topo da colina, onde havia muitos túmulos. Passando pelas várias lápides, ela viu Midge Summer do outro lado do gramado. Ela era uma das amigas de sua mãe. Agasalhada em sua velha jaqueta roxa, equilibrava-se em uma escada, limpando a estátua em tamanho natural da sua irmã Madge que falecera devido a uma pneumonia quando criança. Midge vinha ao cemitério todos os fins de semana para limpar as orelhas de gesso de Madge com cotonetes e o resto do corpo com sabão de sândalo.

Midge estava muito concentrada na limpeza da estátua para notá-la e, assim, Tess continuou em direção ao túmulo do seu pai, onde ela sabia que Bobo estaria esperando.

– Você é um cachorro muito malcriado – ela disse. – O que deu em você? – Bobo rolou no chão, coçando as costas na grama. – Não pense que o seu charme vai te tirar dessa – Ela disse. – Estou furiosa. Que loucura! – Ela se sentou ao lado dele e ignorou seus latidos.

Em vez disso, Tess olhou para o ancoradouro e ficou maravilhada

com o estranho brilho daquele dia. O azul do oceano parecia mais vívido do que nunca, e as velas dos barcos brilhavam como espelhos contra o sol. O espaço do *Querência* estava bloqueado por uma bela escuna Djikstra de 42 metros, que provavelmente havia parado ali para pegar equipamentos da loja de velas náuticas Doyle. Tess inalou o inconfundível aroma de isca de arenque que vinha das armadilhas para lagostas empilhadas no ancoradouro. Até mesmo o seu olfato estava mais apurado hoje, e a fragrância de peixe a fazia lembrar de seu pai voltando do mar para casa todas as noites. Então, ela ouviu risos e gritos atrás dela, e viu um beagle saindo a toda velocidade das árvores, perseguido por um garoto magricelo que vestia jeans e um blusão cinza.

– Eu vou te pegar! – gritava o garoto, seu boné dos Red Sox enfiado sobre os cachos castanhos que teimavam em tentar escapar.

Tess levantou e chamou:

– Ei! Precisa de ajuda?

O garoto a viu e parou de correr. Uma expressão confusa se formou em sua face cheia de sardas, e ele se aproximou devagar. O seu beagle estava rosnando para Bobo, e o garoto perguntou calmamente:

– Ele morde?

– Não – ela disse. – Ele já está velhinho. Perdeu a maioria dos dentes.

O garoto deixou cair a sua luva de beisebol, ajoelhou-se e coçou a barriga do retriever. Ele olhou para Tess com olhos curiosos.

– Ele gosta disso – ela disse. Mas o garoto não respondeu. Ele simplesmente continuou a olhar fixamente para ela.

– O que foi? – ela disse.

– Nada.

– Nada? Ninguém fica olhando para outra pessoa desse jeito por nada.

– Você consegue me ver?

– Claro que consigo.

– Mas isso é impossível.

Tess achou que o garoto estava brincando.

– Você é invisível ou algo do tipo?

– Sim.

– Uau. Isso é bem legal. Qual é o seu segredo?

Sam não respondeu. O garoto e o seu beagle simplesmente olhavam para ela. E isso estava começando a irritá-la. Depois de um longo momento, ele finalmente disse:

– Qual é a sua história? Quando você chegou aqui?

– Há uns poucos minutos – disse Tess. – Meu pai está enterrado aqui. Assim como meus avós e meus bisavós.

– Faz sentido – disse Sam, recolhendo a sua luva e a bola de beisebol. – Você está se sentindo bem?

– Estou ótima – ela disse. – Ei, você joga no time da escola de Marblehead?

– Obviamente, não jogo mais. – Houve um silêncio desconfortável. E então ele disse: – Você é Tess, não é?

– Como você sabe?

– Eu ouvi falar de você.

– Sério?

– É, Charlie me contou – ele disse. Oscar latiu quando ouviu o nome.

– Charlie?

– Ele vai me matar se souber que falei alguma coisa. Jure que não vai contar para ele.

– Juro por Deus – ela sorriu.

– Ele não beijava ninguém havia um bom tempo – disse Sam. – Eu acho que ele gosta de você.

Tess sentiu uma pontada de vergonha.

— Bom, eu gosto dele também — ela sentiu o rosto quente, e sabia que estava ruborizada. — Você sabe onde eu posso encontrá-lo agora? Ele está em casa?

— Ele sabia que você viria?

— Não, eu não disse a ele.

— O que mais você não disse a ele? — perguntou Sam. Seus olhos estavam fixos nela.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar com essa pergunta. — O garoto estava começando a irritá-la novamente. *São aqueles video games*, ela pensou. *Isso vai acabar arruinando todos eles*. — Me faça um favor, pode ser? Pode dar um recado para o Charlie?

— Claro.

— Diga pra ele que eu passei por aqui.

— Direi sim.

O garoto lançou a bola e o beagle correu para pegá-la.

— Ei, Tess — ele disse. — Você joga beisebol?

— Claro que jogo.

— Você arremessa igual as outras garotas?

— De jeito nenhum.

— Então volte hoje à noite. Charlie sempre está aqui quando o sol se põe. Está vendo aquela floresta? O pinheiro azul alto?

— Estou, sim.

— Siga a trilha do outro lado do velho tronco.

— E depois?

— Você vai nos achar na clareira. E aí vamos brincar de lançar bolas.

— Parece divertido — ela disse. — Vejo vocês mais tarde então. — Ela deu alguns passos em direção à parte baixa da colina. Tess estava

gostando da ideia de jogar beisebol com Charlie e o garoto. Então, ela girou sobre os calcanhares e disse: – Ei garoto. Qual é o seu nome?

Ele hesitou por um instante antes de responder:

– Sam. Sam St. Cloud.

III

ENTRE MUNDOS

DEZENOVE



O oceano nunca pareceu tão imenso. Jatós de espuma se estendiam até o horizonte, e o pesqueiro de lagostas Down East, de 35 pés de comprimento, navegava sobre as ondas. Com uma mão, Charlie se apoiava no painel; com a outra, segurava os binóculos, esquadrinhando o mar revolto. Ele e Tink estavam fazendo buscas na área de Jeffreys Ledge, um local não muito longe de onde o pescador havia recolhido fragmentos do *Querência*.

Naquela manhã, no Driftwood, ele se recusou terminantemente a acreditar nas notícias sobre Tess. No início ele havia gritado: “Não pode ser. É impossível”. E todos os olhos do restaurante se voltaram para ele.

— Você sabe de alguma coisa? — Hoddy havia perguntado.

Charlie queria ter contado a eles sobre a visita de Tess ao túmulo de seu pai e o jantar a dois. Ele queria ter descrito a caminhada à meia-noite e também o seu primeiro beijo. Mas teve um medo súbito. Era um reflexo inconsciente. Talvez algo terrível tivesse acontecido ao *Querência* na água, e ele tivesse encontrado o espírito de Tess no cemitério. Não seria impossível e, naquele instante, ele sabia que teria de se proteger.

— Ela tem de estar em algum lugar — ele balbuciou, tentando mascarar sua confusão. — Vocês não acham?

— Do que você está falando? — dissera Tink, levantando-se. — Eles encontraram o leme e uma boia. Ela não manda notícias há mais de

36 horas. Do que mais você precisa?

Charlie sentiu que estava ficando agitado.

— E a casa dela? Alguém olhou lá?

— É claro — disse Hoddy. — Não tivemos sorte. Dubby Bartlett viu o cachorro dela correndo na praia sem a guia esta manhã. A mãe dela já esperava ter recebido um contato, mas não houve nenhuma notícia. Até agora.

E assim os homens saíram aos pares para iniciar a busca. Charlie se juntou a Tink, que pegou emprestado um poderoso navio para a pesca de lagostas. Os dois se conheciam do circuito local de ostras e cerveja, mas ambos estavam determinados a encontrar Tess.

Nas primeiras horas, a busca resultou em todo o tipo de lixo, incluindo uma caixa térmica Coleman com algumas cervejas Budweiser dentro e uma bolsa da Nike para tacos de golfe, sem os tacos.

Porém, na metade do dia, eles encontraram um bote salva-vidas parcialmente inflado e enegrecido por fumaça. Trazendo-o a bordo, Tink se desesperou quando percebeu que era um dos botes do *Querência*. A princípio, ele soltou um grito de raiva, e depois gritou:

— Não!

Aquele simples monossílabo se estendeu em um gemido, até que ele ficou sem fôlego, e grandes borbotões de lágrimas escorreram pelo seu rosto, ensopando sua barba grossa.

O veleiro havia desaparecido. Tess não estava em lugar algum.

A única vida que eles haviam encontrado durante o dia todo naquele oceano foi um cardume de baleias jubarte, 200 metros a estibordo, borrifando água pelas narinas no próprio dorso antes de retornarem às profundezas.

Em algum canto escondido de sua mente, Charlie começou a imaginar o que realmente teria acontecido. Era Tess que estava no cemitério ou o seu espírito? Ele havia visto milhares de almas irem e virem, e conhecia todos os indícios. Nunca havia sido enganado antes.

Todas brilhavam com uma aura luminosa. Os velhos andavam com passos firmes. Os doentes ficavam revigorados. No começo, os seus contornos eram suaves e transparentes como gaze. Depois, a aparência mudava de forma sutil, e começavam a tomar a forma na qual sempre se imaginaram. Em pouco tempo, quando estavam prontos para passar para o próximo estágio, eles se esvaneciam, desaparecendo como a névoa ao sol.

Mas Tess era diferente. Ele olhou bem dentro de seus olhos cor de esmeralda. Ela ficou bem ao seu lado. Ele escutou o seu riso inconfundível. Ele até sentiu que estava começando a se apaixonar. Não havia nada diáfano nela. Ela era muito real, muito substancial, muito viva. Tinha de haver algum engano.

Uma onda se chocou contra o convés, estapeando-o bem no rosto e fazendo seus olhos arderem. Ele lutou para mantê-los abertos, batalhando para não piscar, por medo de não conseguir vê-la na água. O dia todo ele orou para que Deus não levasse uma pessoa tão especial e rara. Para cada fato perturbador, Charlie encontrara uma resposta otimista. O barco não estava ancorado no lugar de sempre, mas o oceano era vasto e ela poderia estar velejando em qualquer lugar. E os destroços recolhidos pelo pescador não eram necessariamente prova de um naufrágio.

Mesmo assim, havia a questão do bote salva-vidas chamuscado. Charlie verificou os mostradores digitais no painel. O termômetro indicava que o oceano estava a 11 graus Celsius. Com seu treinamento de paramédico, ele sabia que a água fria roubava o calor do corpo humano 30 vezes mais rápido do que o ar. Sem equipamento de proteção, uma pessoa perderia a consciência após 30 a 60 minutos, e a morte ocorreria entre uma e três horas depois. Mas mesmo que seu barco tivesse se incendiado e afundado, Tess tinha um traje de sobrevivência a bordo que evitaria a hipotermia por pelo menos 72 horas àquela temperatura. Ainda havia tempo o bastante para encontrá-la.

No lado ocidental do céu, Charlie viu traços de vermelho e roxo. O sol fazia um ângulo baixo em relação à água, e ele subitamente

percebeu que, pela primeira vez em treze anos, não havia pensado em Sam durante todo o dia. Nem mesmo uma única vez. E agora seu coração começou a pular no peito. Ele podia sentir o pânico. Só restava uma hora de luz para procurá-la – e uma hora de luz para chegar em casa. Era uma situação impossível.

Tess estava desaparecida. Sam estava esperando.

Naquele momento, Tink girou o timão bruscamente.

– O tanque está quase vazio – ele disse. – Estamos ficando sem luz. Eu detesto a ideia de ter de voltar para o porto, mas não temos muita escolha.

Charlie concordou com a cabeça mas não se sentiu aliviado. Seria por muito pouco.

– Quer que eu pilote? – ele perguntou, pensando que poderia aumentar a velocidade e melhorar as suas chances.

– Não se preocupe – disse Tink.

Então Charlie foi até a popa e sentou-se. Ele segurou a cabeça com as mãos e fechou os olhos. Ele viu Tess caminhando distraidamente sobre a trilha de cascalho no cemitério. Ele a imaginou fazendo piruetas na noite. E repassou cada momento na sua mente, tentando compreender o que estava acontecendo.

Talvez a beleza dela tivesse prevalecido sobre o seu dom. Talvez a atração que ele sentia tivesse feito com que ele não percebesse os sinais. Ou talvez Deus tivesse alguma outra razão. Como ele podia ter se enganado assim?

Charlie ficou em pé e foi até o *cockpit*, ao lado de Tink. Ele observou o velocímetro. Quinze nós. O rosto de Tink estava lívido, e ele estava devorando um pacote gigante de Oreos. Havia migalhas pretas salpicando-lhe a barba.

Charlie olhou para a água e avistou um pelicano mergulhando sobre um cardume de cavalas atrás do barco. A luz fraca do crepúsculo estava refletindo na água, e ele sabia que o sol iria desaparecer às 18h33.

– Podemos ir mais rápido? – ele perguntou, gentilmente.

– Qual é o seu problema, Mario Andretti⁴? Por que essa pressa toda? – Ele virou o timão cinco graus a estibordo. – Tem algo melhor para fazer? Um encontro? Vai participar do campeonato de boliche no Bowl-O-Mat?

Charlie nem se preocupou em responder. Ele ficou em silêncio, escutando as ondas quebrarem contra o barco. Depois de um tempo, Tink estendeu o saco de Oreos. Uma proposta de paz.

– Não, obrigado.

– Olhe, me desculpe. Estou com os nervos à flor da pele. – Ele esfregou as suas imensas mãos no timão. Charlie pensou ter visto lágrimas nos olhos do homem. E foi então que Tink perguntou: – De onde é mesmo que você conhece Tess?

– A gente tinha acabado de se conhecer.

Mas Tink não estava realmente escutando. Ele parecia perdido em seus próprios temores.

– Eu não devia ter deixado ela partir rumo àquela tempestade – ele disse.

Aquilo era estranho. Tess não havia mencionado mau tempo.

– O que quer que aconteça – Charlie disse –, ela vai ficar bem.

Tink olhou para ele com olhos tristes:

– Você acha?

– Você tem de acreditar.

E isso era exatamente o que Charlie estava tentando fazer – acreditar que Tess estava bem. Mas, é claro, a cada momento que passava, a cada pedaço vazio do oceano, o seu medo – cada vez maior – era de que ela não estivesse bem. Ele conhecia tudo sobre a área que existia entre a vida e a morte, e como os espíritos se separavam do corpo físico. Ele mesmo esteve lá, e uma corrente de eletricidade o trouxe de volta à vida. Ele tinha de aceitar a possibilidade de que a alma de Tess viera ao cemitério para visitar o túmulo de seu pai sem

saber o que havia acontecido com seu corpo. De vez em quando alguém aparecia, sempre espantado por ter tido um ataque do coração ou um aneurisma. Às vezes, eles nem mesmo compreendiam que a vida tinha acabado, e precisavam de alguns dias para descobrir sua nova condição. Outros já chegavam cientes da causa da própria morte, e gritavam com Deus e o mundo, desde o começo. Havia aqueles que se apegavam à família e aos amigos o máximo que conseguiam. E também aqueles que eram os mais tranquilos de todos, superando tudo rapidamente, e logo passando para o outro reino.

Então, em qual desses tipos estaria Tess? Ela poderia estar vagando pelas ruas de Marblehead, sem perceber que ela era um espírito? Ou, pior ainda, talvez já tivesse dado o próximo passo, e então Charlie nunca a veria de novo.

Logo adiante, ele viu a entrada do porto. O céu tinha uma cor cinza escuro, e o farol lançava o seu feixe esverdeado característico. Quando passaram pelo clube de iatismo Corinthian, Rick Vickery, o administrador das docas, preparava-se para hastear a bandeira e disparar o canhão que anunciava o pôr do sol.

Tink manobrou até o atracadouro e aportou suavemente. Charlie pulou para fora do barco. Conforme ele ajustava as amarras, ouviu o disparo dos canhões.

— Preciso correr — ele disse.

— Tem certeza de que você está bem? — perguntou Tink. — Você não está com uma cara muito boa.

— Está tudo bem. Me ligue mais tarde se você souber de alguma coisa.

— Pode deixar — disse Tink.

Com isso, Charlie correu. Ele sabia que se atrasaria. Cinco minutos, talvez dez. Correu pela Rua State, cortou caminho por um beco, pulou por cima de uma cerca e disparou pelo gramado da Sra. Dumar. Um cachorro latiu na janela quando ele passou. Um furgão de entregas freou bruscamente, cantando os pneus, quando ele atravessou a Rua Washington.

Já estava quase escuro em Marblehead. Luzes brilhavam por trás das cortinas. Espirais de fumaça saíam pelas chaminés. E Charlie corria o mais rápido que conseguia.

Por Sam. E pela própria vida.

VINTE



Ele sentiu uma fígada no lado direito do abdômen, e seus pulmões doíam quando ele fez a última curva na West Shore Drive. Ao fechar suas mãos em torno das pesadas barras de ferro fundido dos portões, ele apoiou a testa no metal frio por um momento. Então, enfiou a chave na fechadura e tentou girá-la, pela primeira vez em 13 anos, a porta não abriu. Ele sentiu uma onda de pânico, puxou a chave, voltou a enfiá-la e girou-a com toda a sua força. Charlie ouviu o clique metálico e correu para dentro. Sentir a trilha principal de cascalho sob seus pés era reconfortante, e o vento trouxe o cheiro de folhas queimadas.

Ele viu o carro da manutenção ao lado da Fonte da Juventude e entrou no veículo, correndo para a Floresta das Sombras. Manobrou ao longo da trilha acidentada e parou sob os galhos baixos do pinheiro azulado. Ele estava tão apressado desta vez que nem se incomodou em olhar por cima do ombro.

Em vez disso, colocou a mão por baixo do assento dianteiro e tateou por ali até encontrar a luva que segurava a bola em um abraço firme. Então, pulou por cima do velho tronco apodrecido e disparou por entre as árvores, até o alto de uma pequena colina, passando por um grupo de bordos, e descendo ao lado de uma cachoeira que desaguava em uma pequena lagoa. Uma camada de nuvens cinzentas agraciava o alto do bosque de cedros quando ele invadiu a clareira com seu gramado perfeito em 27 metros de comprimento. Sob o crepúsculo, ele quase não conseguiu ver que a base do arremessador estava vazia.

– Sam! – ele gritou. – Sammmmm?

A gangorra e os balanços pendurados no grosso ramo do sicômoro também estavam vazios.

– Sam?

Mas não houve resposta. Charlie podia sentir o pavor apressando-se dele – primeiro em seu estômago, depois no seu peito. Sua cabeça começou a latejar. Não ajudava o fato de estar tão cansado. O medo tomou conta dele.

Ele sabia que tinha de parar de pensar no pior. Então andou por alguns metros do gramado e sentou-se na tábua suspensa por cordas. Ele se inclinou para trás e tomou impulso. Por um momento, ele conseguiu ver a lua crescente acima dos seus pés, e o balanço o trouxe para frente de novo.

– Sam! – ele tentou novamente. Uma revoada de pombas saiu de seus ninhos nos abetos e voou em direção ao horizonte escuro. Quando o bater das asas cessou e o ar estava calmo novamente, Charlie chamou mais uma vez:

– Sammmmm...

E então, quando sua voz se calou, um pequeno milagre aconteceu. Charlie ouviu um som – tão sutil no início que ele achou que era a sua imaginação.

– Charlie!

– Onde você estava? – disse Charlie, pulando do balanço. – Você me assustou.

– Estou aqui. Relaxe, está tudo bem – Sam sorriu. – Quer jogar beisebol?

– Não, eu preciso conversar com você sobre um assunto.

Sam foi até a mesa de piquenique e sentou-se.

– O que houve? – ele disse. – Como foi o seu dia?

– Miserável – disse Charlie.

– O que aconteceu?

– É sobre Tess.

Os olhos de Sam se arregalaram.

– Então você já sabe.

Charlie sentiu o estômago apertar. O que é que Sam sabia? Como ele sabia?

– Você a viu? – perguntou Charlie. – Ela esteve aqui hoje?

– Ela veio procurar por você.

– Você a viu?

– Sim, eu vi – a voz dele era suave, como se tentasse suavizar o golpe. – E ela me viu.

Charlie sentiu as pernas amolecerem. Não havia mais como negar. Em todos estes anos em Waterside, ele nunca havia encontrado uma pessoa que conseguisse enxergar o seu irmão, ou qualquer outro fantasma que fosse. Salem estava cheia de bruxas autodeclaradas que diziam ser capazes de conversar com os mortos, mas Charlie nunca teve provas de que elas realmente poderiam fazer isso. Pessoas que diziam ter poderes psíquicos vinham ao Waterside com frequência, trazendo seus clientes a reboque. Mas, mesmo assim, eles nunca pareciam notar Sam brincando com Oscar na grama, ou os espíritos de seus entes queridos tentando tocá-los através de uma brisa suave ou fazendo uma folha de outono flutuar com o vento, até pousar nos seus ombros.

– Por que você não me disse ontem à noite? – perguntou Charlie.

– Eu não sabia. Sério. Eu não consegui dar uma boa olhada nela – disse Sam. – Lembra? Você falou que não queria me ver perto dela.

– Ela já sabe? – perguntou Charlie.

– Não sei.

– Como assim, você não sabe?

– Eu acho que ela está começando a descobrir.

– Ela já está começando a desaparecer?

– Não sei dizer.

Charlie jogou sua cabeça para trás e olhou para a escuridão acima. O dia todo ele manteve a esperança de que ela estivesse viva, mas agora ele entendia que ela era um espírito, perdida entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. No céu a oeste, ele viu os contornos irregulares da Grande Nuvem de Magalhães, cada uma com duzentos bilhões de estrelas como o sol. E ele subitamente sentiu-se insignificante e sem esperança.

Sam estava sentado bem ao seu lado, mas pela primeira vez, parecia que não era o bastante. Charlie sabia que queria mais. Ele precisava de mais. Passou as mãos pelo cabelo e imaginou se Sam saberia o que ele estava pensando.

– Vai dar tudo certo, irmãozão – disse Sam, suavemente.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Não se preocupe – ele disse. – Ela virá aqui hoje.

VINTE E UM



Aquele que havia começado simplesmente como o dia mais esquisito de sua vida rapidamente se transformou no mais assustador. Começou com a dor de cabeça que se recusava a desaparecer, e terminou em total desespero ao lado do túmulo de seu pai.

Depois de conversar com Sam St. Cloud no cemitério, Tess havia passado o dia em meio a uma indescritível confusão. O garoto era o irmão de Charlie, mas estava morto – morto havia treze anos, naquele terrível acidente de carro. Como era possível ter conversado com ele? Talvez fosse verdade o que as pessoas diziam – fique num cemitério por bastante tempo, e você começará a ver fantasmas. Será que o garoto era uma aparição? Ou será que ela estava tendo alucinações?

Por outro lado, talvez não fosse realmente Sam St. Cloud. Talvez fosse um moleque fazendo uma brincadeira idiota. Mais do que qualquer coisa, ela sabia que precisava ver Charlie novamente, e ela iria fazer perguntas sobre o irmão dele.

Quando o sol subiu para iluminar Marblehead e os marinheiros de fim de semana desceram para o atracadouro, Tess caminhou com Bobo de volta para Lookout Court. Ninguém a cumprimentou na rua, nem mesmo sua velha amiga Tabby Glass, que estava correndo do outro lado da calçada enquanto empurrava um carrinho com a sua filha recém-nascida.

– Quer um pouco de ração? – Tess perguntou quando eles finalmente chegaram em casa, mas Bobo simplesmente se deitou sobre

os degraus da porta.

— Tudo bem, fique deitado aí então — ela disse. — Eu vou dar uma olhada no *Querência*.

Ela foi até as íngremes escadas públicas que desciam a colina onde estava a sua casa. Andou pelas ruas que contornavam a orla. As cores dos cascos e velas pareciam mais fortes. O cheiro de sal no ar era mais pungente. A chapa do Driftwood estava soltando mais fumaça do que nunca.

Ela andou pela doca e parou de repente em frente ao local onde costumava deixar o barco amarrado, e no mesmo instante, percebeu que o *Querência* não estava lá. Tink nunca teria saído com ele sem pedir permissão. Ela se sentiu um pouco tonta, e a sua cabeça pareceu girar. Ela se ajoelhou para recuperar o equilíbrio, apoiando-se com uma das mãos em uma tábua gasta. Achou que poderia estar doente. Tess se inclinou por cima da borda e olhou para a água. Focou os olhos e deu um pequeno gemido.

Ela não viu o reflexo do seu rosto na água.

Somente o céu e as nuvens olhavam de volta para ela. O contorno do seu corpo contra o azul do céu simplesmente não estava lá. Nem mesmo sua sombra aparecia sobre a água. Um entorpecimento repentino tomou conta dela. Tess finalmente compreendeu.

Ela não estava lá.

A sua mente repassou os eventos estranhos do dia anterior. Sua avó não a viu na casa de repouso. Bobo não prestou atenção às suas ordens. Dubby Bartlett a ignorou na praia. Ninguém lhe deu atenção porque ninguém conseguiu enxergá-la.

Ninguém, exceto Charlie St. Cloud e seu irmão morto Sam.

O que estava acontecendo?

Ela deu um salto e se virou. Tocou na sua cintura e no cabelo. Esfregou seu jeans. Ela rodilhou um botão da sua camisa entre seus dedos. Tudo estava como deveria estar. E, mesmo assim, não estava.

Ela chamou os homens velhos sentados embaixo da árvore — Bony,

Chumm, Iggy e Dipper –, mas eles continuaram a conversar, e a sua alma se encheu de terror. Algo terrível devia ter acontecido. Ela tentou se lembrar do barco e da tempestade. E conseguiu se recordar do barco virando, e depois de lutar para voltar ao convés quando o *Querência* se endireitou. Mas e depois? Ela tinha voltado ao porto? Sua memória estava enevoada. Ela buscou em sua mente, mas não conseguiu encontrar nada.

Quando ela morreu?

A pergunta parecia impossível. Tess sentiu o terror e a agitação dentro de si. Ela precisava desesperadamente de uma âncora. Ela percebeu que só havia uma coisa a fazer: encontrar Charlie. Se alguém pudesse explicar o que estava acontecendo, seria ele. Mas e se algo tivesse mudado e ele não conseguisse enxergá-la, como todos os outros? E se ela estivesse invisível para ele também?

Ansiosa, Tess tentou encontrar Charlie no imenso cemitério, mas ele não estava em lugar algum. Finalmente, Tess desabou sobre o túmulo de seu pai, embaixo do bordo japonês. Se aquilo era a morte, ela pensou, então seu pai viria encontrá-la. Ou talvez ele estivesse esperando por ela em algum outro lugar. Aonde ela deveria ir? O que ela deveria fazer? Haveria um balcão de informações em algum lugar? Um quadro de avisos? Ela não tinha a menor ideia.

Começou a chorar, e não parou até cair no sono, exausta. Acordou arfando, temendo nunca mais encontrar Charlie. O céu estava quase escuro e, ao levantar-se do gramado, ela se lembrou das instruções de Sam: encontre o pinheiro azulado na floresta e a trilha do outro lado do velho tronco. Ela estremeceu. A floresta pareceu tão assustadora na noite passada. Conseguiria entrar lá sozinha? Para a sua surpresa, a floresta estava tranquila e calma. Seguiu a trilha passando pela cachoeira e a pequena lagoa, e depois chegou ao bosque de ciprestes. De repente, ela ouviu vozes adiante e o latido de um beagle. Quando entrou na clareira, lá estava Charlie, sentado em um banco.

O simples ato de vê-lo era reconfortante. Pelo menos podia ter certeza de que aquela parte da sua vida era real. Ela só queria que ele lhe dissesse que tudo era um grande engano. Queria beijá-lo e

começar exatamente de onde tinham terminado na noite passada.

Quando se aproximou, rezou para que Charlie ainda conseguisse enxergá-la e, quando ele deu um salto e sorriu, ela sentiu um alívio indescritível. Tess não estava mais só. Ela ouviu a sua voz profunda dizer:

— Graças a Deus que você está aqui. Eu temia que você nunca mais fosse voltar.

Ela estava inacreditavelmente bonita. Seu cabelo estava solto e despenteado por sobre os ombros. Seus olhos estavam cheios de emoção. Charlie se levantou para abraçá-la. Ele estendeu os braços, mas ela se deteve quando estavam bem próximos.

— Onde você estava? — ela perguntou. — Eu procurei você por toda parte.

— Estive procurando por você também — ele respondeu. — Fiquei sabendo que você conversou com o meu irmão.

— Oi, Sam — ela disse. Eram as palavras mais doces que ele já tinha ouvido. Charlie nunca imaginou que ele ouviria uma mulher se dirigir a Sam daquela maneira.

— Oi — disse Sam. — Uma pena que você tenha chegado tão tarde. Está muito escuro para jogar beisebol. — Ele se virou para Charlie. — Ela diz que não arremessa igual uma garota! Você acredita nela?

— Agora não é a hora, Sam — disse Charlie. Ele olhou para Tess. Ela estava parada ali, tão real quanto qualquer pessoa com quem ele já tivesse conversado. Não havia um único sinal de que ela estivesse se esvanecendo. E, mesmo assim, no fundo da sua mente, Charlie sabia que isso não tardaria. Ele se perguntou o quanto da situação ela compreendia. E decidiu começar com uma pergunta simples: — E então, como está?

— Estava bem, até perceber que não conseguia ver meu reflexo na água — ela disse. — Agora eu estou confusa. Me diga o que está

acontecendo, Charlie.

Ela obviamente não sabia o que tinha acontecido, e ele percebeu que teria de lhe dar a notícia.

– Vamos lá – ela disse. – Sou uma garota crescida. Eu consigo aguentar. – Ela obviamente estava tentando demonstrar coragem, mas a sua voz trêmula a traiu. Ele havia visto isso quando alguns espíritos passavam pelo Waterside. Sentiu a dor de tudo aquilo pelo qual ela estava passando – a confusão, a dor, a tristeza.

– Não sei por onde devo começar – disse Charlie.

– Que tal pelo começo?

– Tudo bem – ele disse. – O *Querência* está desaparecido há 48 horas. A cidade inteira está preocupada. A frota saiu para fazer uma busca.

– Desaparecido há 48 horas? – ela pisou com força no chão. – Droga, é tempo demais...

– Um pescador encontrou um pedaço do seu casco perto de Halibut Point. Tink e eu achamos o seu bote salva-vidas em Sandy Bay.

– Onde?

– Sandy Bay, perto de Rockport.

– Isso é estranho. Eu não estava perto de Rockport. Deve ter sido o vento e a corrente. – Ela caminhou em direção ao balanço e sentou-se na prancha de madeira.

– Você se lembra do que aconteceu? – perguntou Sam.

– Não – ela disse.

Charlie a observou cuidadosamente. Ele não havia deixado de notar nenhum indício. Não havia nada que indicasse o que ele podia perceber facilmente. Os contornos dela não estavam transparentes. Não havia um brilho celestial à sua volta. Parecia ser a mesma de sempre, radiante como nunca. Ela deu um impulso com as pernas, e o balanço começou a se movimentar.

– Você precisa tentar lembrar – disse Charlie. – Precisamos saber

onde você estava quando tudo aconteceu.

Tess deu um salto e saiu do balanço.

— Olhe, eu sei exatamente o que aconteceu. A tempestade tinha Força 10, e eu passei a noite de cabeça para baixo na água. Estava frio demais. Um maldito pote de molho para salada quebrou na cabine. O cheiro empestou tudo. Ainda consigo sentir aquele cheiro em mim.

— E depois?

— Depois, eu estava do lado do túmulo do meu pai.

— Você se lembra de voltar para o porto?

— Não exatamente.

— Você se lembra de como chegou ao cemitério?

— Não, Chas. Está tudo embaçado.

— Está tudo bem — ele disse. — Às vezes, quando acontece de repente, você nem percebe o que está havendo. Leva um tempo para se acostumar. — Ele a observou cuidadosamente, ponderando o impacto das suas palavras.

Ela pareceu estar atordoada, e então disse:

— Meu Deus, o que vai ser de mim?

— Tudo vai ficar melhor em breve — ele disse, sua voz engasgada entre as palavras —, e você vai perceber que logo poderá ir a um lugar onde se sentirá em casa.

— Em casa? Do que você está falando? Minha casa fica em Lookout Court, e eu moro com Bobo. Meu lar é com a minha mãe e meus amigos. — Havia lágrimas em seus olhos cor de esmeralda. Ela passou as mãos por eles e tentou forçar um sorriso, mas ele pareceu torto em seu rosto. Então ela disse: — E eu estava até começando a pensar que o meu lar pudesse ser com você.

VINTE E DOIS



Tess não era uma navegadora supersticiosa. Nunca se preocupou se alguém de sua tripulação dizia “porco”, uma palavra que a maioria dos marinheiros teme por crer que esses animais conseguem, de alguma maneira, enxergar o vento e, então, mencioná-los poderia trazer um vendaval. Ela teve a audácia de assobiar enquanto trabalhava – outro tabu nos mares –, e nunca hesitou em sair para navegar às sextas-feiras, o que por séculos fora um prenúncio para desastres. Frequentemente subia ao seu veleiro pisando no convés com o pé esquerdo primeiro, e insistiu que o *Querência* fosse pintado de azul, uma cor associada à tragédia nos mares.

Agora, incrivelmente, imaginava se teria sido imbecil desafiar a sorte durante tanto tempo. Ela havia trazido flores para o barco, mesmo que os marujos insistissem que elas fossem reservadas para funerais. Ela sempre olhava de volta para o porto depois de sair da doca, outra violação do código. Sim, ela havia quebrado as regras mais de mil vezes, e Tess não conseguia deixar de pensar que provavelmente era culpada pela situação.

A noite caía sobre a floresta. A lua aparecia no céu, as estrelas também, e Tess estava sentada com Charlie e Sam na mesa de piquenique na clareira. Ela lutava para não desabar. Pensamentos loucos e aleatórios inundavam o seu cérebro. Não queria perder o controle na frente dos dois irmãos. Mas, pouco a pouco, a realidade dos eventos estava se firmando na sua consciência.

A vida tinha chegado ao fim.

Ao tocar no pequeno galo causado pela pancada em sua cabeça, ela começou a enxergar lampejos do que realmente havia acontecido na noite da tempestade. As imagens chegavam fragmentadas. Ela não conseguia enxergar a situação por completo, mas conseguiu ver as ondas cobrindo seu corpo, e o mundo ficou negro.

No fundo, ela começou a perceber o que a morte significava.

Ela nunca faria regata solo ao redor do mundo.

Ela nunca velejaria pelo Estreito de Malaca ou pelo Mar de Sulu.

Ela nunca veria o seu nome no Salão dos Famosos em Providence.

Ela nunca se casaria na igreja de Old North.

Ela nunca teria sua lua de mel na Espanha, nem correria com os touros em Pamplona, nem enxergaria o local ensolarado e seguro das touradas de Sevilha.

Ela nunca sentiria o milagre da vida chutando dentro do seu ventre.

Ela nunca ensinaria a sua filha como içar uma vela principal ou como insuflar uma vela na curvatura correta.

Pior de tudo – e era isso que a afligia mais do que qualquer coisa –, ela nunca conheceria o verdadeiro e duradouro amor.

Tess tentou interromper seus pensamentos. Nunca havia chegado a considerar uma lista como esta até o dia anterior, mas agora ela crescia cada vez mais.

Ela nunca voltaria a sentir o gosto do rosbife no Mino's. Nunca colocaria o uniforme para participar do jogo de futebol americano feminino no dia de Ação de Graças. Esses eram os seus rituais, as rotinas que faziam com que ela se sentisse viva e ligada aos outros. Sem esses rituais, onde ela estaria?

Perdida.

E havia também este novo e maravilhoso rapaz. Ela nunca conheceria realmente Charlie St. Cloud, que apareceu do nada em sua vida e foi arrancado dela de repente. Por que ela o havia encontrado agora? Deus devia ter um motivo.

Tentou se concentrar no que Charlie e Sam, um de cada vez, diziam, descrevendo a vida após a morte e o caminho para o próximo estágio. Eles faziam parecer que era a transição mais natural do mundo. Após um momento, ela interrompeu Charlie:

– Eu preciso entender como isso funciona. Como você consegue enxergar o Sam? – ela hesitou por um momento. – E como você consegue me ver?

– Quando o nosso acidente aconteceu – explicou Charlie –, eu atravessei para o outro lado também. Foi uma daquelas experiências de quase-morte, e quando eles me ressuscitaram com o desfibrilador, eu fui agraciado com este dom. Eu ainda seria capaz de ver as pessoas no limbo entre a vida e a morte.

– É onde eu estou agora?

– Eu acho que sim – ele disse. – Mas estou confuso com algumas coisas. Você não se parece com a maioria dos espíritos.

– Vou pensar que isso foi um elogio – disse Tess. – Mas por que ainda consigo tocar nas coisas e nas pessoas? Como foi que nós nos beijamos na noite passada? Por que eu consigo abrir portas e mudar de roupa e colocar ração para o Bobo?

Charlie sorriu.

– Neste momento, você está com um pé em cada um dos mundos. Você está aqui, mas ao mesmo tempo não está. Você está literalmente no meio do caminho – ele estendeu o braço e pegou na mão dela. – Pessoas que morrem de maneira muito abrupta ou que não querem se desapegar do mundo físico podem exercer uma presença muito forte. Elas podem fazer coisas como lançar bolas de beisebol, beber cerveja, ou dar a descarga no banheiro. São elas que fazem as luzes piscarem e que trombam com as coisas à noite.

– E por que eu não vi nenhum desses ainda?

– Além de Sam, não há nenhum outro por aqui no momento – ele disse. – A Sra. Phipps, professora do ensino médio, fez a travessia hoje pela manhã. E eu não vejo um bombeiro chamado Florio há

algum tempo.

– Viu, Deus escolhe quando você vive e morre – acrescentou Sam.
– Mas quando você está entre os dois mundos, você tem uma escolha também. Pode escolher ficar por aqui durante o tempo que quiser, como eu. Ou você pode ir para o próximo estágio. Você decide.

Tess sentiu uma onda de preocupação.

– Por que o meu pai ainda não veio me ver? – ela perguntou. – Eu sempre pensei que ele fosse esperar por mim aqui.

– Não se preocupe – disse Charlie. – Ele vai esperar por você do outro lado, mas você ainda não fez a travessia.

– Eu achei que este fosse o outro lado.

– É o que todos pensam – disse Sam. – Eles assistem àquele John Edward na televisão. Leem aqueles livros sobre a vida após a morte. Todo mundo diz que, quando você morre, vai enxergar uma luz e fazer a travessia. E esse é o fim. – Ele sorriu e a sua voz se reduziu a um sussurro. – Na verdade, é mais complicado.

Então ele se levantou e começou a fazer gestos com as mãos:

– Na verdade, existem vários níveis e lugares deste lado – ele desenhou um círculo no ar. – Imagine que esta é a terra dos vivos. Marblehead está bem aqui, no meio de tudo. Sua mãe, seus amigos, até o Bobo. – Ele traçou outro círculo ao redor do primeiro. – Estamos bem aqui. Um nível além. É a área entre os mundos.

– Pense no caso como um ponto de parada entre a vida e a morte – disse Charlie. – É como uma parada no acostamento para descansar. Eu estive aí durante uns dez minutos até que o paramédico usou o desfibrilador em mim e me ressuscitou.

– Eu não entendo. Se isso é uma parada no acostamento para descansar, por que Sam ainda está aqui?

Os irmãos se entreolharam. Sam curvou os ombros e ia começar a falar quando Charlie o interrompeu:

– Nós fizemos uma promessa.

– Que tipo de promessa?

Houve um longo silêncio. Nenhum deles respondeu.

– Tudo bem – ela disse. – Não precisam me contar. Mas eu estou certa, Sam? Você pode ficar aqui o tempo que quiser?

– Posso.

– Eu posso ficar também?

– Você está apressando as coisas – disse Charlie.

– É – disse Sam. – Haverá tempo para isso mais tarde. No momento, você ainda tem muito que aprender.

– Vá em frente – disse Charlie. – Mostre a ela como as coisas funcionam.

– Será um prazer – Sam olhou para o céu, agitou as mãos em um movimento circular, e rapidamente o vento soprou por entre as árvores. Um redemoinho de folhas os rodeou. – Nada mau, hein?

– Você fez isso?

– É fácil. Podemos inflar as suas velas. Podemos tocar o seu rosto – ele mexeu as mãos gentilmente, e o cabelo de Charlie se agitou.

– Eu nunca imaginei que fosse possível – disse Tess.

– E podemos caminhar entre os sonhos, também – disse Sam.

– O que é isso?

– Nós podemos entrar nos sonhos das pessoas. Podemos ficar lá, onde quer que o inconsciente nos leve. E podemos dizer coisas para eles.

– Quer dizer que, quando eu sonho com o meu pai...

– Exatamente – disse Charlie. – Espíritos em qualquer nível sabem caminhar entre os sonhos, mesmo depois de terem feito a travessia.

– Tem certeza?

– Nunca dá para ter certeza de nada – ele disse. – Mas parece

que é assim que as coisas funcionam.

Tess balançou a cabeça. Era demais para ela que mal podia respirar. Ela se sentia soterrada. Havia sonhado com seu pai quase todas as noites durante um ano após a sua morte. Sempre pensou que aquelas imagens eram a prova do quanto ela sentia a falta dele. Mas e isso agora? Ele a visitou durante o sono? Ela não sabia no que acreditar. E aí uma fagulha de raiva se acendeu dentro de sua alma. Só tinha certeza de uma coisa: não queria passar a eternidade fazendo o vento soprar ou andando pelos sonhos das pessoas. Ela queria a sua vida de volta. Queria velejar. Queria viver. Ela queria amar.

De repente, tudo era silêncio na clareira. A brisa se acalmou. E Tess pronunciou a única questão que parecia ser mais importante do que todas as outras:

— O que acontece se eu não quiser atravessar para o outro lado? — ela estendeu a mão para Charlie. — E se eu quiser apenas ficar aqui com você?

— Não precisa se apressar — disse Charlie. — Você tem todo o tempo do mundo.

Então Sam se levantou e ficou ao lado dela. Ele colocou sua mão na dela e a puxou gentilmente.

— Vamos lá, Tess.

— Vamos aonde?

— Eu vou mostrar o lugar para você. É como um treinamento. Não vai demorar.

Tess não tinha certeza do que fazer. Ela não queria ir a lugar nenhum. Tudo que ela desejava era preservar aquele momento e aquele lugar, temendo que depois nada seria como antes. Ela ouviu a voz reconfortante de Charlie:

— Não precisa ter medo. Quando você terminar, volte para a minha casa.

Ela olhou nos seus olhos cor de caramelo e não conseguiu acreditar no que o destino havia lhe reservado. Ela sabia que era piegas, mas

havia esperado a vida toda para encontrar alguém como Charlie, e ele estava bem perto dela, o tempo todo. Tess estava pronta para velejar ao redor do mundo e encontrar o seu companheiro, e ele estava esperando bem ali no Waterside.

Ela sentiu Sam puxando a sua mão.

– Vamos lá! – disse ele, e ela percebeu que estava andando de mãos dadas por entre a Floresta das Sombras com um garoto e seu beagle já mortos. Isso a deixava confusa. Após alguns passos, ela se virou e viu Charlie, sua silhueta solitária iluminada sob a lua.

– Promete que vai estar aqui quando eu voltar?

– Eu prometo – ele respondeu.

E Sam olhou para ela com seus olhos grandes e belos:

– Não se preocupe, Tess. Ele sempre cumpre as promessas que faz.

VINTE E TRÊS



Tess tinha uma aptidão natural para voar. Na verdade, “voar” não era exatamente o termo. Não era nada como o Super-Homem, com seus braços estendidos e a capa esvoaçante. Era a chamada viagem espiritual, explicou Sam, e era controlada pela mente. Bastava imaginar as possibilidades e você poderia correr, nadar, mergulhar ou planar através de qualquer dimensão. Era quase como usar a internet. Um clique aqui, um clique ali. Bastava pensar em um lugar e você estaria lá.

Para Tess, parecia ser o melhor de todos os esportes radicais, sem limites para a velocidade ou a distância que ela poderia atingir. Nunca acreditou nessas coisas sobrenaturais, mas em pouco tempo estava voando sobre o centro da cidade, circulando a biruta dourada que indicava o vento no topo de Abbot Hall, e disparando para o cais para verificar os barcos.

– Melhor que jogar Playstation, não é? – disse Sam quando eles se materializaram perto do topo do farol de Marblehead.

– É de virar a cabeça – ela disse, observando o poderoso feixe de luz verde passar bem por dentro dela.

Próxima parada: as corridas noturnas de submarinos na praia Devereux, onde veículos esportivos e caminhonetes com os vidros embaçados lotavam o estacionamento.

– Charlie disse que beijar é igual a jogar beisebol, mas sem o bastão – disse Sam.

– Eu acho que é mais parecido com o futebol americano, mas sem o equipamento de proteção – riu Tess. – Você já beijou uma menina?

– Não – disse Sam. – Tentei uma vez, mas Stacie Bing me deu um soco no nariz e me mandou a nocaute. Eu acordei na sala da diretora.

– Sério?

– Juro.

– Mas e agora? Você sabe, nesse lugar entre os mundos? Tem alguém da sua idade?

– Na verdade não – ele disse. – Eles não aparecem aqui com muita frequência, e eles fazem a travessia em pouco tempo. – Ele deu de ombros. – Aonde você quer ir agora?

Tess pensou por um momento:

– Que tal a casa da minha mãe?

– Ok, me mostre o caminho.

E, assim, eles se viram perto da lagoa de Black Joe, em Gingerbread Hill. Este era o território consagrado da sua juventude. Nessa lagoa, nove gerações de Carrolls haviam nadado no verão e patinado no inverno. Era também o lar de um grupo de tartarugas de água doce e de um grupo de garças azuladas.

Tess olhou através do gramado onde ela costumava correr por entre os esguichadores de água quando era criança. A casa da família, uma charmosa mansão colonial com chaminés de tijolos, parecia uma casa de brinquedo com vista para a lagoa. Com seu telhado curvo, tábuas aparentes e janelas duplas, ela havia mudado muito pouco desde que fora construída por seus ancestrais em 1795. As luzes do piso térreo estavam acesas na sala de estar, e ela viu uma face peluda em uma das janelas do segundo andar. Era Bobo, olhando sem expressão para o gramado onde ela se encontrava. Ele estava sentado na sua cadeira de sempre, ainda esperando que Tess voltasse para casa.

Um carro parou em frente à casa, e Tess notou um grupo de veículos parados nas proximidades.

- Quem será que está aí? – disse Tess.
- São seus amigos.
- Ai, meu Deus. O que eles estão fazendo?
- Acho que eles realmente gostavam de você.

Uma vez mais, Tess teve a sensação de ser esmagada. Então ela disse:

- Vem, vamos olhar.
- Tem certeza de que quer fazer isso? – perguntou Sam.
- Tenho.
- Pode ser uma decepção das grandes.

Ela reconheceu a maioria dos carros, incluindo o Subaru vermelho do reverendo Polkinghorne, e hesitou. A última vez que ele esteve naquela casa foi quando o pai de Tess falecera. Pensar sobre sua visita na noite do ataque cardíaco de seu pai trouxe muitas imagens daquela primeira semana: o fluxo contínuo de amigos, as flores deixadas na soleira da porta e os telefonemas. A segunda semana foi diferente: apenas alguns amigos vinham visitar, os pacotes de presentes desejando pêsames pararam de chegar, e o telefone quase não tocava mais. Foi quando sua mãe percebeu o quanto estava sozinha no mundo. Será que ela teria forças para passar por tudo aquilo de novo?

Então, Tess marchou resolutamente por sobre a grama, atravessando o terreno com vinte passos. A porta lateral estava aberta. As botas de pescar, caçar e de montanhismo do seu pai estavam alinhadas com cuidado no chão. Ele havia morrido havia dois anos, mas sua mãe ainda as mantinha ali como um conforto.

Grace estava na cozinha, mexendo a velha panela de caldo. Seu rosto estava triste; seus olhos, avermelhados, e a sua blusa azul não combinava com a saia marrom. Seu cabelo estava preso e laqueado de uma forma que sugeria que ela o havia forçado bem antes de os convidados chegarem. Essa foi a sua aparência durante várias semanas após o funeral do marido. Quando Tess a estimulou a se cuidar um pouco melhor, ela respondeu que mal conseguia manter a sanidade, e

quem se importaria com roupas nesse estado?

Tess ficou ao lado dela. Ela queria muito abraçá-la, mas, quando levantou os braços, Sam a interrompeu, ficando entre elas.

– Desculpe – disse ele –, mas não é uma boa ideia.

– Por que não?

– Eles se assustam.

– Por que diz isso? É só um abraço.

– Confie em mim, eles entram em pânico ou sentem que não é o bastante e querem mais. De qualquer forma, só piora as coisas. É por isso que nunca tocamos as pessoas.

– Mas eles não sabem que somos nós? Eles não conseguem saber?

– Não, eles não entendem. Eles acham que estão tendo alucinações, ou então acabam bebendo demais ou se enchendo de Lexotan.

– Mas ela parece estar tão desconcertada.

– Ninguém vai impedir você de fazer o que quiser. Você pode abraçar ou beijar a sua mãe, mas vai acabar descobrindo que há maneiras muito melhores de mostrar a ela que você está por perto.

– Você me ensina como?

– Claro, mas você vai acabar descobrindo de qualquer maneira.

Tess deu um passo para trás e observou Grace terminar de preparar o caldo. Alguns dos últimos ingredientes estavam sobre o balcão. Era a receita da bisavó Carroll, com bacalhau, carne de porco salgada, cebolas, alho-poró, cenouras e meio litro de creme de leite grosso. Elas haviam discutido incessantemente sobre a gordura assassina daquele último ingrediente. Durante anos, Grace tentou cozinhar de maneira mais saudável, especialmente para George, e ela sempre usava uma dose menor do creme de leite. Tess achava que aquilo era um sacrilégio imperdoável. Ela chamava aquilo de caldo light, e ele estava com a Diet Coke, cervejas com baixo teor de carboidratos e a culinária dietética na sua lista de COISAS QUE EU MAIS DETESTO. Quaisquer que fossem as consequências, ela tinha certeza de que as coisas

especiais da vida valiam a pena todas as calorias e o colesterol extra.

Tess ouviu quando a porta da cozinha se abriu. Era o reverendo Polkinghorne, que havia demonstrado certo interesse em Grace desde que seu marido falecera. Como sempre, ele vestia os melhores itens do catálogo da L. L. Bean: um suéter xadrez azul, calças cáqui e mocassins Blucher.

– Você está trabalhando demais – ele disse. – Não vai me deixar ajudá-la? Eu me viro bem na cozinha.

– Você pode levar alguns pratos para a outra sala.

Enquanto Grace tirava as tigelas do armário, Tess viu uma oportunidade. Ela correu até o fogão, notou que ninguém estava olhando naquela direção, e despejou o creme de leite grosso na panela. Então, como de hábito, ela jogou a embalagem vazia no lixo perto da porta. A caixa longa vida bateu na borda e caiu no chão.

Grace se virou. Ela viu a embalagem no chão e andou até ela. Ela se ajoelhou, pegou a caixa e balançou a cabeça.

– Acho que estou perdendo a razão – ela murmurou, jogando-a no lixo. De volta ao fogão, Grace mexeu o caldo por mais algum tempo e trouxe a colher de madeira até seus lábios. Uma delícia. Ela foi até a geladeira, tirou outra embalagem de creme de leite, e despejou metade no caldo. Ela mexeu a mistura mais algumas vezes, pegou a panela com luvas de forno e foi para a sala de jantar.

Tess e Sam a seguiram. A sala de estar estava cheia de amigos. As senhoras da Sociedade Humana Feminina estavam reunidas em um canto, enquanto Bony e os rapazes do porto tomavam cidra em outro. Fraffie Chapman e Myrtle Sweet, da Comissão Histórica do Distrito, estavam xeretando no hall de entrada e examinando os detalhes arquitetônicos. “As Quatro Estações” tocava baixo no aparelho de som, a televisão brilhava em silêncio, e Bella Hooper, A Mulher que Escuta, sentou-se pacientemente, esperando por alguém que quisesse conversar.

Tess andou pela sala, ouvindo as conversas, sem se surpreender com o que se falava. Aqueles momentos eram sempre difíceis e

desconfortáveis, e as pessoas conversavam sobre as coisas mais imbecis. Fraffie e Myrtle se lamentavam sobre o tapete felpudo – historicamente inaceitável – sobre as escadas da frente. Myrna Doliber, a diretora funerária com a cabeleira negra brilhante e bem-cuidada, estava sentada em um sofá com alguns amigos, contando-lhes outra de suas superstições:

– Se três pessoas forem fotografadas juntas, aquela que estiver no meio vai ser a primeira a morrer.

Então, com voz monótona e estrangulada, Grace chamou seus convidados à sala de jantar:

– Venham comer – e ficou pacientemente na mesa do bufê, enchendo tigelas com o caldo.

Quando todos haviam sido servidos, o reverendo Polkinghorne os conduziu em uma oração:

– Agradecemos ao Senhor pela comida, quando os outros têm fome; pela bebida, quando os outros têm sede; e pelos amigos, quando os outros estão solitários – ele começou. – E que a luz do Senhor proteja a nossa querida Tess, onde quer que ela esteja. Que o amor do Senhor esteja com ela, que o Seu poder a proteja, e que a Sua presença cuide dela. Onde quer que ela esteja, o Senhor está. E que ele a traga em segurança de volta para nós. Amém.

No canto, Tess ficou observando enquanto todos devoravam a sopa da sua mãe. Então chegaram os cumprimentos habituais, e ela não conseguiu evitar um sorriso.

– Nossa, está tão cremosa – disse Todd Tucker, o seu cortador de velas favorito. – Você colocou a vaca inteira aqui?

– Sabe, em 1629, os primeiros colonizadores de Marblehead faziam caldo com arenque – disse Fraffie, sem se dirigir a ninguém em particular.

Grace sorriu educadamente. Ela estava, é claro, se esforçando ao máximo para não desabar. Seus lábios estavam apertados, e seus olhos eram pequenas fendas. Alguns outros visitantes elogiaram o caldo, e

Grace começou a chorar. O seu sorriso frágil desapareceu, e seus olhos se encheram de lágrimas. Com um rápido movimento da mão, ela enxugou as lágrimas.

Tess estava desesperada, querendo fazer alguma coisa, mas Sam colocou sua mão sobre o ombro dela.

— Não — ele disse. — Ela tem de passar por isso. Não há outro jeito.

Então a campainha tocou, e Grace correu para a porta, por onde a forma gigantesca de Tink estava entrando. Ele se curvou para abraçá-la, e seguiu-a até a sala de estar. Os presentes se calaram para ouvir as últimas notícias da busca.

— O último barco voltou — ele começou. — Acharam mais lixo e fragmentos. Pode ter vindo de algum barco de pesca, ou pode ser lixo do *Querência*.

— Nenhum sinal dela ainda? — perguntou Bony. — Nenhum sinal de rádio? Nenhum sinalizador?

— Ainda não, mas amanhã nós sairemos ao raiar do dia e vamos encontrá-la.

— Por que esperar até amanhã? — perguntou Grace. — Por que não agora?

— Não dá. O céu está carregado de nuvens, e a lua nem aparece. Não dá para enxergar nada.

— Quanto tempo você acha que ela ainda consegue aguentar? — perguntou Grace.

— Você a conhece melhor que ninguém — disse Tink. — Ela é uma guerreira. Ela não vai desistir até que a encontremos.

Desesperada, Tess olhou para Sam. Essas pobres almas estavam se apegando a falsas esperanças. Então o reverendo Polkinghorne se levantou do sofá, alisou a calça e perguntou:

— Vamos nos unir em mais uma oração?

— Não — disse Grace, enfaticamente. — Sem orações, por favor. —

Ela foi até a janela, enxugou os olhos e fitou o oceano.

Tess chegou mais perto. Como seria possível que seu toque não acalmasse sua mãe? Com cuidado, gentilmente, ela colocou a mão sobre o ombro da mãe. Grace ficou tensa e estremeceu, virando-se de costas e, com um olhar amedrontado, voltou para perto dos outros.

— Eu acabei de sentir um calafrio muito forte — ela disse ao reverendo Polkinghorne. — Foi igual ao que senti quando George morreu. Eu poderia jurar que esta casa está assombrada.

A tristeza tomou conta de Tess.

— Não consigo mais ficar aqui — ela disse para Sam. — Tenho de sair. Agora. — Ela correu para o jardim, sob um céu negro. Queria correr o mais rápido e para o mais longe que pudesse. Ela nunca havia se sentido tão impotente em toda a sua vida. Não havia nada que pudesse fazer por sua mãe. Não havia nada que pudesse fazer por si mesma.

Se ao menos seu pai estivesse lá... e um pensamento aterrorizante tomou conta da sua mente: e se o seu pai tivesse passado por este mesmo inferno, tivesse sido forçado a observar seus amigos sofrendo? Será que ele esteve na sua cadeira ao redor da mesa de jantar durante aqueles jantares silenciosos e agonizantes? Será que os mortos sofrem ao nosso lado? Será que sentem a nossa dor?

Sempre lhe disseram que os mortos iam para um lugar melhor, que eram abraçados pela luz, que eles estavam com os anjos. Mas e se realmente não fosse assim? E se a perda fosse tão difícil para os mortos como é para os vivos? E se a dor nunca desaparecesse?

Ela foi até a lagoa e sentou-se em uma pedra. Sam a acompanhou; os dois ficaram em silêncio por um longo tempo. Então Tess perguntou:

— Vai ser sempre assim?

— Não — disse Sam. — No começo é ruim, mas isso muda. Você vai ver.

— Qual foi o pior momento para você?

Sam lançou uma pedra na água.

— Foi logo depois do acidente — ele disse. — Charlie e eu estávamos juntos. Eu estava assustado. Charlie havia acabado de prometer que iria ficar comigo para sempre, e de repente ele começou a desaparecer. Eu fiquei preso, sozinho, naquele lugar esquisito, que era o cemitério. — Ele sentiu um nó lhe apertar a garganta. — Nós só descobrimos o que tinha acontecido depois. Sabe, nós estávamos bem ao lado um do outro naquele lugar entre os mundos e, então, o paramédico usou o desfibrilador em Charlie e ele desapareceu. — Ele jogou outra pedra. *Splosh*. — Achei que nunca fosse vê-lo de novo. Eu realmente acreditava que fosse o fim.

— E o que aconteceu?

— Ficou tudo bem. Nós ainda nos encontramos todos os dias e jogamos beisebol.

— Mas não é a mesma coisa.

— Não, não é — ele disse. — Mas nós fizemos uma promessa.

— E o que aconteceria se você...

— Quebrasse a promessa? De jeito nenhum. Nunca vai acontecer — ele pisou com força na pedra.

— Desculpe — ela disse. — Eu aposto que vocês dois são uma dupla e tanto. — Ela o observou por alguns momentos e sentiu a tristeza apertar. Quantos garotos como ele estariam entre os mundos, apegados a seus irmãos e irmãs mais velhos que ainda estavam vivos? Quantos maridos estavam flutuando entre a vida e a morte, atraídos por suas esposas neste mundo? E quantos milhões e milhões de pessoas como Charlie existiam no mundo, que não conseguiam se desapegar de seus entes queridos quando eles tinham de partir?

Eles se sentaram em silêncio à beira da lagoa, ouvindo o coaxar das rãs. Ao longe, o motor de um barco roncava. Ela ouviu ruídos no gramado e se virou para ver os convidados saindo. As luzes da cozinha e da sala se apagaram. Pela janela, ela observou a silhueta da sua mãe subindo as escadas. Ela a viu chegar à janela do quarto, coçar atrás

das orelhas de Bobo, olhar para fora por alguns momentos, e depois fechar as cortinas.

Tess abraçou os joelhos. Ela se sentia como um pequeno grão no universo. Ela estava perdida e queria desesperadamente ser confortada pela única pessoa que poderia ajudá-la a enfrentar esta noite solitária.

VINTE E QUATRO



Os mapas estavam espalhados por toda parte, assim como as folhas impressas com as informações do Serviço de Meteorologia e da **Administração Nacional Oceânica e Atmosférica**. Com uma régua e uma calculadora, Charlie estava selecionando um local para fazer uma busca ao amanhecer. Ele não se importava que o supercomputador da Guarda Costeira tivesse calculado todos os dados sobre as marés, correntes e temperatura da água e concluiu que as chances de Tess sobreviver estavam entre “mínimas” e “nenhuma”. Na verdade, ele entendia que a situação parecia não ter esperança, especialmente porque o espírito de Tess já havia aparecido no cemitério. Mas seu cérebro negava tudo e seu coração doía; ele tentava encontrar alguma outra explicação para os incríveis acontecimentos das últimas 24 horas.

Ele conhecia muitos exemplos de milagres que haviam acontecido no oceano, de marinheiros que sobreviveram durante dias, semanas, ou até mesmo meses em botes salva-vidas ou agarrados a destroços. O *Hornblower* afundou no verão passado em Stellwagen Bank, e 55 horas depois resgataram sua capitã e sua família da morte, todos estavam boiando em seus coletes salva-vidas, amarrados uns aos outros com uma mangueira verde de lavar o convés. Claro, a água estava mais quente, mas Tess tinha um traje de sobrevivência Gumby, adequado para baixas temperaturas. Em teoria, ela deveria estar usando o traje quando seu barco afundou, e assim ela ainda poderia estar viva.

A lenha na lareira já havia se transformado em brasas. O relógio do

videocassete mostrava que já era quase meia-noite. Como o tempo teria passado tão rápido? No início, ele não notou os galhos das árvores agitando-se contra a janela, mas o barulho ficou mais alto. Aquilo era estranho. O cemitério esteve silencioso durante toda a noite. Charlie se levantou, alisou a camiseta, amarrou o elástico da sua calça de moletom cinza, e ajustou uma das suas meias vermelhas de lã. Ele foi até a porta, abriu-a, e olhou para fora.

O coração de Charlie pulou. Tess estava em pé nas sombras.

– Meu Deus, estou tão feliz em ver você – ele disse, pegando na sua mão e puxando-a para dentro. Ela olhou para ele com olhos muito tristes.

– Acho que tem alguma coisa acontecendo comigo – ela disse. – Eu nem consegui bater na porta. Não fez nenhum som quando eu tentei, então eu tive de fazer o vento agitar os galhos da árvore.

Charlie ficou tenso. Ela estava perdendo a sua conexão física com este mundo. Era o primeiro sinal de que ela estava se esvanecendo, mas ele ainda não conseguia acreditar. Cada pequeno detalhe estava tão perfeito quanto Deus havia criado, e ele não percebeu nenhum sinal de que ela se tornou um espírito. A maioria dos fantasmas tinha um brilho em seus olhos e uma luminescência na pele. Sam reluzia quando a luz o tocava em certo ângulo e, às vezes, quando ele se movia rapidamente, seus contornos ficavam desfocados. Mas Tess estava lá por completo, cada ângulo e cada curva. Ela estava no meio da sala de estar escura, olhando para a confusão de mapas e dados climáticos. Charlie chegou por trás dela e colocou as mãos sobre seus ombros. Ela estremeceu, virou-se e olhou fundo em seus olhos. Ela estava definitivamente assustada. Ele tentou colocar seus braços ao redor dela, mas ela o impediu.

– Queria poder fazer isso, mas Sam disse que é contra as regras.

– Sam? Ele é um pequeno estraga prazer mesmo.

– Ele diz que é demais para aguentar.

– Eu não me importo em arriscar. – As mãos dele estavam ao redor dela, e ele a puxou para perto. Com o corpo dela apertado

contra o seu, Charlie sabia que ela continuava macia onde era importante. Ela estava lá, completamente, em seus braços. Não havia como se enganar. Ela era real.

Quando o abraço afrouxou, ela andou até o enorme sofá de couro, sentou-se no centro e se afundou nas almofadas.

— Eu não consigo acreditar que essa droga está acontecendo — ela disse. — Eu simplesmente não consigo... Eu fui à casa da minha mãe com Sam — Tess disse. — Eu não consegui suportar. Tudo estava tão triste... Eu não acredito que a fiz passar por tudo isso de novo. — Ela colocou uma almofada sobre o colo. — Meu amigo biruta Tink acha que ele vai conseguir me resgatar amanhã. Deus o abençoe. Minha mãe está cheia de esperança, agarrada a essa ideia. — Ela jogou a almofada no chão.

Charlie colocou seu braço ao redor dela. Ele podia senti-la tremer com cada suspiro. E era aquilo que parecia realmente impossível de explicar. Ela era um espírito, e mesmo assim estava tremendo ali mesmo, em seus braços.

— E você? — ela disse. — Onde você esteve esta noite?

— Fui até o cais para ver o que estava acontecendo — ele massageou suavemente os ombros e passou as mãos pelos cabelos de Tess. — A Guarda Costeira disse que um incêndio destruiu o *Querência*. Eles estão recolhendo destroços chamuscados por toda a região do Cabo Ann. Eles acham que é impossível você ter sobrevivido.

— Você acredita nisso? — ela perguntou.

— Não — ele disse, tentando convencer a si mesmo. — Não até que encontremos o seu corpo.

Tess estava olhando fixamente para um pedaço de madeira que queimava na lareira.

— Um incêndio... — ela sussurrou. Ela pareceu estar perdida em algum lugar durante um longo tempo, e então, subitamente, seus olhos se abriram e ela disse: — Charlie... Meu Deus, eu acho que me

lembro do que aconteceu...

O barco estava de cabeça para baixo havia bastante tempo. A cabine estava completamente escura, e as tábuas de proteção contra enchente flutuavam ao seu redor. Ela estava encharcada em diesel, ácido de bateria e molho de salada. A água estava entrando, mas ela não sabia dizer o quanto nem o quão rápido. E o que era mais assustador, o barco estava fazendo ruídos horríveis. O *Querência* agonizava. Tess estava rezando para que seu pai a guiasse por esse tormento. Ela era orgulhosa demais para ativar o sinalizador EPIRB ou pedir socorro pelo rádio. Iria resistir até que não houvesse nenhuma outra opção.

Então, como que por milagre, o barco se endireitou.

Obrigada, pai... onde quer que você esteja...

Tess temia que o mastro do barco tivesse sido arrancado no giro. Ela rastejou pela cabine, tirando painéis e outros equipamentos do seu caminho. Levantou o zíper do seu traje, ajustou e prendeu a sua máscara, subiu a escada que levava de volta ao convés. No alto, ela parou por um instante para escutar o que estava acontecendo. Ela conseguiu ouvir a fúria da tempestade, mas ela precisava verificar o estado dos cabos das velas. Tess prendeu a respiração e abriu a escotilha.

A pressão mudou rapidamente quando o vento soprou com violência para dentro com uma torrente de água salgada. Ela rapidamente prendeu o gancho do seu traje à corda de segurança e se arrastou para o convés. O céu e o mar haviam se unido em uma grande parede branca, e ela sentia como se estivesse voando.

Tess não tinha certeza se seria capaz de ficar em pé contra os fortes ventos. Assim, permaneceu agachada enquanto examinava os danos do *Querência*.

Não havia mais dúvida – o mastro estava quebrado como uma árvore recém-derrubada. No convés, restava apenas a base cheia de

estilhaços e filamentos de fibra de carbono. Os restos da vara transversa, presos pelos ilhoses, balançavam com o barco e batiam na estrutura como um aríete a cada onda. Tess sabia que teria de cortar as amarras ou a vara iria perfurar o casco, e ela então afundaria.

O barco balançava violentamente. Ela correu para o armário da cabine e tirou o cortador de parafusos do suporte. Tess precisou usar toda a sua força para cortar os bastões de aço inox que prendiam as amarras e para cortar o passador principal, duas velas menores e a vela frontal. Naquele instante, uma onda gigantesca varreu o mastro para o oceano.

Agachada, ela foi até o *cockpit* e examinou os instrumentos.

Que droga!

O piloto automático estava desligado. Há quanto tempo isso teria acontecido? Deve ter sido quando o barco ficou sem energia elétrica. Tess socou o botão para fazê-lo funcionar novamente, mas ele continuava sem dar sinal algum. Ela tentou o motor reserva. Nada. Agora não havia escolha: ela teria de manejar o timão sem ajuda. Mas onde ela estava? Ela olhou para a bússola, tentando identificar a direção. Norte. Sul. Leste...

Antes que ela terminasse, uma onda quebrou no convés traseiro, jogando-a bruscamente contra o timão. O choque a fez perder o fôlego, e ela se curvou, tentando puxar o ar. Um trovejar ensurdecedor acima fez com que se levantasse imediatamente. Ela olhou para os céus e viu um forte brilho, e uma teia de relâmpagos que ziguezagueavam, e se espalhou como as raízes de uma árvore pelo céu. Mesmo no meio da tempestade, Tess conseguiu apreciar-lhe a beleza. Mas ela também sabia que o para-raios do barco havia sido varrido para o mar com o mastro e, com ele, a sua única proteção.

Ela apoiou as costas sobre os controles e tentou calcular a sua localização. Ela estava navegando sem direção havia algumas horas. Era difícil dizer aonde o vento e a corrente a levaram, mas ela estimava que talvez estivesse em algum lugar entre...

Tess não conseguiu finalizar o pensamento. O barco rachou-se

violentamente, e ela foi jogada contra as cordas de proteção na lateral do barco. Ela escorregou pelo convés, espatifou-se contra uma escora de metal, e sentiu o gancho de segurança cortando-lhe a pele na altura das costelas. Agora estava deitada de costas no convés, olhando para a escuridão acima.

Seu flanco doía, e se perguntou quanto tempo mais o barco seria capaz de aguentar esse castigo. Ela se esforçou para ficar em pé, lutou para voltar até a cabine e olhou para dentro. A água já havia engolido o beliche e estava subindo rápido.

Era um momento irreal, mas Tess reconheceu que aquela era, literalmente, a hora de abandonar o navio. Todo bom marinheiro de alto-mar sabe que deve esperar até o último momento possível, e nunca entrar em um bote salva-vidas a menos que esteja num navio que vá, sem sombra de dúvidas, afundar. De fato, por anos, muitos marinheiros haviam morrido desertando de barcos que conseguiram permanecer à tona finalmente, apenas para serem engolidos pelo mar em um bote inflável. Mas o *Querência* estava realmente afundando. Assim, Tess puxou o cordão do volumoso pacote amarrado no fundo do *cockpit*. O cilindro de CO2 chiou, e o bote começou a inflar.

Agora lhe restavam duas escolhas: correr de volta para a cabine e ativar o sinal de socorro, ou continuar no convés e contatar a Guarda Costeira no canal 16, a frequência de emergência. Era mais rápido usar o rádio no *cockpit* e, incrivelmente, ele estava intacto. Ela pegou o microfone.

Antes que ela pudesse dizer *Mayday*, sem qualquer aviso ou trovão, um relâmpago explodiu no convés. Tess sentiu a onda de calor da explosão, e depois viu o início de um incêndio a estibordo, onde se localizava o tanque de combustível do barco. Mesmo naquela tempestade, as chamas subiram alto.

Subitamente, o barco se inclinou a estibordo. Tess perdeu o equilíbrio, e sentiu todo o peso do seu corpo se chocar contra o cabo de segurança. Por um instante, ela ficou pendurada de cabeça para baixo, por cima de uma barra transversal da estrutura do casco. Ela sentiu quando o cabo de segurança arrebentou e ela bateu novamente

no piso do convés. Agora não havia nada que a mantivesse no barco. Ela começou a deslizar em direção ao oceano revolto.

Naquele instante, arrastada pelas ondas, ela olhou para o seu amado barco, e aquelas foram as últimas imagens de que se lembraria: o *Querência* em chamas e o céu e o mar esbranquiçados fechando-se a sua volta.

VINTE E CINCO



– Você seria capaz de abandonar Sam?

A pergunta de Tess ficou no ar, iluminada pelo brilho da lareira. Talvez eles estivessem simplesmente negando os fatos, ou talvez encantados um com o outro, mas eles haviam abandonado o assunto sombrio do naufrágio e sonhavam em voz alta sobre como seria a vida juntos.

– Você seria capaz de abandonar o cemitério? – perguntou Tess. Seu rosto estava enterrado no pescoço de Charlie. – Quero dizer... você viria comigo em uma viagem ao redor do mundo? – Ela não conseguia acreditar que estivesse perguntando aquilo, mas era verdade. Não queria mais navegar sozinha. Queria estar com ele.

– Você nunca me viu velejando – ele disse. – Cuidado com o que deseja.

– Não brinque. Estou falando sério – ela se apanhou fazendo uma pergunta que parecia direta demais. – Você vai ficar para sempre aqui com Sam?

Charlie acariciou-lhe os cabelos.

– Lembra-se daquele livro sobre touradas que eu comentei? – Ela fez que sim com a cabeça. – Há uma manobra chamada *al alimón*, em que dois toureiros desafiam um touro enquanto seguram nas extremidades de uma única capa. É suicídio, a menos que eles estejam em perfeita harmonia. Na Espanha, dizem que apenas dois irmãos

conhecem os movimentos e pensamentos um do outro o bastante para executar essa manobra.

– Você e Sam.

– Eu não conseguiria encarar a vida sem ele.

Ele a beijou suavemente na testa, e ela se sentiu segura o bastante para perguntar mais uma vez:

– E o que me diz de nós? O que vai acontecer comigo e com você?

Ele a puxou para mais perto.

– *Confie em seu coração / se os mares explodirem em chamas* – ele murmurou, recitando as palavras do funeral do pai dela.

– *E viva pelo amor / mesmo que as estrelas se movam para trás* – ela respondeu.

– É isso que eu quero fazer com o tempo que temos – ele a beijou gentilmente na face. Então ele sussurrou: – Venha comigo. – Ele se levantou do sofá.

Tess observou Charlie, e não soube o que fazer. Uma vela ainda queimava na mesinha de centro. O fogo da lareira havia se apagado. A sala estava em silêncio.

– Vamos para o andar de cima – ele disse. – Eu não mordo.

– Não podemos – disse Tess, conforme a tristeza retornava. – É impossível. Eu não consegui nem bater na porta. Eu não estou realmente aqui.

– Consegue sentir isto aqui? – ele disse, inclinando-se para a frente e beijando-a no canto do olho.

– Claro que consigo.

– Consegue sentir isto aqui? – ele disse, deslizando a mão pelos seus ombros e indo até os seus seios.

– Sim.

– Você ainda está entre os mundos. Você ainda não fez a travessia. Qualquer coisa é possível.

– Muito esperto – ela disse. – Então é assim que você arrasta fantasmas para a sua cama? – Ela o cutucou. Então ele pegou a vela que estava sobre a mesa e atravessou a sala.

– Por aqui – ele disse.

Tess o seguiu pela escuridão, subindo por uma escada íngreme, e passando por um corredor até o quarto dele. Era pequeno e aconchegante, com um teto curvado e com as vigas aparentes. Uma grande cama feita a mão tomava quase todo o espaço. Ele colocou a vela na mesinha de cabeceira.

À luz da chama, ela viu Charlie tirar sua camiseta e deitar-se na cama. Abaixo do seu peito e abdômen musculosos, a sua calça de moletom estava sugestivamente baixa ao redor da sua cintura. Uma pequena parte dentro dela queria se fazer de difícil e forçá-lo a trabalhar. Era um reflexo que vinha de anos de experiência e decepções. Mas aquilo era ridículo. Não era hora para joguinhos. Era agora ou nunca.

– Me diga a verdade – ela disse. – Você já fez isso antes?

– Fiz o quê? Dormir com um espírito em nosso segundo encontro?

– Aquela covinha inacreditável apareceu quando ele sorriu.

– Não abuse da sorte, cara – ela tirou a presilha do cabelo, que lhe caiu sobre os ombros. Começou a desabotoar a blusa. E subitamente ela percebeu. As linhas em suas mãos estavam mais suaves. A sua pele estava menos visível. Até mesmo o toque das suas roupas estava diferente. Tudo parecia menos substancial. Demorou um momento para que compreendesse, mas Tess logo percebeu.

Ela estava começando a desaparecer.

A situação a inundou com puro terror. Este era realmente, verdadeiramente, o fim. Logo ela se esvairia e não restaria nada. Não fazia sentido. Sam havia prometido que ela tomaria a decisão sobre quando isso ocorreria. Ela havia decidido: não queria ir ainda. Queria ficar bem ali com Charlie.

– Ei, por que a demora?

– Calma, garoto – ela não sabia o que fazer, mas ele estava lá, com seus braços abertos. E assim ela terminou de abrir os últimos botões da blusa e tirou os sapatos. Ela correu para a cama e apagou a vela com um sopro. Ela não queria que ele a visse assim. Ela não queria que ele soubesse o que estava acontecendo.

Então ela pulou sobre Charlie, sentindo o calor dele contra o seu. Seus dedos se encontraram, e eles estavam finalmente juntos, os braços dele ao redor da sua cintura, e as mãos dela se movendo pelo pescoço dele. O beijo foi profundo e íntimo, como uma história conhecida, com princípio, meio e fim. Eles recobram o fôlego, e então ela se aproximou e beijou o rosto, a testa e os ombros de Charlie.

Tess tinha as mãos sobre o peito de Charlie, seus dedos deslizando ao longo das pequenas saliências que se pareciam com cicatrizes.

– Onde você arrumou isso? – ela perguntou.

– São as marcas das queimaduras quando o paramédico usou o desfibrilador em mim.

Ela beijou cada uma delas suavemente e desceu, deslizando sua boca por cima do abdômen e costelas dele, desfazendo o nó da sua calça de moletom e removendo-a. Então, suas mãos o envolveram, todo o seu calor e força, e ela vibrou com uma nova descoberta: ele era o homem mais perfeito que ela já havia tocado.

Não queria soltá-lo, mas ele fez que ela rolasse de costas, abriu-lhe o zíper do jeans e, em um movimento fluido, levantou o corpo dela para retirá-lo. A sua força era impressionante, e seus instintos eram muito, muito bons.

Ele a manipulava como se ela não tivesse peso, e a ansiedade começou a se desfazer. Após um longo beijo, eles começaram a se enlaçar de maneira lenta e tranquila, e ela sentiu que ele a preenchia completamente. Pela primeira vez em sua vida, indo cada vez mais fundo, Tess perdeu a noção de onde ela terminava e ele começava.

Quando acabou, eles se abraçaram com toda a força. Tess temia até mesmo afrouxar o abraço. Ela estava agarrada ao amor e à vida. Logo,

Charlie estava novamente preparado, e eles encontraram seu ritmo. Desta vez, ela se dissolveu em um estado sublime, que não havia conhecido nem em seus dias de juventude e rebeldia. Com faíscas entre cada sinapse e energia em cada célula, a sensação era surreal, como o êxtase que ela sempre sonhara, e que quase desistiu de encontrar.

Depois, com Charlie descansando a cabeça sobre seu abdômen, ela sentiu as lágrimas lhe virem aos olhos, e depois escorrerem pelo rosto.

– Por favor, não chore – ele disse.

– Não consigo evitar. Eu quero ficar aqui com você. Eu não quero ter de partir.

– Não se preocupe. Não há pressa.

Mas, no quarto escuro, ele não tinha visto a sua forma, que estava se tornando mais etérea. Ela lhe passou as mãos pelo cabelo e massageou as suas costas definidas. Ela o puxou para si uma vez mais. Não havia tempo para dormir ou descansar, pois, em seu coração e em sua alma, ela sabia que eles só teriam esta noite.

Não há pressa...

Mentiras que contamos a nós mesmos, pensou Charlie, enquanto beijava a nuca e seguia os músculos do pescoço de Tess até seus ombros e seios. Ele fechou uma mão em concha ao redor de um, e depois do outro. Ele sentiu o calor deles com as mãos, e depois com a boca.

Ela estava bem ali – arqueando, contorcendo-se por baixo dele –, e mesmo assim ele sabia que o encanto era efêmero, o que só o deixou mais desejoso. Ele lhe passou a língua pelas costelas, por cima da barriga, pelos flancos, maravilhando-se com suas curvas e seus recantos. Ele beijou as pontas dos quadris dela, passando para as suas coxas, e ela se encolheu toda, rindo.

– Assim não é justo – ela murmurou.

– Tudo é justo – ele respondeu.

Antes, quando ela se deitou na cama e eles se uniram, tudo se parecia como uma experiência misteriosa. Eles podiam mesmo se tocar, ou mesmo fazer amor? Seria possível? Desconfiados e hesitantes, os dois haviam se lançado um contra o outro, como campos de força, um emaranhado de fricção e energia, boca contra boca, mão contra mão.

Agora, desta vez, conforme ele a penetrava novamente, eles se uniam inefavelmente. A resistência havia desaparecido, e a distância também. O corpo dos dois se movia de maneira que ele não conseguia imaginar, e a sensação era emocionante e profunda.

E assim, ignorando a impossibilidade daquela união, Charlie entrou mais e mais fundo em Tess, até sentir que havia desaparecido.

VINTE E SEIS



Os ventos alísios balançavam gentilmente os dois sobre a rede. A bandeira no mastro do *Catalina 400* tremulava. Eles haviam ancorado em algum lugar entre as ilhotas próximas do litoral de Belize. Bebendo lentamente sua água de coco, Tess estava aconchegada nos braços de Charlie. Ela lhe ofereceu o canudo, e ele tomou um gole adocicado, beijando em seguida os lábios e o pescoço dela. Ele podia sentir o cheiro do protetor solar, do sal do mar, e aquele cheiro inconfundível que era só dela.

Agora ela estava por cima dele, movendo-se em círculos, acariciando-lhe o corpo todo. Agora eles balançavam ainda mais, a rede oscilava com mais força, e o coco voou, quicando no convés e rolando por cima da amurada até o oceano. Agora ela o sentia por inteiro, puxando, pressionando, dançando ao som de alguma música interior.

Foi rápido no começo, mas depois o movimento se acalmou. A rede parou de balançar. Seus rostos estavam lado a lado. Tess estava com a boca aberta. Mechas do seu cabelo tocavam o peito de Charlie. A respiração dela estava forte, e ela soltava pequenos gemidos. Ela ficou mais intensa, e seus braços se retesaram ao redor dele. Os quadris dela se movimentavam rapidamente. Ela colocou uma mão por trás do pescoço dele.

– Eu te amo – ela disse, seus olhos refletindo o sol e o céu.

Assim que ele ia declarar o seu amor, Charlie ouviu batidas. Ele

levantou a cabeça e olhou em direção à popa. Uma bandeira americana tremulava no mastro. Eles estavam sós, mas Charlie ouviu mais batidas, como se alguém estivesse batendo painéis.

— O que é isso? — ele perguntou, mas Tess não respondeu. Os olhos dela estavam distantes agora. De repente, ela parecia distante. Ele lutou para reconhecer o barulho. Então, uma voz masculina o chamou.

— St. Cloud! Charlie! Está aí?

As palavras o acordaram do sonho. Ele abriu os olhos e se virou na cama. Ele esticou o braço para tocar Tess.

Mas ela não estava mais ali.

— Tess? — seu coração doeu quando ele saltou da cama para a janela. Do lado de fora, nuvens prateadas de chuva obscureciam o cemitério. Aquela barulheira toda devia ser Tink na doca, martelando o sino no poste. Havia um século, o barulho era a maneira mais rápida para chamar os coveiros quando algum caixão vindo de North Shore era levado de barco até o Waterside.

— Ok, ok! — ele resmungou. — Dê um tempo. Já estou descendo!
— Ele se virou e pegou suas roupas na cadeira. E lá estava.

Uma nota sobre o travesseiro.

Ele sentiu a sua pulsação aumentar conforme desdobrava o pedaço de papel.

Meu querido Charlie,

Conforme estou escrevendo este bilhete, eu mal consigo enxergar a minha mão ou segurar esta caneta. Quando você abrir os olhos pela manhã, eu sei que não conseguirá mais me enxergar. É por isso que eu preciso ir antes que você acorde.

Perdoe-me por sair sem me despedir, mas é mais fácil assim. Eu não quero que você veja o que está acontecendo comigo... eu só quero que você se lembre do tempo que passamos juntos.

Eu esperava que fosse conseguir ficar mais tempo. Há tantas coisas que poderíamos ter feito. Eu queria que tivéssemos feito mais jantares, ou ido assistir a um jogo em um estádio – dos Patriots, é claro – ou até mesmo que pudéssemos velejar pelo mundo. Mas eu nunca vou esquecer como você abriu meu coração e me fez sentir mais viva do que eu imaginei ser possível.

Sam me disse que a hora da travessia seria uma decisão minha. Mas parece que não é assim. Eu queria ficar perto de você, mas eu não consigo mais.

Eu detesto a ideia de ir embora, mas tenho esperança sobre o que pode vir a acontecer. Não estou com medo. Entenda, eu acho que nós estávamos destinados a nos encontrar. Eu lembro que você disse que há uma razão para tudo e, apesar de ser um mistério para mim agora, eu sei que não será sempre assim.

Algum dia nós vamos nos encontrar. Eu acredito nisso com todo o meu coração. Até que esse momento chegue, eu quero que você mergulhe em busca dos seus sonhos. Quero que você confie no seu coração. Quero que você viva por amor. E quando estiver pronto, venha me encontrar. Eu estarei esperando.

Com todo o meu amor,

Tess

Charlie sentiu o torpor se espalhar pelos seus dedos, subindo pelos braços e alcançando seu corpo todo. Meu Deus. Quando ele havia adormecido? Como ele foi capaz de deixá-la ir?

Ele vestiu as roupas rapidamente, dobrou o bilhete e o colocou no bolso da sua camisa. Tink ainda estava tocando o sino na doca. Charlie correu pelas escadas e saiu pela porta. Ele nem mesmo se preocupou em pegar um casaco. Correu pelo gramado, andando ao redor dos monumentos, pisando nas poças d'água. Quando ele chegou à doca, Tink estava babando de raiva.

— Faz vinte minutos que estou aqui esperando! — ele disse. — Por que demorou tanto?

— Lamento — disse Charlie. A chuva estava fria, e ele estava tremendo, vestindo apenas a sua camiseta.

— Você está pronto? Esqueceu seu casaco?

— É tarde demais — disse Charlie.

— Tarde demais? Para quê? Você é que acordou tarde demais.

— Não há mais nada a fazer — a água escorria pelo seu rosto e pelos braços.

— Do que você está falando?

— Tess está morta.

— Hoddy ligou pra você? Foi você quem disse que não podíamos desistir de encontrá-la ontem à noite.

— Eu sei — ele disse, enxugando a chuva do rosto. — Mas eu estava errado.

— O que você quer dizer?

— Você não vai encontrá-la. Ela se foi.

— Que droga, St. Cloud, você está louco — ele ligou o motor do barco. — Eu vou partir sem você. E dane-se você por me fazer perder tempo. — Tink fez o barco se afastar da doca e xingou enquanto manobrava a embarcação pelo canal.

Charlie ficou ali por um longo tempo, encharcado pela chuva congelante. Ele viu o barco de Tink desaparecer na neblina. Lentamente, ele se sentiu endurecer por dentro. A fortaleza emocional estava se erguendo. As defesas e as barreiras estavam voltando para seus lugares. E, assim como ele havia feito durante treze anos, forçou sua mente a ignorar a dor.

Era manhã de segunda-feira. A semana estava apenas começando. Seus funcionários chegariam logo. Havia sepulturas para cavar. Cercas-vivas para podar. Lápides para ajustar. E, quando o expediente acabasse, seu irmão menor o estaria esperando.

Nada havia mudado. Tudo havia mudado.

VINTE E SETE



O dia estava miserável, até mesmo para um funeral. Abraham Bailey, um dos homens mais ricos da cidade, faleceu durante o sono, e Charlie, agasalhado para se proteger do vento, estava na colina leste, preparando a sepultura. O bom e velho Abe havia chegado aos 101 anos. No cálculo mórbido dos funcionários do cemitério, isso significava que o caixão estaria mais leve do que de costume, e que o trabalho seria mais fácil. Centenários nunca pesavam muito.

Charlie deu de ombros ao pensar naquilo. Era o tipo de fato que ele teria de ponderar por todos os dias do resto da sua vida. Com os portões de ferro e as paredes de pedra, aquelas eram as cruéis realidades que cercavam o cemitério, como o vento frio que cortava o ar. Ele temia os meses de inverno que viriam a seguir, mas apenas porque o cemitério era mais frio do que qualquer outro lugar em toda a região. No verão, todo aquele mármore e granito armazenavam o calor e aumentavam a temperatura mas, quando chegava o inverno, com a neve e a chuva, as pedras seguravam o frio e o tornavam pior.

Charlie agora trabalhava dura e mecanicamente, executando cada passo do trabalho com precisão. Ele cavou a sepultura precisamente, com 26 movimentos da escavadeira. Cobriu a pilha de terra com grama sintética. E instalou o dispositivo que faria o caixão descer.

A cada uma dessas ações, fragmentos de memória explodiam na sua mente: os olhos de Tess, seu riso, suas coxas. No pé da colina, estava o lago onde ele a havia visto pela primeira vez. *Pare! Preste atenção no*

trabalho, ele se repreendeu. Prepare a cobertura para os amigos e parentes do morto. Traga as cadeiras. Organize as coroas de flores e os tributos.

No fundo, ele sentia um enjoo estranho, como se tivesse perdido seu equilíbrio ou ritmo. Seu mundo de obeliscos e mausoléus parecia instável, e ele se apoiou sobre a pá. Ele olhou para o terreno lamacento que ele havia aberto. Não foi o seu trabalho mais cuidadoso. As paredes de terra não estavam uniformes, mas somente ele sabia qual devia ser a aparência delas. Ele afastou alguns torrões de terra que estavam por ali e alisou a superfície ao redor da abertura.

Depois, tirou uma tesoura de jardineiro do carro da manutenção. Era hora de podar alguns arbustos rebeldes que tanto enfureciam Frattie Chapman e a Comissão Histórica do Distrito. O Velho Charlie teria ignorado as suas exigências por mais um ano ou dois, mas o Novo Charlie não se importava mais. Não havia motivos. Ele começaria a poda dos arbustos antes do funeral de Abraham Bailey e depois traria os outros funcionários para terminar o trabalho. Ele se agachou para alcançar os galhos mais baixos dos arbustos, cortou algumas folhas mortas, aparou alguns centímetros do topo e tirou algumas outras das laterais.

E então ele parou.

A sua força de vontade havia desaparecido. A sua alegria também. Ele havia perdido o impulso vital. A gravação de sinos dobrando começou a tocar nos alto-falantes na Capela da Paz. Ele escutou. E se lembrou. Caminhar sob o luar. Fazer amor à luz de velas. As imagens vinham com força, misturando-se com as trevas em sua cabeça e esvaindo-se no cinza das nuvens de chuva. Durante treze anos, ele havia se acostumado com a dor e o trabalho pesado desse lugar, mas como iria conseguir passar os próximos quarenta anos cavando sepulturas e cortando a grama? Ele realmente queria passar a sua vida inteira ali, somente para ser enterrado ao lado do seu irmão, com um cortador de grama de bronze sobre o túmulo em sua memória? Como ele poderia fingir que a vida ainda tinha importância sem Tess?

Seu olho avistou um homem corpulento subindo a colina

lentamente, andando por entre as lápides. A luz da tarde era filtrada através do seu corpo. O seu cabelo estava cuidadosamente penteado e brilhante por causa do gel, mas os contornos da sua farda azul de bombeiro estavam translúcidos. Era Florio Ferrente, o bombeiro, e ele estava esvanecendo.

— Saudações — disse ele.

— Ei, faz alguns dias que não o vejo.

— Estive ocupado — disse Florio. — Tentando cuidar da esposa e do filho.

Charlie apoiou a tesoura de jardineiro em um dos monumentos.

— E como eles estão?

— Não muito bem. Está sendo difícil. Francesca não está conseguindo dormir. E o bebê não para de chorar.

— Sinto muito.

— Olha, eu tenho uma pergunta para você, Charlie — Florio parecia ter rejuvenescido dez anos e perdido nove quilos. Ele estava pronto para fazer a travessia. — Eu preciso saber, Charlie. Quanto tempo isso dura? Você sabe, a dor? Quando Francesca sofre, eu sofro também. É como se estivéssemos ligados.

— Vocês estão ligados — Charlie disse — e dura até que você e a sua família libertem uns aos outros. — Ele fez uma pausa. — Alguns conseguem fazer isso antes, outros demoram um pouco mais.

— E você? — perguntou Florio. Seus olhos estavam sérios. — Você acha que sabe de tudo que se passa deste lado?

— Eu acho que sim. Por quê?

— Só estava pensando — Florio observou Charlie de cima a baixo, depois colocou o quepe na cabeça e ajustou a aba. A luz fluía através dele.

— O que você está querendo dizer? — perguntou Charlie.

— Eu estive pensando muito — ele disse. — Durante toda a minha vida, eu fui à igreja e li o Eclesiastes. Você sabe, onde dizem que há

um tempo e uma época para cada atividade sobre a terra. Tempo para chorar e rir, para amar e odiar, para buscar e para desistir. — Ele fez outra pausa. — Confie em mim, Charlie. A Bíblia está errada. Não há uma época para cada coisa na vida de um homem. Não há um momento certo para cada atividade.

Havia lágrimas em seus olhos, e ele as enxugou com a mão que tremeluzia.

— Lembra-se do final do meu funeral? O padre Shattuck disse “Que ele descanse em paz”. Que besteira! Eu não quero descansar. Eu quero viver — ele balançou a cabeça. — Mas não há tempo para isso. Entende o que eu digo?

— Entendo.

Florio olhou para o vasto gramado pontilhado por túmulos de granito.

— Acho que é melhor eu ir.

— Tem certeza de que não quer ficar?

— Tenho — disse Florio. — Apenas cuide da minha família de vez em quando, ok? Fique de olho em Francesca e no garoto.

— Eu prometo.

Eles apertaram as mãos, e Florio o puxou para um abraço. Fazia alguns anos que ele não recebia um abraço de um cara daquele tamanho. Charlie viu o luzir de um amuleto de ouro ao redor do pescoço de Florio e reconheceu a efígie de São Judas Tadeu, o padroeiro das causas desesperadas, carregando uma âncora e um remo.

Florio segurou no braço de Charlie:

— Lembre-se, Deus teve um motivo para escolher você — e então ele se foi, um homem gigantesco e brilhante, desaparecendo por entre os monumentos.

– Tem certeza? – disse Joe, o Ateu, puxando a alavanca do relógio de ponto. – Ainda são 15 horas. – O resto dos funcionários estava em fila atrás dele para bater o ponto. Charlie havia chamado todos no cemitério para lhes dar o resto do dia de folga.

– Tem algum problema em ir para casa mais cedo? – disse Charlie. – Tenho certeza de que posso arrumar mais alguma coisa para você fazer.

– Não, não – disse Joe. – Deixa pra lá. Acho que eu serei o primeiro a chegar no Rip Tide hoje. Quer vir junto?

– Não, obrigado – disse Charlie.

– Você está bem, Chucky boy? – disse Joe. – Você não parece estar muito legal.

– Está tudo bem. A gente se vê amanhã.

Charlie sabia que não estava conseguindo esconder muito bem a sua angústia. Não era do seu feitio encerrar o expediente tão cedo em uma segunda-feira, o dia mais movimentado da semana. Como regra, era o dia em que mais pessoas morriam de ataque cardíaco. As coronárias não aguentavam os abusos do fim de semana ou o estresse da semana de trabalho que estava por vir. À tarde, começavam a chegar os pedidos de enterros das funerárias. Era assim em todos os cemitérios do mundo.

Mas ele havia terminado o trabalho por hoje. Ele não se importava se os pedidos ficassem sem resposta ou se os arbustos e sebes crescessem a esmo.

E assim, depois que seu último funcionário bateu o cartão, Charlie levou o carro da manutenção até sua casa em frente à floresta. Ele foi direto para sua poltrona e se jogou nela, com meia garrafa de Jack Daniels na mão. Ele olhou fixamente para a parede bem a sua frente, com os mapas e círculos que controlavam a sua vida.

O crepúsculo aconteceria às 18h29.

Ele tomou um copo de uísque, e depois serviu-se de outro. Isso também não era do seu feitio. Ele raramente bebia e, com certeza,

nunca o fazia sozinho. Mas Charlie queria que a dor fosse embora. Ele esvaziou o segundo copo e encheu o terceiro. Logo, a sua cabeça estava nadando e girando em meio a pensamentos incontroláveis.

Ele estava farto de cortar grama. Estava farto de cavar sepulturas. O êxtase de amar Tess e a felicidade dos últimos dias o haviam feito perceber o quanto ele havia sacrificado e desperdiçado nos últimos anos. Era como se Sam não tivesse sido o único a morrer naquele acidente. Charlie havia abdicado da sua vida também.

Ele pensou em Sam e na promessa. No início, o dom parecia ser a maior de todas as bênçãos. Mas agora ele entendia. Tanto ele quanto seu irmão menor estavam aprisionados no crepúsculo. Eles eram imagens espelhadas, presos um ao outro, privando a si próprios daquilo que os aguardava além dos grandes portões de ferro.

O fim havia chegado. Ele não iria mais esperar pelo pôr do sol todas as noites para jogar beisebol com um fantasma, mesmo que fosse o mais querido de todos. Ele não queria mais se sentir restrito pelos limites dos círculos no mapa. E, acima de tudo, ele estava cansado de ser solitário.

Florio estava certo. Ele ganhou uma segunda chance. E ele a havia desperdiçado.

No início, ele vislumbrou a solução como um suave reluzir. Alguma coisa parecida com aquilo havia passado pela sua mente treze anos antes, quando Sam morrera. Naquela época, ele empurrou a resposta para as cavernas profundas e escuras da sua mente, onde era o seu lugar. Mas agora a ideia estava de volta, de maneira dramática. Desta vez, parecia até mais irresistível.

Venha me encontrar, Tess havia escrito no bilhete. A resposta estava bem ali na carta dela. Se ele não pudesse estar com ela neste mundo, então por que não se encontrar com ela em algum outro lugar? Por que não deixar este mundo para trás e ir para o próximo? Seria tudo bem rápido. Isso acabaria com toda dor. E o mais importante era que

ele e Tess estariam juntos para sempre. E ele poderia manter a sua promessa de levar Sam consigo para o próximo estágio.

Ele engoliu outra dose de uísque e sentiu a bebida arder na garganta. Será que essa ideia era louca demais? Alguém realmente sentiria sua falta? Não. A sua mãe estava morando do outro lado do país com sua nova vida e família. Ela provavelmente nem ia perceber se ele morresse.

Então, o que é que ele estava esperando?

Ele se levantou e foi até os mapas. Os arrancou das paredes. Não precisaria deles no lugar para onde estava indo. A sala estava girando velozmente agora. Ele tentou se segurar em um abajur para recuperar o equilíbrio, mas tropeçou e caiu no chão. Charlie caiu com um baque surdo, e sua cabeça atingiu em cheio o piso de madeira. Ele ficou ali deitado e atordoado por alguns momentos, e tentou colocar a sua mente atormentada em foco. Ele não conseguia nem mesmo se lembrar do que estava pensando há poucos momentos. A sua visão estava embaçada, e a sua cabeça latejava.

Então a ideia voltou. Era a solução perfeita para os seus problemas, e a única questão que ainda precisava ser respondida era: como ele iria tirar a própria vida?

VINTE E OITO



Venha me encontrar...

Quando Charlie acordou, ele viu as palavras do bilhete de Tess bem na sua frente. Seu corpo doía, e ele sentia um desagradável gosto de bebida na boca. Os raios reluzentes do sol entravam pelas janelas. A chuva triste havia obviamente terminado. Ele olhou ao redor e viu a desordem no chão: mapas destruídos, tabelas com os horários do pôr do sol rasgadas, a garrafa vazia de Jack Daniels.

Ele se sentou e esfregou a cabeça. Que horas seriam? Verificou o relógio em cima da lareira: 17h35. Nossa, ele ficou desacordado por quase uma hora. A última coisa de que se lembrava era de ter rasgado tudo o que estava na parede. Depois ele deve ter desmaiado.

No meio do torpor, o resto de um sonho, dolorosamente incompleto, permanecia na sua consciência. Ele estava na água no meio de uma tempestade. As ondas estavam altas, o mar bravo. Ele estava em um barco de patrulha da Guarda Costeira. E aquilo era tudo. O resto estava simplesmente fora de alcance. Ele tentou se lembrar de mais detalhes, mas as memórias fugiam. O uísque deixava tudo embaçado. Ele recolheu os restos dos mapas do chão. Como um quebra-cabeças simples, juntou três pedaços rasgados do mapa que mostrava North Shore, desde Deer Island e Nahant, perto do cabo, até Plum Island e Newburyport. Depois reorganizou quatro retalhos de papel que iam de Hampton Beach até Cabo Elizabeth, incluindo Ilha Boon e Cabo Porpoise.

Olhando ao redor novamente, viu que, surpreendentemente, um dos mapas havia sobrevivido à sua fúria, e jazia longe dos outros, com um raio de sol brilhando bem em cima das ilhas de Shoals. Uma lufada de ar empurrou a página até ele, e Charlie se perguntou: será que Tess estava tentando lhe mandar um sinal ou lhe mostrar o caminho? Ele pegou o mapa e o endireitou. Ele mostrava a área que ia de Provincetown até Ilha Mount Desert, no Estado do Maine, e um pedaço que ia desde Cabo Ann até Bigelow Bight. Ele estudou os contornos do litoral e correu seu dedo por sobre as pequenas ilhas a cinco milhas da costa.

A adrenalina correu pelas suas veias, e a ressaca havia imediatamente passado. A sua mente estava funcionando a toda velocidade. Tess havia deixado o mapa para que ele encontrasse? Seria uma mensagem? Ou ele estaria bêbado demais para perceber qualquer coisa?

Ele abraçou o mapa com força. Quando criança, velejou por cada pedaço daquele litoral pedregoso. Ele havia explorado os nove afloramentos rochosos das ilhas de Shoals e escalado até o topo do velho farol de White Island. Ele sabia onde as águas eram mais rasas, que as rochas ficavam cobertas na maré alta e, em várias viagens de pesca que fizera à ilha, ele havia trazido de volta quilos de cavalas e anchovas.

Venha me encontrar...

Aquelas ilhas desoladas próximas da fronteira entre New Hampshire e o Maine não estavam nem próximas da área de busca da Guarda Costeira. De fato, os primeiros destroços haviam sido recolhidos a 18 milhas náuticas ao sul de Halibut Point, e o bote salva-vidas chamuscado estivera flutuando ainda mais longe.

Era incrível: eles estavam fazendo buscas no lugar errado.

Como ele podia ter deixado isso passar? Que imbecil! Tess estava esperando por ele. E ele já tinha desperdiçado um dia inteiro.

Charlie se levantou num salto e pegou o telefone. Ele ligaria primeiro para Hoddy Snow, e depois alertaria a Guarda Costeira. Deus

do céu, por favor, faça com que alguém lhe dê ouvidos. Talvez não fosse tarde demais. Ele teclou os números e ouviu La-Dee-Da atender.

- Escritório da administração portuária; posso ajudá-lo?
- Aqui é Charlie St. Cloud. Preciso falar com Hoddy. É urgente.
- Um minuto, por favor.
- Eu não tenho um minuto...

Ele ouviu a música do telefone do outro lado da linha. Droga. Não havia tempo. Eles precisavam chegar lá rápido. Enquanto esperava, ele tentou planejar exatamente o que iria dizer. Ele tinha motivos para acreditar que Tess ainda estava em algum lugar no oceano. O espírito dela havia lhe deixado um bilhete. Ela estava chamando por ele.

Ele ouviu a voz impaciente de Hoddy.

- Alô? O que está acontecendo, St. Cloud?

Charlie desligou. Era realmente ridículo. Hoddy pensaria que ele estava louco, e talvez estivesse mesmo. Uma hora atrás, ele estava pensando sobre tirar a própria vida.

Ele sentiu uma pontada de desespero. Foi até a janela. O sol estava começando a se pôr no oeste. Ele não poderia faltar ao encontro com Sam. Mas o que faria com Tess?

Ele estava respirando rápido agora, e começava a sentir uma tontura. *Respire fundo*, disse a si mesmo. *Pense, Charlie, pense*. Tinha de haver alguma maneira para que pudesse continuar com ambos.

Foi então que ele se lembrou da voz grave de Florio: “Deus teve uma razão para te salvar. Um propósito, um objetivo”. “Não se preocupe, filho. Às vezes demora um pouco para entender as coisas. Mas você vai ouvir o chamado. Você saberá quando for a hora. E aí você estará livre.”

Talvez esse fosse o momento. Naquele instante, tudo ficou claro. Charlie sabia exatamente o que ele deveria fazer. E, então, pegou seu casaco, correu pela porta e disparou pelo cemitério.

IV

VENTO REAL

VINTE E NOVE



A proa do *Horny Toad* deslizava pelas ondas. Charlie estava na torre do barco de pesca esportiva *Albemarle* de 28 pés e manobrava ao cair da noite. Os dois motores a diesel funcionavam a todo vapor e, no *cockpit*, Tink se segurava com o subir e descer do barco, sua barriga balançando com o movimento e seu cabelo esvoaçando com o vento. Mais embaixo, no deque traseiro, Joe, o Ateu, tremia de frio e estava ficando sóbrio mais rápido do que desejava.

Quando Charlie finalmente encontrou Joe no Rip Tide, ele estava se equilibrando em um banquinho, bem além da sua quarta dose de Jim Beam, e contava uma história para um interlocutor que não estava realmente ali. Já passava das 17h30, e o lugar estava lotado com grupos de clientes que vinham para o *happy hour* – trabalhadores da cidade que haviam encerrado o expediente ou pescadores que haviam recém-voltado do mar.

- Charlie! – alguém chamou seu nome.
- Venha aqui, St. Cloud – disse outro.

Ele sentiu um braço no seu ombro puxá-lo para uma das mesas onde os caras do Conselho de Saúde dividiam uma jarra de bebida. Com uma cotovelada firme, ele conseguiu se livrar do abraço e abrir caminho até o bar. Ele agarrou o banquinho de Joe e o girou.

– Barman! – Joe gritou. – Mais um copo para o meu amigo. – Seus olhos estavam vermelhos e com as veias aparentes, e a sua dicção era arrastada e mole.

– Eu preciso do *Horny Toad* – disse Charlie.

Joe havia se inclinado para trás e gritou para os outros funcionários do cemitério no fundo do bar:

– Ei, caras! O chefe quer o meu...

Charlie o agarrou pelo colarinho.

– Eu não tenho tempo para isso. Me diga onde está o seu barco. Eu o devolvo amanhã de manhã. Só preciso das chaves. Se acontecer alguma coisa, eu pago o que for necessário.

– Aonde você vai? Eu quero saber.

– Por favor, Joe.

– A resposta é não – ele disse, cruzando os braços tatuados.

Charlie sentiu o coração pesar. Ele não tinha tempo ou outras opções. Quem mais lhe emprestaria uma lancha? E então ele perdeu a cabeça. Agarrou Joe pelo colarinho e puxou-o tão perto de seu próprio rosto que conseguiu sentir o cheiro do burbom e do tabaco. O salão do bar ficou em silêncio.

– Pelo amor de Deus! Eu vou pegar o seu barco!

– Pelo amor de Deus? – Joe chiou. – Com quem você acha que está falando? Eu não acredito nessa porcaria, não lembra? – Ninguém no bar se mexeu. As suas faces estavam a poucos centímetros de distância. E então Joe explodiu numa gargalhada. – Vamos lá, St. Cloud, vamos sair daqui. Aonde quer que você vá, eu vou junto.

Joe bateu com o copo no balcão, saltou do banquinho e cambaleou em direção à porta. No caminho para o barco, Charlie pegou o seu casaco de inverno no banco de trás do seu Rambler, enquanto Joe revirou o seu Subaru e encontrou um saco gigante de Doritos e uma garrafa de uísque Old Crow.

No cais, Tink enrolava melancolicamente suas cordas após mais um dia de buscas infrutíferas. Seus únicos achados – alguns fragmentos derretidos de fibra de carbono e almofadas chamuscadas – eram maus presságios de que o fogo no *Querência* havia consumido tudo, até o

casco.

– Você tinha razão – disse Tink. – É tarde demais.

– Não, eu estava errado – respondeu Charlie. – Não é tarde demais. Ela ainda está lá fora. Ela está esperando por nós.

– Está brincando comigo? – o seu rosto se encheu de fúria. – Acho melhor você não estar tirando um sarro com a minha cara, St. Cloud. Eu não estou de bom humor.

– Estou falando sério, Tink. Eu acho que sei onde ela está. Venha conosco. O que é que você perde com isso?

– A minha sanidade, mas acho que já é tarde para isso... – Tink pegou a bolsa e a caixa térmica e subiu ao *Horny Toad*.

Agora, Charlie alinhou a proa em um ângulo de 55 graus em direção à boia marítima de Gloucester. Eles estavam navegando a 25 nós e, se o vento continuasse a soprar de trás, provavelmente chegariam a 30 nós ao cruzarem a ponta do Cabo Ann. A essa velocidade, Charlie calculou que o trajeto levaria uma hora.

E depois? Charlie sabia que a lua estava minguante, e que as nuvens pesadas iriam bloquear qualquer luz. Mas não importava. Ele estava contando com o poderoso farol do *Horny Toad* e com sinalizadores. Ele iria encontrar Tess.

A estibordo, um barulhento cruzeiro cheio de pessoas bebendo em direção ao pôr do sol pulsava com a música e o riso de uma festa no convés superior. Quando o *Horny Toad* passou, dois passageiros apoiados ao passadiço de proteção levantaram suas garrafas de cerveja num brinde silencioso.

Logo eles deixaram o tráfego litorâneo para trás, e Charlie empurrou a alavanca do motor para a máxima potência.

– Ei, por que a pressa? – disse Joe, cambaleando enquanto subia as escadas. – Você não vai conseguir encontrar aquela garota dos Carroll. – Ele deu um soluço. – Na verdade, eu aposto 50 dólares que iremos cavar a cova dela ainda esta semana.

Charlie sentiu seus nervos queimarem.

– Cale essa boca bêbada – ele disse. Ele nunca deveria ter trazido Joe na viagem, mas era o preço a pagar pelo barco, um dos mais rápidos da cidade.

– Ah, que se dane – disse Joe depois de algum tempo. – Você tinha algo com aquela garota, não é?

– Pare com isso, Joe. Por favor.

Ele olhou para Tink, verificou a bússola e manobrou o barco a 44 graus em direção à boia marítima de Cabo Ann. Joe arrotou, acenou com a mão em desprezo e resmungou consigo mesmo. Charlie olhou por cima do ombro e avistou as chaminés da PG&E em Salem sumindo ao longe. Uma revoada de mergulhões estava seguindo o rastro do barco na água. Ele olhou para o seu relógio.

Incrível. Já eram 18h20. Ele se virou para Tink:

– Pode ficar no timão por um minuto?

– Claro – ele veio até onde Charlie estava e pousou as mãos na madeira. Charlie desceu as escadas e foi para a popa. Ele ficou ali por um longo momento olhando para o oeste. A água e a terra se misturavam no crepúsculo, uma linha cinzenta contra o céu. O sol havia descido além do horizonte.

Charlie sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

Era a primeira vez em treze anos que ele faltaria ao jogo de beisebol com Sam. Ele pensou sobre o anoitecer no playground secreto, onde a base e o local do arremessador estariam tão vazios quanto ele se sentia naquele momento. Ele imaginou seu irmão menor aparecendo e esperando solitariamente no balanço de madeira. Meu Deus, ele esperava que Sam pudesse entender...

A vista à sua frente estava mudando de cores, como *slides* em uma tela. Havia grandes pinceladas de roxo no horizonte, misturadas a veios de branco e azul. Ele tentou apreciar a magnificência do momento. Em todos aqueles anos, ele só havia visto o sol desaparecer por entre as árvores da floresta. Ele se lembrou das silhuetas dos álamos e das faias contra a luz, como ripas em uma janela ou barras

de ferro em uma cela. Aquela era a sua referência, sua perspectiva da passagem do dia para a noite.

Agora, o mundo inteiro estava ao seu redor, e ele se maravilhava com toda a sua beleza. Ele respirava o ar úmido e salobro. Ele ouvia as gaivotas grulharem. Os petréis e os albatrozes voavam baixo por sobre a água. E o céu se dissolvia outra vez em faixas de azul e cinza, até que tudo estivesse negro.

Era noite.

— Adeus, Sam — ele sussurrou.

O vento estava frio, e a escuridão engoliu a sua despedida. Então Charlie se virou e subiu as escadas de volta à ponte de comando. Já havia estrelas no céu à frente, ele tinha certeza de uma coisa: Tess estava lá esperando por ele, e ele não a desapontaria.

TRINTA



Eles estavam bem no meio das ilhas Shoals, entre Smuttynose e as ilhas Stars. Charlie pousou as mãos sobre o farolete e acionou o interruptor. O feixe de luz cortou a escuridão, e o seu clarão branco refletiu na água. Ele o moveu em um grande círculo. Um peixe-voador saltava na superfície da água.

Uma noite de buscas desesperadas se estendia.

Ele e Tink se alternavam no timão, enfrentando o oceano e varrendo a escuridão com a luz, chamando por Tess até que suas vozes estivessem roucas. Joe acordou por volta das 3 horas e se juntou a eles por mais de uma hora. Com cada movimento do farolete de buscas, com cada segundo que passava, o seu coração parecia pesar ainda mais. Teria Charlie se enganado a respeito das pistas? Seria tudo isso uma criação da sua própria agonia? “Me dê um sinal, Tess”, ele orou, “Me mostre o caminho.”

Só havia silêncio.

Quando a alvorada chegou às 6h43, o horizonte ao leste começou a brilhar com pinceladas de laranja e amarelo. Mas a chegada deste novo dia significava apenas o pior para Charlie. Ele havia arriscado tudo, e havia perdido. Sam não estaria mais lá. Tudo que lhe restaria seria um emprego no cemitério, cortando a grama e enterrando os mortos. Ele transformou o pouco que tinha em nada, e ele só tinha a si mesmo para culpar.

As suas costas doíam por ter passado a noite em pé. Seu estômago

roncava pela falta de comida. A sua cabeça doía por ter passado a noite gritando na escuridão. O que ele deveria fazer depois? Ele procurou por um sinal de Sam e perguntou-se se seu irmão menor estaria bem.

Então, ele ouviu Joe no deque inferior, resmungando e praguejando enquanto subia a escada:

– Desculpe – ele disse. – Acho que caí no sono. – A sua voz estava arrastada por causa do sono. – Encontraram alguma coisa?

– Nada.

– Bem, você fez o melhor que podia – ele disse, tomando o controle do timão e afastando Charlie do comando. – Eu sou o capitão deste barco e eu digo que é hora de irmos embora.

– Está clareando – Charlie protestou. – Talvez nós a tenhamos deixado passar durante a noite. – Ele se virou para Tink. – O que você acha? Onde devemos procurar agora?

Joe o interrompeu:

– Encare a realidade, Charlie. Eu sei que você tinha de tirar isso da cabeça, mas ela está morta.

– Não! Ela está viva – ele se sentiu enlouquecido por dentro. Seu cérebro buscava freneticamente por exemplos. – Aquele navegador que ficou inconsciente durante nove dias no Mar de Bering, lembra-se dele? Ele apareceu no noticiário. Um baleeiro japonês o resgatou e ele sobreviveu.

– Certo – Joe já havia virado o barco na direção oposta.

– A água fria diminui o seu metabolismo – Charlie mal reconhecia a sua própria voz. – É o reflexo de hibernação dos mamíferos. O seu corpo sabe como desligar tudo, exceto as funções e os órgãos essenciais. – Era o seu último argumento. – Você se lembra daqueles alpinistas no Everest, alguns anos atrás? Eles estavam perdidos, tinham queimaduras por causa do gelo, e acabaram entrando em coma. Mas eles conseguiram sobreviver.

– Você está fora de si – disse Joe. – Aqueles caras tiveram sorte,

e ponto final.

— Não foi sorte. Foi um milagre.

— Quantas vezes vou precisar repetir isso para você? Essas coisas não existem.

Joe empurrou a alavanca do motor para a frente, e o barco acelerou para casa. Charlie sabia que estava tudo acabado. Atordoados, desceu as escadas em direção à popa, onde se deixou cair em um dos bancos e se afundou em seus próprios pensamentos, em meio ao som do motor.

Conforme ele observava o rastro de espuma que o barco deixava atrás de si, o sol subiu no céu, banhando o oceano com um brilho suave. Seus dedos tiritavam, seu corpo tremia, e ele se perguntou se seria capaz de conseguir aquecer-se novamente.

TRINTA E UM



Sam era vento.

Ele voou por sobre o Atlântico, deslizando pelas cristas das ondas, maravilhado com a incrível sensação. Ele estava livre da sua prisão entre os mundos, e os parâmetros do seu novo playground eram absurdamente infinitos – o universo com seus 40 bilhões de galáxias e todas as outras dimensões além da consciência ou imaginação. Seu silêncio havia finalmente trazido a liberdade. Não mais regido pela sua promessa, ele havia passado para o próximo estágio, em que poderia assumir qualquer forma.

Sam agora era um espírito livre.

Mas havia mais uma coisa que ele precisava fazer na Terra. Ele voou por cima da proa do *Horny Toad* e girou ao redor de seu irmão, tentando atrair sua atenção, mas não teve sucesso. Outra volta por sobre o barco e outra passada rápida, com uma boa lufada de vento que fez a bandeira americana tremular em seu mastro, agitando o cabelo de Charlie, insuflando-lhe a jaqueta, mas, novamente, nada de sorte. Então, ele tensionou e soltou os cabos de amarração do barco, fazendo uma canção triste e sombria, mas Charlie não ouviu uma única nota.

Na noite anterior, Sam havia se sentido chateado e traído pela súbita partida de Charlie para o mar. Ao pôr do sol, ele havia andado pela Floresta das Sombras, esperando e esperando. A solidão tomou

conta dele conforme a luz arroxeadada desapareceu do céu, e o playground secreto ficou coberto de sombras. Logo a raiva começou a crescer quando ele percebeu que seu irmão mais velho o trocou por uma garota e quebrou a promessa.

Então, Sam percebeu uma coisa impressionante. Ele nunca havia pensado realmente em fazer a travessia. A vida entre os mundos – travessuras em Marblehead durante o dia e o jogo de beisebol ao anoitecer – sempre fora o bastante para ele e Oscar. Mas Charlie sabia das coisas – “Confie em mim”, ele gostava de dizer – e, se o seu irmão mais velho estava disposto a arriscar tudo para se aventurar pelo mundo, então talvez Sam devesse fazer o mesmo.

E assim, sem trompetes nem fanfarras – sem uma luz brilhante ou um coro de anjos –, ele havia simplesmente passado para o próximo estágio. A transição foi tão suave e tranquila quanto o arremesso rápido que ele usava quando jogava beisebol.

Seu avô estava lá para recebê-lo, com Barnaby Sweetland, o antigo zelador do cemitério Waterside, e também Florio Ferrente, que lhe deu um poderoso abraço de urso, desculpando-se por não conseguir salvá-lo na época do acidente.

– Aqueles que os deuses amam morrem cedo – ele disse. – *Muor giovane coluiche al cielo è caro.*

Daquele momento em diante, tudo havia mudado para Sam. As preocupações dos garotos de 12 anos de idade – beijar garotas e jogar *video games* – desapareceram. Também sumiram as dores e frustrações de uma adolescência roubada. Em vez disso, ele se sentiu pleno, com a sabedoria de várias eras e todo o conhecimento e experiência que estavam fora de seu alcance desde que a sua vida foi tirada. Com essa nova perspectiva, Sam queria, agora mais do que nunca, confortar seu irmão e ter certeza de que tudo ficaria bem.

Assim, ele assumiu a forma de uma imensa nuvem nimbo acima do barco. Se Charlie tivesse ao menos olhado para cima, ele teria reconhecido o rosto do seu irmão nos contornos e reentrâncias da nuvem.

Sam podia ver que seu irmão estava afogado na dor. Como ele poderia fazê-lo manobrar o barco na direção certa? Joe e Tink? Não, eles também estavam com o pensamento em outras coisas – Joe em uma orgia selvagem, torrando o dinheiro de um prêmio da loteria, e Tink lutando para encontrar as palavras que iria dizer à mãe de Tess. Almas tristes, todos eles, pensou Sam.

De algum modo, qualquer modo, Sam sabia que ele teria de fazer com que Charlie percebesse. Então ele reuniu toda a sua força e mudou de forma mais uma vez.

Sem qualquer aviso, um vento vindo do nordeste agitou a sua franja por sobre os seus olhos, e depois por cima da cabeça. Abruptamente, o vento mudou para o sudoeste, empurrando a espuma das ondas em uma nova direção. Gaivotas começaram a grulhar. Absorto em pensamentos, Charlie não prestava atenção a nada, até que um esguicho de água do mar o atingiu bem no meio da cara.

Apesar dos olhos que ardiam, ele reconheceu que o mar estava revoltado e que o vento estava soprando. Ele deu um salto e subiu a escada até a torre, onde Joe estava batalhando para manter o curso e Tink estava estudando os mapas.

– Precisa de ajuda? – ofereceu Charlie, ansioso.

– Claro – disse Joe. – Que tal pilotar enquanto vou tirar uma água do joelho?

– Sem problema.

Charlie assumiu os controles, manobrando o barco delicadamente de acordo com cada mudança sutil na direção do vento. Logo, uma forma denteada, pequena e coberta por uma névoa cinzenta começou a tomar forma ao longe. O que era aquilo? Um barco? Uma ilha?

Era um afloramento rochoso na água. Charlie verificou os mapas. Quatrocentos metros ao sul de Duck Island estava a Rocha Mingo. Pelos binóculos, ele viu as suas escarpas erodidas e a superfície

pontilhada com algas marinhas e guano. O barco balançava agora, e ele lutava para manter o foco na rocha escarpada. Por um instante, antes que o barco deslizesse por uma das ondas, ele pensou ter visto uma mancha colorida. Insistentemente, ele reposicionou o binóculo.

Então ele viu algo verdadeiramente extraordinário: um ponto laranja, a inconfundível cor de um traje de sobrevivência no oceano. Seu coração deu um salto.

– Olhe! – ele gritou, passando o binóculo.

– Não é possível – disse Tink.

– Santa Mãe de Deus – disse Joe, que havia acabado de voltar à ponte de comando.

Charlie levou a alavanca da potência do motor ao máximo, e três palavras lhe vieram aos lábios.

– Não me abandone...

Os rotores ensurdecadores do helicóptero Jayhawk da Guarda Costeira encharcaram a Rocha Mingo com vento e espuma do mar. Um socorrista do exército desceu por um cabo até a plataforma onde Charlie segurava a cabeça de Tess sobre o colo, cobrindo o rosto dela com a sua jaqueta para protegê-la dos esguichos de água. Ela ainda vestia o traje de sobrevivência e estava amarrada a um baú de alumínio impermeável. Era a sua jangada improvisada, ele pensou: ela provavelmente havia flutuado com a ajuda do baú até encontrar este afloramento de rocha e, de alguma maneira, conseguiu se arrastar para cima dele.

A sua alegria foi imediatamente eviscerada pela realidade das condições em que ela se encontrava. Sua pele estava quase azulada. As pupilas estavam muito contraídas. Ela tinha uma contusão na parte de trás da cabeça. E Charlie não conseguiu detectar a sua pulsação.

Ele chegou tarde demais.

Seu coração se encheu de ansiedade quando o socorrista abriu seu kit de emergência. O homem não disse uma palavra. Naquele local perdido, cinzento e frio, Charlie percebeu os olhos azuis e as bochechas rosadas do profissional. Ele sabia de onde o conhecia. Ele havia feito o treinamento de paramédico com a divisão de socorristas do exército. Eles eram conhecidos como *Airedales*, e Charlie sempre sonhou em se juntar a eles, descendo de helicópteros por cabos para salvar vidas.

— Ela está hipotérmica — disse Charlie. — Estou fazendo a ressuscitação cardiopulmonar há vinte minutos.

— Ótimo — ele disse. — Nós assumiremos daqui em diante. — De maneira ágil e cuidadosa, ele começou a cortar a corda que envolvia Tess, e Charlie admirou a sua destreza. Qualquer movimento repentino dos braços ou pernas em pacientes com hipotermia grave poderia inundar o coração com o sangue venoso das extremidades e induzir uma parada cardíaca.

Então o socorrista contatou o helicóptero pelo rádio, dizendo que estava pronto, e uma liteira de resgate foi lançada da aeronave.

— Para onde vocês vão levá-la? — perguntou Charlie, rezando para que a resposta fosse um hospital e não o necrotério.

— Pronto-socorro de North Shore. A melhor unidade de hipotermia da região.

Charlie observou enquanto o socorrista colocou Tess sobre a maca e prendeu as amarras. Ele conectou o seu cinto ao cabo, deu o sinal com o polegar para cima para o operador da roldana, e eles foram içados da rocha. Charlie olhava para a agitação nas ondas causadas pelo rotor enquanto a cesta era içada, até ser finalmente trazida para dentro do helicóptero. O Jayhawk se inclinou para a frente e rumou para oeste.

As ondas quebravam na rocha, e os esguichos queimavam seus olhos. Ele olhou o helicóptero branco e laranja desaparecer no céu, mas agora ele tinha alguma esperança. Ele entrelaçou suas mãos geladas, fechou os olhos, e fez uma prece para São Judas Tadeu.

TRINTA E DOIS



Charlie detestava a sala de emergência. O que o enervava não era olhar para todas aquelas pessoas doentes e ansiosas. Ele se sentia mal por causa daquilo que ele não conseguia enxergar, mas sempre era capaz de sentir. O seu dom nunca havia se estendido além dos portões do cemitério, mas ele sabia que os espíritos estavam lá no hospital, pairando perto de seus familiares ou vagando pelos longos corredores. No mundo dos vivos, a sala de emergência era o ponto de parada, seu terreno equivalente à área entre os mundos.

O espírito de Tess estaria por ali agora? Ele se perguntava, sentado na dura cadeira de fórmica, escutando o borbulhar do aquário do outro lado do salão. Será que ela estava flutuando sob a luz fluorescente da sala de espera? Ele fechou seus olhos para relaxar, mas a sua mente não se acalmava. Ele havia passado as últimas duas horas em uma corrida frenética para chegar ao hospital, desesperado para estar perto de Tess e ter notícias sobre o seu estado de saúde. Mas não havia nada. Os médicos ainda não tinham saído do centro cirúrgico, e sequer seus velhos amigos entre o pessoal de enfermagem sabiam de alguma coisa. Tink estava sentado do outro lado da sala. Com seus enormes dedos apertando as teclas do seu pequeno telefone celular, ele ligava para vários números em Marblehead, informando as pessoas de que Tess estava no hospital.

Charlie tentou se acalmar, mas seus pensamentos teimavam em voltar à Regra dos Três, uma das características centrais do seu treinamento como paramédico. Em situações extremas, as pessoas

poderiam sobreviver por três minutos sem oxigênio, três horas sem calor, três dias sem água e três semanas sem comida. Então, Tess ainda tinha uma chance.

Ele também sabia que pessoas com hipotermia grave tinham uma aparência mortiça. Ele rememorou os indicadores cruciais. O coração diminuía o ritmo, os reflexos cessavam, o corpo se enrijecia, era difícil detectar a pulsação, as pupilas não reagiam a estímulos. Os médicos davam o nome de estado de animação suspensa ou hibernação, a área fisiológica entre a vida e a morte. E era por isso que os médicos da sala de emergência nunca desistiam de vítimas que haviam ficado expostas a essa situação até que tentassem aquecer o corpo, o sangue e os pulmões. “Você nunca está morto até que você esteja quente e morto”, eles diziam.

Na melhor das hipóteses, Tess ainda estava nesse estado de animação suspensa e poderia ser trazida de volta à vida, assim como Florio fizera com Charlie na ambulância. O primeiro passo era lhe dar oxigênio aquecido a uma temperatura de 41,6 graus Celsius. Os socorristas da Guarda Costeira certamente haviam fornecido ar quente para estabilizar as temperaturas do coração, cérebro e pulmão. Depois, eles teriam colocado almofadas térmicas sobre sua cabeça, pescoço, tronco e virilha para manter a sua temperatura central. E, finalmente, eles teriam administrado fluidos aquecidos por via intravenosa para contrabalançar a desidratação grave que ela sofria.

Uma vez no hospital, eles iniciariam o delicado trabalho de aquecer o seu corpo para prevenir danos celulares, adicionando soro fisiológico no estômago, na bexiga e nos pulmões, ou usando um aparelho que retiraria o sangue do corpo, o aqueceria, e depois o bombearia de volta para as suas veias.

Mas por que eles estavam demorando tanto na sala de cirurgia? Talvez não fosse apenas hipotermia. Talvez o ferimento na cabeça fosse mais sério do que ele havia imaginado. Os pensamentos de Charlie foram interrompidos quando as portas se abriram e um morador de rua cambaleou para dentro da sala. A sua camisa estava ensanguentada, provavelmente por causa de um ferimento a bala ou

de uma fachada no ombro.

Então as portas se abriram de novo, e Charlie viu a mãe de Tess entrar. Ele a reconheceu imediatamente pelo formato oval do rosto e o ângulo do nariz. Charlie se levantou.

– Sra. Carroll – ele disse –, lamento não ter conseguido chegar até ela antes.

Ela meneou a cabeça.

– Deus lhe abençoe por tê-la encontrado – ela disse, estendendo a mão para tocar-lhe o braço. – Por favor, me chame de Grace.

– Eu sou Charlie – ele disse. – Charlie St. Cloud.

– St. Cloud. Como um anjo que veio do céu – ela disse. Tink se aproximou e colocou um de seus imensos braços ao redor dela.

– Os médicos disseram alguma coisa sobre Tess? – perguntou Charlie.

– Não, eu cheguei aqui dez minutos depois de o helicóptero pousar, e a Guarda Costeira não me disse nada. – Ela olhou nos olhos de Charlie.

– Como ela estava quando você a encontrou? Ela estava machucada? Ela disse alguma coisa?

Naquele momento, Charlie percebeu que Grace não fazia ideia da gravidade da situação. Repentinamente, ele se viu de volta à Rocha Mingo, com Tess inconsciente em seus braços. Ele a havia chamado pelo nome várias vezes, e implorou para que ela acordasse. Ele havia dito que todos em Marblehead estavam esperando pela sua volta. Mas ela não podia ouvi-lo. Ela não estava lá. Nenhum movimento das pálpebras, nenhum tremor nos lábios, nenhuma pressão na mão.

– Aposto que Tess ainda está insistindo em sair para velejar ao redor do mundo esta semana – dizia Grace, em meio a um sorriso forçado.

Antes que Charlie pudesse responder, as portas da sala de emergência se abriram e uma enfermeira saiu. Era Sonia Banerji, uma

velha amiga da banda marcial da escola. Ela usava o uniforme azul-claro das enfermeiras e o seu cabelo negro pendia em uma longa trança.

— Senhora Carroll? — ela disse. — Por favor, me acompanhe. Os médicos estão esperando para conversar com a senhora na outra sala.

— Oh, graças a Deus.

Charlie, por outro lado, estava completamente abatido. Seu estômago estava embrulhado. Durante os anos, ele havia aprendido a ler os sinais na sala de emergência. Em primeiro lugar, os médicos sempre apareciam quando havia boas notícias, mas mandavam as enfermeiras trazer as famílias para uma sala em separado quando as coisas não estavam tão bem. Além disso, as famílias poderiam ver seus entes queridos rapidamente quando tudo estava bem. Quando as notícias eram ruins, eles se reuniam com os médicos a portas fechadas.

— Como está Tess? — perguntou Grace. — Por favor, me diga.

— Venha por aqui, por gentileza — disse Sonia. — Os médicos têm todas as informações.

Grace encarou Charlie e disse:

— Vamos, venha comigo. Você também, Tink. Não vou entrar lá sozinha. — Os três se encaminharam para a sala de emergência e Sonia indicou a porta de um consultório.

Duas jovens médicas esperavam por eles. A primeira começou com alguns gracejos banais e apresentações. Charlie a observou cuidadosamente, procurando por mais sinais. Seu rosto expressava compaixão, mas os músculos do pescoço dela estavam retesados. Ela olhava intensamente para os presentes, mas o olhar estava distante. Ele reconhecia o padrão. Ela estava tentando se manter a distância. Era assim que as coisas sempre aconteciam. Os médicos não podiam se dar ao luxo de se envolver emocionalmente.

A outra médica expôs os fatos de maneira mais direta. A sua fala estava mais acelerada, e ela despejou os fatos rapidamente:

— Tess sofreu um traumatismo craniano agudo e hipotermia

extrema. Está numa situação crítica. Ela não está em condições de respirar por seus próprios meios, então está contando com a ajuda de aparelhos.

Grace cobriu a boca com a mão.

– Posso assegurar que ela não está sentindo dor – a médica disse.
– Ela está em um coma profundo. Ela não está reagindo a nenhum estímulo. O coma é medido de acordo com o que chamamos de Escala de Glasgow. Quinze é um nível normal. Tess está no nível cinco. É uma situação muito grave.

Grace tremia, e Tink colocou um braço ao redor dela:

– O que vai acontecer? – ele perguntou. – Ela vai acordar?
– Não há como responder a essa pergunta – disse a médica. – Ela está nas mãos de Deus. A única coisa a fazer é esperar.

– Esperar? Esperar o quê? – disse Grace. – Por que vocês não fazem nada?

– Ela é uma mulher muito forte e saudável – disse a doutora –, e é extraordinário que ela tenha sobrevivido por tanto tempo. Mas o traumatismo craniano foi sério, e ela ficou exposta aos elementos por muito tempo. – A médica fez uma pausa e olhou para sua colega. – Há casos de coma na literatura que desafiam qualquer explicação. Mas nós acreditamos que o melhor é sermos realistas. – Ela falava em um volume mais baixo. – A probabilidade de reversão é remota.

Houve um longo silêncio enquanto as palavras eram absorvidas. Charlie sentiu como se o chão fosse abrir para engoli-lo. E então a doutora disse:

– Se vocês quiserem ter um momento com ela, agora seria uma boa ocasião.

TRINTA E TRÊS



– Vim pedir demissão.

Eram as palavras que Charlie nunca imaginou que iria pronunciar, mas ele ficou espantado com a facilidade que teve para dizê-las. Ele estava no acostamento da Avenida A, uma faixa de asfalto que cortava o cemitério Waterside pela metade. Elihu Swett, o comissário do cemitério, estava vistoriando o lugar em seu Lincoln Continental e havia estacionado o carro quando Charlie lhe fez um sinal. No seu espaçoso assento dianteiro, ele olhou pela janela aberta:

– Tem certeza de que não quer um tempo para reconsiderar? – perguntou Elihu.

– Tenho.

– Que tal um aumento de quatro por cento? Tenho certeza de que posso fazer com que o conselho da cidade aprove algo assim.

– Não é por causa do dinheiro – disse Charlie.

– E que tal mais uma semana de férias? Posso conseguir isso também.

– Não, obrigado. É hora de eu seguir em frente.

Elihu franziu as sobrancelhas:

– Talvez você mude de ideia – ele disse, removendo cuidadosamente a luva de látex da sua pequena mão, e apertando a mão de Charlie pela janela. – Você sempre terá um lugar aqui se

quiser voltar.

Após um bom e desprotegido aperto de mão, Charlie sorriu:

– Espero que demore bastante tempo até me trazerem para cá.

Assim, ele entrou no carro da manutenção e guiou por entre as trilhas, parando para ajustar um esguichador ou aparar alguns galhos rebeldes em uma sebe em forma de pirâmide. As flores pareciam mais radiantes, e até mesmo as inscrições nos memoriais mais antigos pareciam mais claras, como se alguém tivesse acendido as luzes.

Era sexta-feira, o dia da semana reservado para trabalhar nos monumentos. Os funcionários estavam espalhados pelo cemitério, escovando e consertando as lápides. Havia 52.434 delas em Waterside, de todas as formas e tamanhos. Mármore italiano. Granito de Vermont. Literalmente, milhões e milhões de dólares gastos com pedras e memórias. Charlie esperava ser lembrado, também. Por ter sido um bom irmão. Por ter encontrado Tess. Por ter feito algo de bom com a sua vida.

Ele decidiu tratar seu último dia como qualquer outro. Assim, cumpriu com suas obrigações, fez suas rondas e parou para se despedir dos seus amigos. Joe, o Ateu, o abraçou com força e lhe confidenciou que estava repensando a sua relação com Deus. O *Horny Toad*, acrescentou ele, estaria disponível a qualquer hora para salvar uma donzela em perigo. Perto do chafariz, Charlie encontrou Bella Hopper, a Mulher Que Escuta.

– Todos estão falando sobre o que você fez – ela disse. – Você sabe, sair para o mar e encontrar Tess. Você nunca desistiu. É maravilhoso. Você é o novo herói da cidade.

– Obrigado, Bella, mas não foi tudo isso.

– Podemos conversar sobre isso algum dia – ela disse. – Estou disponível sempre que você quiser. Preço especial para família e amigos.

Ele dirigiu por sobre os gramados pela última vez, satisfeito pela aparência serena e bem-arrumada do cemitério. Assim, de volta para a

sua casa, ele jogou suas poucas coisas boas em uma bolsa esportiva, guardou seus livros e fitas favoritos em outra, dobrou suas camisas do uniforme do Waterside e as deixou sobre a cômoda. Lavou alguns pratos que estavam sujos e levou o lixo para fora. Ele deixaria a mobília herdada de Barnaby Sweetland para o próximo zelador. Pendurou as chaves no gancho, pousou suas bolsas na soleira da porta e fechou a porta atrás de si. Então, carregou o carro da manutenção e se dirigiu para o norte.

Ele sabia de cor o caminho, e podia até mesmo ter feito as curvas de olhos fechados. Direita, esquerda, um semicírculo ao redor do lago e, de lá, até o pequeno mausoléu na colina, ladeado por dois salgueiros. O mármore reluzia, e o par de bastões de beisebol esculpidos o fazia parecer grandioso. Um pouco de líquen havia crescido ao redor do nome cinzelado acima da porta:

ST. CLOUD

Ele desceu do carro, tirou uma velha chave do porta-luvas e abriu a porta. Na penumbra, sentou no pequeno sarcófago e balançou as pernas. Jogou a bola na luva. E depois, sorrindo para o anjo azul no vitrô da parede, ele as depositou sobre o mármore liso de Carrara. Onde era o seu lugar.

O sol estava se pondo, e Charlie sabia que era hora de ir. Ele trancou o mausoléu e olhou para o cais, no pé da colina. Meu Deus, ele sentiria falta de Sam e das suas travessuras. Charlie sentiu o vento aumentar; as árvores na floresta começarem a se agitar, e uma revoada de folhas avermelhadas de carvalho flutuou pelo ar, circulou a sua frente, e foi soprada para longe.

Sam estava lá, Charlie soube imediatamente. Seu irmão estava a sua volta, no ar, no céu, no pôr do sol e nas folhas. Aqueles jogos de beisebol ficariam melhor guardados em suas lembranças. Mas ele não conseguiu resistir. Em seu último dia em Waterside, ainda havia um último lugar para ir.

TRINTA E QUATRO



O playground secreto estava quieto. Nenhum pássaro piando, nenhum esquilo correndo, nenhum espírito passando. Eram 18h51.

Charlie andou da primeira base até a base do lançador, e fez o caminho de volta. Ele queria guardar na memória cada centímetro daquele lugar – o bosque de cedros, o balanço, o banco. Onde estaria Sam agora? Era o que ele se perguntava. Ele daria qualquer coisa para ver o seu irmão uma última vez e se despedir.

Charlie admirou o cenário silvestre, memorizando a cor das folhas e os ângulos da luz. Ele sabia que nunca retornaria a este reino crepuscular, e logo a clareira desapareceria. A floresta voltaria a cobrir o campo de beisebol, e ninguém saberia que aquele lugar um dia existiu.

Pensar naquilo trouxe lágrimas aos olhos de Charlie. Aquele havia sido o lugar mais importante do mundo para ele, mas ele havia feito a sua escolha e, agora, havia um outro local onde deveria estar. Inspirou profundamente, inalando o odor pungente do outono, e estava pronto para ir embora quando ele se assustou ao ver um rapaz jovem andando por sobre a grama. No início, se perguntava quem poderia ter descoberto o playground secreto. Em treze anos, ninguém havia penetrado no santuário.

O intruso era alto, tinha cerca de um metro e noventa, e seus ombros eram retos e largos. Seu rosto era longo e estreito, o cabelo era encaracolado e os olhos brilhantes eram inconfundíveis.

Charlie perdeu o fôlego, surpreso.

Era Sam.

– Ei, irmãozão – ele disse com um sorriso.

Charlie estava sem palavras. O boné dos Red Sox, seus calções largos e tênis de cano alto haviam sumido. Agora ele vestia uma jaqueta forrada de pelo de carneiro, jeans e botas.

– Olha só pra você!

– O quê?

– Você é um homem.

– Sim – ele disse –, finalmente sou um homem e posso fazer o que eu quiser.

Eles estavam frente a frente naquele momento, e Charlie percebeu que seu irmão estava transparente como um holograma, com superfícies luminosas. Sam era, agora, um reflexo do passado e do presente, e uma projeção do futuro – tudo que ele foi e tudo que ele quis ser.

Charlie colocou os braços ao redor da forma evanescente do seu irmão, e ficou espantado por não conseguirem se tocar. Seu abraço não tocou em nada. Sam não estava mais entre os mundos. Ele estava etéreo agora, mas Charlie ainda era capaz de sentir o seu calor e a força da ligação entre eles.

– Você fez a travessia – ele disse.

– Isso mesmo.

– E como são as coisas do outro lado?

– Muito além de tudo que nós imaginávamos, Charlie. É indescritível. Você vai ver.

– Mas então... como você conseguiu voltar para cá? Eu não sabia que você poderia retornar.

– Há muitas coisas que você não entende – disse Sam. – Mas não se preocupe. Era assim que as coisas deveriam ser.

Eles andaram pela floresta e se sentaram no tronco em frente à lagoa, onde os bagres e outros animais aquáticos se escondiam da grande garça azul, e conversaram sobre os últimos dias.

– Você ficou bravo por eu ter quebrado a promessa?

– Não – disse Sam. – Já estava na hora. Nós estávamos muito presos e deixando a vida passar.

Naquele momento, Charlie percebeu o que realmente havia perdido naqueles treze anos. Eles nunca tiveram uma conversa de adultos. Sam não havia crescido, e o seu relacionamento estava congelado no tempo.

Charlie desejou poder colocar um braço ao redor dos ombros de Sam.

– Era você na água naquele dia, não era? – ele perguntou. – Você sabe, com os esguichos de água e o vento?

– Você demorou para perceber, hein?

– O que é que eu posso dizer? Negligência em primeiro grau. Réu confesso e culpado.

– Negligência, substantivo – disse Sam, começando a sorrir. – A camisola sexy que uma garota esquece que está usando quando ela vai trabalhar pela manhã. – Ele riu e deu um tapa no joelho, e Charlie gargalhou. Ele estudou os contornos translúcidos de seu irmão, que havia crescido tanto e que, ainda assim, continuava a mesma pessoa.

– Eu acho que só me arrependo de uma coisa – disse Charlie. – Me perdoe por ter me apegado por tanto tempo e atrasado as coisas. – Ele enxugou as lágrimas do rosto.

– Está tudo bem – disse Sam. – Eu me apeguei também e atrasei as coisas tanto quanto você.

Houve um longo silêncio, e então Charlie perguntou:

– Você acha que algum dia jogaremos beisebol de novo?

– Claro que sim – disse Sam. – Nos encontraremos de novo em um piscar de olhos. E aí estaremos juntos para sempre.

– Então prometa que não vai me esquecer.

– Prometo.

– Jura? – disse ele, maravilhado por repetir a conversa que ocorrera todos aqueles anos. Desta vez, entretanto, foi Sam que consolou Charlie.

– Eu juro – disse seu irmão menor.

– Jura por Deus?

– Juro por Deus – disse Sam. – Eu te amo.

– Te amo também. – Os irmãos se levantaram.

Sam foi até um pinheiro na borda da lagoa. Ali estava uma corda grossa e enodada, pendurada em um galho mais baixo.

– Que tal um último empurrão? – ele disse.

Com um impulso, Charlie empurrou, e Sam começou a balançar por sobre a água.

– Adeus, irmãozão. – Ele mergulhou com um belo salto mortal para a frente. Os braços e pernas desajeitados já não estavam mais lá, e Charlie sentiu-se abençoado por ter sido capaz de ver seu irmão em todo o seu esplendor.

Então, Sam desapareceu, e a clareira ficou em um absoluto silêncio, exceto pela corda que ainda balançava e por uma revoada de folhas vermelhas de carvalho ao vento.

TRINTA E CINCO



Era a última vez que ele encerraria o expediente no cemitério, e era hora de fazer a última ronda e dar uma carona a um velho senhor em um terno de algodão no Vale da Serenidade.

– Boa tarde – disse Charlie.

Seu cabelo era ondulado e branco. Conforme ele despejava as últimas gotas com seu regador vermelho, o seu velho gravador cassete tocava Brahms.

– Ora, olá, Charles!

– Está na hora de fechar – disse Charlie. – Quer uma carona?

– Oh, obrigado. Muito gentil da sua parte.

O Sr. Guidry dobrou a sua flanela de limpeza, desligou o gravador e fez uma última inspeção dos botões avermelhados em uma das plantas.

– Malvas-rosas eram as favoritas da Betty.

– Eu acho que o senhor me contou isso uma vez.

– Sabe, uma vez Betty plantou malvas-rosas em todo o quintal. Elas cresceram mais de dois metros!

– É mesmo?

– Boa noite, Betty – ele disse, sentando-se no banco dianteiro. – Tenha bons sonhos, meu amor. Voltarei em breve.

Ele subiu no carro da manutenção e colocou o regador por entre as pernas.

– Gostaria de vir até a minha casa para jantar? Eu vou fazer um dos pratos preferidos de Betty. O melhor bolo de carne em todo este mundo de Deus.

– Sim – disse Charlie. – Eu gostaria sim. Na verdade, eu adoraria.

O Sr. Guidry hesitou por um momento. Mesmo com a doença de Alzheimer, ele sabia que algo estava diferente. Alguma coisa havia mudado. Alguma coisa maravilhosa. Seus olhos brilharam, e o seu rosto mostrava que ele estava juntando algumas peças do quebra-cabeças e reconhecendo o padrão.

– Você não precisa ir a algum outro lugar? – ele perguntou. – Não é o que você sempre diz? – Era outro pequeno milagre, um daqueles momentos misteriosos de clareza em meio a um mundo confuso.

– Não mais – disse Charlie. – Seguirei o senhor até a sua casa. Só não dirija muito rápido.

– Eu moro em Cow Corners, na esquina da Guernsey com a Jersey – disse o Sr. Guidry. – É a velha casa cinza com janelas verdes.

– Estarei lá daqui a pouco.

Ao fechar os grandes portões de ferro pela última vez, ele sorriu quando ouviu o rangido antigo e familiar. Alguém teria de jogar óleo naquelas dobradiças gigantes. Agora ele estava do lado de fora e olhava através das grades de metal para o cemitério, onde os salgueiros se curvavam em direção ao lago. O chafariz estava silencioso, e nenhuma alma se mexia. Ele soltou as barras de ferro, virou-se e levantou suas duas bolsas esportivas para colocá-las no porta-malas do Rambler. O Sr. Guidry manobrou pela West Shore Drive em seu Buick, e Charlie o seguiu pela rua que contornava o cemitério. Ele olhou pela janela e acenou em despedida para as filas de monumentos, os hectares de gramados, e seu mundo dentro de outro mundo. E Charlie St. Cloud, o estimado ex-zelador do cemitério Waterside, partiu sem olhar para trás.

TRINTA E SEIS



Marblehead vibrava com a alegria da semana de Ação de Graças. O ar gelado carregava o aroma reconfortante da madeira que queimava nas lareiras. Barcos hibernavam nos estaleiros e sonhavam com climas mais amenos. Decorações de natal piscavam nas ruas conforme eram instaladas. Ao redor da Segunda Companhia de Bombeiros, na Rua Franklin, a vida ia especialmente bem. Desde o incêndio na Rua da Escola, não havia notícias de nenhuma outra tragédia.

Charlie estava usando o uniforme completo de paramédico na estação, que também era a sua casa até que ele encontrasse um lugar para morar. Naquela sexta-feira completamente tranquila, quando o relógio da sala de recreação anunciou 18 horas – hora da mudança de turnos –, Charlie pegou um casaco em seu armário e foi até o seu Rambler. Com alguns giros extras da chave, ele ligou o carro. O Ramer já estava pronto para ser mandado ao ferro-velho, mas ainda rodava bem e, às vezes, ele gostava de dirigir o dia inteiro e também à noite apenas para sentir a estrada rugindo por baixo.

Nesta noite, Charlie tinha apenas um lugar para ir. Ele dirigiu pela Rua Pleasant, esterçou para entrar na rodovia MA-114 rumo a Salem e, dentro de alguns minutos, entrou no estacionamento do Centro Médico de North Shore. Ele caminhou pelo saguão, acenou para as enfermeiras que cuidavam dos documentos de internação e foi direto para o quarto 172. Ele bateu gentilmente na porta, e depois a abriu.

Tess estava sozinha e adormecida, ainda em estado de coma. Sem as

bandagens e o ventilador pulmonar, ela estava pálida, mas respirava sem a ajuda de aparelhos agora. Suas mãos estavam cruzadas sobre o seu peito, e ela parecia estar completamente em paz. Ele havia memorizado cada detalhe do seu rosto ovalado, seus lábios pálidos e seus longos cílios. Era estranho. Ele tocou em cada milímetro do corpo dela naquela noite, quando ainda morava no cemitério, e ainda assim ele não a conhecia fisicamente.

Durante as últimas oito semanas, Charlie estudou todos os tipos de livros e artigos científicos sobre danos cerebrais. A mais longa e bem-documentada recuperação completa de um coma havia levado dois anos e meio, mas ele descobrira outros casos incríveis, como da mulher de Albuquerque, que despertou de um coma de dezesseis anos no dia de Natal, pedindo para ir fazer compras no shopping center, e do comerciante de 53 anos de Toronto, que entrou em coma e despertou trinta anos depois, perguntando “O que está passando na TV?”.

Aqueles exemplos eram extremos, mas ele sabia que algo milagroso também poderia acontecer com Tess. E, de certa forma, já havia acontecido. Deus respondera às suas orações. Ela não tinha desaparecido do cemitério porque estava fazendo a travessia para o outro lado da vida. Ela havia desaparecido porque estava tentando retornar para esta vida.

Ele havia passado tantas horas aqui, ao lado dela, neste quarto que foi decorado por Grace e seus amigos para ficar mais aconchegante. Havia plantas de Kipp’s Greenhouses e cartões desejando melhoras da turma de ciências da Sra. Paternina. Pendurado sobre a cabeceira da cama, um pôster de Tom Brady, o *quarterback* dos Patriots e herói do Super Bowl, dizendo “Melhore logo”. Fotos de seu pai no barco de pescar lagostas e do *Querência* em seus primeiros testes no mar cobriam a mesinha de cabeceira.

— É um fim de semana agitado para os seus rapazes — disse Charlie, sentando-se ao lado dela. Ele puxou a página de esportes do *Boston Globe* que estava no bolso do seu casaco e leu as manchetes para ela. — Parece que os Jets querem desafiar os seus *linebackers* com

alguma nova retranca que eles inventaram.

Este era o ritual de Charlie agora, mas ele tomava cuidado para não cair no seu velho hábito de seguir uma rotina fixa. Às vezes, ele vinha durante a manhã. Outros dias, após o trabalho. Em uma semana, ele ficaria alguns dias sem aparecer, enquanto em outras ele viria todos os dias, sem falta.

Ele queria estar ali com ela, mas também queria viver a sua vida. Ele havia comprado passagens para uma viagem até o noroeste da costa do Pacífico no Ano Novo para visitar sua mãe. E ele estava planejando uma aventura internacional, viajando como mochileiro pela África e Ásia dali a um ano.

A cada visita, Charlie sempre contava as últimas notícias para Tess. Hoje, ele dividia com ela o novo e delicioso escândalo da cidade. O reverendo Polkinghorne foi pego nu no cais do Eastern Yacht Club com duas – sim, duas – ovelhas do seu rebanho: Sherry Trench e Gena Carruthers.

Charlie acreditava que Tess conseguia escutar cada palavra de cada história que ele lhe contava. Ele tentava deixar as coisas rápidas e divertidas. Queria conquistá-la, mesmo que ela estivesse dormindo. Às vezes, ele a imaginava arqueando o pescoço enquanto ria. Outras vezes, ele a imaginava lhe dando uma bronca quando se estendia demais.

Quando ele se cansava de conversar, ele ia até a janela e observava o crepúsculo.

– O pôr do sol está lindo hoje – ele dizia. – Você devia dar uma olhada. – Ele ainda sentia aquele alarme interno que o atraía para a floresta. Mas então, ao ver a lua se levantar por sobre o horizonte, ele sabia que Sam ainda estava por perto.

Estava escuro. O silêncio reinava no hospital. Era hora de ir.

– Boa noite, Tess – ele disse. – Estou com saudades. – Ele a beijou na bochecha, e já havia aberto a porta do quarto quando ele percebeu que havia esquecido de dizer algo. – Vou jantar com Tink esta noite – ele disse, voltando até a cama. – Nós vamos ao Barnacle

esta noite. Eu queria que você tivesse me avisado o quanto aquele cara é capaz de comer. O oceano não tem ostras suficientes para deixá-lo satisfeito. — Ele estendeu a mão e afastou a franja dela.

Então Charlie viu os seus cílios estremecerem e seus incríveis olhos cor de esmeralda se abrirem, perguntando-se se aquilo não seria a sua imaginação.

TRINTA E SETE



Uma névoa fina cobria o chão, abafando os sons do mundo. Ela não conseguia ver mais ninguém a sua volta. Ela poderia estar em qualquer lugar ou em lugar nenhum. Não importava. Charlie havia desaparecido, seu pai não aparecera para se encontrar com ela, e ela estava sozinha.

Desde que saiu do cemitério, ela estava no mesmo lugar. Era como o meio do oceano numa noite sem lua. O céu era coberto por uma cor negra sem estrelas conhecidas para lhe mostrar o caminho. Ao longe, coisas disformes, parecidas com nuvens de tempestade, pareciam se mover. Às vezes, ela podia ouvir vozes ao seu redor, mas logo elas desapareciam.

Ela tentou pedir ajuda, mas ninguém respondeu. Ela queria atravessar a escuridão, mas não conseguia se mover. E assim ela havia esperado, aguardando pelo momento em que fugiria daquele lugar.

O momento era agora.

No começo, com a escuridão transformando-se lentamente em luz, tudo parecia estar borrado. Seu cérebro, o quarto, e o homem que olhava para ela.

— Tess? — ele dizia. — Tess? Você consegue me ouvir? — Claro que ela conseguia. Ela queria formar as palavras em resposta, mas não era capaz de pronunciar nenhum som. Era muito estranho. Ela tentou novamente, mas a sua boca e garganta estavam secas. Quando ela finalmente encontrou a sua voz, ela estava rachada e sequer podia ser

ouvida.

— Tess — ela disse. Tess.

— Sim, Tess! — o homem disse. Ele estava tão contente.

— Sim, Tess — ela repetiu.

— Você voltou! Meu Deus, você voltou!

— Você voltou — ela disse. Ela sabia que estava simplesmente repetindo as palavras dele, mas era o melhor que podia fazer.

— Como se sente? — ele disse. — Sente algo doer?

Na verdade, ela não conseguia sentir nada. Seu corpo estava entorpecido e sentia a tontura atacar-lhe a cabeça. Ela moveu seus olhos pelo quarto.

— Onde? — ela começou, hesitantemente. — Onde estou? — Nada mau, ela pensou. *Onde estou?* Uma sentença completa. Ela sorriu suavemente, e sentiu a pele das suas bochechas repuxar.

— Você está num hospital — ele disse. — No Centro Médico de North Shore, em Salem.

Ela não compreendeu as palavras inteiramente.

— Onde? — ela disse novamente.

— No hospital. Você teve um acidente. Você estava ferida. Mas tudo está bem agora.

Hospital. Acidente. Ferida.

— Que acidente? — ela disse.

— Você estava velejando — ele disse. — Seu barco se incendiou durante uma tempestade. Você se lembra?

Incêndio. Tempestade. Ela não se lembrava de nada.

— Barco — ela disse. — O que aconteceu?

— Ele foi destruído — ele disse. — Lamento, mas o *Querência* queimou e afundou.

Querência. Ela gostava do som daquela palavra. A melodia alegre

das sílabas trouxe fragmentos de memórias e significados.

– *Querência*. Local seguro.

– Isso! – disse o homem. – Você tem razão. É espanhol.

Ela estava tentando se concentrar. Outros pensamentos tomavam forma.

– Água – ela disse. – Estou com sede.

O homem correu até a pia e encheu um copo com água para ela. Gentilmente, ele o segurou contra os seus lábios, e ela tomou um gole, fazendo o líquido frio circular pela boca. Ela olhou em direção à janela e apertou os olhos, onde os galhos de uma árvore balançavam ao vento.

– Janela – ela disse.

– Sim, a janela.

– Abra, por favor.

Uma brisa deliciosa soprou no quarto, e Tess fechou os olhos quando o vento tocou seu cabelo e a fez se sentir mais relaxada. Água e vento. Sim, ela adorava os dois.

O homem pegou o telefone.

– Vou ligar para a sua mãe, ok?

– Ok – ela disse. – Mãe.

O homem teclou os números e começou a falar rapidamente. Ela não conseguia acompanhar o que ele estava dizendo. Quando ele desligou, ela perguntou:

– Quem é você? Médico?

– Sou eu, Charlie. Lembra-se?

Ela não se lembrava. A sua memória estava vazia.

– Tess, por favor, tente se lembrar – ele dizia. – Sou eu, Charlie.

Ela balançou a cabeça:

– Desculpe, não consigo me lembrar... – E então ela viu lágrimas

rolando pelo rosto dele. Por que ele estava chorando? – O que houve? – ela disse.

– Não é nada. Estou apenas feliz em ver você.

Tess sorriu, e desta vez o seu rosto não parecia repuxar tanto:

– Seu nome? – ela disse. – Qual é o seu nome?

– Charlie St. Cloud.

Charlie St. Cloud. Ela sentiu um comichão na ponta do nariz. As memórias começavam a retornar mais rápido agora. Arquivos se abriam em seu cérebro.

– St. Cloud – ela disse. – Não é um nome típico de Marblehead.

– Você está certa – ele respondeu. – Minnesota. Uma longa história.

– Eu gosto de histórias – ela disse.

E, assim, Charlie se sentou ao lado dela e explicou como o seu nome veio de uma cidade às margens do rio Mississippi, onde sua mãe havia crescido. O primeiro St. Cloud era um príncipe francês do século VI que renunciara ao mundo para servir a Deus depois que seus irmãos haviam sido assassinados por um tio cruel.

Tess gostava do timbre profundo da voz dele. Fazia com que ela se recordasse de alguém, mas ela não tinha certeza de quem era. Quando ele terminou de contar a história, ela estendeu o braço e tocou a mão dele. Ela sentiu a pele quente e os músculos fortes.

– Os Patriots vão ter um jogo difícil neste fim de semana – ele disse. – Você adora futebol, lembra-se? – Ela estudou o seu rosto gentil, com uma covinha na bochecha. Alguma coisa era diferente naquele homem.

– Me conte outra história, Charlie.

– Tudo que você quiser – ele disse, e começou a falar sobre velejar ao redor do mundo e visitar locais distantes como as ilhas Marquesas, as ilhas Tuamotu, Tonga e Fiji.

Cada palavra trazia conforto, e assim ela descansou sobre os

travesseiros enquanto apreciava o calor dos olhos cor de caramelo de Charlie. Lentamente, suas barreiras começaram a cair, e ela imaginava como poderia saber de antemão que gostaria de passar muito tempo escutando o que esse homem tinha a dizer.

Já passava da meia-noite.

Os médicos haviam terminado de examinar Tess e, incrivelmente, determinaram que as suas funções físicas e cognitivas estavam intactas, e que a sua memória provavelmente voltaria ao normal.

Um jornalista e um fotógrafo do *Reporter* correram até lá para fazer algumas perguntas e tirar fotos para uma edição especial do jornal. Tink e um grupo da empresa de velas náuticas passaram por ali para encorajá-la e para trazer notícias do trabalho. Com sua alegria excedendo a sua energia, Grace havia finalmente caído no sono em um sofá-cama na sala ao lado.

Agora, tudo estava em silêncio.

De olhos bem abertos na sala de espera, Charlie olhava fixamente para o aquário, com seus peixes tropicais circulando pela água. Grato por ela estar de volta, a sua mente havia se fixado em uma única questão: ela se lembraria dele?

Aquele primeiro beijo...

A noite em seus braços...

Enquanto a família e os amigos a cercavam naquela noite, Charlie havia observado que ela se lembrou gradualmente da luta do *Querência* contra a tempestade. Ela havia até mesmo começado a planejar a sua próxima corrida solo ao redor do mundo, calculando que precisaria de um ano para equipar um novo barco e para treinar adequadamente. Sempre que o seu olhar se dirigia para Charlie, no fundo da sala – e isso acontecia frequentemente –, ela sorria, mas não tinha certeza se sabia quem ele era ou por que ele estava ali.

Quem poderia culpá-la?

As portas se abriram do outro lado da sala de espera, e uma enfermeira pediu que ele se aproximasse, em voz baixa:

- Ela está perguntando por você, Charlie.
- O quê?
- Ela quer vê-lo.

Ele percorreu a distância até a cama dela, o que pareceu serem cinco passos. Incrivelmente, ela estava sentada, e seu rosto estava suavemente iluminado pelo abajur.

- Fico contente por você ainda estar aqui – ela disse.
- Estou feliz por você estar aqui, também – Charlie respondeu.

Ela o estudou intensamente. E, por fim, disse:

- Então foi você que me encontrou.
- Acho que sim.
- Depois que todo mundo tinha desistido?
- Mais ou menos isso.
- Tem uma coisa que eu preciso saber – ela disse. – É importante.
- Sim, eu confesso. Sou fã dos Red Sox – ele disse, com um sorriso.

Ela curvou a cabeça para trás e riu:

- Acho que dá para perdoar isso aí – ela disse –, mas tem uma coisa que eu não consigo lembrar.
- E o que é?
- Como nós nos conhecemos?
- Você não acreditaria em mim se eu lhe dissesse.
- Tente – ela disse. – Me conte a nossa história.
- Bem – recordou ele –, começa no cemitério Waterside, onde uma linda e corajosa fabricante de velas náuticas reclamou com o zelador sobre uma perturbação do sossego. – Charlie sorriu. – O

moço charmoso tentou explicar a importância do seu programa de gerenciamento de gansos, mas a velejadora não se impressionou e apenas riu.

E, assim, Charlie descreveu carinhosamente seus primeiros encontros, desde um jantar à luz de velas com um bolo em homenagem a Ted Williams até uma caminhada à meia-noite a um lugar com salgueiros curvados ao lado de um mausoléu de mármore. Conforme os olhos dela registravam cada detalhe, ele se encheu de esperança. Ele havia se livrado do passado e tinha tomado conta da própria vida. E, agora, a maior de todas as bênçãos, ele e Tess estavam começando novamente.

EPÍLOGO



EU ACREDITO EM MILAGRES.

E agora você sabe por quê.

Estou em uma das colinas do cemitério Waterside, um local que Charlie amou e moldou com suas próprias mãos. As gaivotas voam para todos os lados. Os portões de ferro permanecem abertos. Uma garota balança nos galhos de um carvalho, pendurada de cabeça para baixo. Um senhor de cabelos cacheados coloca um punhado de malvas-rosas no túmulo da sua esposa.

Esse é o mundo que você conhece. É aquele que você enxerga quando passa pelo cemitério na sua cidade. É aquele que é real e reconfortante. Mas há outro mundo aqui, também. Estou falando daquele que você e Charlie ainda não conseguem enxergar, o estágio além da área entre os mundos. É um lugar chamado de paraíso, céu, nirvana – na verdade, nomes diferentes para a mesma coisa –, e é para onde eu vim quando fiz a travessia. É onde a Sra. Ruth Phipps pode novamente andar de mãos dadas com seu amado Walter. É onde Barnaby Sweetland, o velho zelador do Waterside, pode cantar com os anjos. E, é claro, é onde Sam e Oscar podem explorar o universo.

Aqui neste local, eu consigo enxergar tudo. Minha voz e meus pensamentos são o vento, e eu os envio em direção a Charlie. Ele está com Tess no Centro Médico de North Shore, onde ela está ficando mais forte a cada dia.

Sim, é uma das coisas que podemos fazer neste lado – ver, ouvir e saber de tudo. Estamos por toda a parte. Nós testemunhamos tudo. Ficamos alegres quando você está alegre. Ficamos tristes quando você está triste. Nos afligimos quando você se aflige. E, quando você se apegar a alguém ou a alguma coisa durante muito tempo, nós sofreremos da mesma maneira que você sofre. Eu penso na minha esposa, Francesca, e em nosso filho. Eu sei que vai levar certo tempo e que serão necessárias muitas lágrimas ainda, mas eu quero que eles superem. Algum dia, ela se casará novamente e encontrará uma nova felicidade.

Lá está Charlie agora, saindo do hospital e indo ao aeroporto de Logan. Ele vai visitar sua mãe no Oregon. Ele vai lhe contar o que aprendeu vivendo no crepúsculo, e explicará o quanto de si mesmo ele perdeu depois do acidente. Mesmo com todo esse esforço, a mãe de Charlie nunca entenderá a extensão de seu sofrimento. Ela se mudou para um Estado no lado oposto do país, começou uma nova vida e esperava enterrar o acidente no passado. Mas, nos momentos mais reservados de seus dias e noites, ela nunca conseguiu se esquecer de que seu filho mais novo foi levado cedo demais, e é sempre cedo demais. Ela nunca vai se recuperar.

É o resultado inescapável da tragédia e da multiplicação do sofrimento. Muitas pessoas boas morrem um pouco quando perdem algo que amam. Uma morte resulta em duas, ou 20, ou 100. É igual em todo o mundo.

Charlie vai entender que a escolha entre continuar apegada ou tentar superar pertence a sua mãe. Você sabe que Charlie escolheu viver. Depois de ficar com sua mãe por algum tempo, ele voltará para Marblehead e trabalhará na Segunda Companhia de Bombeiros na Rua Franklin. Ele vai viajar ao redor do mundo. Acima de tudo, ele irá compensar os treze anos perdidos e mergulhar em busca dos seus sonhos.

Eu me lembro do Eclesiastes e de uma coisa que eu disse a Charlie uma vez: “A Bíblia está errada. Não há um tempo para cada coisa na vida de um homem”.

É isso mesmo. Charlie não tem tempo. Ninguém tem. Mas ele sabe o que é importante agora. Acima de tudo, ele e Tess se apaixonarão novamente. Eles se beijarão pela primeira vez. Velejarão por entre as ilhas de coral de Belize em sua lua de mel. Eles se mudarão para uma casa na Alameda Cloutman – a mesma casa onde ele cresceu. Terão dois filhos. Pela primeira vez em muito tempo, ele acordará pela manhã com o latido de um novo beagle, com uma sensação de que o mundo inteiro está bem e de que todas as pessoas das quais ele gosta estão bem e saudáveis. Ele construirá um playground com balanços embaixo de um pinheiro para seus filhos. Ele jogará beisebol com eles todas as noites, e os estimulará a correr contra a lua e ter grandes aventuras.

O dom de Charlie de enxergar o mundo dos espíritos desapareceu assim que ele e Sam se despediram pela última vez. Mas, todos os dias, ele tentará viver com seus olhos abertos para o outro lado, sempre atento a possibilidade de algum milagre. Às vezes, ele irá esquecer, mas aí ele verá uma corda balançando por sobre uma lagoa, ou ouvirá algum jogo dos Red Sox no rádio ou o latido de um cachorro. E saberá que Oscar e Sam estão por perto.

Assim é a vida e a morte. Todos nós brilhamos. Você só precisa libertar seu coração, aguçar seus sentidos e prestar atenção. Uma folha, uma estrela, uma canção, um riso. Perceba as pequenas coisas, porque alguém está estendendo a mão para você. *Qualcuno ti ama.* Alguém o ama.

E algum dia – Deus sabe exatamente quando –, Charlie ficará sem tempo. Ele estará velho, e a sua franja estará grisalha. Ele repassará sua vida extraordinária, e saberá que cumpriu a promessa. E assim, como as 75 bilhões de almas que viveram antes dele, cada uma delas um tesouro, ele também irá morrer.

Quando esse dia chegar, nós estaremos esperando. Esperando que Charlie St. Cloud volte para nós. Até que esse momento chegue, oferecemos estas palavras de despedida...

Que ele viva em paz.

SOBRE AS FONTES



Os locais desta história são reais, e sou grato às várias pessoas boas de Marblehead, em Massachusetts, por terem me recebido em sua cidade. Agradeço especialmente a F. Emerson Welch, do *Reporter*, por responder às minhas perguntas com animação e inteligência, do nascer ao pôr do sol; a Bump Wilcox, da New Wave Yachts, por explicar a alguém sem nenhuma experiência em navegação como seria uma tempestade de Força 10, e à tripulação do *Loonatic* por uma vitória esmagadora nas corridas de quarta-feira à noite; e a Kristen Heissenbittel, na Doyle Sailmakers, por revelar a arte e a ciência de projetar velas náuticas. Agradecimentos também ao administrador portuário Warner Hazell e seus assistentes; Bette Hunt e a Sociedade Histórica de Marblehead; Comodoro B. B. Crowninshield do CBYC e a Lynn Marine Supply; os bombeiros da Segunda Companhia na Rua Franklin; Ed Cataldo da Quinta Companhia em Revere; Todd Basch e Carol Wales da Doyle Sails; Marjorie Slattery-Sumner; Sheila Duncan (a Mulher Que Escuta original); Sally e Roger Plauché do Spray Cliff on the Ocean; Ruth e Skip Sigler do Seagull Inn; Suzanne e Peter Conway do Harbor Light Inn; e os fregueses do Barnacle, Driftwood, Landing, Maddie's e Rip Tide. Na Guarda Costeira dos Estados Unidos em Boston e Gloucester, saudações para os oficiais Steven Carriere, Tim Hudson, Paul Wells e Jared Coon por explicarem como funcionam as operações de busca e resgate. No departamento de bombeiros de Beverly Hills, obrigado a Mike Smollen, comandante do grupamento, pela ajuda com as ferramentas Hurst e os desfibriladores Zoll.

A maior parte deste livro se passa no cemitério Waterside, onde os nativos de Marblehead perceberão que tomei algumas liberdades com

o terreno. Muito obrigado ao superintendente Bill James e ao seu predecessor Ben Woodfin. Pela semana mais incomum de trabalho da minha vida, devo agradecer também a John Toale Jr., Steven Sloane, Don Willians e Susan Olsen do Cemitério Histórico de Woodlawn, no Bronx, em Nova York. Sem hesitar, eles me mandaram aparar gramados e carregar caixões nos 161 hectares da sua propriedade. Agradecimentos especiais ao capataz, aos comissários do sindicato e aos trabalhadores por sempre me darem uma mão e irem com calma quando eu estava sentindo o peso do trabalho. Um obrigado muito especial aos coveiros Bob Blackmore, Greg Link e Ray Vicens por compartilharem os pontos mais específicos do seu trabalho e as gorjetas do dia. Também agradeço a Ken Taylor, do cemitério Greenwood, no Brooklyn, em Nova York, pelas ideias e perspectivas de mais de 35 anos passados trabalhando e vivendo com os mortos.

Por esclarecer perguntas sobre a vida após a morte, agradeço à incomparável médium e amiga Rosemary Altea. Os seus best-sellers, incluindo *The Eagle and The Rose* e *Proud Spirit*, são maravilhas literárias. No decorrer da minha trajetória, aprendi muito com várias outras obras, incluindo *Rescue 471*, de Peter Canning; *The Hungry Ocean* e *Lobster Chronicles*, de Linda Greenlaw; *The Undertaking*, de Thomas Lynch; *How We Die*, de Sherwin B. Nuland; *On Death and Dying*, de Elisabeth Kübler-Ross; *Fastnet*, *Force 10*, de John Rousmaniere; e *Will the Circle Be Unbroken?*, de Studs Terkel. Na internet, acessei com frequência os sites do *Marblehead Reporter*; *Marblehead Magazine*; Griefnet; Beyond Indigo e City of the Silent, o notável site sobre cemitérios. Para o jogo de palavras entre Charlie e Sam, me inspirei na coluna “Style Invitational”, do *Washington Post*, de maio de 1998, que pedia aos leitores que redefinissem palavras do dicionário. Para as reflexões de Florio sobre o Eclesiastes, me inspirei no poema de Yehuda Amichai, “A Man in His Life”.

Para uma galeria de fotos pelos cenários desta história e mais informações sobre as fontes, visite <<http://www.bensherwood.com>>

AGRADECIMENTOS



Este livro é sobre segundas chances e sou grato a muitos amigos e colegas por me ajudarem com a minha segunda chance. Gostaria de agradecer primeiramente ao meus colegas de redação. Alan Levy, colega de escritório virtual, estava lá todos os dias com ideias ousadas, humor e encorajamento; Barry Edelstein me presenteou com uma amizade incomum, inteligência e dramaturgia; Maxine Paetro aconselhou com sua perspectiva exaltada e estilo; Akiva Goldsman me mostrou como pensar fora da caixa; Gary Ross fez perguntas impossíveis; John Bowe me lembrou que, se não é difícil, então não vale a pena escrever a respeito; e Bruce Feiler me conduziu com estratégias e táticas brilhantes, levando a um significado mais grandioso com a sua mente e seu trabalho perspicazes. Obrigado também a J. J. Abrams, Bob Dolman e Stan Pottinger.

Agradeço profundamente a amigos que leram os manuscritos em seus vários estágios: Rebecca Ascher-Walsh, David Doss, Lynn Harris, Joannie Kaplan, Steve Kehela, Christy Prunier, Kim Roth, Jennifer Sherwood e Jamie Tarses.

Nas primeiras edições deste livro, tive o privilégio de ser publicado pela família Bantam. Os editores Irwyn Applebaum e Danielle Perez merecem medalhas de honra ao mérito por acompanharem Charlie St. Cloud desde sua infância rebelde e adolescência desobediente e por sua incansável vontade de me ajudar a encontrar a história que desejava escrever desde o começo. Agradecimentos especiais para Barb Burg e Susan Corcoran, amigos, psicólogos e advogados.

Obrigado também a Jane Von Mehren, Marisa Vigilante e Kerri Buckley, na Random House, por contribuírem com as edições ligadas ao filme deste livro.

No Picador na Grã-Bretanha, ramalhetes de flores vão para Ursula Doyle, Stephanie Sweeney e Candice Voysey.

Em Hollywood, aplausos ao produtor Marc Platt por trazer *Charlie St. Cloud* às telas do cinema e pelo carinho e atenção, do começo ao fim. Obrigado a Abby Wolf-Weiss e Jared LeBoff pela incrível condução da adaptação e a Michael Fottrell pela sua devoção a cada detalhe. Desde o início, Donna Langley, da Universal Pictures, imaginou o filme e o defendeu incansavelmente em cada uma das suas encarnações. Obrigado também a Kristin Lowe, da Universal, por seu carinho e sua orientação ao longo do caminho. Por seu esforço criativo com o roteiro, minha admiração a Craig Pearce, James Schamus, Lewis Colick e especialmente Burr Steers, que dirigiu o filme e foi o principal articulador para que tudo se encaixasse. Um grande “bravo” a Zac Efron, Charlie Tahan, Amanda Crew, Kim Basinger, Ray Liotta e a todo o elenco. E um alô a Enrique Chediak, Casey Grant, Ida Random, Lisa Satriano e a equipe de produção, por criarem magia com o filme.

Páginas e mais páginas de agradecimentos para Joni Evans, amiga suprema, coconspiradora e agente, que enriqueceu cada rascunho, desviou cada bala e que faz com que mergulhar em busca dos sonhos se torne uma realidade. Créditos em negrito também para Alicia Gordon, Tracy Fisher, Andy McNicol, Michelle Bohan e Mike Sheresky. Abraços e obrigados a Jennifer Rudolph Walsh e equipe, por tomarem conta e cuidarem de tudo.

Muita gratidão também a amigos que auxiliaram ao longo do caminho: Jonathan Barzilai; Jane e Marcus Buckingham; Chrissy, Priscilla e Norm Colvin; Beth de Guzman; Sara Demenkoff; Debby Goldberg; Meg Greengold; Cindy Guidry; Suzy Landa; Ruth Jaffe; Mary Jordan; Barry Rosenfeld; Julie e Mark Rowen; Melissa Thomas; e Joe Torsella. Obrigado a David Segal por recomendações musicais especializadas. Dov Seidman, empreendedor e adversário de xadrez,

merece um reconhecimento especial por estimular um investimento mais profundo. SPF-15 para Kristin Mannion e H. P. Goldfield para Whimsea. E um beijo para a saudosa Phyllis Levy, que ajudou a inspirar este livro e que zela com carinho lá de cima.

Agora, algumas palavras para a minha família. Uma vez mais, minha mãe, Dorothy Sherwood, atacou o manuscrito com o seu incansável lápis e padrões de adequação, devorando cada palavra. Seu talento como editora só é ultrapassado pela sua genialidade como mãe. Jeffrey Randall, meu generoso e infatigável cunhado neurocirurgião, manteve a linha de emergência médica aberta 24 horas por dia, para todo o tipo de emergência profissional e pessoal. Algum dia, meus jovens sobrinhos Richard e William Randall lerão esta história, e eu espero que construam uma ligação tão rica, forte e perene quanto aquela que eu tenho com a mãe deles – minha excepcionalmente talentosa irmã –, Elizabeth Sherwood Randall. Nossa ligação, construída durante várias aventuras na infância, foi a base de muitas cenas deste livro, assim como a memória do nosso pai, Richard Sherwood, que se foi muito cedo, mas cuja presença sentimos todos os dias.

Além de tudo, gostaria de fazer um desejo para meus filhos, William Richard e seu irmão mais novo, que nascerá quando esta edição for para a gráfica. Espero que vocês nunca passem pelas trevas que assombram os irmãos nesta história, e espero que vocês joguem beisebol juntos por muitos anos, saiam em grandes aventuras e cresçam como grandes amigos.

Finalmente, esta história é dedicada a minha esposa, Karen Kehela Sherwood, cujo coração, cuja mente e cujos raros dons de contadora de histórias estão presentes em cada página. Ela é a minha *querência* – meu local ensolarado, porto seguro e verdadeiro amor.

AVENTURAS EM UM CEMITÉRIO DE ISOPOR:

notas do autor sobre a adaptação para o
cinema de Charlie St. Cloud



O cemitério Woodlawn, no Bronx, em Nova York, é um dos mais belos e históricos dos Estados Unidos, e é o local de descanso de mais de 300 mil almas, incluindo Miles Davis, Duke Ellington, Irving Berlin e Herman Melville. Fundado em 1863, o cemitério se espalha por mais de 171 hectares de terreno ondulado, pontilhado por jardins, florestas, lagos, memoriais e mausoléus. Circundado por muros de pedra e cercas de metal, Woodlawn é um mundo em si mesmo, um santuário guardado no meio de uma cidade barulhenta e pulsante.

No verão de 2002, telefonei para o Woodlawn com uma proposta incomum. Embora a maioria das pessoas evite ir ao cemitério a menos que não tenha escolha, me ofereci como voluntário para trabalhar lá durante uma semana. Como era de se esperar, os executivos do Woodlawn ficaram céticos a respeito da proposta, mas os convenci de que minha intenção era legítima: eu estava escrevendo um livro sobre a vida em um cemitério, e queria aprender em primeira mão sobre como era o trabalho com os mortos.

Durante anos, me senti atraído pela beleza e pelos mistérios dos cemitérios. Na faculdade, passei várias tardes explorando as encostas e os vales do cemitério Mount Auburn, em Cambridge, Massachusetts, parte do patrimônio histórico nacional. Posteriormente, em minhas

viagens como estudante e jornalista, fiz peregrinações para alguns dos cemitérios mais famosos do mundo. No antigo cemitério judeu em Praga, fiquei maravilhado com tantos túmulos inclinados e dilapidados, apertados em um pequeno espaço naquela capital. Ao lado do túmulo de Jim Morrison, no cemitério Père-Lachaise, em Paris, observei os visitantes tocarem violões, posarem para fotos e deixarem queijo e vinhos para o vocalista do The Doors. Em Veneza, na Itália, fiz um passeio no Vaporetto 41 até a Isola di San Michele, a bela ilha dos mortos, onde as viúvas idosas levavam punhados enrugados de flores para seus maridos já falecidos.

Em agosto de 2002, fiz a minha viagem mais inesquecível e incomum a um cemitério. Em uma manhã muito quente, antes que a maior parte do Bronx tivesse acordado, atravessei os portões do Woodlawn no meu primeiro dia de trabalho. O superintendente me entregou uma camisa azul e um boné da mesma cor – meu uniforme de trabalho. Minha tarefa: unir-me ao grupo de coveiros. Em pouco tempo, nós abrimos quatro covas, carregamos e enterramos quatro caixões. No resto da semana, embelezei memoriais, limpei mausoléus, aparei cercas vivas e removi ervas daninhas. Em alguns momentos, ajudei a consolar famílias devastadas pela dor. Uma vez, fiquei silenciosamente nas sombras, enquanto os amigos e membros de uma família brindavam ao morto com copos de champanhe. A cada dia, conforme o sol quente se punha por trás das velhas árvores, me perguntava que tipo de mundo mágico tomaria a vida assim que os portões fossem trancados.

Depois dessa experiência – e, é claro, da literatura –, eu sabia que cemitérios eram inerentemente locais dramáticos, cheios de suspense, e até mesmo românticos. Assim, conforme esta história sobre amor e perda tomou forma na minha mente, procurei por um cemitério encantador onde Charlie St. Cloud pudesse viver e seu irmão menor, Sam, brincar. Um velho amigo me indicou um cemitério com vista para o Oceano Atlântico, em Marblehead, Massachusetts, e viajei para lá várias vezes para andar por entre os túmulos e conversar com seus zeladores. Finalmente, a minha história de faz de conta havia encontrado um lar.

Sete verões após cavar sepulturas no Bronx, fui convidado para conhecer os cenários do filme *Charlie St. Cloud*, em Vancouver, no Canadá, onde a filmagem havia recentemente começado. No dia marcado, fui levado até o local das filmagens nas verdejantes colinas ao norte da cidade. Quando chegamos ao nosso destino, vi portões de ferro e uma placa:

CEMITÉRIO WATERSIDE

Aquela encosta arborizada na Colúmbia Britânica ficava a um país inteiro de distância do cemitério Waterside original na costa leste, onde eu havia situado a história. Mas uma adaptação para o cinema não deve ser encarada como uma tradução literal do livro. É uma interpretação. Embora eu esperasse que o filme fosse feito em Massachusetts, compreendi a decisão financeira do estúdio que resultou na escolha do Canadá, onde os custos de produção são significativamente menores. Meus camaradas de Marblehead fizeram um *lobby* forte em prol da sua cidade, mas tiveram de se contentar em aceitar a realidade econômica.

Conforme a nossa van passou pelos portões do cemitério, vi membros da equipe de produção transportando equipamentos de filmagem através de um campo cheio de lápides. Alguns minutos depois, eu me juntei a eles para um passeio por entre os túmulos e anjos que estendiam suas mãos para o céu. O profissional responsável por encontrar locações havia achado um cemitério real que se parecia muito – para não dizer que era idêntico – ao original na Nova Inglaterra. Naquele momento, avistei uma mulher com um pincel, ajoelhada ao lado de um túmulo. Com o passar dos anos, havia visto vários entusiastas em história tirando decalques de lápides, mas aquela era diferente.

A mulher mergulhou o pincel em uma lata de tinta e aplicou respingos na pedra. Demorou alguns segundos para que eu percebesse o que estava acontecendo. Ela estava decorando os monumentos como

se tivessem sido atingidos pelos dejetos de pássaros! Às vezes, ela fazia a tinta respingar como Jason Pollock. Outras vezes, aplicava a tinta como um pontilhista. Em uma inspeção mais cuidadosa, notei que o líquen que crescia no granito era fajuto também. E, então, notei que a própria rocha não era real.

Eu estava no meio de um cemitério de isopor.

Após um pouco de pesquisa, descobri que a designer de produção havia encomendado uma maquiagem completa daquele cemitério. Ela instalou portões de ferro na entrada com a palavra WATERSIDE forjada neles. Dentro do cemitério, simplesmente não havia um número suficiente de túmulos e estátuas para preencher a tela do cinema e, assim, ela alugou esculturas de querubins e da Virgem Maria. Depois, construiu 250 túmulos falsos, completos com nomes e inscrições. O departamento de arte projetou os monumentos usando imagens de cemitérios na Nova Inglaterra. Mais tarde, os escultores no departamento de construção os construíram com poliestireno. A seguir, artistas cênicos do departamento de pintura transformaram isopor em pedra. Os próximos a entrarem em cena foram os técnicos do departamento de paisagismo, decorando cada túmulo com musgo e vegetação. Apenas alguns túmulos – incluindo o de Sam St. Cloud e George Carroll – foram feitos com pedras verdadeiras.

No meu primeiro dia no *set*, eu realmente não consegui diferenciar as lápides verdadeiras das falsas. Também não consegui detectar quais eram as pedras reais e quais não eram, até que me sentei em um pedregulho para descansar e ouvi a rachadura do isopor embaixo de mim.

Certamente nunca esperaria, ou mesmo imaginaria, que veria este dia chegar. A ideia toda da adaptação para o cinema parecia muito distante. Como um de meus bons amigos costuma dizer: “Eu só vou acreditar que *Charlie St. Cloud* virou um filme quando estiver no cinema, comendo pipoca”. Mesmo assim, conforme eu caminhava pelo cemitério ao norte de Vancouver, não havia mais dúvida em minha mente. Eu havia entrado em um mundo que era ao mesmo tempo real e de faz de conta. A combinação fez meu cérebro vibrar. Para o livro,

pessoas e lugares reais haviam inspirado uma história fictícia. Agora, os produtores do filme estavam usando a magia do cinema para transformar o que eu havia sonhado em um tipo novo e diferente de realidade.

Enquanto as camadas sobrepostas de fato e ficção confundiam a minha mente, a jornada até aquele momento havia sido surreal também. Alguns meses depois do 11 de setembro de 2001, pedi demissão de um excelente emprego na NBC News para escrever este livro. Era uma decisão arriscada para a minha carreira, mas na época, tudo na vida parecia ser efêmero, e eu queria ter a experiência de ser um escritor em tempo integral. Gostaria de dizer que a vida de um escritor é fácil, mas não é bem assim. É suficiente dizer que houve grandes desafios criativos e vários obstáculos profissionais sérios. A trajetória da página em branco até este livro pronto que está em suas mãos poderia ser descrita como uma experiência editorial de quase-morte. Talvez seja por isso que visitar o cenário do filme pareceu tão improvável e emocionante. Quando liguei para a minha esposa em Los Angeles, ela perguntou:

— Como você se sente?

Eu pensei por um momento e disse:

— Tenho vontade de abraçar cada pessoa que encontro.

Em poucas palavras, eu me sentia transbordando gratidão e humildade. Para criar o filme *Charlie St. Cloud*, foram necessários 28 atores, 34 dublês, e uma equipe de mais ou menos 250 profissionais. Fiz o melhor que pude para agradecer a cada um deles, incluindo o criador de aves responsável por um barulhento grupo de gansos, o flagelo da existência de Charlie.

Eu tive a felicidade de visitar a produção duas vezes. Uma vez na locação do cemitério e outra em um estúdio de som. A cada vez vibrava ao perceber como os produtores transformavam alguns dos menores detalhes do livro em realidades cinematográficas. Por exemplo, a Liga de Beisebol enviou três luvas pequenas dos Red Sox para que Sam as usasse quando ele estivesse jogando com Charlie.

Observei um dos assistentes do contrarregra andando com uma luva vermelha nova em folha o dia inteiro, esfregando-a para lhe dar uma aparência mais desgastada.

Em outra ocasião, o diretor me mostrou a cena final do filme. Ainda hoje me faltam palavras para descrever a emocionante experiência de ver Charlie e Tess literalmente velejando em direção ao pôr do sol. Sete anos antes, no silêncio da minha sala de escrita, eu havia imaginado estes dois jovens em um barco, deslizando pelo oceano. De repente, lá estão eles na tela, recostados um no outro, com o vento agitando os seus cabelos e as velas, manobrando um Gryphon Solo, um dos veleiros de 50 pés mais rápidos do mundo, filmados por uma câmera instalada em um helicóptero.

Sinceramente, nunca imaginei Zac Efron fazendo o papel de Charlie. Marcado pela dor e pela perda, Charlie era um personagem que havia desperdiçado muitos anos de sua preciosa vida. Sempre imaginei Charlie mais velho e mais triste. Graças a Deus, eu não sou um produtor de filmes. Reconheço que a Universal Pictures e os produtores perceberam que Efron era a escolha perfeita. Jovem, dinâmico, carismático, ele incorpora a promessa de Charlie St. Cloud sem o fardo da perda. Com a interpretação e a presença vibrantes de Efron, uma história que por vezes seria pesada, parece mais esperançosa e alegre. Como eu disse para Efron quando nos conhecemos no cemitério em Vancouver, fiquei encantado e extremamente grato por ele ter aceitado o papel, enchendo-o de vitalidade.

Finalmente, a *vida* é o tema que dá o tom ao livro. Como superamos a dor e a perda e aproveitamos ao máximo o nosso tempo na Terra? É um assunto que passou a ocupar a maior parte do meu trabalho. Durante os últimos anos, escrevi um livro de não ficção chamado *O clube dos sobreviventes*, explorando os segredos e a ciência dos sobreviventes mais eficientes e das pessoas mais bem-sucedidas. Descobri até mesmo mais evidências de que o amor é uma ferramenta de sobrevivência poderosa e universal. Na minha própria vida, ter me apaixonado por minha esposa, Karen, me ajudou a destravar o nó

deixado pela morte súbita e inesperada do meu pai. No caso de Charlie, descobrir Tess o ajudou a se livrar do cemitério e das garras sufocantes da dor.

Quando eu estava saindo do cemitério de Vancouver para voltar para a minha casa em Los Angeles, um dos produtores generosamente perguntou se eu queria um souvenir do *set* de filmagens. Por um momento, pensei sobre aquelas lápides de isopor. E então imaginei o diálogo com Karen na porta de casa:

– Querida, olhe o que eu trouxe do Canadá!

No fim, pedi uma das luvas vermelhas de Sam da Liga de Beisebol. Nossos dois filhos podem jogar com ela. E então, algum dia, quando eles tiverem crescido, a luva vai ficar exposta no meu escritório, como uma lembrança do poder do amor entre irmãos e do que acontece quando você assume riscos, aproveita a vida e liberta a sua imaginação.

Ben Sherwood

Los Angeles, Califórnia

Junho de 2010

¹ Jogada do beisebol em que o rebatedor consegue rebater a bola com tamanha força e precisão que ela é lançada para fora da área de jogo. (N. do T.)

² Do inglês Emergency Position-Indicating Radio Beacon, um transmissor de rádio de emergência que indica a posição de origem do pedido de socorro. (N. do T.)

³ Instituição beneficente que patrocina a pesquisa de tratamentos para o câncer. (N. do T.)

⁴ Mario Andretti foi uma das lendas do automobilismo. (N. do T.)